



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Clínica

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Vinculação Atual aos Pares e Percepção de Apego aos Pais em Lisboa e Brasília:

Relação Amorosa e Nacionalidade como Moderadoras

JOSÉ CARLOS DA SILVA SANTIAGO

Brasília – DF

Junho de 2017



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura

Vinculação Atual aos Pares e a Percepção de Apego aos Pais em Lisboa e Brasília:
Relação Amorosa e Nacionalidade como Moderadoras

JOSÉ CARLOS DA SILVA SANTIAGO

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke

Brasília - DF

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SSA235 Santiago, José Carlos da Silva
v Vinculação Atual aos Pares e Percepção de Apego aos
Pais em Lisboa e Brasília: Relação Amorosa e
Nacionalidade como Moderadoras / José Carlos da
Silva Santiago; orientador Júlia Sursis Nobre Ferro
Bucher-Maluschke. -- Brasília, 2017.
394 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Psicologia Clínica
e Cultura) -- Universidade de Brasília, 2017.

1. apego. 2. vinculação. 3. relação amorosa. 4.
cultura. 5. modelos internos. I. Bucher-Maluschke,
Júlia Sursis Nobre Ferro, orient. II. Título.

Banca Examinadora

Profª Drª. Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher-Maluschke
Universidade de Brasília – PCL/UNB
Presidente da Banca

Profº Dr. Janari da Silva Pedroso
Universidade Federal do Pará - UFPA

Profº Dr. Luiz Pasquali
Universidade de Brasília – PST/UNB

Profª Drª. Larissa Polejack Brambatti
Universidade de Brasília – PCL/UNB

Profº Drª. Deise Matos do Amparo
Universidade de Brasília – PCL/UNB

Agradecimentos

Agradecimento e reconhecimento são duas ações que nos mostram quão pequenos nós somos e o quanto estamos a aprender e o quanto ainda temos para aprender. Reconhecer as nossas limitações e dificuldades é o primeiro passo para o nosso crescimento. Crescimento esse que só se torna possível graças à ajuda dos outros à nossa volta. Precisamos de reconhecer que, sem o outro, não seríamos nada nem ninguém. Toda a ajuda que recebemos precisa ser reconhecida e agradecida pois só assim nós podemos continuar a crescer e a aprender.

Em primeiro lugar agradeço a Deus o facto de eu existir e de me colocar neste mundo maravilhoso cheio de coisas boas e de pessoas maravilhosas onde eu me posso expressar e manifestar ajudando e retribuindo aquilo que recebo todos os dias.

Em segundo lugar agradeço aos meus pais que me deram a vida e que me receberam neste mundo, apoiando-me e dando-me toda a ajuda possível para que eu me tornasse na pessoa que eu hoje sou. A possibilidade que eles me deram de eu existir é uma das maiores dádivas que se pode receber e isso, eu agradeço do fundo do meu coração.

Depois dessa dádiva, vem o caminho que eu segui, um passo de cada vez, caindo, refletindo, aprendendo e só depois levantando e continuando a caminhar. Caminhar esse que só pode ser feito por mim mesmo com a ajuda deles e de todos os outros que comigo se cruzam e cruzaram no passado.

Agradeço à Professora Doutora Júlia Bucher-Maluschke pela sua paciência e orientação em todo este trabalho. Graças a ela, às suas insistências, exigências, assim como aos seus enormes e relevantes ensinamentos, este trabalho seguiu em frente resultando em algo que espero ser proveitoso para todos.

Igualmente agradeço aos diversos elementos da banca do meu Projeto de

Qualificação: Prof^a Júlia Bucher-Maluschke; Prof^o. Janari Pedroso; Prof^a Inês Gandolfo; Prof^a Fátima Gondim; Prof^o Luiz Pasquali os quais forneceram informações importantes e preciosas acerca de como melhorar e estruturar todo este trabalho.

Igualmente, agradeço aos professores da banca de defesa de tese: Prof^a Júlia Bucher-Maluschke; Prof^o. Janari Pedroso; Prof^o Luiz Pasquali; Prof^a Larissa Polejack; Prof^a Deise do Amparo, a sua disponibilidade e aceitação para a participação na banca, assim com agradeço as suas preciosas contribuições para a apresentação e melhoramento do trabalho final.

Também agradeço ao Professor Doutor Fernando Branco pela sua preciosa ajuda na estatística e nas demais ideias e opiniões acerca de como fazer, operacionalizar e melhorar todo o trabalho empírico. Da mesma forma, agradeço a todos os excelentes professores que tive ao longo do doutorado na Universidade de Brasília e que sempre estavam disponíveis para ajudar e esclarecer toda e qualquer dúvida, e com os quais aprendi bastante. Igualmente agradeço à Universidade de Brasília a minha aceitação no doutorado e todo o apoio que me deu ao longo dele.

Agradeço aos estudantes que participaram neste estudo com o preenchimento dos questionários, possibilitando-me a realização deste trabalho e contribuindo, dessa forma, para o aumento do conhecimento na área do apego e da vinculação.

Da mesma forma, agradeço à minha esposa Maria Ângela que sempre me apoiou e incentivou ao longo de todo este trabalho.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos a todas as outras pessoas que de uma maneira direta ou indireta me apoiaram e me ajudaram a alcançar este trabalho.

Cabe aqui, por fim, um agradecimento à Capes e à bolsa de estudo que me proporcionou uma dedicação exclusiva nesta pesquisa.

A todos vocês, o meu muito obrigado.

Epígrafe

Os nossos pais amam-nos porque somos seus filhos, é um fato inalterável. Nos momentos de sucesso, isso pode parecer irrelevante, mas nas ocasiões de fracasso, oferecem um consolo e uma segurança que não se encontram em qualquer outro lugar.

Bertrand Russell

Lista de siglas

QVPM	Questionário de Vinculação ao Pai e Mãe
QVPM_PA	Questionário de Vinculação ao Pai
QVPM_MÃE	Questionário de Vinculação à Mãe
QLE	Qualidade do Laço Emocional
QLE_PA	Qualidade do Laço Emocional ao Pai
QLE_MÃE	Qualidade do Laço Emocional à Mãe
IEI	Inibição de Exploração e Individualidade
IEI_PA	Inibição de Exploração e Individualidade ao Pai
IEI_MÃE	Inibição de Exploração e Individualidade à Mãe
ASEP	Ansiedade de Separação
ASEP_PA	Ansiedade de Separação ao Pai
ASEP_MÃE	Ansiedade de Separação à Mãe
EVA	Escala de Vinculação do Adulto
ANS	Ansiedade
CPRO	Conforto com a Proximidade
COU	Confiança nos Outros
MI	Modelos Internos
TR	Tempo de Relação

Lista de Tabelas

Tabela 1 Consistência Interna do QVPM Obtida na nossa Amostra.....	168
Tabela 2 Consistência Interna da EVA Obtida na nossa Amostra.....	169
Tabela 3 Estatísticas Descritivas (Média e Desvio Padrão das Dimensões do QVPM por Nacionalidade.....	176
Tabela 4 Média das Dimensões do QVPM por Tempo de Relação Amorosa.....	177
Tabela 5 Média e Desvio Padrão das Dimensões da Escala EVA por Nacionalidade.....	179
Tabela 6 Média e Desvio Padrão das Dimensões da Escala EVA por Tempo de Relação.....	180
Tabela 7 Análise de Regressão Múltipla Predizendo a Dimensão Ansiedade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (Mãe).....	183
Tabela 8 Análise de Regressão Múltipla Predizendo a Dimensão Conforto com a Proximidade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe).....	184
Tabela 9 Análise de Regressão Múltipla Predizendo a Dimensão Confiança nos Outros da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe).....	186
Tabela 10 Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Ansiedade da EVA a Partir das três Dimensões da QVPM (Mãe), Nacionalidade e suas Interações	188
Tabela 11 Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Conforto com a Proximidade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Nacionalidade e suas Interações.....	189
Tabela 12 Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Confiança nos Outros da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Nacionalidade e suas Interações.....	190
Tabela 13 Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Ansiedade da	

EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Tempo de Relação e suas Interações.....	192
Tabela 14 Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Conforto com a Proximidade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Tempo de Relação e suas Interações.....	193
Tabela 15 Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Confiança nos Outros da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Tempo de Relação e suas Interações.....	195

Lista de Apêndices

Apêndice A – Caracterização da amostra.....	240
Apêndice B – Output da consistência interna do QVPM.....	243
Apêndice C – Output da consistência interna da EVA.....	265
Apêndice D – Influência da Nacionalidade sobre as dimensões do QVPM.....	285
Apêndice E – Influência do Tempo de Relação Amorosa sobre o QVPM.....	295
Apêndice F – Influência da Nacionalidade sobre as Dimensões da EVA.....	305
Apêndice G – Influência do Tempo de Relação sobre as Dimensões da EVA.....	311
Apêndice H – Análises de Regressão do QVPM sobre as Dimensões da EVA.....	317
Apêndice I – Análises de Regressão do QVPM sobre a EVA Moderadas pela Nacionalidade	328
Apêndice J – Análises de Regressão do QVPM sobre as Dimensões da EVA Moderadas pelo Tempo de Relação Amorosa.....	346
Apêndice K – Resumo das interações, pela nacionalidade e pelo tempo de relação.....	365
Apêndice L - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	371
Apêndice M – Questionário de dados sócio demográficos.....	372
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética e instrumentos (EVA e QVPM).....	373

Sumário

Agradecimentos.....	v
Epígrafe.....	vii
Lista de siglas.....	viii
Resumo.....	xvi
Abstract.....	xvii
Introdução.....	1
Capítulo 1 – Etologia e Apego: Investigadores e seus contributos.....	8
1.1. A Origem da Etologia: Investigadores e seus Contributos.....	8
1.1.1. Konrad Lorenz.....	9
1.1.2. Niko Tinbergen.....	13
1.1.3. Harry Harlow.....	15
1.1.4. Etologia.....	21
1.2. A Origem do Apego: Investigadores e seus Contributos.....	23
1.2.1. Spitz.....	24
1.2.2. Bowlby.....	26
1.2.3. Robertson.....	34
1.2.4. Ainsworth.....	39
1.2.5. Teoria do apego.....	45
Capítulo 2 – Formação do Apego.....	58
2.1. Definições e Dinâmicas do Apego.....	58
2.2. Apego Pré-natal.....	68
2.3. Tipos de Apego: Os Quatro Tipos de apego.....	70
2.4. Figuras de Apego: Diferenças entre Pai e Mãe.....	77

2.5. Figuras de Apego: Figura Principal e Substituta ou Complementar.....	81
Capítulo 3 – Modelos internos.....	85
3.1. Modelos Internos de Trabalho: Modelo de Si e do Outro.....	85
3.2. Ansiedade de Separação.....	89
3.3. Psicopatologia.....	96
3.4. Trauma.....	105
3.5. Transmissão Geracional e Intergeracional do Apego.....	111
Capítulo 4 – Apego: Continuidade e descontinuidade.....	119
4.1. Continuidade e Descontinuidade do Apego.....	119
4.2. Apego na Infância e Apego ao Par Amoroso.....	124
4.3. O Par Amoroso como Fator de Mudança no Tipo de Apego.....	136
4.4. Espaço Temporal Necessário para a Relação Amorosa ser Considerada uma Relação de Apego.....	140
4.5. Cultura e Diferenças de Vinculação.....	143
Capítulo 5 – Estudo empírico.....	157
5.1. Introdução.....	157
5.2. Justificativa do Estudo.....	159
5.3. Tese.....	162
5.4. Objetivos.....	163
5.4.1. Objetivo geral.....	163
5.4.2. Objetivos específicos.....	163
5.5. Hipóteses.....	164
Método.....	165
5.6. Participantes.....	165

5.7. Instrumentos.....	166
5.7.1. Questionário de dados sócio demográficos.....	166
5.7.2. Questionário de vinculação ao pai e mãe (QVPM).....	166
5.7.3. Escala de vinculação do adulto (EVA).....	168
5.8. Procedimentos.....	170
5.8.1. Validação semântica.....	170
5.8.2. Procedimentos de Ética na Pesquisa.....	173
5.8.3. Análises estatísticas.....	173
Resultados.....	175
5.9. Estatísticas Descritivas do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)	175
5.9.1. Média das dimensões do QVPM por nacionalidade.....	175
5.9.2. Média das dimensões do QVPM por tempo da relação amorosa.....	177
5.10. Estatísticas Descritivas da Escala de Vinculação do Adulto (EVA).....	178
5.10.1. Média das dimensões da escala EVA por nacionalidade.....	179
5.10.2. Média das dimensões da escala EVA por tempo de relação.....	180
5.11. Análises de Regressão do QVPM sobre as Dimensões da EVA.....	181
5.11.1. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a EVA na amostra total.....	182
5.11.2. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a EVA moderada pela nacionalidade.....	187
5.11.3. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre as dimensões da EVA moderadas pelo tempo de relação.....	191
5.12. Discussão de resultados.....	197
5.12.1. QVPM moderado pela nacionalidade.....	198

5.12.2. QVPM moderado pelo tempo de relação.....	200
5.12.3. EVA moderada pela nacionalidade.....	201
5.12.4. EVA moderada pelo tempo de relação.....	202
5.12.5. Influência do QVPM sobre a EVA.....	203
5.12.6. Influência do QVPM sobre a EVA moderado pela nacionalidade.....	204
5.12.7. Influência do QVPM sobre a EVA moderado pelo tempo de relação.....	206
5.12.8. Resultados quanto ao pai.....	208
5.13. Conclusões.....	210
5.14. Recomendações.....	217
Referências.....	218
Apêndice A – Caracterização da amostra.....	240
Apêndice B – Output da consistência interna do QVPM.....	243
Apêndice C – Output da consistência interna da EVA.....	265
Apêndice D – Influência da Nacionalidade sobre as dimensões do QVPM.....	285
Apêndice E – Influência do Tempo de Relação Amorosa sobre o QVPM.....	295
Apêndice F – Influência da Nacionalidade sobre as Dimensões da EVA.....	305
Apêndice G – Influência do Tempo de Relação sobre as Dimensões da EVA.....	311
Apêndice H – Análises de Regressão do QVPM sobre as Dimensões da EVA.....	317
Apêndice I – Análises de Regressão do QVPM sobre a EVA Moderadas pela Nacionalidade	328
Apêndice J – Análises de Regressão do QVPM sobre as Dimensões da EVA Moderadas pelo Tempo de Relação Amorosa.....	346
Apêndice K – Resumo das interações, pela nacionalidade e pelo tempo de relação.....	365
Anexo A – Parecer do Comitê de Ética e instrumentos (EVA e QVPM).....	373

Resumo

Bowlby defendia que a vinculação na idade adulta era semelhante ao apego que tinha existido durante a infância, e que as primeiras experiências serviam como modelos e protótipos para as relações posteriores. Este estudo tem como objetivo geral estudar as relações entre a percepção de apego aos pais no passado e a atual vinculação aos pares, moderados pela *nacionalidade* e pelo *tempo da relação* amorosa. Já quanto aos objetivos específicos, busca-se investigar: 1) a percepção de apego aos pais em função da *nacionalidade*; 2) a percepção de apego aos pais em função do *tempo da relação* amorosa; 3) a vinculação aos pares em função da *nacionalidade*; 4) a vinculação aos pares em função do *tempo da relação* amorosa; 5) a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares; 6) a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares moderada pela *nacionalidade*; e 7) a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares moderada pelo *tempo da relação* amorosa. Esta pesquisa foi realizada com amostras de conveniência (alunos universitários) de Portugal e do Brasil, e foram aplicados os seguintes instrumentos: a *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA), o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM), um questionário sociodemográfico e o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE). Verificou-se que existem diferenças por *nacionalidade* no QVPM e na EVA, assim como por *tempo da relação* amorosa na EVA. Também se constatou que o QVPM exerce influência sobre a EVA, mostrando que os modelos de apego tendem a continuar e a se manterem presentes na vinculação atual aos pares. Igualmente se apurou que existem diferenças no apego em relação ao pai e à mãe, demonstrando que as duas formas de apego se complementam.

Palavras chave: apego; vinculação; relação amorosa; cultura; modelos internos; adultos; pai; mãe

Abstract

Bowlby argued that the emotional bond in adulthood was similar to the attachment style that existed in childhood, and that the first experiences would serve as models and prototypes for future relationships. The general objective of this study was to investigate the relations between adults' perception of attachment to parents in the past and the current attachment to peers, mediated by *nationality* and *length of romantic relationship*. As for the specific objectives, they were: 1) To study the perception of attachment to parents in function of nationality. 2) To study the perception of attachment to parents in function of length of romantic relationship. 3) To study adult attachment to peers in function of nationality. 4) To study adult attachment to peers in function of length of romantic relationship. 5) To study the influence of the perception of attachment to parents on adult attachment to peers. 6) To study the influence of the perception of attachment to parents on adult attachment to peers, mediated by nationality. 7) To study the influence of the perception of attachment to parents on adult attachment to peers, mediated by length of romantic relationship. This research was conducted with a convenience sample (college students) from Portugal and Brazil, and used the following instruments: the *Portuguese Adult Attachment Scale* (PAAS) and the *Father and Mother Attachment Questionnaire* (FMAQ), as well as a socio-demographic data-sheet and an informed consent form. This research found differences per *nationality* in both PAAS and FMAQ, as well as per *length of romantic relationship* in PAAS. It also found that the FMAQ exerts influence on FMAQ, showing that the attachment models tend to continue and to be present in the current attachment to peers. Similarly, it found that there are differences between attachment to father and to mother, demonstrating that they are complementary.

Keywords: attachment, romantic relationship, culture, internal models, adulthood, father, mother.

Introdução

É do conhecimento de todos que as relações interpessoais são a base de toda e qualquer sociabilidade do ser humano e que são estas que determinam o entendimento e desentendimento entre as pessoas. Nos processos interacionais no contexto pessoal, como familiar, amoroso, laboral, grupal e societal, examinar os vínculos e a sua formação, permite que se possam melhorar as relações existentes, assim como compreender, de uma perspectiva clínica, o que precisamos trabalhar com o paciente, de forma a que ele possa melhorar os seus vínculos, as suas relações e a sua vida.

Tendo em vista a importância do estudo acerca dos vínculos, esta pesquisa estrutura-se a partir de ideias e conceitos de John Bowlby, criador da teoria do apego e vinculação, o qual mostrou que os vínculos são inatos e de importância fundamental para o crescimento e desenvolvimento de todo o ser humano. A sua observação, e a dos seus colegas, acerca dos bebês e da relação que eles tinham e estabeleciam com o seu(s) cuidador(es), assim como a maneira como o(s) seu(s) cuidador(es) reagiam e lidavam com eles, mostrou que a relação que era estabelecida entre eles, era determinante para as relações que eles viviam, e sobretudo, para o seu comportamento e saúde física, emocional e psicológica.

Nessa linha, o apego e a necessidade de apego, assim como a vinculação e sua necessidade, podem ser resumidos como a necessidade da criação de laços afetivos, tal como Bowlby (1990) já tinha argumentado. Este autor também nos diz que o bebê sente grande prazer quando interage com outros seres e que demonstra uma necessidade de interação social. Esta necessidade de termos e de construirmos laços, mostra-nos que somos seres sociáveis, que dependemos dos outros e das relações que estabelecemos com eles. Essas relações são fundamentais para a nossa sobrevivência assim como para o nosso crescimento pessoal, emocional, psíquico, mental e espiritual.

É através do outro, assim como na relação com ele, que nós percebemos as nossas capacidades e potencialidades, mas também as nossas dificuldades e os nossos limites. Nessa interação com o outro, percebemos o que nós somos e quem nós somos, formando desta maneira o nosso psíquico. É desta maneira que desenvolvemos o nosso *self* e criamos os nossos modelos internos de comportamento e de relacionamento, assim como a nossa maneira de ver e de lidar com o outro e com o mundo que nos rodeia (Mikulincer & Shaver, 2009).

Por outro lado, Mercer (2006) argumenta que o apego e a vinculação dependem não apenas das emoções, mas também dos pensamentos, quer sejam pensamentos acerca de nós ou acerca dos outros, assim como também das relações que estabelecemos com eles. Afirma também que os pensamentos e as emoções acerca do apego e da vinculação formam aquilo que se chamam modelos internos de trabalho, os quais nos guiam nas nossas ações e nas nossas reações nos relacionamentos com os outros. Quer nós sejamos bebês ou adultos, os comportamentos que os outros têm dizem-nos sempre algo acerca deles e, dessa maneira, criamos e reforçamos os nossos modelos internos (Mercer, 2006). E tal como Bowlby já afirmou, as primeiras experiências criam modelos internos que servem de protótipos para as relações e comportamentos posteriores, acompanhando a pessoa “do berço à sepultura” (Bowlby, 1990, pg. 223).

Com efeito, o apego começa bem cedo nas nossas vidas. Ele é inato, mas também é construído e desenvolvido através das relações. Ele é também uma fonte de sobrevivência e de aprendizagem, que mantemos e transportamos para a nossa vida e para o nosso dia-a-dia, quer nas nossas relações com os outros, quer com o mundo que nos rodeia (Bowlby, 1990). O nosso desenvolvimento começa com quem nós somos e isso nos coloca no intra psíquico e no inter psíquico. Nós somos o fruto dos nossos pais, de seus pensamentos e suas expectativas, assim como de todas as relações que tivemos e vivemos no passado. Igualmente, somos

também o fruto do ambiente onde vivemos e crescemos. Podemos então dizer que o apego, a vinculação e a criação de vínculos dependem e estão relacionados com as relações que tivemos no passado, mas também daquelas relações que temos no presente, assim como do tipo dessas relações (Faria, Bastos, Soares, & Silva, 2008). Complementando, podemos também dizer que é através das relações que nós crescemos, nos desenvolvemos e formamos o nosso *self* quer intra, quer inter-psíquico (Prado, et al., 2009).

Assim, o apego, a vinculação e a criação de vínculos, dependem e estão relacionados com as nossas relações e com o tipo dessas relações (Faria, Bastos, Soares, & Silva, 2008). E como já mencionado, é através das relações que nós criamos a nossa maneira de nos vermos a nós mesmos e a maneira de vermos o outro e o mundo que nos rodeia (Prado et al., 2009).

Todo o nosso estudo e pesquisa busca assim investigar as relações, sob a forma de vínculos, que a pessoa estabeleceu no passado com os seus pais, e de como isso pode estar relacionado com a maneira como a pessoa hoje se relaciona com os seus pares/semelhantes. Pretende-se investigar mais acerca de como os vínculos do passado podem hoje influenciar os vínculos do presente. E para isso, analisaremos o apego e a vinculação, uma vez que nos pareceu a melhor forma de compreender as relações que a pessoa tem, ou que gostaria de ter.

Face ao exposto, desenvolvemos a tese de que: A vinculação que a pessoa hoje apresenta tem origem na sua infância e nas relações que ela viveu e, como tal, é diferente de país para país, podendo mudar quando a pessoa se encontra numa relação amorosa estável.

Assim, o objetivo geral da nossa investigação é estudar as relações entre a percepção de apego aos pais no passado e a atual vinculação aos pares, em estudantes universitários, brasileiros e portugueses, com e sem relação amorosa estável. Os objetivos específicos são investigar: 1) a percepção de apego aos pais em função da *nacionalidade*; 2) a percepção de apego aos pais em função do *tempo da relação* amorosa; 3) a vinculação aos pares em função

da *nacionalidade*; 4) a vinculação aos pares em função do *tempo da relação* amorosa; 5) a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares; 6) a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares moderada pela *nacionalidade*; e 7) a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares moderada pelo *tempo da relação* amorosa.

Assim, o nosso estudo divide-se em duas grandes partes. Uma parte teórica, de revisão de literatura, onde revemos e aprendemos acerca do apego, da vinculação e da sua importância para todo o desenvolvimento mental, emocional, cognitivo, social, etc., quer da criança, quer mesmo do adulto. A segunda parte apresenta o estudo empírico, onde testamos a nossa tese, relacionando a percepção do apego aos pais com a vinculação que a pessoa hoje apresenta no seu relacionamento com os seus pares, moderadas pela *nacionalidade* e pelo *tempo da relação* amorosa, analisando amostras colhidas em Lisboa e Brasília.

A discussão teórica deste projeto divide-se em quatro capítulos, todos eles importantes, que mostram as várias etapas através das quais podemos compreender o apego, a vinculação, e os respectivos comportamentos de apego e de vinculação. Desta maneira, pretendemos examinar e demonstrar a abrangência e importância deste tema, não só para as relações humanas, mas também para a saúde mental, psíquica e emocional do ser humano. Espera-se assim, mostrar as inúmeras implicações e aplicações que se podem fazer ao se estudar o apego e a vinculação.

Com estes quatro capítulos teóricos, pretendemos dar uma panorâmica abrangente desde o início da teoria do apego e de todo o caminho que foi percorrido até aos nossos dias. Assim temos, em primeiro lugar, ou como primeiro capítulo, um pouco da história dos primórdios da teoria do apego, onde se aborda como outras ciências deram um grande contributo para a compreensão e a formação da teoria do apego, mostrando que o

conhecimento não é estanque e que podemos aprender muito com outras áreas do conhecimento. Vemos neste capítulo a importância da etologia e de seus autores, e de como esse conhecimento foi importante para muitas pesquisas que, por sua vez, levaram à teoria do apego. Faz-se também referência a alguns dos autores que deram um grande contributo para a teoria do apego e para a importância do relacionamento nos primeiros tempos de vida do ser humano.

Em segundo lugar, e segundo capítulo, trataremos da formação e necessidade do apego, os diversos tipos de apego que se podem formar e desenvolver, as diferenças de apego entre pai e mãe e outras figuras relacionais. Neste capítulo, pretendemos mostrar as diversas maneiras como o apego se desenvolve e a importância das relações que o bebê tem e estabelece para a formação e desenvolvimento desse apego.

Já no terceiro capítulo, abordaremos a criação e formação dos modelos internos, a ansiedade de separação, a psicopatologia, o trauma e a transmissão do apego. Pretendemos mostrar a abrangência e importância do apego, quer para a formação dos modelos internos, quer para toda a saúde física, mental e emocional do indivíduo em si e de toda a sociedade.

No quarto capítulo, abordamos a continuidade e descontinuidade do apego, a relação entre o apego da infância e o apego ao par amoroso, assim como a influência do par amoroso como fator de mudança do apego, e o tempo necessário para que essa mudança aconteça. Analisa-se também a relação amorosa como um dos fatores que pode modificar o tipo de vinculação que a pessoa tem, assim como modificar a percepção do indivíduo acerca do seu apego aos seus pais. Discorreremos sobre o espaço temporal necessário para uma possível mudança de vinculação aos pares, perante a existência de uma relação amorosa, uma vez que essa mudança costuma seguir uma ordem e fazer-se gradualmente. Finalmente, abordaremos a cultura e as diferenças de apego nas diferentes culturas, mostrando que o apego, sendo

formado pelas relações, vai sofrer diferenças de acordo com a sociedade onde a pessoa se encontra inserida.

Uma vez realizada a parte teórica, adentramos na segunda parte desse trabalho, que é o nosso estudo empírico. No nosso quinto capítulo, portanto, apresentamos um estudo quantitativo, onde iremos examinar e verificar as possíveis relações entre a vinculação atual aos pais e a percepção que o adulto tem do seu apego aos pais no passado. Estudar estas possíveis relações permite obter uma compreensão acerca de como o apego e o relacionamento com os pais no passado marcam o adulto nas suas vinculações atuais aos pais e o condicionam no presente.

Esta pesquisa prende-se com a premissa de que o passado afeta o presente, e que a maneira como a pessoa hoje se relaciona, quer com os seus pais/semelhantes, quer nas suas relações amorosas ou outras, tem muito a ver como ela se relacionou com os seus pais no passado. Partimos também da premissa de que a qualidade das relações que a pessoa hoje vive podem afetar a maneira como ela vê o seu passado, ou mesmo modificar o que ela traz do seu passado.

No nosso estudo empírico, nós optamos por usar a relação amorosa como mediadora a fim de verificar a sua possível influência sobre a vinculação atual do indivíduo aos pais/semelhantes e sobre a maneira como a pessoa hoje percebe o apego que teve com os seus pais no passado. Para além da relação amorosa, nós investigamos as possíveis diferenças entre duas amostras de conveniência, uma de estudantes universitários de Lisboa, Portugal e a outra de Brasília, Brasil, de forma a investigar se existem diferenças de acordo com a sociedade onde elas se encontram inseridas. Pretendemos, assim, abrir espaço para a análise de possíveis fatores socioculturais e sua possível influência na vinculação aos pais, assim como na percepção do apego aos pais no passado. Buscamos também verificar as

semelhanças e diferenças entre duas culturas de forma a se obter um maior entendimento acerca de como a vinculação atual aos pares e a percepção de apego aos pais no passado é afetada pelos aspectos histórico e socioculturais, abrindo espaço para estudos futuros.

Capítulo 1 – Etologia e Apego: Investigadores e seus contributos

1.1. A Origem da Etologia: Investigadores e seus Contributos

Vamos abordar um pouco da etologia (estudo do comportamento animal), uma vez que ela nos ajuda a entender muitos dos comportamentos humanos e uma vez que foi ela que deu muitas das explicações usadas na teoria do apego. Diversos investigadores estudaram a relação mãe-bebê, em seres humanos, em macacos, em gansos e em outros animais, o que lançou luz sobre a importância dessa relação entre a mãe e a sua cria e entre a mãe e o bebê, no caso dos seres humanos. Foi graças à etologia e aos vários investigadores desta ciência, que Bowlby obteve as bases e o suporte para a criação da teoria do apego.

A definição de etologia segundo o dicionário Aurélio (2010) é: “*Estudo dos hábitos dos animais e da sua acomodação às condições do ambiente.*” Já por outro lado, o dicionário online Priberam (2017), diz: 1. “*Estudo do comportamento animal*”, 2. “*Tratado sobre o estudo do comportamento animal*”. Como podemos verificar, a etologia estuda os hábitos e comportamentos dos animais e serve como ponto de partida para se estudar e compreender muitos dos comportamentos humanos, uma vez que muitos deles acabam por se basearem nos mesmos princípios de funcionamento e atuação. Desta maneira vamos ver e perceber um pouco da história e trabalho de vários investigadores, assim como das suas dificuldades, e sem os quais nós não teríamos chegado onde hoje estamos.

Segundo Lencastre (2010), o termo etologia foi criado por Geoffrey Saint-Hilaire em 1851 para designar o estudo das condutas animais no meio natural. No entanto, os estudos sobre o comportamento animal iniciam no início do século XX com Julian Huxley na Grã-Bretanha, Oscar Heinroth na Alemanha e Charles Whitman, nos Estados Unidos. Estes investigadores divergiram da maior parte dos zoólogos da época, que apenas se dedicavam a estudar a fisiologia e biologia animal, e começaram a estudar as condutas e comportamentos

dos vertebrados, verificando que estes são específicos de cada espécie, diferindo de uma para a outra, e que desta maneira os comportamentos poderiam ser usados para a sua classificação taxinômica (Lencastre, 2010).

Desta maneira, nasce a etologia ou o estudo do comportamento animal, a qual visa o estudo desse comportamento e a compreensão da sua importância para a sobrevivência da espécie. Para tentar entender um pouco a origem da etologia vamos abordar brevemente a história de dois grandes investigadores, Konrad Lorenz e Niko Tinbergen, que contribuíram para o seu desenvolvimento, e também Harry Harlow que estudou o comportamento dos macacos.

1.1.1. Konrad Lorenz.

Konrad Lorenz foi um estudioso do comportamento animal e um dos fundadores da etologia, tendo nascido em 7 de novembro de 1903 em Viena, Áustria e falecido em 27 de fevereiro de 1989 em Viena, Áustria (Lorenz, 2016; Burkhardt, 2010).

Konrad Lorenz, que desde jovem se interessou pelos animais, fez um doutorado em medicina, para agradar a seu pai que era médico e que terminou em 1928. Ele também acabou por se inscrever na Universidade do Instituto de Zoologia de Viena, tendo terminado o seu doutorado em zoologia em 1933 com a sua tese sobre o voo das aves e a forma das suas asas. Em 1935 publica a sua monografia “Der Kumpan in der Umwelt des Vogels: der Artgenosse als auslösendes Moment sozialer Verhaltensweisen” (O companheiro no ambiente das aves: a sua presença como desencadeador de atitudes sociais) (Burkhardt, 2010).

Na época, os ornitologistas Erwin Stresemann e Oskar Heinroth, assim como Hochstetter e o psicólogo Karl Bühler, da Universidade de Viena, encorajaram Lorenz a seguir uma carreira combinada de zoologia e de psicologia animal. Ele, no entanto, tinha a

crença de que o comportamento humano deveria ser entendido no contexto da evolução biológica (Burkhardt, 2010).

Ao longo dos anos, Lorenz foi publicando vários trabalhos que lhe permitiram ser conhecido, mas com a guerra, onde entrou em 1941 e, depois com a sua captura em 1944 pelos russos, ele acabou por passar três anos como prisioneiro de guerra, o que interrompeu os seus trabalhos. De regresso à Áustria em 1948, encontrou-se sem nada, tendo de se dedicar a escrever para poder sobreviver. Em 1956 acabou por ter o seu Instituto na Bavaria onde permaneceu até à sua aposentadoria em 1973. Também no ano de 1973, Konrad Lorenz, Niko Tinbergen e Karl von Frish receberam o prêmio Nobel da medicina em conjunto pelas suas descobertas relacionadas à organização dos padrões de comportamento social e individual (Schleidt, 2015).

Cabe salientar a dedicação de Lorenz ao estudo do comportamento animal, em particular o das aves, paixão que tinha desde jovem, tendo observado o seu comportamento ao longo de meses e anos, o que lhe permitiu identificar comportamentos específicos, o que lhe proporcionou uma compreensão bastante grande acerca dos mesmos (Burkhardt, 2010).

Estudar e observar os comportamentos e instintos das aves era apenas uma pequena parte do trabalho de observação de Lorenz, pois ele estudou acerca de como esses comportamentos faziam parte da vida social das aves. Segundo ele, as aves estavam adaptadas aos seus ambientes através de padrões motores instintivos, criados ao longo do tempo pela seleção natural e que para funcionarem, precisariam de algum estímulo ao qual elas reagiam. Esse estímulo precisaria vir de algo bem característico, de forma a que o animal não reagisse ao mesmo estímulo se ele viesse de algum objeto inapropriado. Desta maneira, o animal ia aperfeiçoando a sua resposta de acordo com os estímulos que recebia. E é neste contexto que os seus companheiros de espécie desencadeavam nele os comportamentos sociais, parentais,

etc. A este tipo de comportamento, baseado na resposta instintiva, a um determinado estímulo, ele chamou de *imprinting* (Burkhardt, 2010).

Nos anos trinta, o pensamento darwinista na época era que o ambiente era o responsável pelo comportamento das espécies, assim como pela sua aprendizagem. Porém, Lorenz introduziu o fato de que existiam comportamentos inatos e de que a junção dos dois tipos acabariam por fazerem parte da aprendizagem de forma que ambos moldavam os comportamentos da espécie. O *imprinting* era assim o fato de que as espécies reagem ao meio-ambiente e que, devido a situações inatas, isso era gravado em determinados períodos de vida, servindo como base para o comportamento futuro (Schleidt, 2015).

Lorenz também chamou a atenção para o fato de muitas espécies de aves recém-nascidas não terem a capacidade de reconhecer os seus semelhantes, mas que os primeiros estímulos criavam padrões de comportamento que eram impressos em muito pouco tempo, logo no início das suas vidas, levando as aves a reagirem a eles sempre que eles se apresentassem. Ele verificou que a primeira visão e contacto do recém-nascido com determinado objeto antes do contacto com os seus progenitores, levava-o a seguir e a reagir a esse objeto ao invés de seguir e de reagir aos seus progenitores (Burkhardt, 2010).

Podemos aqui lembrar da sua bem conhecida experiência com gansos, onde os gansos o seguiam para todo o lado e reagem aos seus sons e movimentos de acordo com os estímulos que eles tinham recebido ao nascer. Esta experiência tem sido repetida ao longo dos tempos por outros estudiosos e com variadas espécies de animais, mostrando como o *imprinting*, durante o período sensível de pós nascimento, consegue ser suficientemente forte e importante para levar o animal a seguir e a reagir a esses estímulos mesmo quando adultos. O *imprinting*, ou seja, o processo de criar uma associação irreversível entre um padrão de comportamento e um estímulo (objeto), sem qualquer recompensa que não seja a presença desse objeto, tem

sido usado ao longo dos tempos na criação de animais, mas foi Lorenz quem reconheceu este fato (Schleidt, 2015).

Lorenz diferenciava o *imprinting* da aprendizagem, dizendo que ele era como uma indução embriológica e que uma vez criado se tornava irreversível enquanto a aprendizagem era feita ao longo do tempo e através da repetição (Burkhardt, 2010). Resta também salientar que Lorenz trouxe o conceito de *imprinting* para a etologia nos anos trinta, passando a fazer parte dela, e tornando-se um termo conhecido e usado por outros investigadores (Horst, Veer, & Ijzendoorn, 2007).

Ele também defendeu a teoria de que os comportamentos instintivos se deviam à formação de energias instintivas que se acumulariam até à sua libertação na forma de comportamento. Ou seja, a acumulação dessa energia levaria ao desencadeamento de determinado comportamento, mesmo sem haver qualquer estímulo que desencadeasse esse comportamento (Burkhardt, 2010). Na verdade, o comportamento poderia dever-se a um estímulo que desencadearia a formação de energia e a sua libertação sob a forma de comportamento ou, na falta do estímulo, esse comportamento poderia ser desencadeado pela acumulação de energia existente que precisaria de ser descarregada. Isto explicaria a existência de comportamentos sem a existência de estímulos ou com a existência de estímulos de baixa intensidade. Dessa maneira, os comportamentos poderiam ser vistos como uma cadeia de reflexos colocados em ação perante um estímulo ou poderiam ser entendidos como sendo internamente gerados. Como forma explicativa deste comportamento, ele desenvolveu a teoria do modelo “hidráulico-mecânico” ou modelo “psico-hidráulico” onde um líquido contido num reservatório só seria libertado quando a sua quantidade fosse suficiente para forçar a mola que segurava a válvula de descarga. Desta maneira, o reservatório iria encher até que a válvula abrisse e a pressão interna se libertasse (Burkhardt, 2010).

O que cabe ressaltar é que Lorenz foi um observador metuculoso, registrando tudo o que lhe era dado a observar e, a partir daí, ele inferia os padrões que acabavam por aparecer dos seus dados e observações. A esses padrões de comportamento que ele observava, acabou por dar o nome de módulos comportamentais que ele explicava através do modelo hidráulico, os quais seriam o resultado do acumular de energia interna ou módulos inatos com o estímulo vindo do meio-ambiente (Schleidt, 2015).

Em 1965 Lorenz também defendeu a ideia de que a capacidade de um organismo tem para aprender coisas é o resultado dos mecanismos que a seleção natural criou nesse organismo. Ou seja, os mecanismos inatos estariam na gênese que determina o que uma espécie pode aprender. No seu livro sobre a agressão, ele vê a agressão como um instinto que se desenvolve naturalmente em animais e em seres humanos e que, no final, precisa de ser libertada (Lorenz, 2002; Burkhardt, 2010).

Lorenz, a respeito do *imprinting*, também mostrou que algumas aves, como os patos e os gansos, seguem o primeiro objeto que veem assim que nascem. Mas, caso esse objeto não seja um membro da sua própria espécie, a ave não vai desenvolver o comportamento standard da sua espécie (Vicedo, 2010).

Salientamos que Lorenz conheceu Tinbergen, outro estudioso do comportamento animal, numa conferencia em Linden em 1936, e a partir daí passaram a trabalhar juntos, aprendendo um com o outro, o que certamente contribuiu para os avanços da etologia e do conhecimento humano (Kruuk, 2004).

1.1.2. Niko Tinbergen.

Tinbergen foi outro grande estudioso do comportamento animal, o qual deu também grandes contributos para o crescimento e desenvolvimento da etologia. Ele nasceu a 15 de

abril de 1907 na Holanda e faleceu em Oxford, Inglaterra em 21 de dezembro de 1988 (Tinbergen, 2016).

Na sua resposta aos problemas existentes na biologia, tais como o valor da sobrevivência, a ontogênese (desenvolvimento de um indivíduo desde a sua geração até seu estado adulto), a evolução e a causa, colocou quatro questões que os organismos deveriam responder: 1) Quais as causas (internas e externas) de determinado comportamento? 2) Por que e como o indivíduo desenvolveu esse comportamento (ontogenia)? 3) Para que esse comportamento serve? Qual a sua função? 4) Por que e como isso evoluiu ao longo da vida da espécie? Estas questões são conhecidas como os quatro porquês (Bateson & Laland, 2013; Kruuk, 2004).

Por outro lado, também Toni, Marins, Natália, e Weber, (2003) discorrem sobre as quatro questões de Tinbergen, assim como sobre a evolução que a etologia sofreu. Antes de 1975, ela se dedicava aos mecanismos causais imediatos, onde se buscavam as causas do comportamento animal e onde a etologia era considerada tradicional. Após 1975, os pesquisadores davam atenção ao fator adaptativo das espécies e surge a ecologia comportamental, a qual se preocupava em explicar o comportamento da espécie (Alcock, 2003; Toni, et al., 2003).

Tinbergen escreveu vários livros, tirou imensas fotografias e fez inúmeros desenhos acerca dos animais e de seus comportamentos. Sobretudo, ele acabou por estabelecer a etologia como uma ciência ao escrever o livro “*The Study of Instinct*”, publicado em 1951. Este livro trata da metodologia, do comportamento como resultado de impulsos, acerca da hierarquia da organização do comportamento, assim como foi também nele que Tinbergen teorizou acerca dos comportamentos deslocados e outras ocorrências (Kruuk, 2004).

Tinbergen possuía uma lógica clara e as suas quatro perguntas levaram-no a pesquisar

e procurar as respostas para elas. Ele defendia que era impossível saber o que os animais sentiam dentro deles e que tudo o que se podia fazer era estudar os seus padrões de comportamento, seu desenvolvimento e sua evolução. Esses padrões de comportamento seriam, pelo menos em parte geneticamente determinados ou adquiridos ao longo da vida. E o comportamento seria causado por mudanças fisiológicas dentro do animal ou devido a estímulos externos. E a verdadeira habilidade de qualquer etologista seria demonstrar que todos esses aspetos do comportamento poderiam ser investigados através de um questionamento científico o qual requeria que se fizessem perguntas específicas (Kruuk, 2004).

Tinbergen era um estudioso do comportamento animal na natureza e a sua aprendizagem e relacionamento com Lorenz permitiu-lhe simplificar e demonstrar as ideias de Lorenz, fazendo assim ciência com essas ideias. A sua capacidade lógica e capacidade de experimentar na prática as ideias de Lorenz contribuíram para a disseminação e reconhecimento delas e da etologia. E podemos dizer que, apesar de Lorenz ser um bom palestrante e professor, era Tinbergen quem levava os alunos para o campo e para a prática de observação dos comportamentos animais (Kruuk, 2004).

1.1.3. Harry Harlow.

Harlow foi um estudioso do comportamento animal, em particular dos macacos *rhesus* e sobretudo, da relação entre os jovens e suas mães. Na sua mundialmente conhecida experiência, ele criou uma “mãe” de arame, com a mamadeira, e outra “mãe” apenas de pelo. Colocando no compartimento dessas “mães” um jovem macaco, Harlow observou que ele passava a maior parte do tempo agarrado à “mãe” de pelo e que ia apenas mamar na “mãe” de arame onde estava a mamadeira. Para além disso, quando ele apresentava um ursinho ou um

objeto estranho o macaco corria para a “mãe” de pelo e não para a “mãe” de arame e então quando via que o objeto não representava perigo ele descia e ia examiná-lo. E da mesma maneira quando Harlow trocava a “sala”, a primeira coisa que o pequeno macaco fazia era ir até à “mãe” de pelo na busca de conforto e só depois é que ele acabava por ir examinar a nova sala (Tinbergen & Books, 1965).

Igualmente ele também verificou que os macacos criados sem a sua mãe verdadeira, eram incapazes de ter relações normais com outros macacos. Sobretudo o que Harlow percebeu e concluiu foi que as suas experiências mostraram a importância do contato físico e a necessidade da atenção e do cuidado materno (Tinbergen & Books, 1965).

Por outro lado, Harlow e Zimmermann (1959) relatam que investigadores de diversas áreas comportamentais já reconheceram há muito tempo o forte apego dos animais neonatos e infantis com as suas mães. No entanto, as evidências experimentais que permitiam identificar os fatores responsáveis pelo apego ainda eram escassas. Também Harlow e Zimmermann (1959) relatam que já Lorenz e outros tinham mostrado a importância dos mecanismos visuais e auditivos através do processo do *imprinting*, o qual produz respostas persistentes, quer em aves, quer em peixes. E todo este mecanismo de *imprinting* tem sido demonstrado por variados investigadores como Hinde, Thorpe e Vince (1956). No entanto ao nível dos mamíferos existiam poucos estudos ou mesmo nenhum estudo sistemático acerca do *imprinting* (Harlow & Zimmermann, 1959).

Também Harlow e Zimmermann (1959) citam as observações de Carpenter, de Nolte e de Zuckermann em macacos, e de Kohler, Yerkes e Tomilin, em chimpanzés onde eles já tinham mostrado que os macacos e chimpanzés bebês desenvolviam fortes laços com as suas mães e que eles persistiam por muitos anos. E também é conhecimento comum que os bebês humanos formam laços fortes e persistentes com as suas mães (Harlow & Zimmermann,

1959).

Por exemplo, Harlow e Zimmermann, (1959) dizem-nos que nas suas experiências com macacos observaram que estes se ligavam fortemente ao cobertor que forrava o chão da sua jaula e que a remoção do cobertor provocava um comportamento emocional violento. Os autores verificaram que estas respostas emocionais não eram passageiras, mas que duravam vários dias e também salientam que Foley e Wagenen também já tinham verificado e salientado a importância do contato para a sobrevivência dos macacos.

As experiências de Harlow e Zimmermann (1959) com macacos mostraram a importância do contato como variável afetiva e que seria possível medir o desenvolvimento e a importância dessas respostas ao contato. E foi desta maneira que eles criaram as mães substitutas, a mãe de pelo e a mãe de arame. Eles conseguiram provar a preferência dos macacos pela mãe de pelo em detrimento da mãe de arame onde se encontrava a mamadeira, mostrando que o contato era bem mais importante do que a alimentação. E o mesmo acontecia quando era introduzido uma “ameaça” (objeto estranho), situação na qual os macacos corriam para a mãe de pelo em busca de conforto (Harlow & Zimmermann, 1959).

No entanto, Vicedo (2010) explora as mudanças de Harlow ao longo dos seus estudos mostrando que ele foi modificando as suas ideias ao longo do tempo, acabando por divergir de Bowlby e de Lorenz. Segundo Vicedo (2010) de início Harlow acreditava que o bebê precisava se apegar à sua mãe mas nos anos 60, ele acabou por ser contrário a Bowlby e a outros psicanalistas, que continuavam a defender a ideia da importância da ligação mãe bebê e das consequências patológicas de uma ruptura. Ainda segundo Vicedo (2010) Harlow e os seus colaboradores exploraram as influências de outras relações na vida emocional dos macacos rhesus durante várias etapas de vida, desde a infância até à adultícia. Com base nas suas experiências e na discussão dos seus resultados com psicanalistas e psicólogos, ele

acabou por rejeitar o foco do instinto do bebê precisar se apegar à mãe, assim como os rígidos períodos críticos da primeira infância (Vicedo, 2010).

Segundo Harlow, com a sua experiência de mãe de arame e mãe de pelo, ele não apenas mostrou que os macacos precisavam de uma mãe, mas sim e sobretudo de conforto, e isso até uma máquina inanimada podia fornecer, dizendo até que poderiam haver substitutos para essa mãe, incluindo o pai (Vicedo, 2010).

Isto, no entanto, contradiz o que Harlow (1958) escreveu, onde defendeu o amor e o afeto e onde critica os psicólogos da época, dizendo que eles falharam em explorar esta área e que não tinham mostrado qualquer interesse por ela, parecendo desconhecer a sua existência. Ou seja, segundo ele, as referências ao amor era apenas feitas por romancistas e outros escritores, mas que, mesmo estes, roubaram o amor do bebê e da criança e tornaram-no exclusivo do adolescente e do adulto.

Por outro lado, também em Harlow (1958), ele defende que contrariamente ao pensamento da época, que via o amor e o afeto como consequências das necessidades básicas como a comida, bebida, dor, sexo e outros impulsos, o amor e o afeto tinham um papel determinante na saúde, no bem-estar e no desenvolvimento dos macacos. Neste artigo, ele relata que macacos bebês numa jaula de arame e com um boneco de arame normalmente morrem ou sobrevivem com muita dificuldade. No entanto, se eles forem colocados numa jaula forrada com pano, isso acrescenta uma melhoria na sua capacidade de sobrevivência. E se nessa jaula existir um boneco de arame coberto com pano de pelo, então o bebê macaco cresce feliz e saudável. E foi esta situação que levou à descoberta da importância do contato (toque) e do conforto para a saúde e para o desenvolvimento físico e emocional dos macacos. Desta maneira ele mostrou a importância da necessidade do conforto e do toque para a sobrevivência e desenvolvimento saudável dos macacos, assim como a importância da relação

maternal como forma de socialização e de base segura, a partir da qual eles podiam explorar o meio-ambiente.

Por um lado, Harlow estava de acordo com Lorenz acerca da importância dos períodos críticos no desenvolvimento, mas, por outro lado, ele não acreditava que o *imprinting* existisse nos primatas. Ou seja, ele acreditava que existiam períodos críticos na infância (dos macacos) e que, uma vez ultrapassados, eles não conseguiriam desenvolver certos comportamentos, mas que isso nada tinha a ver com o fato dos filhotes (macacos) terem de desenvolver o apego com suas mães para desenvolverem esses comportamentos (Vicedo, 2010).

No entanto, e como já salientamos antes, Harlow mostrou que macacos criados durante os primeiros oito meses de vida com uma “mãe” substituta afetava completamente a capacidade desses macacos de desenvolverem um padrão de afeto normal, o que, segundo ele, confirmava as crenças sobre os períodos críticos do desenvolvimento. Para ele, o afeto ou o conforto eram necessários na infância, mas nesta época (antes da experiência feita com macacos durante oito meses com uma “mãe” substituta), Harlow não acreditava que fosse necessária o contato corpo-a-corpo com a mãe para o desenvolvimento emocional, uma vez que via a mãe substituta como suficientemente satisfatória para o fazer. Mas, após os macacos crescerem, as suas ideias mudaram e ele percebeu a importância da necessidade do relacionamento com a mãe (Vicedo, 2010).

Harlow acabou por ver que os macacos criados com uma “mãe” artificial/substituta eram estranhos, pois eles não interagiam com os outros macacos, acabavam por ficar sozinhos e sem interesse por nada. Uma vez crescidos, e quando essas fêmeas eram engravidadas por meios artificiais, elas tornavam-se mães punidoras que rejeitavam os seus filhos e que abusavam e matavam os seus filhos. Ou seja, as “mães” artificiais não conseguiam criar

indivíduos sociais nem sociáveis, e como tal, as verdadeiras mães não eram dispensáveis como Harlow inicialmente acreditava (Vicedo, 2010).

Para além destas investigações, Harlow fez muitas outras experiências com macacos, tendo percebido a importância das mães, das brincadeiras e da socialização com outros da sua espécie. Outra situação que ele acabou por perceber foi que o *imprinting* nos macacos não seria como o que acontecia com as aves ou com os peixes, mas que de alguma maneira estaria presente de alguma forma. Segundo ele, as mães numa primeira fase forneciam conforto e segurança e, numa segunda fase, elas empurravam os seus filhos para fora para que eles interagissem com outros macacos. E assim sendo, ele concluiu que apenas o amor da mãe não era suficiente para o crescimento e desenvolvimento dos macacos, uma vez que a socialização e interação com os outros macacos também era fundamental (Vicedo, 2010).

Harlow acabou por recomendar aos terapeutas, que quando tivessem alguém com problemas, que verificassem os laços afetivos dos seus pacientes e recomendassem a interação com seus semelhantes como forma de se libertarem das suas patologias. Ele percebeu que a interação e socialização era importante, não só nos macacos, mas também nos seres humanos e que muitas patologias poderiam ser resolvidas quando se retomava a interação e socialização, as quais conseguiriam colmatar as carências iniciais que tivessem existido. Para Harlow, a importância das relações com o outro e não apenas com a mãe, era um ponto assente e isso “contrariava” Spitz, Bowlby e Ainsworth na medida em que estes investigadores, davam um papel bastante relevante à mãe (Vicedo, 2010).

Achamos que cabe aqui um comentário ao fato da maturidade do ser humano e do macaco serem diferentes, uma vez que o macaco atinge a maturidade em 4 a 6 anos e o ser humano em cerca de 18 anos. Levando isto em consideração podemos perceber que as necessidades e diferenças entre os macacos e os seres humanos não são tão grandes. Da

mesma forma, sabemos que a relação entre as crianças humanas é importante para o seu desenvolvimento e apesar do foco dos estudos de Spitz, Bowlby e Ainsworth ter sido a relação da criança com a mãe, nenhum deles negou ou desvalorizou outras relações que as crianças tivessem.

Também Seay, Hansen, e Harlow (1962) narram que durante as várias experiências de separação dos macacos recém nascidos de suas mães, ou mesmo de macacos de 30 a 90 dias de idade, os efeitos da separação eram demasiado fortes, sendo necessário uma equipa de profissionais para conseguirem imobilizar a mãe e fazer essa separação, com todos os riscos que isso representava. Mas as perturbações que essa separação criava, durava por horas, ou mesmo por vários dias, e isso tanto na mãe quanto no bebê. As mães tornaram-se super protetoras após o retorno do filhote e houveram casos em que as mães não o largaram durante um mês inteiro.

1.1.4. Etologia.

Como vimos anteriormente, Konrad Lorenz e Nikolaas Tinbergen foram dois estudiosos do comportamento animal que deram grandes contributos para a etologia, assim como para o estudo do comportamento humano. A etologia, que estuda o comportamento animal, surgiu em força nos anos 30 e deu um grande contributo a Bowlby e à sua teoria do apego. Segundo (Horst et al., 2007), Bowlby estava em contato com três cientistas e pesquisadores do reino animal como Niko Tinbergen, Konrad Lorenz e Robert Hinde, com quem aprendeu e partilhou informações sobre a etologia e sobre a vinculação. Esta partilha de informação entre eles acabou por influenciar a maneira como cada um deles via as suas teorias, contribuindo dessa maneira para um maior e mais completo desenvolvimento das mesmas.

A etologia, nos seus primórdios, passou por várias “definições” tais como: a ciência do *imprinting*, a ciência do comportamento inato, o estudo dos animais no seu meio natural, etc. Mas, em 1953, Tinbergen definia etologia como “O estudo biológico do comportamento”. E toda a etologia pretendia responder a uma simples questão: “Por que os animais se comportam da maneira que se comportam?” (Tinbergen, 1963). Neste artigo, ele também discorre sobre as diversas divergências que sempre surgem quando do nascimento de uma nova ciência e como por vezes, ela invade o campo de outras, assim como também se aproveita do conhecimento delas, acabando por receber e também por dar contributos para as outras ciências.

Tinbergen (1963) também nos fala da causa e efeito e de que nenhuma ação se encontra desprovida de sentido, tendo sempre consequências. Igualmente nos mostra a importância que essas ações têm para a sobrevivência e de como elas são ações adaptativas que visam a sobrevivência, mesmo que, no início isso não seja visível. E uma outra questão que ele nos traz é que muitos dos padrões de comportamento podem ser em simultâneo inatos e aprendidos, ou parcialmente inatos e parcialmente aprendidos. Esta questão acaba por ser importante no estudo da psicologia e no estudo do comportamento humano, uma vez que os seres humanos, se vistos pela lado da etologia, acabariam por ser influenciados quer pelo inatismo, quer pelo ambiente onde eles se encontram. Ou seja, existiria uma influência interna e uma influência externa. E desta maneira, a psicologia poderá abordar o ser humano por dois meios, o inato e inconsciente, que seria o campo da psicanálise, e o ambiental e comportamental, que seria a área da cognitivo comportamental ou mesmo a área da psicologia sistêmica e familiar.

Levando em conta o que Tinbergen (1963) nos expõe, percebe-se a importância do ambiente e a sua influência sobre o comportamento humano. Esta é uma área de extrema

relevância para toda a psicologia que lida com a família, e sobretudo com as crianças, uma vez que um bom ambiente familiar permitiria um melhor desenvolvimento da criança em todos os níveis, sociais, emocionais, cognitivos, etc.. E podemos ver outra área importante que é a área dos comportamentos desviantes ou comportamentos irracionais ou destrutivos, que seriam apenas uma consequência, quer de problemas inatos, quer de situações ocorridas no meio-ambiente, que resultaram de aprendizagens de sobrevivência. Desta maneira, poderíamos ver um doente mental, ou alguém que sofre de alguma psicopatologia, como alguém que é o fruto de algo que herdou ou que viveu no seu passado.

Por outro lado, e como vimos antes, também Harlow deu um contributo bastante significativo para a etologia e para a teoria do apego, ao mostrar a importância do apego em primatas, à semelhança do apego e *imprinting* que Lorenz e Tinbergen tinham mostrado existir nas aves. No entanto, os trabalhos de Harlow, devido a serem efetuados com primatas, deram um contributo maior para a teoria do apego de Bowlby, uma vez que os primatas são os animais que mais se assemelham com os seres humanos.

1.2. A Origem do Apego: Investigadores e seus Contributos

Entramos agora no apego e em alguns investigadores que contribuíram para o aparecimento da teoria do apego. Apesar do contributo de Harlow para a teoria do apego, ele foi colocado na secção de etologia uma vez que os seus trabalhos e estudos foram feitos com macacos e, dessa forma, reservamos a secção que se segue para os investigadores que trabalharam com seres humanos, mais concretamente com a relação mãe-bebê.

O apego ou necessidade de se apegar ou vincular ao outro é uma característica que podemos observar nos animais e também nos seres humanos. À nascença, verifica-se um comportamento do bebê ou da cria de se apegar a seus pais, sendo esse um comportamento de

sobrevivência, mas que vai mais além como iremos ver posteriormente.

Resta salientar que iremos ver apenas alguns investigadores que contribuíram para o aparecimento e formação da teoria do apego, sabendo que existiram muitos outros que também deram o seu contributo. Porém, ficamos com aqueles que são mais conhecidos ou que de alguma maneira se mostraram mais relevantes.

1.2.1. Spitz.

René Spitz nasceu em 1887 em Viena, na Áustria e morreu em 1974 em Denver, Colorado (EUA). Spitz tinha um grande interesse na relação mãe bebê, tendo viajado da Europa para Nova York na esperança de se juntar a Bakwin e Goldfarb no seu trabalho sobre a privação materna. Foi ele que cunhou os termos *hospitalismo* e *depressão anaclítica*. *Hospitalismo* significa a condição de se ficar no hospital e/ou de se sofrer de uma condição mórbida da atmosfera hospitalar (Horst & Veer, 2008). Poderíamos dizer que *hospitalismo* seriam os efeitos adversos de estadia prolongada no hospital. E *depressão anaclítica*, como podemos ver em Horst e Veer (2008) significaria uma síndrome psiquiátrica de natureza depressiva relacionada com a perda de um objeto amado, combinada com a inibição das tentativas da sua recuperação.

Segundo o dicionário Michaelis (2017), a depressão anaclítica “caracteriza-se por perda da expressão mímica e do sorriso, mutismo, anorexia, insônia, perda de peso e atraso psicomotor global”. Poderíamos então dizer que ela representa um severo prejuízo no desenvolvimento físico e psíquico das crianças vítimas de abandono ou negligência.

Hospitalismo e *depressão anaclítica* foram dois termos usados por Spitz para se referir às condições debilitantes que afetavam as crianças privadas de cuidados maternos e do amor materno, os quais suscitaram imensas críticas na época. No entanto, Bowlby acabou por usar

as informações de vários pesquisadores, incluindo do próprio Spitz, para fortalecer e reforçar a importância do amor e apego para com a figura de apego quer na saúde física e emocional, quer no desenvolvimento da criança (Vicedo, 2011).

Spitz estudou os efeitos que a contínua institucionalização hospitalar tinha sobre crianças com menos de um ano de vida. Das suas observações, ele concluiu que: 1) era necessário um relacionamento afetivo para o desenvolvimento físico e psíquico das crianças; 2) essa interação precisaria de ser fornecida pela mãe ou pela mãe substituta; e 3) a privação deste relacionamento era perigoso para o desenvolvimento da personalidade da criança. Segundo ele, os efeitos da hospitalização eram fortes e influentes uma vez que estavam relacionados com a privação materna e com o relacionamento afetivo que estaria em falta (Horst & Veer, 2008).

Para Spitz, que estudou as crianças hospitalizadas, era a mãe que fornecia uma sustentação emocional, a qual também fornecia as bases para todos os outros aspectos do crescimento humano. Para ele, assim como para outros pesquisadores, as crianças sem o amor de mãe tornavam-se deficientes emocionais. Ele usou o termo “depressão anaclítica” para se referir às condições debilitantes que afetavam as crianças privadas do amor e cuidados maternos (Vicedo, 2011).

Em 1947, Spitz apresenta o filme, *Grief: A Peril in Infancy* onde, entre outras crianças, mostra uma bebê chamada Jane que em apenas algumas semanas, passou de um bebê alegre para um bebê distante e desligado. Ele chamou a atenção para a necessidade da mãe, tendo mostrado como a criança estava feliz, brincando e se divertindo com a sua mãe após três meses de ausência hospitalar. Este filme provocou muitas reações de oposição, mas também foi uma chamada de atenção para os investigadores da época, que começaram a investigar a separação e a sua influência para o bem-estar das crianças (Van der Horst, 2011).

Emde, Polak, e Spitz (1965) relatam-nos o caso de George, uma criança que foi para uma instituição com oito dias de idade, tendo sido acompanhado e observado até aos 18 meses de idade pelos investigadores. Neste relato de caso, podemos ler todo o desenrolar da situação vivida pela criança e as respostas e reações da mesma, assim como os sintomas, comportamento e depressão anaclítica pela qual ela passou. Esta situação mostrou, quer a nós, quer aos autores, que existem muitas variáveis e muitas perguntas sem respostas, mas que algumas das quais hoje se encontram esclarecidas. Este relato também nos mostra a grande dificuldade que é fazer um estudo longitudinal, uma vez que sempre vão surgir muitas variáveis ao longo do estudo, as quais muitas das vezes, não foram sequer cogitadas e para as quais por vezes não temos as respostas.

1.2.2. Bowlby.

No seu trabalho com crianças delinquentes na London Child Guidance Clinic durante os anos de 1936 a 1939, Bowlby conheceu crianças que furtavam e também crianças incapazes de mostrar afeto, e se questionou acerca da possibilidade da delinquência e da falta de afeto poderem estar relacionadas com abandono ou falta de relações emocionais com os seus cuidadores nos primeiros anos de vida (Horst, Veer, & Ijzendoorn, 2007). Nós podemos ver mais acerca desta sua experiência com adolescentes delinquentes e incapazes de mostrarem afeto no seu artigo *Forty-four Juvenile Thieves* (Bowlby, 1944). Nesse artigo ele relata o seu trabalho e sua experiência com crianças e adolescentes delinquentes, algumas das quais incapazes de mostrarem afeto. Neste relato, podemos ver o procedimento efetuado quando da chegada de uma nova criança, dos testes que ela efetuava, e da tentativa de diagnóstico que era efetuado através de três profissionais: o psicólogo, o assistente social e o psiquiatra. No entanto, e em muitas situações, muitas outras entrevistas eram efetuadas e nas

quais era feita psicoterapia com a criança pelo psiquiatra e conversas com a mãe feitas pelo assistente social. Toda esta situação costumava durar vários meses, podendo chegar a seis meses ou mais. Mas, o que acabou por surgir foi a complexidade das atitudes maternas para com a criança, que só acabavam sendo conhecidas após várias semanas de conversas com o assistente social (Bowlby, 1944).

No entanto, e como podemos ler em Bowlby (1944), a dificuldade em diagnosticar quer as crianças e adolescentes, quer mesmo os adultos, muitas das vezes prende-se com o fato de que eles conseguem, na maioria das vezes, esconder e dissimular qual o verdadeiro problema, levando a crer que está tudo bem ou levando a um diagnóstico errado ou incompleto. E era aqui, quando as suas entrevistas psiquiátricas não revelavam nada de anormal, que Bowlby recorria aos relatos da mãe ou do professor. E era através do cruzamento de todas estas informações (do adolescente, da mãe e do professor) que ele acabava por fazer o seu diagnóstico. Podemos também concluir que nem sempre é fácil fazer um correto diagnóstico e que, muitas das vezes, precisamos recorrer a diversos meios para obtermos toda a informação necessária e assim, conseguirmos identificar a verdadeira situação e fazermos um correto diagnóstico.

Em Meloy (2013), podemos ver as notas de Bowlby acerca dos quarenta e quatro delinquentes, onde ele afirma que uma prolongada separação da mãe, ou da figura materna, nos primeiros anos leva a uma situação de roubo persistente e a um carácter de sem afeto. Ele alega que estas situações se devem à frustração da separação e que o símbolo do amor é erradamente substituído pelos objetos. Desde os tempos iniciais da psicanálise, a satisfação libidinal era associada com a posse de coisas, sendo que em bebê era o leite e, mais tarde, em criança, eram os brinquedos e os doces, e mesmo em adultos, temos os chocolates, a bebida, o cigarro, ou mesmo uma boa refeição, pois eles são os portadores dos sentimentos de

bondade de uma pessoa pela outra. Desta maneira, os objetos e a comida são símbolos de afeto. E roubar da mãe seria apenas uma forma de a ter por perto ou de ter algo que a represente. Esta necessidade de roubar estaria assim intimamente relacionada com as separações iniciais e teriam uma componente libidinal na medida em que pretendem ter a pessoa, ou algo dela, presente. E igualmente se a criança ou adolescente sente que lhe foi roubado algo (neste caso a mãe ou figura materna) e que isso lhe provocou sofrimento, ela certamente que terá tendência a infligir o mesmo sofrimento aos outros e isso não seria mais do que vingança por aquilo que sofreu.

Assim, segundo Bowlby, a incapacidade de conter os impulsos e a incapacidade de ter sentimentos de afeto com os outros estariam relacionados com a falta de amor e com a raiva da perda ou separação da mãe ou da figura materna. E o que ele também ressalta é que o amor se torna impossível depois que o ódio e a raiva, devido à separação, se instalam. A fantasia tem aqui um papel importante na medida em que distorce a realidade, e em que se criam imagens que o indivíduo é mau e que não é merecedor de amor e de que o outro não é de confiança, ou que não gosta dele. Estas crianças têm tendência a quererem agradar aos outros porque acreditam (fantasiam) que são uma pessoa má e que não merecem nada e que, se não agradarem aos outros, eles a vão rejeitar. Elas também acreditam (fantasiam) de que os outros a querem punir, e que fazem tudo para as punir, ou que estão a conspirar contra ela. Os sentimentos de suspeição, de segredos e de culpa muitas das vezes caracterizam estas crianças (Meloy, 2013).

Nos exemplos que Bowlby nos dá, ele relata que as crianças nunca pediam nada e que isso sugeria que elas acreditavam que não mereciam receber nada e que elas também não mereciam nada. E o fato das crianças darem tudo aos outros ou precisarem dar coisas aos outros, seria apenas uma maneira delas mostrarem o sentimento de que não merecem ter seja

o que for. Este tipo de pensamentos também é comum nos neuróticos, muitas das vezes, afastando-os da realidade que os cerca ou do contato com os outros. Esta fantasia, que foi criada pelo afastamento ou separação, pode ser corrigida quando a separação é curta e a criança entra de novo em contato com a mãe ou figura materna e lhe é permitido corrigir essas crenças iniciais, através de um contato saudável com a mãe (Meloy, 2013).

De tudo isto costuma resultar danos a longo prazo. E a resposta costuma ser evitar correr quaisquer riscos de que uma nova separação (perda) possa ocorrer de novo. Para evitar voltar a sofrer, a solução costuma ser não se envolver com os outros ou ser indiferente para com eles. E segundo Bowlby, esta era a característica de todos ladrões juvenis que ele acompanhou. Eles não mostravam afeto nem aparentavam se importar de o obter. Algo do gênero: “Vamos evitar a todo custo que o nosso coração se parta de novo”. E esta é a explicação para o seu comportamento rebelde e aparente indiferença, os quais confundem e irritam qualquer um que lide com eles. Esta é e a política que eles usam para se protegerem dos seus sentimentos (Meloy, 2013).

Por exemplo, em Bowlby, Ainsworth, Boston, e Rosenbluth, (1956), onde os autores fazem um follow-up dos efeitos da separação da criança da mãe, afirmam que as crianças privadas de cuidados contínuos da atenção da mãe, ou mãe substituta, não ficam apenas temporariamente perturbadas, mas que essa perturbação pode persistir e ter efeitos a longo prazo. Estes autores reforçam o que vimos anteriormente, no trabalho de Bowlby com os quarenta e quatro ladrões juvenis, uma vez que uma proporção desses delinquentes tinham sofrido uma separação prolongada de sua mãe nos seus primeiros cinco anos de vida. E de todos esses delinquentes, a maioria deles era incapaz de ter e de manter relações saudáveis com outras pessoas. E de entre aqueles com características de carácter de sem afeto, foram separados das suas mães durante mais de seis meses durante a sua infância. Estas descobertas

sugerem que um rompimento na continuidade dos laços mãe criança numa fase crítica do desenvolvimento das respostas sociais da criança, pode resultar numa deficiência mais ou menos permanente na sua capacidade de se relacionar. Também é aceite que a base da saúde mental do adulto é a sua capacidade para fazer e ter relações contínuas e estáveis com outras pessoas e que o desenvolvimento dessas capacidades no adulto dependem de um desenvolvimento saudável em criança, sobretudo durante os primeiros três a cinco anos iniciais, quando a criança está criando as suas primeiras relações sociais. Desta maneira, a hipótese psicanalítica diz que a maioria das perturbações de personalidade, assim como os sintomas de neurose e de psicose, são o resultado final de uma disfunção da personalidade na área das relações objectais. E foi com base neste conhecimento que Bowlby e outros dedicaram uma atenção especial às primeiras relações entre a mãe e a criança durante as suas pesquisas e consultas (Bowlby et al., 1956).

E tal como já vimos antes, Bowlby (1944) sugeriu que a frustração gerada pela separação era provavelmente a causa dos impulsos agressivos e, por outro lado, que a falta da função inibidora dos seus comportamentos dependia da inexistência de relações satisfatórias. Ele também concluiu que a separação prolongada provocava uma série de perturbações de personalidade, na qual o carácter de sem afeto seria a principal característica e a mais séria.

Foi através deste trabalho que Bowlby colocou em evidência o papel das separações precoces como fatores de perturbações do comportamento e do afeto (Guedeney & Guedeney, 2004). Mas, para poder comparar as diferenças, era necessário ter um grupo de controle e apenas Goldfarb (1943) o tinha feito, tendo encontrado diferenças significativas entre o grupo de crianças adotadas que tinha passado a maioria dos seus primeiros três anos em instituições e o grupo adotado que tinha ficado desde cedo com a sua família adotiva. Estas diferenças entre os grupos mantinham-se aos dez e aos catorze anos.

Muitas das crianças que passaram o início das suas vidas na instituição mostravam uma capacidade de terem relações com as outras pessoas bastante reduzida e Goldfarb atribuiu isso a uma falta de oportunidade deles desenvolverem relações com adultos nos seus primeiros anos. As crianças da instituição também apresentavam um comportamento agressivo e sem controle e tinham personalidades pobres e passivas, estando as suas reações num nível primitivo e infantil (Bowlby et al., 1956).

Os estudos de Goldfarb com crianças privadas de cuidados maternos e de relações durante vários anos mostraram os impactos que essa separação provocou. No entanto, nas crianças com que Bowlby (1944) lidou, essa separação não tinha acontecido tão cedo, nem durante tanto tempo, mas mesmo assim os efeitos eram semelhantes apesar de a personalidade das crianças não ter sido tão afetada, como no caso das crianças dos estudos de Goldfarb (Bowlby et al., 1956).

Também Dixon (2003), que faz uma revisão do artigo de Bowlby (1944), chama a atenção para o fato de que a preocupação com as práticas de criação das crianças, de Bowlby e outros, se devia à possibilidade dessas práticas poderem prevenir a psicopatologia do adulto. Também Vicedo (2011) nos diz que, desde o início da sua carreira, Bowlby estabeleceu uma ligação entre a falta do amor maternal e a psicopatologia, tendo-se focado no ambiente pessoal da criança que, segundo ele, era a relação mãe-bebê. E na sua pesquisa, Bowlby percebeu que as razões da psicopatologia na criança se deviam à personalidade da mãe e sua atitude emocional relativa à criança, verificando que, em algumas situações, a mãe tinha uma hostilidade inconsciente para com a criança, o que se podia observar pelas privações desnecessárias, pela sua frustração e impaciência perante as travessuras da criança, assim como pelo mau humor e uma falta de compreensão para com ela (Vicedo, 2011).

Em 1950 Bowlby foi convidado para fazer um relatório para a Organização Mundial

da Saúde sobre as crianças sem casa. Em 1951 ele entregou o seu trabalho acerca dos cuidados maternos e a saúde mental, onde se desviava da visão Kleiniana do seu treino psicanalítico, uma vez que ele não aceitava a explicação de que a relação emocional entre a mãe e a criança se devia ao fato dela alimentar a criança (Horst et al., 2007).

Neste relatório, Bowlby defende que é essencial para a saúde mental da criança que ela experiencie uma relação continuada, calorosa, e de proximidade com a sua mãe, ou com uma mãe substituta, na qual ambos tenham satisfação e alegria. E quando este tipo de relação não existe, Bowlby a chamou de privação materna, sendo que ela qual teria graves consequências para o desenvolvimento futuro do carácter e da saúde mental do indivíduo (Duniec & Raz, 2011).

Este foi um documento bastante importante, o qual influenciou toda a comunidade internacional, suscitando uma reconsideração acerca do cuidado recebido pelas crianças nas instituições de acolhimento, assim como acerca da importância da privação das relações da mãe com a criança (Dixon, 2003). Este trabalho para a Organização Mundial da Saúde teve uma grande repercussão a nível mundial e também a nível social, inspirando também a comunidade científica a investigar mais acerca do tema e da importância da relação mãe bebê ou do apego mãe bebê.

Na prática, este trabalho de Bowlby influenciou as ideias e práticas acerca do bem-estar da criança e das relações sociais e maternas, levando a uma mudança das condições de tratamento das crianças no meio hospitalar (Duniec & Raz, 2011). Bowlby também comparou a separação materna a uma privação nutricional que tinha consequências para o desenvolvimento emocional da criança, tal como a nutrição tinha para o desenvolvimento físico (Duniec & Raz, 2011).

Bowlby passou o inverno de 1951/52 lendo acerca da etologia, sobretudo os escritos

de Lorenz e de Tinbergen, tendo ficado apaixonado pelo assunto e acabou fazendo amizade com Lorenz com quem se encontrou e visitou na Organização Mundial da Saúde e em Altenberg. Por sua vez, Lorenz visitou Bowlby na Tavistock Clinic. Por outro lado, Hinde que era outro etologista e seguidor de Lorenz, participava do grupo de estudos semanal do Bowlby, com quem trocava conhecimentos. A relação entre Bowlby e Hinde era próxima em termos de ideias e em termos de aprendizagem mútua devido ao grupo de estudos semanal, onde ambos trocavam muitas das ideias que contribuía para uma clarificação e aperfeiçoamento da teoria do apego da etologia. Podemos dizer que Bowlby encontrou na etologia a confirmação das respostas que ele procurava acerca da importância das relações emocionais entre pais e filhos e que, segundo ele, tinham sérias repercussões e eram independentes de outros fatores, como a alimentação (Horst et al., 2007).

As observações de Bowlby em hospitais e orfanatos levaram-no a defender que o cuidado e amor materno eram essenciais para desenvolvimento emocional do bebê e que existia uma base biológica para o apego do bebê à mãe devido à evolução pela seleção natural. Desta maneira, ele argumentava que os bebês separados das suas mães ou privados do amor materno iriam sofrer de sérias consequências emocionais. E tal como Lorenz tinha mostrado com os patos, também os bebês humanos privados do contato materno não iriam desenvolver os comportamentos sociais adequados na adultícia (Vicedo, 2010).

Por outro lado, as ligações de Bowlby com Tinbergen eram mais escassas e mais a nível profissional, pois Tinbergen recorreu a ele por causa de um filho com sintomas de autismo e também ele próprio, Tinbergen, devido a uma depressão (Horst et al., 2007).

Numa resposta a quem criticava o uso de Adaptação Evolucionária ao Ambiente, que Bowlby defendeu no contexto relacional mãe-bebê, Hinde (Horst et al., 2007) clarifica que Bowlby salientava a importância do ambiente no qual a criança vivia como determinante para

o seu bem-estar, o qual nada tinha a ver com o ambiente geográfico onde se vivia. Desta maneira, Hinde salienta a falta de compreensão que certos autores tinham do trabalho de Bowlby, os quais tinham feito conclusões apressadas e sem conhecimento de causa. Bowlby dizia que todos os bebês precisavam de estar próximos de suas mães, precisavam mamar e precisavam do conforto do contato e essa era a Adaptação Evolucionária ao Ambiente materno a que Bowlby se referia.

Apesar de tudo, Bowlby sempre teve críticas e algumas delas podemos ler em Van der Horst (2011), sendo que uma delas é o fato de Bowlby ter dedicado especial atenção ao ambiente, no qual a criança vivia e onde sofria as suas influências, e não se ter dedicado ao mundo interno da criança. Isto é, ele não se dedicou a entender como a criança se sentia e como era o seu mundo interno, que seria o assunto da psicanálise. Nós poderemos dizer que uma situação sem a outra, não traz os resultados que se poderiam esperar, caso estas duas situações caminhassem juntas. No entanto, Bowlby acreditava que era o mundo externo que moldava o mundo interno da criança e não o contrário.

De acordo com tudo o que acabamos de ver, percebe-se que Bowlby, assim como muitos investigadores, estava em contato com diversos pesquisadores que contribuíram de maneira significativa para muitas das ideias de Bowlby e do apego, assim como também algumas ideias de Bowlby acabaram por ser incorporadas na etologia e em muitas outras áreas, permitindo assim um crescimento mútuo para todos.

1.2.3. Robertson.

James Robertson nasceu em 1911 e faleceu em 1988, tendo sido um assistente social e psicanalista na Tavistock Clinic de 1948 até 1976. Ele revolucionou o modo como as crianças eram tratadas nos hospitais e em outras instituições devido aos seus filmes onde mostrava as

consequências da separação que as crianças sofriam. Resta lembrar que na época, as visitas às crianças eram proibidas nos hospitais para prevenir que as mães e visitantes transportassem infecções para o hospital, e também existia a crença de que as visitas apenas perturbavam as crianças em virtude das suas reações após a saída dos seus pais (Van der Horst, 2011).

Durante a guerra, Robertson ajudou famílias que tinham sido bombardeadas e participou de evacuações de crianças para locais seguros, o que o perturbou, uma vez que elas estavam estressadas e perturbadas com as perdas e separações de seus pais. Em 1941, Robertson começou a trabalhar com Anna Freud no seu centro de enfermagem onde conheceu a sua futura esposa. Este centro de enfermagem visava amenizar e cuidar de crianças que tinham perdido seus pais devido aos bombardeamentos ou outras situações, ou que, de alguma maneira, não podiam ser cuidadas por suas famílias (Van der Horst, 2011).

Anna Freud exigia que todos os funcionários registrassem as suas observações acerca do comportamento das crianças em cartões, os quais seriam mais tarde usados nas discussões semanais de grupo. Esta prática ajudou Robertson a obter um treino fundamental de observação sobre as crianças e seus comportamentos (Van der Horst, 2011).

James and Joyce Robertson conheceram-se no centro de enfermagem que Anna Freud tinha criado para dar apoio às crianças que de alguma forma eram vítimas da guerra. A guerra tinha criado situações de carência em muitas famílias e criado muitos órfãos que necessitavam de apoio. Neste centro buscava-se dar apoio às crianças tentando colmatar as falhas e separações existentes no apego, uma vez que Anna Freud acreditava que as perdas e separações tinham grande impacto no desenvolvimento das crianças. Joyce Robertson, trabalhou com Anna Freud nos seus centros de cuidados de crianças de 1956 até 1963, quando se juntou ao seu marido na Tavistock Clinic no programa “As crianças jovens e as Separações Breves” (Robertson Films, 2016; Concord Media, 2016).

James Robertson qualificou-se como assistente social em psiquiatria em 1947 e fez o seu treino como psicanalista com Anna Freud, tendo entrado para a Tavistock Clinic em 1948, onde Bowlby o encarregou de observar as crianças que estavam hospitalizadas, institucionalizadas ou de alguma maneira separadas de seus pais, tendo sido o início da pesquisa sobre a separação e as suas consequências. Este trabalho de observação, de que foi incumbido, deveu-se ao fato de que ele era um observador minucioso e com bastante experiência. Para além de ter sido treinado na observação de crianças por Anna Freud, Robertson também tinha um grande *background* como psicanalista e acerca das teorias psicanalíticas. As observações de Robertson no hospital e o filme de Spitz, *Grief: A peril in infancy*, influenciaram e deram um grande contributo para o relatório que Bowlby escreveu para a Organização Mundial de Saúde em 1951 (Van der Horst, 2011).

James Robertson fez o filme *A Two-Year-Old Goes to Hospital* em 1952, com Laura sendo a protagonista, a qual foi separada da mãe por nove dias para ser operada a uma hérnia umbilical. Este filme teve um grande impacto na comunidade da época, porque nele Robertson mostrava o impacto que a solidão e separação teve numa menina de dois anos. As observações de crianças por Robertson no hospital também confirmaram as ideias de Bowlby acerca da influência que a separação tinha sobre a saúde física e mental das crianças (Van der Horst, 2011).

Este filme foi primeiramente mostrado na secção de pediatria da *Royal Society of Medicine* em 28 de novembro de 1952, perante uma grande audiência de médicos e enfermeiras. O chefe desta secção, Winnicott, também ele relatou que via mudanças irreversíveis nas crianças que eram separadas de suas mães e que se deveria ter cuidado acerca das consequências psiquiátricas quando as crianças vão para o hospital. Também os editores das revistas científicas mencionaram este acontecimento e salientaram o fato de que não se

poderia continuar a negligenciar este assunto de separação. No entanto, este filme resultou em inúmeras críticas e hostilidades levando a que Bowlby e Robertson tenham decidido mantê-lo longe do público em geral e apenas mostrá-lo para profissionais, desde que acompanhado por Bowlby ou por Robertson (Van der Horst, 2011).

Com base nas suas observações de crianças, Robertson encontrou três fases pelas quais as crianças passavam quando da separação, sendo elas: o protesto, o desespero e a negação. Este trabalho foi publicado em 1952 com Bowlby, e com o título: *A two-year-old goes to hospital* e publicado em *Proceedings of the Royal Society of Medicine*, 46, 425–427. (Van der Horst, 2011).

Segundo Van der Horst (2011), Robertson ficou chocado pelas suas observações de crianças que eram separadas e tinham de ficar no hospital ou no sanatório, uma vez que ele viu o quanto elas ficavam estressadas com essa separação, mas aparentemente os médicos e enfermeiras recusavam-se a ver o quanto essa situação deteriorava o estado emocional das crianças. Ele ficou chocado com o fato de que os gritos e espernear eram interpretados como situações atípicas até que as crianças acalmassem e não conseguia compreender porque os médicos e enfermeiras não conseguiam ver esta situação.

Na fase de protesto, a primeira assim que acontece a separação, a criança fica extremamente ansiosa, tentando ir para a mãe ou agarrando-se a ela, ou procurando-a com todas as suas forças ou mesmo gritando e chorando bastante na esperança de que ela volte. A criança fica confusa e amedrontada com o ambiente que não lhe é familiar e procura voltar para a sua mãe com todas as suas forças. A esta fase segue-se a fase do desespero, que é caracterizada por ser uma fase de sem esperança. Nesta fase, a criança já não procura a sua mãe e o seu choro e gritos passam a ser monótonos e intermitentes. Esta seria uma fase que erradamente seria interpretada como uma diminuição do estresse pelos médicos e enfermeiras.

Na terceira fase, ou fase da negação, a criança volta a mostrar interesse pelo ambiente onde se encontra, o que é visto por médicos e enfermeiras como um sinal de recuperação, mas que segundo Bowlby e Robertson, seria apenas uma maneira da criança se adaptar à nova realidade. Uma vez que a mãe não se encontra mais presente, há a necessidade da criança se adaptar à nova situação uma vez que ela não aguentaria os sentimentos de estresse que ela experienciou (Van der Horst, 2011).

Toda esta situação chocou Robertson, e apesar dos seus colegas na *Tavistock Clinic* partilharem as mesmas ideias e sentimentos, ele sentiu que era apenas ele que se importava com a situação, uma vez que era ele que vivia diariamente com a separação das crianças e com o seu desespero de serem abandonadas. Ele era diariamente confrontado com a desumanidade da situação pediátrica, o que lhe criou a urgência de precisar humanizar a pediatria (Van der Horst, 2011).

Em 1958, Robertson fez o filme *Going to Hospital with Mother*. Desta vez, o filme foi com a criança Sally de 20 meses de idade, que foi para o *Amersham General Hospital* para ser operada devido a uma hérnia umbilical, mas ela foi com a sua mãe. Com este filme, Robertson pretendeu mostrar a simplicidade que era trazer e manter as mães no hospital junto com seus filhos. Com a presença de suas mães, as crianças sentiam-se seguras e tinham um espírito alegre, assim como as mães também cuidavam de seus filhos. Na verdade, o filme mostrava como a Sally lidava com o hospital e com a cirurgia sem grande ansiedade, mostrando que era a presença da mãe que a acalmava, contrariamente às crianças que estavam separadas de suas mães (Van der Horst, 2011).

Mais tarde, Robertson fez outros filmes, mas com crianças que estavam em casas de acolhimento, e desta maneira, tinham alguém que cuidava delas, não estando portanto sujeitas ao estresse dos hospitais. No seu novo projeto, *Young children in brief separation*, ele queria

estudar crianças separadas de suas mães, mas sem estarem debaixo do estresse do hospital, tendo algum cuidador presente com elas. Assim em 1964, Robertson filmou cinco crianças entre os 17 e os 29 meses de idade, cujas mães precisaram deixá-los em casas de acolhimento enquanto estavam no hospital para terem novos filhos. Quatro dessas crianças ficaram com Joyce Robertson, a esposa de Robertson, e uma outra foi para um centro de enfermagem para ser cuidada. Os resultados evidenciaram que as crianças que tiveram a casa de acolhimento mostraram ter muito menos estresse do que aquela que ficou num centro de enfermagem. E dessa forma, Robertson demonstrou que as crianças em casas de acolhimento têm menos estresse e mostram-se menos irritadas e mais seguras do que aquelas que ficam em instituições para serem cuidadas (Van der Horst, 2011).

Resta salientar que Robertson e Bowlby, apesar de partilharem as mesmas ideias de fundo, acabaram por se separar devido a divergências que nunca foram divulgadas por nenhuma das partes. No entanto, uma das razões que se apontam é o fato de Bowlby ser teórico e querer saber o que estaria por detrás do apego, enquanto Robertson estaria mais interessado na aplicação desses conhecimentos para melhorar as condições mentais e emocionais das crianças, evitando que elas sofressem (Van der Horst, 2011).

1.2.4. Ainsworth.

Ainsworth nasceu no Ohio em 1913, mas passou grande parte da sua vida em Toronto, Canadá. Aos 16 anos entrou na Universidade de Toronto, tendo obtido o seu título de graduação em 1935 e os seus pais apoiaram o seu desejo de fazer o doutorado. Na sua vida académica de doutorado, conheceu William Blatz e a sua teoria da segurança, na qual ele defendia que a criança precisava de segurança e de se sentir segura para que pudesse crescer e se desenvolver em todos os níveis. Segundo ele, a criança desenvolvia um sentimento de

dependência segura ao estar junto de seus pais e era esse sentimento de segurança que lhe permitiria explorar o mundo à sua volta e dessa maneira, desenvolver as destrezas necessárias para lidar com esse mundo. No fundo, os pais forneciam uma base segura para a criança explorar o mundo (Carrillo, 1999; Bretherton, 2003).

Ainsworth continuou os seus estudos na Universidade de Toronto tendo obtido o seu mestrado em 1936 e o seu doutorado em 1939, tendo desempenhado de imediato a função de docente por três anos. Com o início da guerra, ela interrompeu os seus planos acadêmicos e ingressou no Corpo das Mulheres da Armada Canadense, onde permaneceu por quatro anos. Em 1946, retornou à Universidade de Toronto como professora assistente, tendo retomado a sua investigação na teoria da segurança com Blatz e onde também realizou trabalhos com técnicas projetivas de avaliação. Em 1950, casou-se com um veterano de guerra e estudante de psicologia, Leonard Ainsworth, tendo ido com ele para Inglaterra onde ele foi fazer o seu doutorado. Em Londres, Ainsworth conseguiu um emprego na Tavistock Clinic sob a supervisão de Bowlby, entrando na pesquisa acerca da influência das separações prolongadas da criança de sua mãe. Bowlby e Ainsworth tornaram-se parceiros durante várias décadas partilhando as suas experiências e conhecimentos, os quais determinaram o curso das décadas que se seguiram no que diz respeito à psicologia do desenvolvimento (Carrillo, 1999; Bretherton, 2003).

Na Clínica Tavistock, ela conheceu James Robertson com quem trabalhou na observação de crianças institucionalizadas e hospitalizadas. Naqueles tempos, as visitas parentais aos seus filhos hospitalizados não eram permitidas e o estresse infantil da separação dos seus pais era completamente ignorado e desvalorizado. Uma das tarefas de Ainsworth era ajudar Robertson na tomada de notas e observações detalhadas dessas crianças, tendo sido com ele que ela aprendeu o método e a arte da observação detalhada, que ela viria a usar mais

tarde durante os seus estudos. Por outro lado, como já mencionado, James Robertson aprendeu o método de observação detalhada com Anna Freud, que exigia anotações cuidadas e completas de todos os comportamentos das crianças que passavam pelo seu centro de enfermagem e apoio, de forma, que essas anotações pudessem ser confrontadas com as dos outros profissionais que também trabalhavam no seu centro (Bretherton, 2003).

Em 1953, e após ter terminado o seu doutorado, o seu marido obteve um trabalho no Uganda, para onde ele e Ainsworth viajaram em 1954. Ainsworth permaneceu naquele país por dois anos, tendo também levado a cabo um estudo longitudinal na área do desenvolvimento sócio emocional com vinte e oito bebês e suas mães, tendo observado semanalmente as suas relações durante nove meses. Ela acabou por classificar as relações dos bebês com suas mães em três tipos: apego seguro; apego não seguro ou inseguro e não apego (Carrillo, 1999).

Em Uganda, Ainsworth redescobriu o fenômeno da base segura de Blatz, que ela já tinha escrito na sua tese de doutorado. O padrão referido como “usar a mãe como uma base segura”, salientava o fato de que existia um bom desenvolvimento quando existia um bom apego e que esse bom apego significava um aumento de competência e de independência. Mas, por outro lado, eram as crianças inseguras que se agarravam a suas mães e se recusavam a abandoná-las, enquanto que as seguras se afastavam, mas mantinham sempre um olho na mãe e no paradeiro dela, voltando para ela sempre que lhe queriam mostrar algo ou trazendo-lhe algo, mostrando um forte interesse em compartilhar com ela as descobertas que faziam, assim como o seu prazer em explorar as maravilhas do mundo que exploravam. Desta maneira, o apego apoia e reforça o desenvolvimento das competências e da autoconfiança das crianças (Bretherton, 2003).

Em 1962, segundo Carrillo (1999), e em 1963, segundo Bretherton (2003), Ainsworth

realizou o seu segundo estudo longitudinal, com vinte e seis bebês e suas mães, mas desta vez em Baltimore onde ela, a cada três semanas, observou o comportamento e relacionamento de bebês com suas mães durante o seu primeiro ano de vida. As visitas às famílias duravam quatro horas de maneira a encorajar as mães a terem um comportamento normal e natural com os seus filhos, enquanto faziam as suas rotinas diárias (Bretherton, 2003). Uma vez que ela encontrou algumas diferenças entre estas crianças e as crianças que tinha observado em Uganda, ela acabou por desenvolver uma metodologia, conhecida como a Situação do Estranho, para poder fazer uma observação mais sistemática e precisa de maneira a encontrar uma explicação para essas diferenças. Com esta nova metodologia – Situação do Estranho – foram encontradas diferenças e similaridades entre diversas culturas, o que permitiu uma maior compreensão acerca do apego como fenômeno universal transcultural (Carrillo, 1999; Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978).

O conceito de base segura que Ainsworth trouxe para a teoria do apego diz que é a partir dessa base segura que o bebê explora o mundo. A mãe, funcionando como base segura, está presente sempre que qualquer ameaça se apresente ou sempre que o bebê sinta alguma necessidade de conforto e de apoio. Ainsworth também trouxe o conceito de sensibilidade responsiva por parte do cuidador, sendo que esta sensibilidade responsiva do cuidador estaria na gênese do apego seguro que a criança desenvolvia. Ela trouxe também um meio de identificar os padrões de apego entre a criança e sua mãe, padrões esses que permitiam medir a qualidade dessa relação existente (Bretherton, 2003).

Ainsworth, na sua pesquisa, encontrou três tipos de comportamento de apego: o apego seguro ou padrão B, que seria o mais frequente e o normativo, o qual correspondia ao padrão apresentado pelas crianças que se mostram confiantes na disponibilidade e presença da sua figura de apego. O apego inseguro evitante, ou padrão A, seria o padrão apresentado pelas

crianças que evitam ou ignoram a sua figura de apego, e que se mostram insensíveis ou rejeitam as tentativas de aproximação e contato em momentos de estresse. Já o apego inseguro ambivalente ou ansioso, padrão C, diz respeito a crianças que dependem muito de suas mães e desistem de fazer e resolver coisas com facilidade, exibindo frustração, choramingando ou esperneando, aparentando serem incompetentes nas tarefas. Elas apresentam muita ansiedade ao serem separadas e na presença do cuidador hesitam entre ir ou não até ele. Elas apresentam medo de o perder ou de se fastarem dele. Quando do retorno do cuidador ficam agarradas e não se separam. Elas também apresentam mais raiva e violência que outras crianças e o cuidador não consegue acalmar. Este padrão de comportamento mostra medo de ser abandonada e por isso procura manter o contato (Ainsworth et al., 1978; Machado, 2009).

Por outro lado, Ainsworth também investigou as características maternas e o comportamento materno na relação com a criança e observou a importância da sensibilidade materna, através da qual a mãe conseguia “ver e compreender” as necessidades da criança de uma maneira bastante precisa e eficaz, respondendo a essas necessidades de uma maneira correta e rapidamente, dando à criança o que ela necessitava. Para além da sensibilidade materna, Ainsworth também avaliou as respostas emocionais maternas para com os seus filhos perante as suas exigências e comportamentos, procurando determinar se elas influenciavam muito ou pouco o seu comportamento em relação a eles. Da mesma maneira, ela também avaliou a interferência materna nas atitudes e comportamentos da criança, procurando determinar se existia inibição de exploração ou se por outro lado, existia incentivo na exploração do meio (Ainsworth et al., 1978).

Podemos então dizer que alguns dos contributos de Ainsworth foram: 1) a noção de base segura; 2) um método de avaliar a qualidade do apego (a situação do estranho); 3) a qualificação do apego em três categorias (A) evitante, (B) seguro e (C) resistente ou

ambivalente; 4) o estabelecimento da ligação entre a sensibilidade materna e o apego seguro; e 5) o reconhecimento de que a mãe precisa estar livre das suas próprias preocupações e ansiedades de forma a conseguir criar uma relação de apego seguro.

Ainsworth (1989) defende que as relações de apego têm características específicas, visando a busca do conforto, apoio e proteção. Ela dividiu o apego em quatro partes, sendo que cada uma tinha determinadas características: 1) a *procura de proximidade*, onde a criança busca a proximidade e o contato com a mãe; 2) a *base segura* ou *base de segurança* onde ela usa a mãe como proteção e segurança para explorar o meio envolvente; 3) o *comportamento de refúgio ou porto seguro* para onde a criança recorre perante qualquer ameaça externa; e 4) *reações de separação* perante a separação ou ameaça de separação.

Como mencionado acima, foi também ela que criou o experimento da *situação do estranho* ou da reação ao estranho, que é um protocolo de oito passos para medir o tipo de apego da criança a sua mãe (Ainsworth et al., 1978). Neste experimento, a criança e a mãe entravam numa sala com brinquedos, onde posteriormente, entrava um estranho. Numa fase posterior, a mãe saía e deixava a criança com o estranho e depois na fase seguinte, a mãe entrava de novo.

Com base nestas diversas fases, observava-se as reações da criança tendo-se notado que as suas reações eram características de cada fase e que dessa maneira se podia caracterizar os seus comportamentos em três tipos: 1) o comportamento seguro, onde a criança interagia com a figura de apego e procurava explorar o ambiente e não manifestava reações à entrada do estranho nem à saída da mãe, e ficava feliz correndo para ela quando ela retornava; 2) o comportamento inseguro evitante no qual a criança interagia mais com os objetos do meio e menos com a figura de apego, onde muitas das vezes rejeitava e era hostil a essa figura materna, e muitas das vezes interagia mais com o estranho do que com a mãe; 3) o

comportamento inseguro ambivalente onde a criança ficava ansiosa e oscilava entre os movimentos de exploração e o de se manter próxima do cuidador para não ser abandonada. Quando do regresso do cuidador ela não desgrudava, apresentando raiva e violência. Este padrão de comportamento mostra medo de ser abandonada, procurando a proximidade (Ainsworth et al., 1978).

1.2.5. Teoria do apego.

O apego, a sua necessidade e a importância dele, tornou-se assim relevante para Bowlby levando-o a investigar mais e a interessar-se por todas as teorias que pudessem explicar ou complementar as suas teorias. E foi assim que ele tomou conhecimento de outros estudos que também salientavam a importância da relação mãe bebê, acabando por encontrar em, Lorenz e Tinbergen, assim como na etologia, as explicações para a sua teoria do apego.

Bowlby estava em contato com vários etologistas como Tinbergen, Lorenz e Hinde, tendo aprendido com eles acerca da teoria do *imprinting* e do período sensível (Horst et al., 2007). Bowlby queria entender e explicar a natureza do vínculo que a criança tinha com os seus pais e a etologia acabou dando a explicação que ele tanto precisava para desenvolver a teoria do vínculo e apego que a criança tinha e desenvolvia (Horst et al., 2007).

Bowlby teve o seu primeiro contacto com a etologia em julho de 1951 através do psicólogo Norman Hotoph que foi quem lhe falou acerca do princípio do *imprinting* de Lorenz como processo da formação de vínculos afetivos (Horst et al., 2007).

Outro grande contributo para a teoria do apego foi dado por Harlow, uma vez que este mostrou que o apego não dependia da comida, que era a crença existente na psicanálise na época, (Horst et al., 2007), mas que os pequenos macacos procuravam o conforto como podemos ler em Harlow, (1958) e em Seay et al., (1962).

Hinde na sua entrevista com Horst et al., (2007), diz que foi Ainsworth quem forneceu a ligação entre o teórico que Bowlby era, com a prática de observação que ela tinha.

Igualmente Robertson que fez vários filmes onde se podiam ver as reações das crianças ao abandono e à separação. E desta maneira podemos ver que toda a teoria do apego sofreu o contributo de muitos investigadores que contribuíram bastante para que a teoria do apego se desenvolvesse e clarificasse numa teoria sólida e com boas bases (Horst et al., 2007).

Apesar de Bowlby ser o mais proeminente autor que defendia a importância da relação entre a mãe e bebê, resta salientar que muitos investigadores da sua época (anos 30, 40 e 50) também defendiam e estudavam esse impacto, como Spitz, Ferenczi, Winnicott e outros, tendo sido uma época onde se começou a dar importância para as relações entre a criança e o seu cuidador, e de como isso influenciava o seu bem-estar físico, mental e emocional (Duniec & Raz, 2011).

Poderíamos dizer que foi o surgimento de uma nova mentalidade, onde as relações e a sua importância para o desenvolvimento e bem-estar de crianças e futuros adultos se instalou, a qual permitiu melhoramentos quer na área dos cuidados infantis quer na área da psicopatologia e da saúde mental.

Foi desta maneira que nasceu a teoria do apego numa Inglaterra onde a psicanálise estava no auge e onde as teorias psicanalíticas tentavam dar as respostas para o comportamento e psicopatologia do homem. Bowlby, que era psicanalista e conhecedor da psicanálise, acabou por perceber no seu trabalho com crianças, que o ambiente no qual elas viviam ou os acontecimentos que elas tinham vivido, poderiam explicar muitas das situações e comportamentos que elas apresentavam.

A teoria do apego nasce com Bowlby e com o seu trabalho com crianças delinquentes na *London Child Guidance Clinic* durante os anos de 1936 a 1939. Conforme mencionado

anteriormente, ele procurou as respostas para tal comportamento, tendo também verificado que muitas eram incapazes de mostrar afeto, o que o levou a questionar-se acerca da possibilidade destes problemas poderem estar relacionados com a separação materna ou com uma carência de relações emocionais com os seus cuidadores nos primeiros anos de vida (Horst, Veer, & Ijzendoorn, 2007).

Este seu trabalho com crianças e adolescentes levou-o a tentar entender qual o meio em que eles viviam e como eram as suas relações familiares. Esta necessidade de perceber as razões de tais comportamentos levou-o a falar e questionar as mães e professores de forma a poder traçar um panorama mais completo e que pudesse explicar as razões de tais comportamentos (Bowlby, 1944).

Bowlby (1944) descreve-nos o procedimento usado para entender e obter as respostas para o comportamento das crianças e adolescentes, tendo-se apercebido de que existia uma complexidade das atitudes maternas para com a criança, que só acabavam sendo conhecidas após várias semanas de conversas. Ele percebeu que existia uma ligação entre o comportamento da criança e/ou adolescente e a sua relação com a mãe, sendo que, na maioria delas, tinha havido um afastamento ou separação entre a criança e a mãe, fosse por doença da criança ou da mãe, ou mesmo por morte da mãe.

Bowlby considerou que a ligação da criança à mãe era determinante para o seu desenvolvimento mental e emocional e denominou esse vínculo como apego. Ele equiparou este vínculo como uma estampagem, à semelhança do *imprinting* nos animais, e onde esse vínculo seria o resultado da evolução genética ao longo dos tempos (Bowlby, 1990).

Na natureza, vemos que os filhotes dos animais tendem a permanecer juntos de seus pais até uma idade que lhes permite seguirem por si mesmos. No entanto percebe-se que nos animais temos dois tipos de comportamento: 1) o comportamento de apego, do filhote para

com a sua mãe e 2) um comportamento de cuidar que vai de sua mãe para com o seu filhote. Ou seja, sempre que o filhote se afasta em demasia de sua mãe, esta vai buscá-lo ou faz de tudo para que ele venha até ela. Existem assim dois comportamentos, um que é do filhote e outro do seu progenitor, sendo que ambos visam a manutenção da proximidade. Ao comportamento do bebê humano que visa a sua ligação com o seu cuidador, Bowlby deu o nome de comportamento de apego e, ao comportamentos do cuidador para com o bebê, ele deu o nome de comportamento de cuidar (Bowlby, 1990).

Bowlby nos seus múltiplos trabalhos já referidos, mostra-nos a importância do apego ao longo da infância e de como esse apego influencia as atitudes e os comportamentos da criança e mais tarde do adulto. Bowlby (1990), que era conhecedor da etologia e do *imprinting*, diz-nos que o comportamento de aproximação tanto pode ser usado pela criança, como pela mãe, sendo que, quer uma quer a outra, utilizam um comportamento de aproximação de forma a se manterem juntas e próximas. Tal comportamento seria inato, mas também se desenvolveria com a interação. Este comportamento pode ser visto na maioria das espécies, quer sejam aves, quer sejam mamíferos, onde tanto a mãe quanto a cria buscam a presença uma da outra. Bowlby chamou a este comportamento que visa a proximidade, de comportamento de cuidar quando vindo do cuidador, e de comportamento de apego quando vindo da criança (Bowlby, 1990).

Segundo George e Solomon (1999), as autoras assumem, tal como Bowlby, que o sistema de cuidar é recíproco e evoluiu em paralelo como o sistema de apego. Desta maneira, o comportamento de apego interage com o comportamento de cuidar e ambos interagem um com o outro, reforçando-os ou atenuando-os de acordo com a interação. Assim sendo, ambos seriam sistemas adaptativos que se desenvolveram de maneira a garantir a sobrevivência da espécie. No entanto, se bem que o sistema de apego seja bastante conhecido, o sistema de

cuidar costuma ser pouco debatido. Segundo Bowlby, quer o sistema de apego quer o sistema de cuidar têm como objetivo principal a proteção do bebê e a reprodução da espécie. Estes sistemas são ativados sempre que alguma ameaça surja ou sempre que o bebê mostre sinais de ansiedade ou de desconforto. E inversamente, quando o bebê está tranquilo, o seu sistema de apego estará “desativado”, assim como o sistema de cuidar da figura de vinculação estará “desativado” (Bowlby, 1990).

Bowlby (1990) também nos chama a atenção para o fato de que o bebê humano sente grande prazer com o contato social e que as respostas dele aumentam de intensidade quando um adulto lhe responde e lhe dá atenção. E também nos diz que o bebê desenvolve o seu apego com aquela pessoa que lhe responde com rapidez e que interage intensamente com ele. Desta maneira, o comportamento de apego desenvolve-se não com base na necessidade de alimento como antes se pensava, mas sim com base na sua “necessidade” de interação social (Bowlby, 1990). Podemos observar que o comportamento de apego pode dever-se a duas situações distintas, mas que se complementam, uma é inata e visa a proximidade entre a cria e a mãe, e a outra que se deve à “necessidade de interação social” do bebê e à resposta do outro a essas necessidades. Nesse sentido, são fatores determinantes no desenvolvimento do apego a uma figura de vinculação: 1) a sensibilidade do adulto para responder aos sinais do bebê e 2) a quantidade e a qualidade da interação que esse adulto tem com o bebê. Ou seja, quanto maior a interação social do bebê com uma pessoa, maior vai ser o seu apego com ela. Bowlby (1990) também chama a atenção para a formação de modelos internos pela criança, os quais seriam criados pela relação e interação com o outro. Esses modelos internos serviriam de protótipos para as relações posteriores que a criança ou mais tarde o adulto venha a estabelecer.

A maioria dos bebês com três meses já conseguem reagir à sua mãe de um modo

diferente daquele que reagem a outras pessoas e normalmente, o bebê sorri e vocaliza com mais prontidão para a mãe do que para qualquer outra pessoa. E da mesma forma, o bebê reage ao afastamento da mãe com sons ou seguindo-a com os olhos, desde bem cedo.

Segundo Bowlby (1990), Ainsworth diz que o comportamento de apego está bem presente ao fim dos primeiros seis meses de vida dos bebês. E entre os seis meses e os nove meses, o comportamento de apego tornava-se bastante evidente com o bebê a apresentar comportamentos bem definidos como agarrar-se à mãe, sorrindo e gesticulando, ou tentando se aproximar dela (Bowlby, 1990; Ainsworth, 1964).

Bowlby (1990) diz-nos que o apego e o cuidar são regulados pelas emoções tais como a alegria ou a raiva e outras, as quais ativam cada um destes sistemas, sendo que as mães ou o cuidador sentem grande prazer por cuidar e proteger o bebê e entram em desespero quando não o podem fazer. Também Seay, Hansen e Harlow (1962) nas suas experiências com macacos nos falam desse desespero materno e das suas consequências tanto para a mãe, quanto para o filhote.

George e Solomon (1999) dizem-nos que estes sistemas de comportamento dependem do contexto, da idade e das experiências da criança e do cuidador. Elas também presumem que a qualidade dos comportamentos é de alguma maneira regulada pelo sistema neurológico do cérebro, sendo influenciado pela aprendizagem. Isto vem na sequência de Ainsworth et al., (1978), onde se aborda a sensibilidade materna e a resposta materna (comportamento de cuidar). As mães sensíveis foram definidas como aquelas que percebem e avaliam os sinais do bebê e que respondem pronta e adequadamente às suas necessidades.

Com o tempo, estes dois comportamentos (o de apego e o de cuidar) vão mudando e se adaptando, passando a criança a ser cada vez menos dependente do cuidador e este permitindo que ela explore cada vez mais o meio, e que o faça por si mesma. Ao longo dos

anos e da vida, podemos ver que de acordo com as circunstâncias, todos nós acabamos por apresentar ou um comportamento de apego (em situações de perdas, de separações ou de necessidades emocionais) ou um comportamento de cuidar sempre que alguém necessite de apoio ou tenha necessidades emocionais.

Mas, tal como Bowlby (1990) nos argumenta, o vínculo do apego ocorre em momentos específicos, chamados períodos sensíveis, onde as crianças até aos três anos protestam veementemente quando abandonadas pela sua mãe, mas a partir dessa idade, elas tendem a ser mais comedidas e conseguem lidar melhor com essa separação se tiverem outras fontes de interesse, como sejam outras crianças. As crianças com mais de três anos tendem a sentir-se seguras com outras pessoas conhecidas, ou mesmo com outras crianças, apesar da sua figura de apego principal continuar a ser a sua figura materna. E crianças com quatro ou cinco anos conseguem ir com pessoas “estranhas” desde que incentivadas pela sua mãe, enquanto que crianças mais novas dificilmente conseguem ir com “estranhos” sem que suas mães também vão (Bowlby, 1990).

Um outro aspecto importante prende-se com o facto de que este comportamento de apego se desenvolve e se forma sobretudo no primeiro ano de vida, sendo mais difícil apegar-se a uma nova figura de vinculação depois do primeiro ano (Bowlby, 1990). Isto nos coloca perante o facto de que muito do comportamento de apego acontece ainda antes de a criança desenvolver a fala (Beebe e Lachmann, 2002) o que traz implicações para as respostas comportamentais mais tarde na vida adulta, assim como para o processo psicoterapêutico, que normalmente não consegue aceder a estas memórias tão remotas. Ao refletirmos acerca disto, somos levados a repensar o apego e a vinculação assim como os estudos efetuados acerca deles, uma vez que normalmente se acede a comportamentos, pensamentos e sentimentos, mas não se acede às memórias iniciais que são responsáveis por esses comportamentos,

pensamentos e sentimentos.

E tal como podemos ver em Bowlby (1990), o comportamento de apego varia ao longo da vida, sendo modificado de acordo com a idade e de acordo com as relações disponíveis. Desta maneira, novas pessoas vão passar a fazer parte deste comportamento de apego, mostrando que o ser humano é um ser social por natureza, que vive e depende das relações que estabelece.

Cumpramos ressaltar também a importância da “necessidade social” que o bebê tem e usa como forma de desenvolvimento do *self* e como forma de criar modelos internos dinâmicos positivos ou negativos, quer de si, quer do outro. É com base nesta interação com a figura de vinculação que o bebê cria os modelos acerca de si, do outro e do mundo que o rodeia, os quais ele irá usar, posteriormente, para se relacionar com os outros e com o meio (Bowlby, 1993a). Percebemos então, que um aspecto relevante, é a relação que se estabelece e que se cria com o outro, relação essa que cria e desenvolve os vínculos, o apego, a vinculação e os modelos internos. Compreende-se então que as reações do bebê, ou seja, o seu comportamento de apego, assim como as reações dos seus pais e o seu comportamento de vinculação com os seus filhos, servem como formadoras de modelos internos para a criança. Com efeito, os modelos internos acerca de si e do outro são criados pela criança com base nas suas interações e relações com o outro, sendo posteriormente usados nas futuras relações que a criança ou adulto venha a ter e a efetuar (Bowlby, 1993a). Consequentemente, percebemos aqui a importância de pais cuidadores e responsáveis que interajam com o bebê de uma forma segura e harmoniosa, o que nos remete para a estabilidade emocional e psicológica dos pais, assim como para o fato deles precisarem ter um ambiente calmo e tranquilo onde possam cuidar do seu bebê.

O interessante no livro de Bowlby (1990) é que as observações de bebês, mesmo com

dias de idade, mostram que eles são aquietados por interação social, por serem pegados ao colo, por falarem com eles, por serem acariciados e demonstram grande prazer por observarem pessoas movimentando-se à sua volta. As respostas do bebê como balbuciar e sorrir, aumentam de intensidade quando um adulto lhes responde, quer de maneira social, quer por lhe dar um pouco de atenção. No fundo, o bebê humano aparenta responder aos estímulos sociais e entra facilmente em interação social (Bowlby, 1990).

O fato dos bebês e das crianças se apegarem a outras crianças ou pessoas mostra que esse comportamento pode ser dirigido a uma figura que nada fez para satisfazer as suas necessidades alimentares, mas sim aquela pessoa que satisfaz as suas necessidades emocionais e sociais. Desta maneira, Bowlby deitou por terra a teoria existente na época de que o comportamento de apego se devia ao preenchimento de necessidades físicas, como a comida e bebida (Bowlby, 1990).

Esta necessidade de interação social, de se agarrar e de buscar o outro à sua volta, era um comportamento semelhante ao de outras espécies animais que visam estabelecer vínculos e a este comportamento ele chamou de comportamento de apego (Bowlby, 1990). A este respeito podemos ler: “O comportamento de apego é considerado uma classe de comportamento social de importância equivalente à do comportamento de acasalamento e do parental. Sustenta-se que tem uma função biológica que lhe é específica e que até agora tem sido pouco considerada” (Bowlby, 1990; pg. 194).

Como pudemos ver antes, e apesar de Bowlby desde os anos 30 ter percebido que a falta da mãe poderia estar gênese da patologia, ele enfrentava o problema de como explicar como essa falta afetava e estava na gênese da psicopatologia. Foi então na etologia e com a estampagem, que ele encontrou a explicação para o comportamento de apego. Na etologia e a nível biológico, o apego encontra-se na maioria das espécies animais, sendo um instinto

presente em muitas espécies animais e onde esse vínculo se torna vital para a sobrevivência das espécies. Este comportamento biológico, que visa manter a proximidade com os progenitores, visa obter segurança e conforto, permitindo também que os indivíduos tenham condições para explorarem o meio (Gleitman, 2007). Nessa linha, Gleitman (2007) afirma que: “Enquanto que a maior parte dos peixes e répteis põem ovos às centenas e depois os abandonam, as aves e os mamíferos têm menos descendentes mas mostram uma forte vinculação relativamente a eles” (pg. 579).

Podemos observar que a natureza, e as espécies que nela habitam, encontraram os meios que lhe permitem sobreviver e prosperar. E quando se trata do ser humano, podemos pressupor que ele também desenvolveu os meios necessários à sua sobrevivência e prosperidade. Assim sendo, o apego pode ser visto como um comportamento inato e instintivo que fomenta o vínculo e a ligação quer do bebê com sua mãe quer entre os seres humanos. Como referência podemos ler: “À medida que amadurecemos, entramos em contacto com o sistema de regras sociais que nos une, não só à família, mas também a um universo social mais vasto.” (Gleitman, 2007: 786) e também “Os seres humanos não são seres solitários: somos intrinsecamente sociais e a tendência para interagir com os outros é inata. Isto é verdade para a maior parte das outras espécies” (Gleitman, 2007: 597).

Por outro lado, podemos ver que a questão do apego era uma questão que nos anos 30 nem se colocava pois como Bowlby relata, foi só em 1938 que Freud descreve o vínculo à mãe como “único, sem paralelo, estabelecido de forma inalterável, o primeiro e o mais poderoso objecto de amor, e o protótipo das outras relações amorosas, para os dois sexos” (Guedeney & Guedeney, 2004, pg. 56). E mesmo Anna Freud toma o partido de Bowlby, de considerar importante o apego do bebê com sua mãe, devido à sua experiência de enfermeira. Também Guedeney & Guedeney (2004) nos dizem que Charlotte Buller já tinha observado a

respostas dos bebês às vozes e rostos à sua volta, e igualmente Thérèse Benedeck tinha verificado que os bebês sentiam necessidade de serem pegados ao colo e que se falasse com eles. Por outro lado, também Balint pensava que ser amado era uma necessidade primária (Guedeney & Guedeney, 2004).

Quando juntamos todas estas ideias, percebemos que de alguma maneira, o apego era uma situação natural quer no mundo animal, quer entre os seres humanos e que esse apego apesar de sempre ter feito parte das vidas dos seres humanos, podemos inferir que apenas ainda não tinha sido compreendida a sua função e a sua importância para o desenvolvimento mental e emocional dos seres humanos. Graças a todos estes investigadores e pesquisadores, e graças aos seus trabalhos e suas pesquisas, o apego e as consequências da sua ruptura, passaram a fazer parte do conhecimento da humanidade.

No entanto, e apesar de muitos investigadores nos anos 60 advogarem a importância da mãe, também surgiram muitas críticas a essa importância, e mesmo Harlow concluiu que os pares eram tão ou mais importantes do que as mães para o desenvolvimento emocional dos macacos, e segundo ele, para outros primatas (Vicedo, 2011).

Não podemos esquecer que a teoria da vinculação nasce no pós Segunda Guerra Mundial e num país devastado pela guerra e com uma grande quantidade de crianças órfãs e ou separadas de suas mães, onde a palavra de ordem era a recuperação da guerra. Nessa época, as crianças que iam para o hospital devido a doenças ou necessidade de cirurgia, ficavam sozinhas (separadas dos seus pais), pois não era permitida a presença dos seus pais devido ao medo de infeções e também devido à crença existente em médicos e enfermeiras de que os pais perturbavam emocionalmente as crianças devido às suas reações aquando da partida dos pais (Alsop-Shields & Mohay, 2001).

As comunicações e divulgações de pesquisas de outros investigadores tiveram um

grande papel nesta recuperação do pós-guerra, uma vez que existiram vários fatores que contribuíram bastante para a divulgação das ideias de Bowlby e sobretudo acerca de como lidar com as crianças que tinham sofrido as consequências dessa guerra, como a perda de casa, perda de pais, ou mesmo as crianças advindas dos campos de concentração. O relatório de Bowlby para a Organização Mundial da Saúde foi fundamental para a divulgação das ideias de Bowlby e sobre a importância do apego e as consequências da separação. O conhecimento das descobertas de Lorenz e de Tinbergen no campo da etologia deram as justificativas que Bowlby procurava para fundamentar a sua teoria. De igual modo o trabalho de Harlow com macacos foi mais uma prova e comprovação das ideias de Bowlby, ajudando a que as suas ideias encontrassem bases de sustentação e pudessem ser fundamentadas e desenvolvidas.

Também como vimos anteriormente, a comunidade dos EUA foi abalada por Spitz e pelo seu filme *Grief: A Peril in Infancy* em 1947, no qual ele mostrava as consequências da separação da criança do seu cuidador e o mesmo acabou por acontecer na Inglaterra em 1955 com Robertson e o seu filme *A Two-year-old Goes to Hospital*. Ambos os filmes mostraram as consequências da separação da mãe que as crianças sofriam e ambos abalaram as comunidades científicas da época, iniciando-se um grande debate e mais pesquisas acerca do tema (Van der Horst, 2011).

A observação de crianças separadas de suas mães no hospital e no sanatório levou a que Robertson quisesse fazer algo mais do que apenas estudar e compreender a situação. A situação levou-o a fazer vários filmes onde mostrava as consequências dessa separação para o bem estar da criança, filmes esses que abalaram quer a comunidade científica da época quer a comunidade médica o que levou ao repensar das políticas hospitalares e de cuidar de crianças (Van der Horst, 2011).

Por outro lado (Bretherton, 1992), fala-nos acerca do percurso de Bowlby e de Ainsworth e das experiências que contribuíram para o desenvolvimento da teoria da vinculação. Ou seja, Bowlby criou e desenvolveu a teoria da vinculação com base nos conceitos da etologia, cibernética, psicologia do desenvolvimento e da psicanálise, acabando por revolucionar a mentalidade da época, mostrando também a importância dos laços com a mãe e as consequências do seu rompimento, privação e perda. Já por outro lado, Ainsworth testou na prática a teoria de Bowlby, expandindo-a, e trazendo-nos o conceito de figura de vinculação como sendo o de uma base segura, que daria a segurança e confiança para a criança explorar o mundo. Ela também nos trouxe o conceito de sensibilidade materna que seria a capacidade que a mãe teria para perceber e responder aos sinais da criança (Bretherton, 1992).

Capítulo 2 – Formação do Apego

2.1. Definições e Dinâmicas do Apego

Começamos com as palavras de Bowlby (1990): “Dizer que uma criança é apegada ou tem um apego por alguém, significa que ela está fortemente disposta a buscar proximidade e contato com uma figura específica, principalmente quando está assustada, cansada ou doente” (pg. 396).

Segundo Bowlby (1990), os seres humanos nascem com um sistema psicobiológico (o sistema de comportamento de apego) o qual seria inato, e o qual motivaria o bebê a procurar a proximidade de alguém que o apoie (em caso de necessidade) ou que interaja com ele. Este sistema teria evoluído ao longo da evolução humana e estaria na base das funções reguladoras como sejam a proteção contra ameaças e o alívio de estresse, aumentando dessa forma a sobrevivência da espécie. E apesar deste sistema ser mais importante nos primeiros anos de vida, ele estaria sempre presente ao longo da vida (Bowlby, 1988).

Este sistema de apego está presente em numerosas espécies animais tal como Tinbergen, Lorenz, Harlow e outros investigaram, e a espécie humana não seria exceção. E tal como Bowlby (1990) registra, atitudes como chorar, sugar, agarrar, sorrir, balbuciar, e outras, podem ser vistas nos primeiros tempos após o nascimento. Estes tipos de comportamentos numa primeira fase são dirigidos a qualquer pessoa ou criança que interaja com o bebê e daí o fato de Bowlby ter falado que este tipo de comportamento, mesmo sendo inato, ele também representa uma necessidade social, mostrando que o ser humano é por natureza um ser social.

No entanto, o comportamento de apego apesar de ser inato, também é adquirido, uma vez que ele seria o produto (resultado) da interação da dotação genética com o meio-ambiente (Bowlby (1990). Este comportamento de apego sofreria assim a influência não só daquilo que foi herdado, mas também, e sobretudo a influência das diversas interações sociais. Bowlby

também nos chama a atenção para o fato de que o comportamento humano é variável e que difere de cultura para cultura, apesar de existirem características comuns.

Nesta linha de raciocínio, Bowlby fala de protótipos que seriam estruturas ou sistemas simples, de onde surgiriam então formas mais complexas e mais adaptadas à realidade que se vive. E no caso do apego, que é bem evidente na infância, ele seria um protótipo que caracteriza os seres humanos desde o berço até à sepultura (Bowlby, 1990). Segundo ele, os bebês desenvolvem um maior apego com as mães que respondem pronta e adequadamente aos seus sinais e que se empenham numa forte interação social com eles.

Porém, a formação do tipo ou modelo de comportamento de apego depende do tipo de interação que o bebê tem, e essa interação depende da sensibilidade do seu cuidador. E é a quantidade e qualidade da interação que o cuidador estabelece com o bebê que forma o tipo de vínculo que esse bebê estabelece com o seu cuidador (Bowlby, 1990). Por outro lado, os modelos internos, crenças e ideias que o bebê desenvolve, quer acerca de si, quer acerca dos outros, devem-se a uma repetição das interações com o cuidador e das respostas deste (Bowlby, 1990; Beebe & Lachmann, 2002).

Mas, poderíamos perguntar: o que é o apego e o comportamento de apego? Assim como poderíamos nos indagar sobre o que é o vínculo, a vinculação e o comportamento de vinculação? E o que é o comportamento de cuidar? Para esse efeito, vamos definir esses termos antes de adentrarmos na formação do apego em si.

Para efeito deste trabalho podemos referir-nos à definição de Almeida, Esteves, e Castro (2013) que dizem: “Apego é o sentimento do bebê em relação aos pais, na medida em que ele sente neles a base segura para explorar e conhecer o mundo à sua volta, o sentimento dos pais em relação ao filho é expresso por vínculo afetivo.” (pg. 730). No relacionamento do bebê com a figura de apego, a segurança e o conforto experimentados, na e pela sua presença,

permitem que essa figura de apego seja usada como uma “base segura”, a partir da qual poderá se explorar o resto do mundo (Bowlby, 1990).

Por outro lado, Mercer (2006, pg. 2) dá-nos a definição de apego como “the emotional ties that exist between human beings and guide their feelings and behavior”. Ou seja, ele considera que o apego se refere aos laços emocionais que existem entre os seres humanos os quais guiam os seus sentimentos e comportamentos. Podemos então definir o apego como o vínculo emocional que liga a criança a seus pais, vínculo esse que guia os seus sentimentos e comportamentos.

Quando complementamos estas definições com as definições de dicionários online, podemos encontrar, para a definição de apego, definições semelhantes. Por exemplo o Aulete (2017) diz: “1) Dedicção obstinada; 2) Afeição, afeto”. Já o Michaelis (2017) diz: “1) Sentimento de afeição, afeto e estima. 2) Grande afincio e tenacidade”. Quanto ao Aurélio (2010) ele diz: “1) Aferro, pertinácia, tenacidade, afincio; 2) Inclinação afetuosa; afeição”. Por outro lado o Editora (2017) diz: “1) ato ou efeito de apegar 2) sentimento que une uma pessoa às pessoas ou coisas de que gosta; ligação forte; afeição; apeçamento; 3) tenacidade”. O Priberam (2017) diz: “1) Apeçamento; 2) Afeição”. Podemos então depreender que o apego é uma característica pessoal e subjectiva que leva o bebê ou o indivíduo a ligar-se ao outro e que existem sentimentos e emoções nessa ligação.

Uma vez compreendida a definição de apego, é relevante também definirmos o comportamento de apego. Quando olhamos para a definição de comportamento de apego podemos ler: “O apego se limita, então, ao comportamento dirigido a alguém considerado mais capaz de fazer frente à situação, enquanto cuidar especifica o comportamento complementar para com alguém considerado menos capaz de assim agir” (Bowlby, 1990, pg. 401).

Percebemos então que o comportamento de apego é inerente e indissociável do apego e modelado por esse apego. Podemos então dizer que o comportamento de apego é definido como todo o comportamento que a criança manifesta em direção ao seu cuidador. Ou seja, é o comportamento da criança em busca do seu cuidador. Bowlby (1990) diz: “O comportamento de apego é considerado uma classe de comportamento social de importância equivalente à do comportamento de acasalamento e do parental. Sustenta-se que tem uma função biológica que lhe é específica e que até agora tem sido pouco considerada” (pg. 194). E também:

[...] o comportamento de apego é visto como aquilo que ocorre quando são ativados certos sistemas comportamentais. Acredita-se que os próprios sistemas comportamentais se desenvolvem no bebê como resultado da sua interação com o seu meio ambiente de adaptabilidade evolutiva e, em especial, de sua interação com a principal figura nesse meio ambiente, ou seja, a mãe. Sustenta-se ainda que a alimentação e o alimento desempenham um papel apenas secundário no desenvolvimento desses sistemas. (Bowlby, 1990 pg. 194)

[...]

Na maioria das espécies, os jovens mostram mais de um tipo de comportamento que resulta em proximidade entre eles e a mãe. Por exemplo, o chamado vocal de um jovem atrai a mãe para junto dele, e seus movimentos locomotores levam-no para perto dela. Como ambos os tipos de comportamento, assim como outros, têm a mesma consequência, ou seja, a proximidade, é útil contar com um termo geral que abranja a todos; e para esse fim é usado “comportamento de apego” (Bowlby, 1990 pg 196).

Ademais, podemos ler uma definição geral sobre o comportamento de apego em Bowlby (1990), nos seguintes termos: “O comportamento de apego foi definido como a busca e a manutenção da proximidade de um outro indivíduo” (pg.209).

O apego ou necessidade de se apegar ou vincular ao outro, é uma característica e um comportamento que podemos observar nos animais e também nos seres humanos. Estamos assim perante um vínculo ou ligação que se estabelece entre os animais ou entre os seres humanos e que tem um caráter de segurança e de sobrevivência. Para a definição de vínculo, Almeida et al. (2013) dizem o seguinte: “o sentimento dos pais em relação ao filho é expresso por vínculo afetivo” (730). Já por outro lado Pichon-Rivière (1980) define vínculo como “la manera particular en que un sujeto se conecta o relaciona con el otro o los otros, creando una estructura que es particular para cada caso y para cada momento” (pg. 22), o que nos leva para as relações e para o comportamento que o indivíduo tem e estabelece com os outros à sua volta. Pichon-Rivière (1980) também diz:

El vínculo es una cosa diferente que incluye la conducta. Podemos definir el vínculo como una relación particular con un objeto; de esta relación particular resulta una conducta más o menos fija con ese objeto, la qual forma un *pattern*, una pauta de conducta que tiende a repetirse automáticamente, tanto en la relación interna como en la relación externa com el objeto. (pg.35)

Já quando consultamos diversos dicionários online podemos encontrar significados semelhantes. O Aulete (2017) diz: “1) Aquilo que liga ou ata duas ou mais coisas; 2) O que liga duas ou mais pessoas”. Por seu lado o Michaelis (2017) define: “1. O que ata, liga ou aperta; atadura, liame, nó; 2) O que estabelece uma relação lógica ou de subordinação; 3) O que liga afetivamente duas ou mais pessoas; relação, relacionamento”. Já o Editora (2017) diz: “1) tudo o que serve para prender ou atar; atilho; laço; nó; vincilho; 2) ligação entre pessoas estabelecida por lei, como é o caso da filiação, do casamento, dos contratos laborais, etc. 3) ligação moral ou afetiva; relação; liame”. E o Priberam (2017) diz: “1) Liame; vincilho; 2) Laço; atilho; nó; 3) Tudo o que ata, liga ou aperta; 4) Aquilo que liga ou

estabelece uma relação”. Percebemos o vínculo como algo que une ou que implica a existência de uma ligação ou relação.

Já quanto à definição de vinculação, o dicionário Michaelis (2017) assim como o Aurélio (2010) dizem-nos: “Ato ou efeito de vincular(-se)”. Já o Aulete (2017) diz: “Ato ou efeito de vincular(-se), de ligar(-se) por vínculo”. Por outro lado, Priberam (2017) define vinculação como: “Ato ou efeito de vincular ou de se vincular.”. E o Editora (2017) define: “ato ou efeito de vincular(-se); formação de vínculo”. Portanto, podemos definir vinculação como o ato de se ligar ou de estabelecer vínculo com algo ou alguém. Percebemos que vinculação implica formar vínculos ou ter vínculos e que isso implica uma relação. Diferentemente do apego, que implica um sentimento ou emoção do bebê ou do indivíduo para com algo ou alguém, e dessa maneira tem um carácter subjetivo e relativo ao indivíduo, a vinculação tem um carácter relacional ou de estabelecimento de uma relação.

Assim sendo, consideramos que o comportamento de vinculação é o comportamento do cuidador em direção à criança ou a outra pessoa de forma a manter um vínculo ou relacionamento com ela. Sobre este tema leia-se:

O comportamento de recuperação de uma mãe primata consiste em recolher o bebê em seus braços e aí conservá-lo. Tendo um resultado semelhante ao comportamento de apego do bebê, é provavelmente melhor compreendido em termos análogos — ou seja, como sendo mediado por um certo número de sistemas comportamentais cujo resultado previsível é a manutenção da proximidade do bebê (Bowlby, 1990 pg. 257).

[...]

Assim como o resultado previsível do comportamento materno de recuperação é semelhante ao do comportamento de apego do filho, também são semelhantes os processos que levam à seleção das figuras para as quais são dirigidos os

comportamentos de recuperação e de apego. Do mesmo modo que o comportamento de apego de um bebê passa a dirigir-se para uma determinada figura materna, também o comportamento de recuperação da mãe é dirigido para um determinado bebê (Bowlby, 1990; pg. 257).

Além do comportamento de vinculação, faz-se necessário também referi-nos ao comportamento de cuidar que, de modo geral, é o comportamento que visa cuidar e proteger o outro. Ele pode ir de pais para filhos, ou de irmãos para irmãos, ou de alguém para alguém (conhecido ou desconhecido), independentemente desse alguém ser familiar ou não. Este comportamento visa cuidar e proteger os da sua espécie, podendo no entanto estender-se à proteção de outros de outras espécies. Bowlby (1990) diz:

Em contraste, existe um outro comportamento instintivo que é estruturado de tal modo que ordinariamente preenche uma função de benefício óbvio para um outro indivíduo, embora sem benefício para aquele que o desempenha. Um exemplo disso é o comportamento de cuidar, que os pais dirigem a seus filhos. Outros exemplos incluem o comportamento de ajuda do indivíduo a outros semelhantes além da prole, especialmente irmãos, sobrinhos e sobrinhas e, algumas vezes, primos. Em todos os casos, o comportamento é facilmente inteligível em termos de sobrevivência dos genes (p. 141).

Com estas definições, passamos a considerar a formação do apego. Tal como já vimos anteriormente, o apego seria o comportamento do bebê ou criança dirigido ao seu cuidador em busca de conforto e segurança. E é nesta busca de conforto e segurança, e também de interação social, que se formam os modelos de comportamento que a criança vai desenvolver e que ela vai usar ao longo da vida. Resta salientar que os modelos de apego se formam nos primeiros anos na interação com o cuidador:

Há grande evidência de que durante o primeiro ou segundo ano a estabilidade do padrão de apego até agora descrito é mais uma propriedade do par do qual a criança é um parceiro do que da sua própria organização comportamental. À medida que os meses passam, entretanto, a organização interna do apego, com seu modelo de funcionamento da figura de apego, torna-se ainda mais estável (Bowlby 1990, pg. 387).

Por outro lado, Bowlby (1990) também nos fala de uma fase sensível no início da vida aquando da formação do apego e que após esse período, fica mais difícil para a criança desenvolver outro tipo de apego. Ou seja, após a formação de determinado comportamento de apego durante o período sensível, esse tipo de apego tende a persistir, sendo mais difícil de ser modificado.

Mas, como sabemos, o tipo de apego que se desenvolve resulta da interação da criança com os seus cuidadores e da qualidade dessa interação. Desta maneira, a qualidade da interação que o adulto tem com a criança torna-se assim evidente, uma vez que é ele adulto quem interage com ela. E a maneira como o adulto interage e trata a criança depende da sua personalidade, das suas ideias a respeito de bebês e de como lidar com eles, assim como das suas próprias experiências que teve na sua família de origem (Bowlby, 1990).

Quando a mãe é receptiva para os sinais do filho e responde a eles pronta e adequadamente, a criança desabrocha e o relacionamento desenvolve-se de maneira feliz. Quando a mãe não é receptiva, ou não responde de forma a dar à criança o que ela quer, mas, ao contrário, alguma outra coisa que não a desejada, as coisas não caminham bem (Bowlby 1990, pg 379).

Percebemos então, que o apego se forma nos primeiros anos de vida e que dura toda a vida. Ele é formado pela interação da criança com o adulto e também pela interação do adulto

com a criança. E com esta interação, a criança aprende a formar uma representação mental de si e do outro, assim como aquilo que pode esperar dele. Bowlby (1990) afirma que: “Todos esses processos têm sua origem durante os primeiros três anos de vida e, além disso, todos eles são mobilizados, desde os primeiros dias, na organização do comportamento de apego” (pg 379).

Nós podemos ver que é na relação que o apego se desenvolve e isso tem sido falado por Bowlby assim como por outros autores. Por exemplo, em Bowlby (1990), como acabamos de ver, isso ficou bem claro. E o mesmo também foi dito e repetido por (George & Solomon, 1999) que nos dizem que o bebê tem um enorme poder para desencadear e ativar a vinculação materna. No entanto, também Bowlby (2005) diz-nos que o comportamento de apego como sistema organizado, tem a função de manter a proximidade ou a acessibilidade de uma figura materna, e exige que a criança desenvolva a capacidade cognitiva de manter a sua mãe na sua mente quando ela não se encontra presente. Esta capacidade desenvolve-se no segundo semestre de vida, e a partir dos nove meses de idade a criança passa a reagir ao estranho através de choro e protesto, assim como através da sua rejeição. Ou seja, é nestes primeiros meses que a criança desenvolve representações mentais e modelos de trabalho acerca de seus pais e da sua disponibilidade, ou não, assim como acerca de si mesma (Bowlby, 2005).

De acordo com a teoria do apego, este tem quatro características distintas e que são visíveis no comportamento em direção à figura de apego: 1) procura e manutenção da proximidade física, 2) procura de ajuda e conforto (porto seguro), 3) estresse da separação, e 4) uso da figura de apego como uma base segura para explorar o ambiente (Hazan, 2003). Também (Hazan & Selcuk, 2015) nos dizem que as dinâmicas do apego têm quatro componentes ou fatores: a manutenção de proximidade, um porto seguro, ansiedade se separação e uma base segura. E todos estes componentes ou fatores visam o controle

emocional e a sobrevivência do bebê. E a maneira como ele reage e se sente depende apenas da sua percepção da disponibilidade da sua figura de apego estar ou não disponível e de estar ou não disponível para as suas necessidades. E é esta interação bebê cuidador que faz com que o apego se desenvolva e se estruture.

Para além destas quatro características do apego, podemos também observar três situações quando da separação. Estas situações ou comportamentos identificados por Bowlby, Robertson e Rosenbluth (1952) aquando da separação foram: 1) protesto, caracterizado pelo choro, agarrar-se, e ansiedade, 2) o desespero, onde surge a inatividade, a depressão, as perturbações do sono e a redução do apetite, 3) a negação ou o desligamento onde a criança não quer mais relacionar-se com a sua figura de apego, finge desconhecê-la ou a ignora.

No entanto, o apego como fruto da interação, acaba por ser afetado pela relação e essa relação também afeta ambos os intervenientes, como afirma Bowlby (1990):

Assim como muitos outros tipos de relacionamento social o relacionamento pais-filhos é complementar. Dessa forma, em geral o comportamento de uma mãe é bem diferente daquele do seu filho. No entanto, no curso natural dos eventos, o comportamento de um é o complemento do comportamento do outro. Isto nos traz de volta ao apego. (pg. 401)

Como Bowlby (1988, 1990), Harlow (1958, 1962), Vygotski (1979, 1984), Wallon (1966) e muitos outros nos falam, o desenvolvimento humano e cognitivo, a construção da linguagem, o conhecimento, a subjetividade, o conhecimento de si, do outro e do mundo, acontecem pelas múltiplas interações que o bebê estabelece desde o nascimento, com outros indivíduos, o que estrutura todo o conhecimento e desenvolvimento nas diversas áreas do ser humano. Não podemos esquecer que Bowlby (1990) nos diz que o ser humano é um ser social e onde o carinho, o conforto e o amor são necessidades básicas (Harlow, 1958).

2.2. Apego Pré-natal

Quando nos debruçamos sobre a vinculação, ou melhor, sobre o comportamento de vinculação, percebemos que ele pode começar bem cedo, tal como Brazelton e Cramer (1991) nos dizem. Segundo eles, a vinculação pode começar logo no desejo da mãe em ter um filho através das suas fantasias e trabalho de preparação para a gravidez. E com a ultrassonografia, que torna visível o feto, estabelece-se um relacionamento mais real e verdadeiro com o bebê. Ou seja, os pais passam por três fases, a do bebê imaginário antes da sua concepção, para a fase do bebê (feto) em gestação e crescimento, e finalmente para a fase de o terem nos seus braços. Desta maneira, podemos perceber que o apego materno não pode ser visto unicamente no pós nascimento, pois certamente que o bebê mesmo antes de nascer, já responde e já se relaciona com a sua mãe, reagindo às suas falas, aos seus movimentos e ações.

Também Cranley (1981) já nos dizia:

[...] evidence suggest that attachment begins during pregnancy as a result of dynamic psychological and physiological events. There is a qualitative change in the mother's relationship with her infant at the time of birth, but by no means is it the beginning of their relationship. (p. 281)

O autor também nos define o apego materno fetal como: “the extent to which women engage in behaviors that represent an affiliation and interaction with their unborn child.” (p. 282).

Por outro lado, também (Ruschel, Fassini, Azevedo, Paiani, & Zielinsky, 2013), que mediram o apego materno fetal e a ansiedade, verificaram que o apego materno fetal vai aumentando ao longo da gravidez. Por outro lado, Ruschel, P., Zielinsky, P., Grings, C., Pimentel, J., Azevedo, L., Paniagua, R., et al. (2014) mostraram que esse apego também

aumenta após um diagnóstico de malformação de cardiopatia fetal. Percebemos então que o apego materno fetal não só se desenvolve e aumenta ao longo do tempo, como também na medida em que aumenta a preocupação com o bem-estar do feto (ou do outro).

Estas informações seguem o que Piccinini, Gomes, Moreira, & Lopes (2004) já tinham demonstrado, de que as mães procuram oferecer uma identidade ao bebê, atribuindo-lhe expectativas e sentimentos para além de interagirem com ele, servindo assim como prelúdio para a relação mãe-bebê que se vai estabelecer no pós-parto. No entanto, o que os autores nos dizem é que os pais constroem uma individualidade para o futuro bebê, incluindo seus comportamentos e temperamento, o que acaba por formar nesses pais um padrão de interação precoce, que tende a continuar depois do parto.

E seguindo esta ordem de ideias, nós podemos ler em Schmidt e Argimon (2009) que existe uma relação entre o padrão de vinculação dos pais e o apego materno fetal, onde gestantes com vinculação segura são fortemente apegadas aos seus fetos, contrariamente às gestantes com estilo de vinculação evitativo, as quais apresentavam um fraco apego pré-natal. Também segundo os autores, as gestantes que tinham uma vinculação segura viviam apenas com o pai do seu bebê e tinham um apego materno fetal elevado, enquanto que as gestantes com padrão evitativo viviam com o pai do seu bebê e outros familiares e apresentavam um apego materno fetal médio.

Por outro lado, também Borsa e Dias (2007) discorrem acerca das diversas problemáticas e alterações que ocorrem na mãe e entre ela e o seu bebê, quer na sua gestação quer no período do puerpério. Os sentimentos, expectativas e as mudanças que ocorrem na mulher podem trazer à tona muitos sentimentos que por vezes são opostos entre si. E a maneira como a mulher vive este período e as suas expectativas, assim como as expectativas da família, acabam influenciando a maneira como ela vive e desenvolve o seu apego materno

fetal.

A este respeito, trataremos um pouco mais na próxima seção assim como na seção relativa a transmissão geracional e intergeracional do apego, assim como ao longo deste trabalho, onde podemos perceber que as nossas expectativas dependem dos nossos modelos internos e tendem a moldar as nossas relações, que por sua vez moldam os comportamentos dos outros e os seus modelos internos e de interação, que eles têm e desenvolvem.

2.3. Tipos de Apego: Os Quatro Tipos de apego

Como é do nosso conhecimento, o apego depende da interação que o bebê forma com o seu cuidador. É essa interação que desenvolve o respectivo relacionamento e comportamento, evidenciando a importância da sensibilidade materna na formação do tipo de apego do bebê, conforme já mencionado anteriormente e que iremos também continuar a desenvolver ao longo de todo este trabalho.

Os padrões de apego foram descobertos por Ainsworth (Ainsworth, 1964; 1979; Ainsworth et al., 1978) que desenvolveu a metodologia chamada *situação do estranho* com a qual se tornou possível identificar com relativa facilidade os padrões de apego das crianças. Como sabemos, estes padrões são profundamente influenciados pela maneira como os pais (ou outras figuras) tratam a criança, uma vez que é através desta interação que a criança desenvolve os seus modelos internos (representações) de que o outro está ou não disponível e se pode contar ou não com ele.

Ainsworth et al., (1978) identificaram três padrões de resposta que as crianças de um ano tinham na *situação do estranho*. Assim foram criadas três categorias: A; B e C nas quais as crianças eram identificadas. Os três padrões principais que os pesquisadores identificaram foram: O padrão seguro (categoria B) no qual a criança está confiante de que o seu familiar ou

figura de apego vai estar disponível, sensível aos seus apelos e necessidades, e pronto para ajudar caso a criança venha a encontrar alguma situação adversa ou ameaçadora. Com esta certeza, a criança tem confiança quando das suas explorações do mundo. Esta atitude é promovida pelos pais nos primeiros anos de vida quando eles estão disponíveis e sensíveis para as necessidades e sinais da criança proporcionando proteção, conforto e respostas amorosas (Bowlby, 2005). Segundo Main e Solomon (1990), estas crianças dão mostras de sentirem a falta dos seus pais após a separação, saúdam com alegria a sua volta e posteriormente retornam para as suas brincadeiras.

Já o segundo padrão, também chamado de apego ansioso ambivalente/resistente (Grupo C), é aquele na qual a criança apresenta estresse quando da separação e agarra-se bastante ao cuidador quando ele volta, sendo difíceis de consolar. A criança também tem um comportamento que alterna entre o agarrar-se e expressões de raiva (Landa & Duschinsky, 2013). De sua parte Bowlby (2005) diz-nos que a criança não tem a certeza se o seu cuidador vai estar disponível ou se vai responder ou ajudar quando ela precisar. Devido a esta incerteza, a criança vai estar sempre com ansiedade de separação, tende a ficar agarrada ao seu cuidador e fica ansiosa quando pensa em explorar o mundo. Este padrão, onde o conflito interno está em evidência, é promovido quando o cuidador está disponível umas vezes, mas não em outras, assim como devido às separações (afastamento) desse cuidador e também devido a ele usar ameaças de abandono como medida de controlar a criança (Bowlby, 2005).

O terceiro padrão é o apego ansioso evitante ou inseguro evitante (Grupo A). As crianças deste grupo apresentam pouco ou nenhum estresse quando da separação do cuidador e ignoram ou evitam o cuidador quando ele regressa (Landa & Duschinsky, 2013). No entanto, Landa e Duschinsky (2013) falam-nos de uma carta de Ainsworth para Bowlby onde esta referia o fato de ter muitas evidências de que as mães das crianças do grupo A (ansioso

evitante) não gostavam de contato físico e que era através do seu comportamento de contato que elas expressavam a rejeição. A sua teoria era que isso colocava as crianças num vínculo duplo uma vez que eles estavam programados para obterem contato e eram repelidas ou pelo menos tinham experiências negativas quando o buscavam. E desta maneira a evitação e o desligamento era uma característica do comportamento defensivo que estas crianças tinham. O conflito entre o medo, a raiva e o desejo de conforto originariam comportamentos anômalos não orientados para a busca da proximidade. Este conflito não resolvido de aproximação, afastamento e raiva são as características destas crianças (Landa & Duschinsky, 2013).

No Grupo A portanto, a criança não confia nem acredita que o seu cuidador esteja disponível quando ela procurar ou precisar de ajuda. Antes pelo contrário, ela espera ser repelida. E desta maneira, a criança tenta viver a sua vida sendo emocionalmente autossuficiente e mais tarde, pode ser diagnosticada como sendo narcisista ou como tendo um falso eu. Este padrão, no qual o conflito está mais escondido, é o resultado do cuidador repelir a criança quando esta se aproxima na busca de conforto ou proteção. E nos casos mais extremos este padrão resulta de rejeições repetidas (Bowlby, 2005).

Além destas categorias A; B e C, o que Main e Solomon (1986) descobriram nas suas pesquisas foi que algumas crianças de 12 a 20 meses que foram deixadas com um estranho durante alguns minutos, elas não saudaram o regresso da mãe e ainda deliberadamente a evitaram. As que se aproximaram da mãe, rapidamente se afastaram dela. Outras crianças voltavam a cara durante a aproximação da mãe, enquanto outras ficavam a olhar para a parede como se estivessem sendo punidas. E quando se observou o comportamento das mães destas crianças no seu relacionamento com os seus filhos, observou-se que elas pareciam “zangadas”, sem expressão, e não pareciam gostar do contato físico com os seus filhos.

Algumas usavam tons agressivos com seus filhos, outras falavam sarcasticamente com eles ou

acerca deles. E isso leva-nos a perceber que, mantendo-se longe de uma mãe assim, é a maneira da criança evitar ser tratada de uma maneira hostil de novo (Bowlby, 1988).

E segundo as palavras de Bowlby (1988), a criança e mais tarde o adulto, vai ter medo de se ligar e relacionar, seja com quem for, com medo de voltar a ser rejeitado com toda a agonia, ansiedade e raiva que isso acaba por provocar. Desta maneira, existe e forma-se um bloco maciço que impede a pessoa de se expressar, ou mesmo de sentir o seu desejo natural de um relacionamento próximo e de confiança, de busca de carinho conforto e amor que são as manifestações do comportamento instintivo. E isto explica as razões pelas quais a pessoa se relaciona como se relaciona e porque existe tanta resistência na análise psicanalítica. E a maneira como o paciente trata o terapeuta e o outro seu semelhante, vai ser similar à maneira como ele reagiu aos seus pais quando criança.

No fundo, tudo o que a criança procura, e mais tarde também o adulto, é o conforto, a segurança, o carinho e a compreensão, seja dos pais, seja do próximo. E tal como vimos antes, o ser humano é um ser social que busca o relacionamento, e quando esse relacionamento provoca dor e sofrimento, a criança ou adulto se fecha e se afasta do mundo e dos seres humanos. Assim podemos concluir que: “All of us, from the cradle to the grave, are happiest when life is organized as a series of excursions, long or short, from the secure base provided by our attachment figure(s)” (Bowlby, 1988, pg.62).

No entanto, e se bem que estes sejam os padrões mais comuns, durante o procedimento da *situação do estranho*, foram observados episódios de comportamento onde existia uma combinação dos padrões de comportamentos A e C, e onde existiam sinais de desorientação e de medo do cuidador. Porém, Egeland and Sroufe (1981) notaram que a maioria das crianças que apresentavam este tipo de comportamento se encontravam na categoria B (seguros) e a pergunta surgiu: o que poderia estar a provocar tal comportamento?

(Landa & Duschinsky, 2013).

Neste tipo de comportamento, as crianças pareciam desorientadas e ou desorganizadas. Uma das crianças parecia atordoada, outra ficou imóvel, outra apresentou esteriótipos e outra iniciava os movimentos mas parava-os inexplicavelmente. Estes comportamentos contraditórios de aproximação e evitação para com o cuidador indicam uma estratégia de comportamento desorganizada, o que não segue os padrões discutidos anteriormente. Isto mostra uma incapacidade da criança para organizar uma estratégia coerente para obter conforto junto do cuidador, estando também associada a uma libertação de hormônios de estresse (Hennighausen & Lyons-Ruth, 2011).

Este comportamento pode ocorrer em conjunto com os outros tipos de comportamentos de apego. Main e Solomon (1986) concluíram que esta forma peculiar de comportamento ocorria em crianças que exibiam uma versão desorganizada do padrão de ansiedade resistente. Algumas destas crianças tinham sido fisicamente abusadas ou negligenciadas, enquanto outras tinham uma mãe que era bipolar e tratava a criança de uma maneira errática e imprevisível, e outras mães tinham sofrido abuso sexual em criança (Bowlby, 2005).

Outra situação que também emergiu acerca destas crianças com comportamento desorganizado foi o fato de os seus pais terem perdido uma importante figura de vinculação e de não terem conseguido ultrapassar essa perda. A morte da figura de apego e a sua incapacidade de resolver esse luto, que esses pais viveram quando jovens, estaria assim na gênese do comportamento desorganizado de seus filhos (Landa & Duschinsky, 2013).

Segundo estes autores, esta situação levou Ainsworth, numa carta que escreveu a Bowlby, a colocar a hipótese, que foi mais tarde confirmada, de que o padrão desorganizado das crianças estaria relacionado com o medo inconsciente da perda que ainda existiria no comportamento

parental. No entanto, nem todos os casos se deviam a lutos não resolvidos da sua mãe. Em alguns casos as crianças tinham elas mesmas também vivido alguma situação traumática (Landa & Duschinsky, 2013).

De acordo com Bowlby (2005), uma das diferenças entre as mães de crianças seguras e as mães de crianças inseguras, é que a mãe de uma criança com apego seguro fala dos sentimentos que teve na sua infância, enquanto a mãe de uma criança insegura é incapaz de falar abertamente dos seus sentimentos de infância. Nesta sequência, nós podemos reportar-nos a George e Solomon (1996), que nos dizem que as mães que têm avaliações de si mesmas como sendo incapazes de ajudar, estão associadas a um comportamento de cuidar desorganizado. Estas autoras também nos dizem que as mães que têm representações negativas de si mesmas, tendem a criar estereótipos acerca do que é “real” e “ideal” como forma de evitarem olhar e confrontar as suas experiências passadas, deturpando a realidade e a maneira delas lidarem com os seus filhos.

O trabalho de Main destacou-se porque ela não apenas descobriu o padrão de apego desorganizado, mas percebeu a que ele se devia. Como resultado das suas entrevistas com as mães, Main encontrou profundas correlações entre aquilo que elas descreviam como tendo sido o relacionamento com os seus pais durante a sua infância e o padrão de apego que agora os seus filhos exibiam com ela (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). E esta situação mostra-nos a existência da transmissão intergeracional que trataremos mais tarde no Capítulo 4.

Em todo este assunto acerca dos tipos de apego, nós podemos ver a importância da mãe e do cuidador para o desenvolvimento saudável dos seus filhos. Porém, a mãe e/ou cuidador, como qualquer ser humano, também já teve uma infância com os seus problemas, limitações e assuntos não resolvidos, podendo estar presa no passado, em traumas ou lutos não resolvidos, tendo criado os seus modelos internos. Estas situações, certamente de uma

maneira ou de outra, continuam hoje a moldar e a controlar o seu relacionamento com os outros, inclusive com os seus filhos.

São vários os pesquisadores que nos dizem que os problemas dos pais e os problemas nas famílias se traduzem em problemas para os filhos, perpetuando-se também ao longo das gerações. Por exemplo, Cohn, Matias, Tronick, Connell e Lyons-Ruth (1986) dizem-nos que as crianças de mães deprimidas têm um maior risco de problemas de desenvolvimento, que vão desde problemas de regulação do afeto à incapacidade de terem um apego seguro assim como outros comportamentos e problemas sócio emocionais, ou mesmo acabam por terem uma baixa performance na capacidade intelectual ou desempenho acadêmico.

E no caso de mães deprimidas, elas tendem a estar indisponíveis emocionalmente e a se afastarem, afetando assim o desenvolvimento dos seus filhos. Uma vez que a criança reage e responde de acordo com a interação que recebe, mães deprimidas vão interagir menos e em pior qualidade do que mães não depressivas. E com o tempo, as reações emocionais da criança vão sendo internalizadas e irão servir para futuras avaliações e reações a novas situações (Cohn et al., 1986).

Sendo a interação social uma aquisição comportamental, as primeiras interações com o cuidador passam a ser determinantes na aquisição dessas capacidades sociais e relacionais. Desta maneira, as relações com a mãe, assim como o comportamento e reação dela, afeta as respostas e interações da criança. E como não podia deixar de ser, as emoções e comportamentos da mãe para com a criança tornam-se assim determinantes para a interação da criança, uma vez que ela interioriza não apenas os comportamentos da mãe, mas também as suas respostas e reações. Assim sendo, o que os estudos mostram é que uma interação alegre com a criança provoca nela padrões alegres e confiantes, enquanto as interações com pessoas tristes ou deprimidas provoca situações de choro, de confusão, afastamento ou de um

olhar estranho para com a mãe (Cohn et al., 1986).

No entanto, Cohn et al. (1986) descobriram que as mães deprimidas não tinham um comportamento nem emoções uniformes com os seus filhos, e muitas delas acabavam por ter um comportamento intrusivo e muitas vezes, mostraram raiva para com os seus filhos.

E como já vimos anteriormente, o padrão de apego desorganizado costuma ser um padrão comum em crianças maltratadas. Também Carlson, Cicchetti, Barnett, e Braunwald (1989), no seu estudo com crianças maltratadas, encontraram 82% de crianças com padrão de apego desorganizado num grupo de 43 pares mãe crianças. E neste estudo, eles também verificaram que o padrão desorganizado era maior em meninos do que nas meninas (67% contra 36%).

Podemos então concluir que a interação e as reações e comportamentos do adulto em relação à criança são os responsáveis pelo seu padrão de apego e pelo seu padrão relacional, assim como pela formação dos modelos internos da criança acerca de si e acerca do outro.

2.4. Figuras de Apego: Diferenças entre Pai e Mãe

Uma das situações que é sempre bom relembrar, é que o comportamento de apego se forma na interação com o cuidador. No entanto, e uma vez que qualquer criança interage com diversos cuidadores, certamente que ela vai criar e desenvolver diferentes comportamentos de acordo com a sua interação com eles: “Em um outro estudo, de Main e Weston (1981), foi constatado que durante os primeiros dezoito meses uma criança pode apresentar padrões diferentes com cada um de seus pais” (Bowlby 1990, pg 387/388).

Por sua vez Cassidy (1994) diz-nos que a criança desenvolve estratégias de regulação como um meio de responder e de reagir ao seu cuidador, sendo que essas estratégias regulam o comportamento, a cognição, os sentimentos, a memória, a percepção e a atenção. No

entanto, toda esta regulação emocional e cognitiva é influenciada pela relação de apego que a criança tem, assim como pelas expectativas que a criança tem acerca do comportamento dos seus pais para com ela (Cassidy, 1994). E da mesma maneira, também Ainsworth et al., (1978) mostraram que as crianças que tinham um apego seguro também tinham mães que tinham maior sensibilidade e que respondiam prontamente aos seus sinais e necessidades.

Por exemplo, McElwain e Booth-LaForce (2006) mostraram que a sensibilidade materna e a sua responsividade à criança durante o primeiro ano de sua vida eram importantes para que ela desenvolvesse um apego seguro. Por outro lado, Easterbrooks e Goldberg (1984) afirmaram que o envolvimento paterno estava relacionado com o desenvolvimento da criança, assim como estava associado ao comportamento de resolução de problemas da criança, demonstrando que o relacionamento paterno está mais associado com o desempenho sócio cognitivo do que com o desenvolvimento sócio emocional. Estes autores também verificaram que o papel do pai era mais importante como companheiro de brincadeira do que como cuidador. Ou seja, as características maternas estavam associadas a um apego seguro enquanto as características paternas estavam associadas ao desenvolvimento e relacionamento da criança.

No entanto, e apesar de Easterbrooks e Goldberg (1984) terem demonstrado as diferenças e importância de ambos os pais para o desenvolvimento saudável das crianças, Borsa e Nunes (2011) verificaram que existem muito mais estudos sobre a relação mãe e filhos do que estudos sobre a relação pais e filhos, mostrando que, mesmo na literatura especializada, existem concepções quanto ao lugar dos homens e das mulheres nas relações familiares e na interação parental, sendo que as mulheres acabam sendo vistas como as principais cuidadoras dos filhos e do lar. A falta de estudos acerca da relação pai filho também já tinha sido referida por Diener, Mangelsdorf, McHale, e Frosch (2002) chamando a atenção

dos diversos estudos que abordaram a importância do papel do pai para a regulação emocional da criança, tal como acontece com a mãe, e mostrando que quer a mãe quer o pai têm a mesma importância no que toca à regulação emocional da criança.

Também Cabrera, Shannon, e Tamis-LeMonda (2007) mostraram que o envolvimento paterno tinha importantes efeitos na cognição e linguagem das crianças de 24 e 36 meses, assim como sobre o seu desenvolvimento social e emocional. Em contraste com as mães, eles verificaram que o apoio dos pais é importante para a parte cognitiva, para o desenvolvimento da linguagem da criança e para a regulação emocional dela. Eles também verificaram que os pais eram menos intrusivos e forneciam maior apoio à criança. E nas situações em que os pais eram intrusivos, essa intrusão apenas tinha um pequeno impacto no desenvolvimento da linguagem, não tendo qualquer efeito na regulação sócio emocional (Cabrera et al., 2007).

Por outro lado, a intrusão materna estava negativamente associada com a regulação emocional e com o desenvolvimento da linguagem, levando os autores a concluírem que programas que visem um aumento da educação paternal e que encorajem os pais a terem um cuidado positivo seria benéfico para as crianças. Segundo os autores, estas descobertas são importantes no sentido em que elas mostram que são apenas os pais que contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças e que isso está acima dos efeitos do envolvimento materno (Cabrera et al., 2007).

As observações dos autores também revelaram a importância dos pais e também que mesmo em relação a pais de baixa renda, eles conseguem ter e fazer contribuições significativas no desenvolvimento dos seus filhos. Cabrera et al., (2007) também verificaram que os pais são tão sensíveis quanto as mães na sua relação para com a criança, o que coloca de lado a crença de que os pais são distantes e que não se envolvem. Ou seja, eles observaram que a qualidade do cuidar da criança é muito semelhante, quer pelos pais quer pelas mães. Os

autores salientam que o estudo foi feito através da observação dos pais com os seus filhos, e não através de metodologias que confiam nas mães como respondentes acerca do comportamento dos pais (Cabrera et al., 2007).

Na obra *The Importance of Fathers in the Healthy Development of Children* (Rosenberg & Wilcox, 2006), podemos observar que nos EUA, e das crianças vítimas, cerca de 60,9% foram vítimas de negligência (incluindo a médica), 18,9% foram fisicamente abusadas, 9,9% foram sexualmente abusadas e 4,9% foram emocionalmente e psicologicamente abusadas. Aproximadamente 40,8% das crianças vítimas foram maltratadas apenas pelas mães, outros 18,8% foram maltratadas apenas pelos pais e 16,9% foram abusadas por ambos os pais. Apesar da percentagem dos pais e de ambos os pais contarem para cerca de 36,8% dos maus-tratos à criança, quando olhamos o contributo da mãe e de ambos os pais nos maus-tratos à criança, essa percentagem é de cerca de 64%. Por outro lado, vemos que a presença dos pais em casa baixa os níveis de maus-tratos à criança. Para além disto, a presença de figuras masculinas e de padrastos em casa tende a criar um ambiente mais abusivo do que a presença de pais biológicos. E também aqui verificamos que a relação entre a mãe e o pai têm um papel importante na diminuição dos maus-tratos à criança.

A este respeito, os autores dizem que a influência do pai sobre a criança é indireta e tem a ver com a qualidade da relação que esse pai tem com a mãe (esposa). Ou seja, quando a relação do casal é boa, esse pai tende a passar mais tempo com a criança e dessa maneira, ela cresce mais saudável emocional e psicologicamente. Da mesma maneira, a mãe que se sente mais apoiada pelo marido, sente-se mais feliz e torna-se uma melhor mãe. Assim, o casal torna-se mais responsivo, mais afetivo, mais confiante, mais auto controlado ao lidar com os filhos, e melhores confidentes dos seus filhos, fornecendo mais e melhor apoio e suporte emocional (Rosenberg & Wilcox, 2006).

Também as crianças que têm pais (como) cuidadores têm melhores resultados escolares, têm QI's mais elevados, assim como melhores capacidades linguísticas e cognitivas. Estas crianças também são mais pacientes e lidam melhor com situações e frustrações de estresse escolar do que crianças em que os pais são mais ausentes. Esta influência paterna no desempenho acadêmico estende-se pela adolescência e início da idade adulta. Desde o nascimento, as crianças que têm um pai presente e envolvido, acabam por serem emocionalmente mais seguras, mais confiantes na exploração do ambiente e quando crescem, têm melhores relações com os seus pares, tendo menos tendências a terem problemas em casa, na escola e no bairro onde residem. De uma maneira geral, os pais tendem a promover a independência e orientação para o mundo exterior, enquanto as mães tendem a promover o cuidado e atenção para com o outro, o que no conjunto se torna importante para o desenvolvimento saudável da criança (Rosenberg & Wilcox, 2006).

Em suma, podemos observar que ambos os pais são importantes e têm papéis complementares, os quais são importantes para o desenvolvimento saudável da criança. Também podemos referir-nos a Pruett (2010), quando aborda as diferenças de casal e que nos diz que “*diferenças não são deficiências*” e que “*as relações são a solução e não o problema*”, numa alusão clara à maneira como precisamos ver e compreender as relações de casal quando queremos que as nossas crianças cresçam felizes e saudáveis.

2.5. Figuras de Apego: Figura Principal e Substituta ou Complementar

Bowlby (1990) e Ainsworth (1989) discorrem sobre a importância das relações para o apego que a criança apresenta e desenvolve. No entanto, estes mesmos autores também tratam das vinculações que a criança desenvolve com outras pessoas que não o seu cuidador, podendo elas serem outros familiares ou outras pessoas. A estas ligações de apego costuma-se

chamar de apegos secundários ou de vinculações secundárias. Ou seja, o bebê deixa de estar dependente de apenas um cuidador, mas passa a poder escolher algum outro cuidador de acordo com as suas necessidades e de acordo com as expectativas que precisam ser preenchidas. Desta maneira, o bebê não só se apega ao seu cuidador principal, mas também ao cuidador que lhe preenche as suas expectativas no momento.

São estas expectativas que ao serem internamente organizadas, formam aquilo a que se chamam os modelos internos que indicam a disponibilidade e reação do cuidador e do outro e servem para lidar e prever o comportamento desse outro ou desse cuidador. E é dessa forma que a criança, ao lidar com as suas expectativas acerca do ambiente, do outro e mesmo dela mesma, vai acabar formando modelos internos para lidar com o outro e com as situações com que se depara no seu dia-a-dia (Ainsworth, 1989).

Embora a maioria dos estudos se tenham debruçado sobre o apego do bebê a sua mãe, outros estudos mostraram que as crianças podem se apegar a uma hierarquia de figuras, incluindo os pais, os avós e os irmãos (Schaffer & Emerson, 1964), assim como a outros cuidadores, como por exemplo babás e professores (Howes, Rodning, Galluzzo, & Myers, 1988). Nessa linha, em Schaffer e Emerson (1964) podemos ler:

While an infant may show attachment towards a number of different individuals at any given time, it is unlikely that these attachments will all be of the same intensity. There will commonly be found, in other words, a hierarchy of objects, and the individual at the top of this hierarchy to whom the most intense attachment is shown may be regarded as the infant's principal object (p.32).

No entanto, e tal como Howes et al. (1988) discorrem acerca das diversas figuras de apego, percebemos que essas figuras podem compensar e preencher as falhas das relações com o cuidador principal:

If, as Main and Weston (1981) suggest, alternative and nonconcordant attachment relationships may compensate for insecure maternal attachment relationships, then it is possible for a child to be both classified as insecurely attached to the mother and appear socially competent within a child care setting (p. 404).

No seu estudo, Howes et al. (1988) encontraram o mesmo tipo de apego entre a mãe e o outro cuidador em 45% da amostra e 55% de divergência entre a mãe e o outro cuidador. Noutro estudo, que estes mesmos autores apresentam, eles obtiveram 70% de convergência entre o apego à mãe e o outro cuidador, e uma divergência de 30%. Estes resultados mostram-nos que a criança pode ter diferentes tipos de apego de acordo com o cuidador com quem se encontra, mostrando que as relações e expectativas, assim como os seus modelos internos, passam a ser importantes no tipo de apego que elas apresentam.

Os autores também dizem:

This suggests that one secure attachment relationship may at least partly compensate for an insecure attachment relationship. However, it must be noted that in both studies, and significantly so in study two, children categorized as insecure with their mothers engaged in lower levels of play with the caregiver regardless of their ratings of attachment security with the caregiver (Howes et al., 1988, p. 413).

E nós podemos também perceber aqui uma influência de um tipo de apego quer nas ações relacionais, quer mesmo no tipo de apego que a criança acaba por desenvolver com o outro cuidador. No entanto, e talvez um pouco contrário ao que seria de esperar, os autores verificaram que o apego a outro cuidador tinha mais influência nas relações que a criança tinha com os seus pares do que o apego que a criança tinha com a sua mãe. Os autores, porém anotam que este tipo de comportamento pode ter a ver com a quantidade de tempo que a criança passava com o outro cuidador, ao invés do pouco tempo com a sua mãe e dessa

maneira, o outro cuidador poderia ser o exemplo a seguir, ao invés do exemplo materno.

Por tudo o que acabamos de ver, percebe-se que a criança consegue vincular-se com o outro que não a sua figura de apego principal e isso também foi verificado por Salvaterra (2007) ao confirmar que não existiam diferenças entre crianças adotadas e crianças não adotadas, o que mostra que a criança consegue estabelecer laços de apego ou relações significativas com outras pessoas significativas, que não os seus pais biológicos, ao longo dos primeiros anos de vida. Este estudo também salienta o papel fundamental de uma figura estável para a promoção e o desenvolvimento de laços afetivos.

Também Bowlby (1990) já tinha observado que a criança tende a desenvolver um apego compensatório com outra pessoa, ou eventualmente com um boneco ou objeto com a finalidade de obter o conforto e a segurança. No fundo, podemos aqui reportar-nos a Harlow e aos seus macacos, que buscavam o conforto e segurança no boneco de pelo.

Percebemos assim a importância das relações iniciais quer elas sejam com o cuidador quer com alguém que de alguma maneira seja importante para a criança, mostrando que esta se relaciona e cria modelos relacionais com os seus pares de acordo com as aprendizagens efetuadas com uma pessoa importante para ela.

Capítulo 3 – Modelos internos

3.1. Modelos Internos de Trabalho: Modelo de Si e do Outro

Apesar de o recém-nascido estar impossibilitado de construir estruturas simbólicas a partir das interações que estabelece e participa, ele, no entanto, consegue interiorizar sequências de acontecimentos e, dessa forma, adaptar o seu comportamento à luz dessas experiências vivenciadas (Bowlby, 1990). É a partir das experiências com as pessoas que o rodeiam que o bebê cria e desenvolve modelos de relação, que o ajudam a compreender e a interpretar o comportamento dos que lhe são próximos, permitindo-lhe assim antecipar as reações deles (Guedeney & Guedeney, 2004).

Nessa linha Bowlby (1990) diz que o sistema comportamental inclui um número finito de sistemas comportamentais que estão organizados em cadeias ou hierarquias ou uma combinação de ambas, cada uma delas favorecendo a sobrevivência. O sistema de comportamento está desta maneira dependente desta organização que, por sua vez, é ativada de acordo com a sua necessidade para a sobrevivência. Ou seja, o sistema de comportamento é ativado de acordo com a necessidade e de acordo com determinados fatores ambientais que o ativam. No entanto, o que nos interessa aqui são os modelos que se criaram ao longo do tempo através da interação entre o ser e o meio-ambiente. Essa interação forma aquilo a que se chama modelos internos de trabalho (ou modelos de trabalho, ou mesmo modelos de funcionamento) uma vez que servem a pessoa e a ajudam na sua sobrevivência, entrando em funcionamento de modo automático sempre que necessário.

Segundo Bowlby(1990, 1993a, 1993b), as primeiras experiências com os cuidadores forneciam as bases para a criação dos modelos internos acerca de si e acerca dos outros, os quais serviriam como protótipos para usar ao longo da vida. Também Fairbain (1952) e Winnicott (1971), à semelhança de Bowlby, defendiam que as ligações com os cuidadores

eram os principais contribuidores e construtores para o desenvolvimento do *self* e da psicopatologia. Segundo Beebe e Lachmann (2002), Bowlby (1988; 1990) e outros, os modelos internos desenvolvem-se através das repetições de interações com o cuidador muitas vezes antes da linguagem estar presente. E quando se fala da psicopatologia, precisamos lembrar que Freud (1966) salientou a importância das perdas ou ameaças de perdas e dos desejos insatisfeitos, que criam uma situação de desamparo, assim como a influência de cargas emocionais pesadas que, ao não ser possível se nivelar e libertar, acabava por ficar estrangulada e transbordava para a inervação somática ou para traumas psíquicos.

Bowlby usou o conceito de modelo interno de trabalho (ou modelo de trabalho ou modelo de funcionamento) para designar os modelos mentais que a criança cria e desenvolve nas suas relações com o outro. Estes modelos criados através do seu relacionamento com o meio e com o outro, seriam meios de melhorar e adaptar o seu comportamento e resposta face a esse meio e, dessa maneira, aumentar a sua sobrevivência. Assim, a criança formaria modelos de comportamentos que seriam baseados na imagem que ela tinha de si e do outro. Estes modelos de si e do outro continham uma ideia e uma construção daquilo que ela pensava acerca de si e acerca do outro. Assim sendo, o pensamento e imagem acerca de si seria algo acerca de ser ou não merecedor de ser amado, ao passo que o modelo do outro teria a ver com a percepção deles estarem mais ou menos atentos e sensíveis às suas necessidades. Neste último caso, ou seja, a percepção acerca do outro também estaria incluído o fato de a criança poder confiar ou não nele, assim como o que esperar dele (Guedeney & Guedney, 2004).

No fundo, os modelos de trabalho ou modelos de funcionamento são representações e/ou expectativas que guiam o comportamento e que servem como uma base de predição e interpretação do comportamento do outro com quem a criança se relaciona. Estes modelos de

trabalho ou de funcionamento estão associados com os sentimentos que a criança tem acerca da disponibilidade do outro e que tipo de reação e comportamento esse outro tem ou pode ter.

No caso de Bowlby e da teoria do apego, estes modelos seriam construídos pela criança, onde ela desenvolve uma representação de si mesma com base na forma como foi cuidada. Este modelo acerca de si mesma pode ser um modelo de autoconfiança ou de falta de autoconfiança, o que leva a uma adaptação do seu comportamento relacional com base no seu modelo. Por outro lado, também a representação acerca do outro, se ele é de confiança ou não, e se pode ou não contar com ele, levam à criação de modelos acerca do outro que, por sua vez, vão também modelar as relações da criança com o outro (Dalbem & Dell’Aglia, 2006).

Estes modelos internos são formados pela criança desde cedo e resultam da maneira como a mãe (cuidador) se comunica e se relaciona com a criança. A criança cria modelos para cada pessoa com que se relaciona, comunica e interage durante os primeiros anos de vida, criando dessa forma estruturas cognitivas (Main et al., 1985). E a forma que estas estruturas adotam, são baseadas nas experiências de vida que a criança teve nas suas relações com os seus pais.

O que a *situação do estranho* também nos mostra é que as respostas da criança à reunião com o seu cuidador é um indicador dos modelos internos que a criança tem. Desta maneira a criança relaciona-se com o seu cuidador de acordo com os seus modelos internos, modelos internos estes que foram criados pelo seu relacionamento com ele (Main et al., 1985). Percebe-se assim que existe uma circularidade e um reforço constante dos modelos internos da criança, contribuindo para que eles se tornem estáveis e duradouros.

De outra parte, o modelo que a criança tem de si mesma vai refletir as imagens que os seus pais têm de si, imagens essas que contêm a maneira como eles a tratam e como eles falam de si. E é desta maneira que estes modelos internos controlam o que ela sente por cada

um dos pais e como ela se sente em relação a si mesma, assim como aquilo que ela pode esperar de cada um deles e de como ela planeja se relacionar com cada um deles. Estes modelos controlam quer os seus medos, quer os seus desejos do dia-a-dia. E uma vez estes modelos criados, eles tendem a permanecer e operar (controlar) num nível inconsciente a maneira como a pessoa pensa, sente e se comporta (Bowlby, 2005).

Estes modelos de trabalho ou representações mentais são formados desde cedo e normalmente com base no relacionamento com a figura de vinculação, acabando por se manter mais ou menos constantes ao longo da vida (Bowlby, 1990). Bowlby também defende que aos modelos internos iniciais se vão somar experiências e conhecimentos adquiridos e que, apesar de tudo, são possíveis adaptações e remodelações (alterações), sobretudo quando de alterações de vida, situações traumáticas, ou quando se torna possível a sua modificação, como por exemplo, durante a terapia. A mudança ou modificação dos modelos internos foi prevista por (Bowlby, 1988) e por Hazan e Shaver (1987) tendo sido confirmada por Waters, Merrick, Treboux, Crowell e Albersheim (2000), por Brehm, Miller, Perlman, e Campbell, (2002) e por Crowell, Treboux & Waters (2002).

Resta salientar um fato que, apesar de ser bastante conhecido, por vezes passa despercebido: é que estes modelos são formados bem cedo nas nossas vidas e que, segundo Beebe e Lachmann (2002), os modelos internos desenvolvem-se através das repetições de interações com o cuidador e das respostas deste – muitas das vezes ainda antes da linguagem estar presente.

E tal como Bowlby sempre falou, estes padrões de apego, uma vez desenvolvidos, tendem a persistir. E uma razão para isso é a maneira como os pais tratam a criança, uma vez que o seu comportamento tende a manter-se inalterado. Outra razão é que cada padrão de apego tende a autopropagar-se. Ou seja, o padrão de apego vai fazer com que os pais reajam

de acordo com ele, perpetuando assim esse padrão e o ciclo vai repetir-se reforçando esse padrão de apego da criança e o comportamento dos pais para com ela (Bowlby, 2005).

No entanto, e se bem que estes modelos ou padrões tendam a persistir, os estudos mostram que eles são passíveis de mudança como iremos tratar mais adiante.

3.2. Ansiedade de Separação

Como temos visto ao longo de todo este trabalho, o apego à figura de vinculação é uma característica de toda a criança, representando para ela um porto seguro onde ela pode encontrar conforto e segurança sempre que precisar. Assim sendo, podemos imaginar o que ela sente quando esse porto de abrigo ou lugar de segurança e conforto a abandona. Como não podia deixar de ser, a separação acaba por provocar o pânico e o terror da criança que sente que fica sozinha e abandonada e isso para ela acaba por representar e criar uma sensação de morte e de sem esperança. A ansiedade que o abandono provoca na criança pode ser observado em quase todas as crianças quando são separadas de sua figura de vinculação.

Robertson (Bowlby et al., 1952) identificou três fases da resposta da criança à separação: 1) protesto, relacionado com a ansiedade de separação, 2) o desespero, relacionado com a dor e o luta/perda, 3) a negação ou desligamento, relacionado com os mecanismos de defesa (Bretherton, 1992). Por exemplo, no momento da separação, o choro e os gritos eram a regra. Nesta fase, a criança fica “indomável”, em raiva e agressiva com quem a tente consolar. Esta fase pode durar dias. Depois, na fase do desespero, a criança fica na esperança que a mãe retorne e passando a interessar-se mais por si mesma. Na terceira fase, a criança nega e rejeita a mãe, parecendo ter perdido qualquer interesse por ela, ou mesmo rejeitando-a. Segundo Bowlby (1993a), a fase do protesto traz com ela a angústia da separação; o desespero coloca a questão do desgosto e do luto; e o desapego ou negação seria um meio de defesa para evitar e

lidar com o sofrimento.

O que se observa é que o regresso da mãe, após um período de hospitalização, é visto pela criança com indiferença e como se ela fosse uma estranha, e que são precisas várias horas ou mesmo dias para que a criança volte a apegar-se a ela, muitas das vezes grudando-se a ela e ficando ansiosa com medo de que ela volte a ir embora e mesmo ficando com raiva se percebe que, de alguma maneira, a mãe pretende se afastar. E esta foi a condição que Robertson e Bowlby apelidaram de desligamento ou de negação (Bowlby, 1988).

O desligamento ou a negação seriam assim meios de defesa usados para lidar com a dor da separação. No entanto, e apesar deste aparente desligamento e aparente falta de afeto, a criança, ao fim de algumas horas ou de alguns dias, volta a agarrar-se a sua mãe, mostrando-se ansiosa e com raiva sempre que perceba que ela a pode voltar a abandonar (Bowlby, 1988). Percebe-se que as emoções ficaram reprimidas e que o sistema mental bloqueia a informação, quer na totalidade, quer apenas em algumas áreas seletivas, sem que a pessoa se aperceba disso, desenvolvendo aquilo a que Winnicott (1965) descreveu como falso eu (Bowlby, 1988).

Para complementar, resta dizer que Bowlby (1988) revela que as pesquisas recentes da época mostraram que quando duas ou mais experiências negativas acontecem, elas interagem umas com as outras, multiplicando várias vezes o risco de perturbações psicológicas. E não é apenas o fato das experiências acontecerem e interagirem umas com as outras, mas também o fato de que após se ter tido uma, isso aumenta bastante a possibilidade de se voltar a ter mais. Ou seja, uma experiência negativa torna a pessoa mais vulnerável a experiências negativas posteriores, assim como cria mais probabilidades dela vir a ter essas experiências. E esta situação torna-se particularmente preocupante uma vez que uma mãe que teve uma infância com experiências negativas, e cresceu com um apego ansioso, tem tendência a levar o seu filho também a ser ansioso e a fazê-lo sentir-se culpado ou mesmo fóbico. Ela tem tendência a

negligenciá-lo, a fazer ameaças de o abandonar ou mesmo de lhe bater, com os resultados adversos que isso provoca no desenvolvimento da sua personalidade (Bowlby, 1988).

Com isto tudo em mente, nós não podemos esquecer que o importante para estas descobertas foi a observação direta das crianças e das suas mães, assim como a observação da interação entre elas. Sem uma observação cuidada, certamente que estes conhecimentos teriam passado despercebidos. E é aqui que Bowlby (1988) nos chama a atenção para esta observação cuidada e para o trabalho de Robertson, que mostrou que as crianças de 12 a 36 meses, quando afastadas de casa para o hospital ou para uma casa de acolhimento, e sendo cuidadas por pessoas estranhas e em locais estranhos, e sem que ninguém atuasse como mãe substituta, elas acabam por sentir que o cuidado ou maternagem, assim como o contacto humano, deixa de ter qualquer significado para elas. E devido aos seus pais a visitarem e irem embora, ela acaba por se desligar deles e de todos e, uma vez de volta a casa, ela vai ficar distante de seus pais durante muitos dias. A criança acaba por desenvolver este tipo de torpor (alheamento) defensivo em resposta a uma mãe que a “rejeitou”, mesmo sem que tenha havido uma grande separação (Bowlby, 1988). E nós poderíamos acrescentar que uma vez que a confiança em seus pais foi traída, ela dificilmente voltará a ser recuperada. Todo este assunto poderá ser melhor entendido mais tarde na seção do trauma.

Alguns anos depois, Bowlby ao ler um trabalho de Marris (1958), acerca de como as viúvas reagiam à perda dos seus maridos, ficou perplexo com a semelhança com as respostas que as crianças apresentavam quando da separação. Esta situação o levou a estudar a literatura acerca do luto, em particular no adulto (Bowlby, 1988). O que ele percebeu foi que o luto dura mais de seis meses em adultos mentalmente saudáveis, em vez de apenas dias como alguns acreditavam e que algumas das reações que eram vistas como patológicas, eram na verdade reações de luto saudáveis. Elas incluíam a raiva contra si mesmo e contra os outros, assim

como algumas vezes mesmo contra a pessoa falecida, o não querer acreditar que a pessoa tivesse morrido e muitas vezes uma procura, nem sempre inconsciente, da pessoa falecida na busca de se reunir com ela (Bowlby, 1988).

Portanto, a ansiedade de separação não é apenas uma situação da criança e não é tão inofensiva como se poderia imaginar. Diamond, Hicks, e Otter-Henderson (2008) mostram-nos que mesmo a separação de parceiros românticos durante alguns dias (4 a 7 dias) produz mudanças significativas neles, sobretudo naqueles que ficam em casa, naqueles que têm um apego com alta ansiedade e naqueles que têm pouco contato durante a separação. Estas mudanças alteram o afeto, provocam problemas de sono, provocam estresse subjetivo, provocam sintomas físicos e aumentam os níveis de cortisol (hormônio produzido pelas glândulas supra renais envolvido na resposta ao estresse). As suas descobertas vão no sentido de outros estudos que mostram que a figura de apego tem efeitos reguladores na fisiologia e no afeto da pessoa.

Os autores verificaram que aqueles que mantinham um maior contato durante a separação, fosse por telefone, mensagem, email ou outros meios, tiveram menos mudanças na qualidade das suas interações diárias, demonstrando que o contato pode substituir a interação face a face. Os autores também observaram que, quanto maior a duração das chamadas telefônicas, maior era a atenuação das reações apresentadas, mas isso não acontecia com outros meios de comunicação como as mensagens e emails. No entanto, todos os sintomas eram mais pronunciados nos parceiros que tinham um apego ansioso (Diamond et al., 2008).

Não estamos apenas perante uma ansiedade de separação, mas sim, e sobretudo, perante uma ansiedade de medo da perda, ou de se ser separado de alguém que se ama (Bowlby, 1988). E até aqui não se sabia porque a separação provocava ansiedade, mas ao que tudo indica essa ansiedade nada mais é do que o medo da perda ou o medo da separação. O

medo sempre aparece nas situações que a pessoa percebe como ameaçadoras ou dolorosas ou quando as situações são percebidas como tais pela pessoa. E aqui podemos nos reportar à etologia, uma vez que o homem, tal como os animais, responde com medo perante determinadas situações, uma vez que elas elicitam risco ou ameaça. E esta reação de resposta ao medo de uma possível ameaça leva a uma possível resposta exagerada, uma vez que é “a sobrevivência que está em causa”. E a separação ativa este mecanismo de sobrevivência.

E é assim que, muitas das vezes, observamos que a simples ameaça de abandono é um meio de controle bastante poderoso e bastante aterrador para qualquer um. E o mesmo é válido para qualquer ameaça de suicídio, uma vez que aumenta a intensidade da ansiedade de separação. Ademais, esta situação de ameaça de abandono não cria apenas um aumento de ansiedade, mas também provoca muita raiva (Bowlby, 1993a). E esta raiva, verbal ou física, é usada como uma tentativa de dissuasão do outro ir embora ou dele cumprir a ameaça. E como não poderia deixar de ser, toda esta situação acaba por se tornar disfuncional. Bowlby (1988) dá-nos o exemplo de Burnham (1965) acerca de um adolescente que matou a sua mãe: “I couldn't stand to have her leave me” (“Eu não podia tolerar que ela me abandonasse”).

Assim, muitas situações familiares patogênicas podem ser compreendidas à luz da teoria do apego (Bowlby, 1988). E um exemplo disto é quando a criança tem uma relação muito próxima com a sua mãe, tendo dificuldades de desenvolver um relacionamento social fora da família, condição chamada de simbiose. Na maioria dos casos, esta dificuldade da criança pode ser relacionada à mãe, que cresceu num ambiente de apego ansioso devido a dificuldades durante a sua infância e que agora quer fazer com que o seu filho seja a sua figura de apego, invertendo assim os papéis (Bowlby, 1988).

Mas, enquanto a ansiedade de separação é a resposta habitual a uma ameaça ou risco de perda de alguém que se ama, o luto é a resposta após essa perda ter ocorrido. E tal como

Bowlby (1988) nos diz, as perdas ocorridas na infância ou mesmo mais tarde na vida adulta têm um papel importante nos distúrbios mentais, sobretudo nos transtornos depressivos. E ele também nos diz que para entendermos as relações humanas, precisamos de examinar e entender quer a criação dos laços quer a quebra dos mesmos.

Um dos trabalhos interessantes a propósito da ansiedade de separação em adultos é o trabalho de Diamond et al. (2008), que estudaram as mudanças de afeto, o comportamento e as respostas fisiológicas quando da separação, devido a viagem, de parceiros românticos. Este estudo, efetuado com 42 casais durante 21 dias verificou as reações à separação de 4 a 7 dias. Eles observaram que surgiram muitas alterações, quer antes da separação, quer durante a mesma, até novamente à reunião dos parceiros. Estas alterações verificaram-se nas interações, no afeto positivo e negativo, perturbações do sono, estresse subjetivo, sintomas físicos e alterações no nível do cortisol. Eles também verificaram que as alterações eram muito mais pronunciadas no parceiro que ficava em casa, nos parceiros que tinham maior ansiedade de apego, e nos parceiros que tinham menos contato com o parceiro durante a separação. Também foi verificado que essas alterações não tinham a ver com a duração da relação, nem com a satisfação da mesma, nem com a quantidade das separações, nem com a presença de crianças em casa. No entanto, todos os sintomas eram aliviados pelo contato remoto, sendo que a conversa telefônica tinha um maior efeito na diminuição dos sintomas do que comunicação por mensagem de texto ou por e-mail.

Percebemos assim que a ansiedade de separação não é exclusiva das crianças, mas que está presente nos adultos com a mesma força e intensidade. Os autores mostraram que essa ansiedade de separação provoca também nos adultos perturbações no sono, nos níveis do cortisol, no humor, no estresse que ele vive e sente, e nas relações que o adulto tem com os outros à sua volta.

Na sequência da ansiedade de separação, resta salientar que os instrumentos que medem o apego ou a vinculação se baseiam muitas das vezes na percepção que a pessoa tem acerca de como é ou de como foi a sua relação com o outro. A título ilustrativo, veja-se Canavarro (1995), que criou a *Escala de Vinculação do Adulto* que mede a *ansiedade*, o *conforto com a proximidade* e a *confiança* no outro. Também Matos e Costa (2001) criaram o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*, que mede a *qualidade do laço emocional*, a *inibição de exploração e individualidade* e a *ansiedade de separação*. Também Hellinger (2007) discorre sobre o movimento interrompido quer em direção à mãe quer em relação à vida e ao sucesso. Todos estes autores nos falam sobre como nós vemos e sentimos a nossa relação com o outro e, mais concretamente, com os pais, e como nos comportamos em relação a eles. De algum modo, todos são unânimes em mostrarem que a maneira como nos relacionamos hoje, de alguma maneira, está relacionada com os movimentos e desejos iniciais, na infância, que tivemos em direção aos nossos pais e em direção à vida.

Desta forma, o conforto que agora sentimos, ou que não sentimos, na nossa proximidade com o outro, nada mais é do que o conforto que sentimos no passado com os nossos pais. Igualmente, os movimentos que temos hoje em direção à vida e ao sucesso são apenas uma reprodução daqueles movimentos que, quando crianças, tivemos ou que não tivemos em direção à exploração do meio ou em direção aos nossos pais. E é aqui que surge a inibição de exploração e a falta de individualidade, características de um apego inseguro. Percebemos assim a importância do apego, mas sobretudo das consequências de um apego inseguro e/ou de um relacionamento com um cuidador que não conseguiu, ou que não consegue fornecer os meios para que um apego seguro se desenvolva devido aos seus próprios problemas de infância e outras limitações que possa ter. Lembramos que infelizmente todos nós temos limitações e que os pais não são diferentes. Mas, o que convém salientar é que eles,

mesmo assim, e com as suas limitações, se disponibilizaram a dar-nos o seu melhor e a fazer o seu melhor por nós e para nós. E por isso devemos estar-lhes profundamente gratos. E se possível devemos tentar fazer melhor do que eles pois tudo o que os pais desejam (e nós também) é que os filhos façam melhor e sejam felizes. E quando os filhos fazem isso, os pais podem considerar cumprida a sua missão. E aqui podemos ver o quanto amor eles têm e o quanto amor existe na família.

3.3. Psicopatologia

Como já vimos até aqui, as relações com o cuidador e o tipo das mesmas, são as responsáveis pela formação dos modelos internos, acerca de si e dos outros. Essas relações também são as construtoras e contribuidoras para o desenvolvimento do *self* e da psicopatologia (Bowlby, 1988, 1990; Fairbairn, 1952; Winnicott, 1971). A este propósito, relembremos o trabalho de Bowlby (1944) com delinquentes e as consequências da sua separação do cuidador.

Segundo Bowlby (1993a), o anseio persistente de uma criança por sua mãe está frequentemente envolto de uma hostilidade intensa e generalizada, sendo que os alvos dessa hostilidade acabam por serem tão generalizados que se torna impossível dizer qual o seu objeto principal. E esta raiva não é apenas vista na criança que é afastada dos seus pais, mas também no adulto quando ele perde alguém que ama. E tal como o adulto muitas das vezes fica com um comportamento contraditório ou agressivo para quem o tenta consolar da sua perda, o mesmo também se passa com o comportamento da criança quando alguém a tenta consolar da perda ou separação do seu cuidador (Bowlby, 1993a).

Nessa linha, Bowlby, (1990) e Harlow (1958) já falaram que a busca de proximidade e a busca de conforto são inerentes à maioria dos seres vivos e inerentes ao ser humano. E neste

seguimento podemos ler em Freud (1966):

“Desde o início, o fator do afeto foi trazido para o primeiro plano: os sintomas histéricos, sustentavam os autores, surgiam quando um processo mental com pesada carga emocional era de alguma maneira impedido de nivelar-se ao longo do caminho normal que conduz à consciência e ao movimento (isto é, era impedido de ser ‘ab-reagido’); em resultado disso, o afeto, em certo sentido ‘estrangulado’, era desviado ao longo de caminhos errados e transbordava para a inervação somática (processo denominado de ‘conversão’). As ocasiões em que surgem ‘idéias patogênicas’ desse tipo foram descritas por Breuer e Freud como ‘traumas psíquicos’ e, visto que estes amiúde remontavam ao passado muito remoto, foi possível aos autores dizer que os histéricos sofriam principalmente de reminiscências (que não haviam sido tratadas)” (Freud, 1966, pg.152).

Percebemos aqui que Freud desde cedo deu importância ao afeto e aos processos mentais com pesada carga emocional que, ao não poderem seguir o seu caminho normal, eram “estrangulados” e desviados, acabando por criar as neuroses e as inervações somáticas. E desta maneira, percebemos que as relações, quando não seguem ou não preenchem os desejos inatos, acabam por provocar algum tipo de neurose ou alguma alteração na maneira como a criança se vê a si mesma e como ela vê o outro. Assim sendo, quando os impulsos básicos e inatos de aproximação são impedidos de se realizarem ou de se manifestarem, eles podem resultar em neurose e histeria (Freud, 1966), em delinquência (Bowlby, 1944), ou em comportamentos ansiosos e ou desorganizados (Ainsworth et al., 1978; Main & Solomon, 1990).

De acordo com Bowlby (1988), os modelos internos tendem a persistir relativamente inalterados num nível inconsciente e tendem a ser reflexões precisas acerca de como os seus

pais verdadeiramente o trataram. Dentro deste quadro, os sintomas neuróticos e as aberrações de comportamentos são concebidos como sendo devidos às interações que ocorreram no passado, e que ainda podem continuar a ocorrer entre a personalidade do indivíduo, que se desenvolveu até agora, e as situações nas quais ele atualmente se encontra.

Também Main et al. (1985), relata que as crianças de dois a três anos sofrem uma alteração do comportamento de apego quando separadas dos seus pais, sobretudo quando essa separação é superior a duas semanas. Naquelas crianças onde a separação foi de curta duração, elas ficam ansiosas, “agarradas” ao cuidador e em raiva. Porém, quando essa separação é longa, as crianças tratam o cuidador como um estranho, ou com uma indiferença misturada com crises imprevisíveis de hostilidade.

O que se verifica é que, quando a criança hospitalizada era visitada pelos pais, ela reagia à reunião com resistência e raiva misturada com uma busca de proximidade. Mas, quando a separação era longa, a criança evitava os pais, afastando-se deles completamente. Ou seja, aquilo que uma criança que não foi separada dos seus pais, ou em que essa separação foi curta, quer é aproximar-se dos seus pais cuidadores. De outra parte, a criança que ficou separada por longo tempo, tudo o que ela faz é rejeitar e afastar-se dos seus pais cuidadores. Ou seja, a busca pela reunião com os pais foi substituída por uma atitude de evasão ou afastamento e indiferença. E quando essa substituição acontecia (quando a busca pelos pais tinha sido impedida ou não conseguida – caso de uma separação longa), a criança demonstrava um comportamento hostil no seu retorno a casa (Main et al., 1985).

Assim sendo, e também de acordo com Main et al. (1985), as separações são as responsáveis pelas mudanças de comportamento das crianças em relação aos seus pais. E esta situação pode ser observada aquando da reunião da criança com os seus pais. Assim, ocorre uma mudança de comportamento onde antes a criança procurava a proximidade, para um

comportamento de raiva e de evitação dos seus pais, mostrando e apresentando o que Ainsworth anteriormente tinha descoberto como comportamentos de apego inseguros. Essa mudança de comportamento significa também que houve uma mudança dos modelos internos da criança (Main et al., 1985).

Para além desta situação, Bowlby (1944) também verificou que muitas das crianças delinquentes tinham passado por longos períodos fora de casa, fosse devido a hospitalização ou por outra razão. Outra situação que ele também encontrou nos delinquentes foi que não era dada atenção aos possíveis traumas ocorridos durante a primeira década de vida da criança. A morte ou a doença de um familiar podem representar mais para uma criança do que aquilo que muitas vezes acreditamos. E a sua experiência ensinou-o a procurar estas e outras situações uma vez que elas lhe tinham mostrado serem demasiado importantes para serem deixadas de lado (Bowlby 1944).

De acordo com Bowlby (2005), existem inúmeras evidências de que as experiências negativas com os pais durante a infância têm um papel importante nas perturbações cognitivas. É o caso de percepções e atribuições distorcidas, alguns casos de amnésia incluindo casos de múltipla personalidade, os quais podem ser o resultado de tais experiências passadas. No entanto, Bowlby faz uma crítica aos profissionais na medida em que estes muitas das vezes lidam com o que a pessoa sente, e não com o que aquilo que a pessoa viveu, ou lidam com uma população adulta e desconhecem o que pensam e sentem as crianças. Ou por outro lado, desconhecem a literatura acerca do desenvolvimento da criança, ou até mesmo têm dificuldade em penetrar no silêncio que acaba por existir na família e/ou no paciente e no qual se torna difícil penetrar.

Desta maneira, a probabilidade de que muitos casos de transtornos psiquiátricos, leves ou graves, tenham origem em acontecimentos da infância, acabam por serem ignorados pelos

profissionais. E que mesmo os casos de crianças agredidas física e sexualmente pelos seus pais, por vezes durante bastante tempo, acabam por estarem ausentes das discussões sobre as causas psiquiátricas (Bowlby, 2005).

E tal como podemos ler em George e Solomon (1999) o sistema de apego tem por função um carácter de promover a sobrevivência e para isso, o comportamento de apego busca proteção mantendo a proximidade da figura de apego. E este objetivo do comportamento de apego, a busca da proteção, permanece ao longo da vida. No entanto, todo este comportamento de apego é aprendido e mediado pela relação que a criança tem com as suas figuras de apego e é a sensibilidade e responsividade destas figuras de apego que afetam a confiança da disponibilidade dessas figuras de apego. As aberrações na organização deste relacionamento de apego estão associadas com problemas de comportamento e saúde mental das crianças assim como dos adultos (George & Solomon, 1999).

Ademais, Bowlby (2005) também fala das razões pelas quais muitas destas experiências acabam por serem “esquecidas” apesar de afetarem os pensamentos, os sentimentos e os comportamentos. São elas: 1) aquelas experiências que os familiares não querem que a criança saiba; 2) as experiências em que os pais trataram tão mal os filhos que estes acabam por considerar insuportável pensarem acerca disso; e 3) as situações em que as crianças fizeram, ou acreditam terem feito, coisas acerca das quais elas se sentem terrivelmente culpadas ou envergonhadas.

Bowlby (2005) também discorre sobre as múltiplas personalidades dizendo que segundo as pesquisas existentes, estas mostram que estas múltiplas personalidades se devem a acontecimentos negativos na infância. Ele comenta a hipótese de Bliss (1980; 1986), segundo a qual as personalidades múltiplas são criações cognitivas de quando a criança com 4 a 7 anos foi submetida a acontecimentos altamente estressantes. Segundo Bliss (1980), cada

personalidade tinha um determinado propósito sendo que o principal, e também o mais benigno, seria atuar como protetor e fazer companhia quando a criança ou pessoa se sentisse só ou isolada e/ou quando não houvesse ninguém para quem ela se voltar. A segunda função seria para atuar como anestésico quando a situação fosse demasiado dolorosa para a criança como seja ao ver o sofrimento do outro. E a terceira função seria usada para assumir o controle do pensar, do sentir e do agir, quando a criança não conseguisse aguentar com essa responsabilidade. Neste caso, incluem-se o ódio à mãe que a tentou matar ou quando chorosa e amedrontada é batida pelos pais (Bowlby, 2005).

Podemos ler em (Bliss, 1980):

In all 14 cases, the first personality was created when the subject was aged 4, 5, or 6 years. The child (in these cases a girl) was faced with unpleasant or intolerable events. The syndrome does develop in men, but uncommonly. In six cases in this series, only a fantasized companion was necessary, but for some of the others the distress was more serious. For example, one patient created her first personality to handle anger and murderous rage toward her mother (pg. 1388/89).

Bliss (1980) atribui aos acontecimentos traumáticos a causa da múltipla personalidade e pondera que, muitas das vezes, pacientes com esquizofrenia, alucinações, comportamentos desorganizados ou violentos assim como situações de histeria caberiam na situação de múltiplas personalidades.

Freud (1926) argumenta que a ameaça de perda de algo ou de alguém que se ama, ou mesmo desejos insatisfeitos, podem gerar uma situação de desamparo. Ele diz-nos a respeito das situações traumáticas: “A própria situação traumática é claramente o descendente direto do estado de tensão acumulada e não descarregada” (Freud, 1926, p.51).

Para além de tudo o que nós já vimos até agora, temos também que Hesse e Main

(1999) narram como os problemas vividos pelos pais acabam por estarem presentes nas suas reações e comportamentos para com os filhos, e de como os medos e reações dos pais acabam por provocar medos e incapacidade de organização no comportamento de apego dos seus filhos. E o que se conhece é que é o medo que a criança tem dos seus pais que provoca nela um apego desorganizado e, em algumas condições, também provoca uma maior vulnerabilidade à psicopatologia. E para além disto, os autores também discorrem sobre todas as situações que envolvem o trauma dos pais e o seu comportamento para com os filhos, e de como esse comportamento parental é visto como ameaça e ameaçador para a criança, acabando por provocar nela medos e apego desorganizado.

Em Bowlby (1993a), temos um capítulo relativo às fobias e suas causas, onde a angústia de separação e os padrões familiares de interação acabam por serem a causa primária das fobias. Nesta obra, nós temos um desenvolvimento aprofundado acerca das fobias e da ansiedade de separação, assim como dos relacionamentos familiares e problemas dos pais, o que nos remete sempre de uma maneira para aquilo que está por detrás das fobias ou de outros problemas psicopatológicos.

No entanto, nunca é demais relembrar que os modelos internos, crenças e ideias acerca de si e acerca dos outros devem-se a “traumas”, medos, ansiedades e necessidades não preenchidas (Freud, 1966; 1926; Bowlby, 1990, 1993a, 1993b) e que estes modelos internos não são apenas responsáveis pelos comportamentos que a pessoa ou criança tem no momento, mas também e, sobretudo, por aqueles que ela venha a desenvolver no futuro, assim como também pela sua saúde física e psíquica, o que nos coloca no campo da psicossomática, das neuroses e de outras patologias.

Isto leva-nos a perceber e também a questionar a profundidade e a influência que a interação com o cuidador tem sobre o bebê e sobre a criança, e de como isso pode marcar todo

o seu comportamento futuro, assim como também a sua saúde presente e futura. Bowlby (1990, 1993a, 1993b) acreditava que a maioria das psicopatologias tinham a sua origem ao longo do desenvolvimento do bebê, quando suas necessidades de segurança e afeto não eram preenchidas e que os impulsos agressivos e os estados de paranóia do bebê eram tentativas para ele manter os laços com o cuidador. Também Bowlby(1980; 1990; 1993a; 1993b), Fairbain (1952) e Winnicott (1971) acreditavam que as ligações com os cuidadores eram os principais contribuidores e construtores para o desenvolvimento do *self* e da psicopatologia.

Percebemos então que as primeiras experiências com os cuidadores fornecem as bases para os modelos internos de trabalho (representações internas) de si e dos outros, e que estes modelos internos, ou representações internas, podem ser vistos como um conjunto de crenças internalizadas que guiam o comportamento, regulam as emoções e as relações presentes e futuras (Bowlby, 1990). E o que Beebe e Lachmann (2002) sustentam é que os modelos internos desenvolvem-se através das repetições de interações com o cuidador e das respostas deste – muitas das vezes ainda antes da linguagem estar presente – o que nos coloca numa fase da vida da qual não nos costumamos lembrar e que, dessa forma, permanece oculta no nosso inconsciente.

E se bem que até aqui tenhamos visto a psicopatologia numa vertente mais infantil, precisamos também de nos lembrar que esta psicopatologia também se desenvolve no adulto (ou na criança) sempre que estamos perante relações não saudáveis ou fora de ordem, ou onde existe uma inversão de papéis. Por exemplo, a inversão de papéis entre cuidador e aquele que é cuidado é saudável num casamento ou relacionamento, mas deixa de o ser quando a pessoa se mantém sempre num desses dois papéis, sem conseguir sair dele ou sem conseguir mudar para o outro papel. A este propósito podemos ler:

Nos casamentos, por exemplo, as mudanças de papel provavelmente são comuns e saudáveis; também pode ocorrer a mudança de papel quando um filho ou filha crescido cuida de um dos pais em sua velhice. Em contraposição, a inversão de papéis entre criança, ou adolescente, e pais, a menos que muito temporária, é quase sempre não só um sinal de patologia nos pais, como também uma causa disso no filho (ver volume 2, capítulos 16,18; volume 3, capítulos 11, 12, 19) (Bowlby 1990, pg 401).

Podemos então ver que a patologia resulta das relações humanas que não preenchem as necessidades de segurança e conforto do indivíduo, ou quando essas relações por algum motivo se encontram fora da sua sequência correta. Poderíamos dizer que a patologia no adulto resulta da incapacidade dele conseguir inverter os papéis de ser cuidado e ser cuidador, enquanto que, na criança e adolescente, a patologia deve-se ao fato da criança ou adolescente assumir o papel de cuidador ao invés de permanecer no papel de ser cuidado.

Resta acrescentar que a mudança do apego no adulto pode estar associada à saúde mental dos indivíduos como Cozzarelli, Karafa, Collins, e Tagler (2003) demonstraram. No seu estudo com 46 mulheres que sofreram aborto e num período de dois anos, eles verificaram que 46% delas tinham mudado o seu estilo de apego. Eles também verificaram que nessas mulheres em que o estilo de apego mudou, existia uma história de depressão. No entanto, eles também observaram que acontecimentos como o divórcio e a perda de alguém querido não estavam relacionados com a mudança ou alteração do estilo de apego. Na verdade, o que eles verificaram foi que as mudanças no estilo de apego estavam relacionadas com mudanças na saúde mental. Embora vários estudos já tivessem demonstrado a relação entre o estilo de apego e a saúde mental, o que esses estudos não demonstraram foi que essas mudanças acontecem em conjunto (Cozzarelli et al., 2003).

Para além disto, os autores também verificaram que as mulheres com apego seguro

ficavam menos estressadas com o passar do tempo e as que tinham apego inseguro ficavam mais estressadas com o passar do tempo, mostrando que as respostas adaptativas têm um papel importante na resolução das respostas ao conflito.

3.4. Trauma

Para entendermos um pouco a situação de trauma, vamos primeiramente abordar a definição de transtorno de estresse pós-traumático do DSM-5 da American Psychiatric Association (2014). Os critérios de diagnóstico aplicam-se a adultos, adolescentes e crianças que estiveram expostos a um episódio de morte, lesão grave ou violência sexual. Esta situação pode ter ocorrido com a pessoa ou ela pode ter presenciado o acontecimento com outras pessoas. Ou pode mesmo ter sabido que isso ocorreu com algum familiar ou amigo próximo, ou mesmo estar exposto de forma recorrente a situações traumáticas, como o caso de socorristas que lidam com a morte ou com restos de corpos, ou mesmo outros profissionais que lidem de perto com estas ou outras situação traumáticas.

Assim o estresse pós-traumático aparece quase exclusivamente ligado apenas a situações traumáticas e não a outras situações (Vaz Serra, 2003). Sobre este ponto, Vaz Serra (2003) esclarece:

Quando a circunstância vivida é considerada importante para o indivíduo e este sente que não tem aptidões para nem recursos (pessoais ou sociais) para superar o grau de exigência que a circunstância lhe estabelece, então entra em stress. O stress surge quando o ser humano desenvolve a percepção de não ter controlo sobre a ocorrência. A percepção de não ter controlo pode ser real (de fato, o indivíduo não tem aptidões nem recursos pessoais e sociais que lhe permitam ultrapassar as exigências criadas pela situação) ou distorcida, isto é, o indivíduo tem aptidões e recursos mas sente

subjetivamente que não são suficientes ou que não é capaz de os usar adequadamente. (pg. 5).

O que podemos ver aqui são várias situações: 1) a situação é considerada importante para o indivíduo; 2) ele sente que não tem aptidões nem recursos para lidar com ela, – sente que não tem controle sobre a situação; e 3) essa percepção de não ter recursos pode ser real ou distorcida (subjetiva). Quando transpomos estas situações para o bebê, percebemos que 1) a presença do cuidador é importante para ele; 2) o bebê não tem aptidões nem recursos para impedir a separação do cuidador; e 3) o bebê sente que ele não consegue demover a partida do cuidador – cria modelos internos acerca das suas capacidades e acerca dos outros.

Em seguida, Vaz Serra (2003) diz:

Quando alguém entra em stress há sempre um conjunto de ações que desenvolve.

Umhas vezes de forma adequada e, outras, inadequada. As estratégias que são desenvolvidas têm um objetivo duplo: por um lado, tentam resolver a relação perturbada que se estabeleceu entre a pessoa e o meio-ambiente (isto é, procuram “solucionar o problema”), por outro lado, tentam esbater as emoções negativas desencadeadas pela circunstância (isto é, procuram atenuar o “estado de nervos” em que a pessoa se encontra). Nestes aspectos as estratégias podem ser centradas no problema, centradas nas emoções, e centradas na obtenção de apoio social. (pg. 5).

E também aqui Vaz Serra (2003) dá-nos algumas soluções de enfrentamento, mas no caso do bebê, ele: 1) não consegue resolver a situação da partida do cuidador, 2) as emoções não resolvem a situação, 3) o apoio social de outro cuidador ou de outra pessoa não são aquilo que o bebê deseja. Como podemos ver, o bebê está limitado nas suas capacidades e ações e só lhe resta um caminho, que é a criação das suas representações mentais (modelos internos) e criar um meio de lidar com as suas emoções.

É aqui que podemos avançar com aquilo que Freud (1966) diz:

... os sintomas histéricos, sustentavam os autores, surgiam quando um processo mental com pesada carga emocional era de alguma maneira impedido de nivelar-se ao longo do caminho normal que conduz à consciência e ao movimento (isto é, era impedido de ser ‘ab-reagido’) (pg. 152).

Acrescenta-se o que Bliss (1980) relata acerca do desenvolvimento de personalidades múltiplas: “In all 14 cases, the first personality was created when the subject was aged 4, 5, or 6 years. The child (in these cases a girl) was faced with unpleasant or intolerable events.” (pg. 1388).

E nesta linha, incluímos ainda aquilo que Bowlby (1990, 1993a, 1993b), Fairbairn (1952) e Winnicott (1971) acreditavam e defendiam, de que as ligações com os cuidadores eram os principais contribuidores e construtores para o desenvolvimento do *self* e da psicopatologia. Bowlby (1990, 1993a, 1993b) também acreditava que a maioria das psicopatologias tinham a sua origem ao longo do desenvolvimento do bebê, quando suas necessidades de segurança e afeto não eram preenchidas.

Podemos concluir então, que a separação e a ansiedade de separação podem assim ser bastante traumáticas para o bebê, e estarem na origem de inúmeros problemas e situações mais tarde na vida adulta. No entanto, nós sempre podemos examinar a situação por um lado – pelo lado do bebê – ou podemos observá-la pelo lado dos pais e das suas dificuldades em darem aquilo que os seus filhos gostariam.

Como vimos anteriormente, quando tratamos do comportamento do apego desorganizado, Landa e Duschinsky (2013) relatam que Ainsworth registra o medo inconsciente que ainda existiria nos pais devido à perda da sua figura de apego quando jovens, o qual teria um papel importante no comportamento desorganizado dos seus filhos. Ou seja, o

medo e a perda estariam ainda presentes devido à incapacidade desses pais em terem feito o luto quando jovens (Landa & Duschinsky, 2013). Isto também nos coloca de volta a Bowlby (1944), onde a criminalidade e comportamentos desviantes estariam associados à separação prolongada ou perda da figura de apego.

Por outro lado, Renn (2003) cita vários pesquisadores que mostraram que os agressores têm uma história passada de maus-tratos e de perdas, e que a percentagem deste tipo de população pode ir até 90% da amostra. Ele também descobriu que aqueles que cometem violência, foram eles mesmos vítimas de abuso, ou sofreram negligência ou perdas durante a sua infância. Agir de forma criminosa de acordo com um trauma de infância não resolvido é portanto, uma característica comportamental daqueles com quem ele trabalhou, característica essa que também está associada ao abuso de drogas. O autor busca assim mostrar a ligação entre o trauma de infância e o subsequente comportamento de violência que existe mais tarde.

Esta ligação também já tinha sido identificada por Bowlby (1944, 1990, 1993a, 1993b), que mostrou que o trauma da separação provoca estresse e delinquência. E é em Bowlby (1993b), onde ele trata da perda e luto na primeira e segunda infância, onde podemos constatar que os protestos de separação, o desespero e a apatia ou desligamento acontecem no luto ou perda de alguém que se ama, levando a pessoa ou a criança a passar a passar por um “sofrimento inexprimível” (pg. 6). E podemos também ler: “A perda de uma pessoa amada é uma das experiências mais intensamente dolorosas que o ser humano pode sofrer.” (Bowlby, 1993b, pg. 4).

Não são apenas as perdas que provocam estresse, mas também todas as ameaças de perdas sejam por ameaça de abandono da criança num orfanato ou por dá-la a alguém, ou por ameaçar ir embora ou mesmo se suicidar (Bowlby, 1993a; 1993b). Todas estas ameaças

provocam na criança uma desorganização mental e a criação de modelos internos específicos para ela poder lidar com a situação. Também com frequência, a criança cria e sofre um desligamento emocional. George, Kaplan, Main, et al., (1985) mostraram que existe uma correlação entre a narrativa dos pais acerca da sua própria infância e os estilos de apego demonstrados pelos seus filhos e concluíram também que os modelos internos dos padrões de apego inseguros eram resistentes à mudança, uma vez que eles eram modelos internos defensivos e, dessa maneira, excluía a consciência e análise racional dos acontecimentos, resultando numa distorção das percepções relacionais dos acontecimentos.

Também Renn (2003) demonstra o que ocorre na família quando acontecem situações traumáticas e onde os pais muitas das vezes não conseguem lidar com elas, ou mesmo não as conseguem ultrapassar. Nestas situações, como a perda de um filho, ou a perda de alguém próximo, podem levar os pais a não conseguirem fazer o luto ou a fecharem-se física e emocionalmente para os outros membros da família, ficando desta forma indisponíveis, “distantes” e incapazes de darem ajuda a seus filhos. Este trabalho de Renn (2003) discute também o que vários autores observaram sobre o apego inseguro e o apego desorganizado e como muitas das vezes estes apegos estão relacionados com modelos internos incoerentes e dissociados da realidade devido à necessidade de dissociação das experiências traumáticas e das suas dores e sofrimentos. Estas situações podem levar ao desenvolvimento de desordens de múltiplas personalidades ou de desordens de dissociativas de identidade.

E quando entramos no estresse pós traumático, nas memórias traumáticas e na dissociação de memórias, podemos referir-nos a Van der Kolk e Fisler (1995), que dizem que quando a pessoa que sofre um trauma, ela fica num estado de “terror sem fala” e, muitas vezes, não tem palavras para descrever o acontecimento, ou não consegue construir uma narrativa coerente do mesmo. E enquanto não o conseguir fazer, ela não vai conseguir lidar

com o estresse dentro dela que a situação provocou. Da mesma maneira, os acontecimentos traumáticos de infância são mais desorganizadores do que os acontecimentos vividos em adulto (Van der Kolk & Fislser, 1995).

Ou seja, segundo estes autores, o trauma surge de uma situação estressante da qual a pessoa não consegue escapar e que sobrecarrega os mecanismos de *coping* (enfrentamento) da pessoa. Eles também seguem a teoria da alexitimia, segundo a qual a pessoa é incapaz de reconhecer e descrever os seus estados emocionais. Em outras palavras, as reações afetivas associadas ao trauma são evitadas ou removidas da consciência. Consequentemente, a pessoa fica susceptível a doenças psicossomáticas mais tarde na sua vida. De outra parte, os autores também argumentam que a capacidade de explorar a mente e de desenvolver os pensamentos e sentimentos desenvolve-se quando existe um apego seguro, ao passo que por outro lado, o apego inseguro destrói a capacidade da criança de refletir e de integrar as experiências. Como as crianças não têm capacidade para controlar o seu intrapsíquico e os seus problemas, elas tentam controlar os seus estados subjetivos e problemas interpessoais através de substâncias químicas, violência física e crime.

E tal como também podemos ver em Bowlby (1993b), a raiva que a criança tem para com a figura de apego que não lhe fornece o conforto em situações de estresse é um aspecto normal e natural no sistema de apego. Dessa maneira, a raiva leva a criança a criar os seus mecanismos de defesa de forma a tentar evitar voltar a passar pela mesma situação. E é aqui que têm também lugar a formação dos modelos internos quer acerca de si quer dos outros, onde as representações mentais que se criam são apenas um meio de lidar com a situação dolorosa que a criança vive e enfrenta.

Surgem então duas situações, como podemos ler em Bowlby (1993b) e em Renn (2003). Uma é a situação de abandono ou qualquer outra que provoque o desgosto, a raiva, e o

desespero e a outra situação é que para evitar voltar a passar pela mesma situação, a criança cria mecanismos de defesa. Porém, quando estes mecanismos de defesa ficam sobrecarregados, essa raiva pode levar a violência e a atos destrutivos. Esses mecanismos de defesa podem ser de evitação ou de levar a pessoa a fazer algo antes que uma provável situação aconteça. A este propósito, cabe mencionar o caso das separações e da ansiedade de separação que ela provoca, que muitas das vezes levam à morte e ao suicídio e onde por vezes se mata aquele que abandona. Recorde-se as palavras de um adolescente que colocou uma bomba na mala de viagem da mãe: “I couldn't stand to have her leave me.....I decided that she would never leave me again.” (Burnham, 1965, pg. 353).

Por fim, nós podemos referir-nos a Dozier, Manni e Lindhiem (2005) que argumentam que crianças que frequentam creches têm tendência a desenvolverem apego inseguro, tendo um impacto negativo no desenvolvimento da criança e no desenvolvimento de apego seguro nas suas relações. Os autores citam os vários estudos que mostram que os cuidados infantis nas creches são estressantes para as crianças, as quais apresentam níveis elevados de cortisol ao longo do dia. As separações que ocorrem durante a noite podem ser mais traumáticas do que aquelas que acontecem durante o dia, levando as crianças a confiarem menos na disponibilidade dos seus pais, sendo por isso crucial evitá-las para não afetar o desenvolvimento do sentimento de segurança da criança.

3.5. Transmissão Geracional e Intergeracional do Apego

Quando entramos na transmissão geracional e intergeracional do apego, podemos começar com as ideias de Schmidt e Argimon (2009) que afirmam existir uma relação entre o padrão de vinculação dos pais e o apego materno fetal, onde gestantes com vinculação segura são fortemente apegadas aos seus fetos, contrariamente às gestantes com estilo de vinculação

evitativo, as quais apresentavam um fraco apego pré-natal. No fundo, o que ocorre é que as gestantes acabam por atuar como elas tinham atuado quando crianças com suas figuras de vinculação. E aqui passamos então a examinar a transmissão geracional e intergeracional dos padrões de apego.

Como é do nosso conhecimento, o apego depende da interação que o bebê forma com o seu cuidador. É essa interação que desenvolve o respectivo relacionamento e comportamento. Embora já tenhamos mencionado a importância da sensibilidade materna na formação do tipo de apego do bebê, resta ver um pouco mais acerca deste assunto.

Mary Main foi uma aluna e discípula de Ainsworth, tendo trabalhado com ela nas pesquisas acerca do relacionamento entre a mãe e a criança e as influências desse relacionamento sobre o apego e sua formação. Main iniciou uma nova fase dentro da teoria do apego ao começar a entrevistar os pais e ao estudar as interações deles com os seus filhos. Ela constatou que um trauma ou rejeição na vida infantil da mãe estava sistematicamente relacionado com o mesmo tipo de problemas de apego que agora existiam entre ela e o seu filho (Wylie & Turner, 2011).

Percebemos assim que alguns dos problemas de apego não se devem apenas ao relacionamento existente entre a mãe e seu filho, mas sim que se deve ao problema não resolvido dessa mãe com os seus próprios pais. Faz então todo o sentido o trabalho que Bowlby já vinha defendendo desde 1940 como podemos ler em (Bretherton, 1992; pg. 760):

a weekly interview in which their problems are approached analytically and traced back to childhood has sometimes been remarkably effective. Having once been helped to recognize and recapture the feelings which she herself had as a child and to find that they are accepted tolerantly and understandingly, a mother will become increasingly sympathetic and tolerant toward the same things in her child. (Bowlby, 1940, p. 23).

Percebemos também aqui em Bretherton (1992) que Bowlby já se interessava pela transmissão intergeracional do apego e colocava a possibilidade de ajudar as crianças através da ajuda a seus pais. E apesar de Bowlby ter falado nisto em 1940, parece que ainda hoje essa informação continua pouco lembrada quando se trata de cuidar das crianças e do seu bem-estar. Pensamos ser caso para dizer que enquanto nós não estivermos bem, os nossos filhos também não vão estar. E isto também nos remete para onde está a origem dos problemas dos nossos filhos e como tal deveria levar-nos a refletir sobre o assunto.

Por outro lado, Bowlby (1944) volta a chamar-nos a atenção para o fato de que até aquela data apenas se dava atenção à relação da criança com a mãe. Mas ele queria investigar também qual era a relação da mãe com a criança. E o que ele descobriu foi que a mãe tinha uma atitude consciente e também uma atitude inconsciente para com o seu filho:

Thus in several cases sympathetic discussions with the mothers of the children revealed that their apparent love for their child was only one aspect of their feelings about him. Often an intense, though perhaps unadmitted, dislike and rejection of him also came to light (Bowlby 1944, pg. 19).

Recordemos ainda que Bowlby desenvolve bastante sua pesquisa acerca dos modelos internos, da sua formação e desenvolvimento, assim como da transmissão intergeracional ao longo dos três volumes do apego (trilogia do apego), assim como no seu livro “Uma base segura” (Bowlby, 1988, 1990, 1993a, 1993b). E para entendermos um pouco o que se acabou de falar, podemos ver Main et al. (1985) que verificaram que os comportamentos dos cuidadores com os seus filhos estavam relacionados com os cuidados que tinham recebido quando crianças de seus pais. Ou seja, a maneira como os pais hoje falam do seu passado e dos acontecimentos vividos, revela o tipo de apego que eles tiveram, assim como o tipo de comportamento que eles hoje têm para com os seus filhos. Percebe-se assim que os modelos

internos criados quando criança no relacionamento com os seus pais continuam hoje a ditar o seu comportamento para com os seus filhos.

Main et al. (1985) verificaram que a maneira como as mães falavam do seu passado refletia o tipo de apego que os seus filhos hoje apresentavam. Aquelas mães que falavam tranquilamente do seu passado e dos acontecimentos vividos tinham filhos com um apego seguro. Já as mães de crianças inseguras resistentes, respondiam e falavam da relação difícil que tiveram com suas mães de uma maneira ansiosa e perturbada. Quanto às mães de crianças inseguras evitantes, elas diziam que tiveram uma infância feliz, mas sem conseguirem dar detalhes dessa infância ou quando os davam, eram detalhes que apontavam em direção contrária. Muitas vezes, esta mãe não era capaz de se lembrar da sua infância nem de como tinha sido tratada.

Apesar de tudo isto, é de salientar que existiram mães que descreveram uma infância infeliz e, apesar de tudo, os seus filhos tinham um apego seguro. A característica destas mães é que, apesar da sua infância dolorosa e infeliz, elas eram capazes de contar a sua história de uma maneira coerente e fluente com os aspectos negativos, assim como com os aspectos positivos que viveram. Isto levou Main et al. (1985) a concluírem que, quando a pessoa consegue ter uma organização coerente do seu passado, isso se traduz numa personalidade segura na vida adulta.

E tal como Bowlby (1988) nos diz, o desenvolvimento da criança depende do ambiente no qual ela vive e da maneira como os seus pais a tratam e lidam com ela. As crianças que têm pais sensíveis e responsivos desenvolvem-se de uma maneira mais saudável do que aquelas que têm pais insensíveis e irresponsáveis ou negligentes. Desta maneira, a criança está mais ou menos apta a lidar e a resolver os problemas do dia-a-dia de acordo com a interação e apoio que recebe, ou não recebe, de seus pais. Embora o desenvolvimento da

criança esteja ocorrendo, a maneira como os pais tratam e lidam com a criança ajuda nesse desenvolvimento. E se bem que a capacidade de mudança diminua com a idade, essa mudança continua a ser possível, quer para melhor quer para pior. E é esta capacidade de mudança que precisamos ter em atenção.

Como já vimos antes, Hesse e Main (1999) mostram-nos que o comportamento dos pais é responsável pelo comportamento dos seus filhos, e que os traumas e situações não resolvidas dos pais acabam por afetar o tipo de apego dos seus filhos e o tipo de comportamento e reações que eles têm. Ou seja, os traumas e problemas não resolvidos nos pais acabam por aumentar a probabilidade de os filhos desenvolverem problemas psicológicos e psicopatologias. E tudo isto porque os pais estão a viver um trauma ou estão em pânico com algo que viveram no seu passado. Desta maneira, os traumas e problemas passam para os filhos e ao longo de gerações.

Nesta sequência de ideias, também Slade, Grienberger, Bernbach, Levy e Locker (2005) relatam inúmeros estudos que sempre mostraram que o apego da criança está relacionado com o apego que suas mães tiveram quando crianças com os seus pais. E se bem que os estudos sempre apontassem que a teoria por detrás desta transmissão de apego fosse o comportamento das mães em relação aos seus filhos, estes autores testaram a reflexão mental das mães, nomeadamente o que elas pensam acerca de segurar e de como segurar os seus bebês, procurando entender como o estado mental das mães afeta o seu comportamento em relação aos seus filhos, e dessa maneira, compreender como o apego é transmitido.

Porém, tal como Main et al. (1985) já tinham demonstrado, não são apenas os acontecimentos vividos pelos pais quando crianças que afetam o seu comportamento para com os seus filhos, mas sim e sobretudo a maneira como eles integraram essas experiências e de como agora, quando adultos, as veem. E quando esses pais integram as suas memórias de

infância e têm uma boa coerência ao descrevê-las, assim como uma boa coerência de pensamentos e emoções, eles conseguem ter um comportamento saudável com os seus filhos e estes desenvolvem um apego seguro.

Por outro lado, George e Solomon (1996) mostram-nos que existe uma ligação entre o sistema de cuidar, que os pais apresentam, e o apego apresentado pelos seus filhos. Sabendo nós que o apego da criança e o sistema de cuidar dos pais são complementares, nós podemos tirar algumas ilações de toda esta situação. E foi isso que George e Solomon (1996) mostraram. Elas mostraram que o sistema de cuidar está organizado por uma estrutura representacional que é recíproca ao apego. Desta forma, o modo como as mães se veem a si mesmas exerce influência na maneira delas cuidarem dos seus filhos e, por sua vez, a sua maneira de cuidar e de lidar com os seus filhos influencia o apego dos seus filhos.

As autoras observaram que as mães que tinham uma imagem negativa de si mesmas como sendo indesejáveis, ou que não gostavam de ser cuidadoras, ou que estavam desconfortáveis com esse papel, tinham filhos que se sentiam indesejáveis, ou que não tinham qualquer vontade de responder aos cuidados de suas mães. As mães que eram rejeitadoras tinham uma avaliação negativa de si mesmas e os seus filhos sentiam-se desorientados. Da mesma maneira, estas mães poderiam ter estereótipos de si mesmas ou estarem “demasiado focadas” no seu papel de cuidadoras. Porém, estes estereótipos são apenas representações mentais que desligam as representações interpessoais. Essas mães ao descreverem as relações presentes ou passadas, constroem representações daquilo que é “ideal” e “real” e, se a sua estratégia tem sucesso, os acontecimentos “reais” são “esquecidos” e apenas ficam com o “ideal”. Este tipo de atitude protege a mãe de ter de olhar e lidar com os detalhes das suas experiências passadas.

A este propósito, podemos referir-nos ao que já falamos acerca do trauma e também

ao que Bliss (1980) sustentou acerca das personalidades criadas para proteger a criança do trauma que ela viveu no seu passado. Ou seja, as situações de trauma ou de sofrimento podem criar ou alterar os modelos internos ou podem criar “personalidades” para proteger a criança ou para a ajudar a lidar com a situação de trauma ou de sofrimento. No fundo, podemos ver as mães aqui como tendo modelos internos ou representações distorcidas ou mesmo tendo “personalidades” (Bliss 1980) que usam para lidarem com os seus filhos. A menos que essas representações internas sejam modificadas, o comportamento das mães irá continuar o mesmo. E é esta mudança das representações internas que precisa ser efetuada se queremos que o seu comportamento com os seus filhos mude. A necessidade desta mudança está de acordo com Bowlby (ver Bretherton, 1992 pg.760), que recomendava uma intervenção com as mães para resolver os problemas de seus filhos.

Nesta sequência, também Fonagy, Steele, e Steele (1991) já tinham demonstrado que o apego materno fetal predizia o apego no primeiro ano de vida, e que as mães com apego seguro tinham filhos com apego seguro ao 1 ano de idade. Assim, nós podemos avançar com duas hipóteses: 1) que o apego se transmite intergeracionalmente; e 2) que o estado mental das mães é responsável pela transmissão do apego. Quando usamos esta última hipótese, nós percebemos que as emoções e sentimentos têm um papel importante no nosso comportamento e relacionamento com os outros e com os filhos, e que todo este assunto gira em torno dos modelos internos que temos e usamos nos nossos relacionamentos.

E o que Slade et al. (2005) nos mostram é que, na verdade, as capacidades refletivas da mãe estão relacionadas não apenas com o seu estado mental em relação ao apego, mas também com o apego dos seus filhos. E isto mostra-nos a relação entre a nossa capacidade reflexiva atual com o apego que vivemos quando crianças, assim como a ligação que esta capacidade reflexiva tem sobre as relações que temos e desenvolvemos.

Também nesta sequência, Dozier et al. (2005) argumentam que o estado mental dos pais, mesmo antes da criança nascer, prediz o seu estilo de apego. E quando pensaríamos que esta situação não aconteceria com pais adotivos, o que se nota é que a percentagem em que isso se verifica é muito idêntica ao que se verifica com os pais verdadeiros: “In particular, we found a two-way correspondence of 72% between foster mother state of mind and foster infant attachment, as contrasted with van IJzendoorn’s 75%” (pg. 308). E esta situação ocorre mesmo com crianças mais velhas, o que leva a concluir que a mãe adotiva (pais adotivos) conseguem determinar o tipo de apego da criança, o que nos mostra que o mecanismo principal de transmissão do apego não é genético. Parece assim claro que o que determina o apego que a criança tem e desenvolve, deve-se às relações que ela tem com os seus cuidadores (pais biológicos ou adotivos ou outros cuidadores). Isto mostra-nos que são estes cuidadores quem determina o tipo de apego assim como eventualmente outras características comportamentais que a criança tem ou venha a desenvolver. Ao refletirmos sobre isto, percebemos que esta situação tem muitas implicações sobre toda a teoria do apego e sobre aquilo que pensamos (acreditamos) acerca do ser humano e seu comportamento.

Capítulo 4 – Apego: Continuidade e descontinuidade

4.1. Continuidade e Descontinuidade do Apego

Sobre o assunto da continuidade e descontinuidade do estilo de apego, cabe registrar o trabalho de Scharfe (2003) que nos fala dos vários estudos existentes que mostram que as crianças que recebem cuidados inadequados tendem a desenvolver apego evitante, e que as crianças tendem a desenvolver um apego seguro quando as suas figuras de vinculação têm um comportamento de apoio e disponibilidade para com a criança, ou mesmo quando essas mães passam a ter uma vida menos estressante e mais satisfatória. Tais estudos, demonstraram assim, o efeito das emoções negativas dos cuidadores no desenvolvimento do apego inseguro nos seus filhos. Desta maneira, os acontecimentos ocorridos na família e com os cuidadores mostraram-se preditores do estilo de apego dos seus filhos (Scharfe, 2003).

No tema da continuidade e descontinuidade do apego, é de grande relevância o estudo de Minnesota (Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, 2005), que foi realizado com os mesmos indivíduos que, 30 anos antes, foram estudados quando bebês por Ainsworth “na situação do estranho”. Este estudo demonstrou que existia uma correlação entre o apego destas pessoas quando bebês e as vinculações de quando já adultos, o que nos indica uma continuidade no tipo de apego assim como uma influência do apego da infância na vida adulta.

Nesta linha, também Sroufe (2005) nos informa que a influência do passado se mantém no presente, mas que também existem alterações no tipo de apego e de vinculação. O autor chama a atenção para o fato de que nada é determinante e que apenas existem probabilidades uma vez que o processo de desenvolvimento sofre muitas influências ao longo da vida da pessoa.

Também do mesmo modo, Hazan e Shaver (1987) concluíram, no seu estudo, que o estilo de apego tende a manter-se na idade adulta, podendo-se estabelecer uma ligação entre o

apego na infância e o tipo de vinculação amorosa existente. Eles também observaram que os tipos de experiências amorosas caem dentro das três categorias de apego (seguro; evitante e ambivalente). E igualmente concluíram que os modelos de trabalho internos, preditos por Bowlby, estavam relacionados com o tipo de vinculação existente. Eles também verificaram que o tipo de vinculação altera de acordo com a idade, diminuindo a sua continuidade à medida que a idade aumenta. No entanto, esta informação da tendência para uma continuidade do apego já tinha sido referida por Vaughn, Egeland, Sroufe e Waters (1979).

Mais tarde, Waters, Merrick, Treboux, Crowell e Albersheim (2000), na sua investigação, mostraram que, nos indivíduos que sofreram acontecimentos estressantes, existe a possibilidade de mudança de vinculação, tal como também existiu mudança de vinculação naqueles que não sofreram acontecimentos estressantes. Isso nos chama a atenção para três fatos: 1) a vinculação tende a manter-se ao longo da vida; mas 2) situações de estresse e acontecimentos na vida podem alterar a vinculação, e por outro lado, 3) indivíduos inseguros e sem acontecimentos estressantes mudaram, o que nos coloca a possibilidade de poderem existir mudanças de vinculação quando o ambiente assim o permite ou quando o exige. Um outro fator interessante é que, no seu estudo, a mudança mais acentuada aconteceu no grupo dos indivíduos com um estilo de vinculação segura perante situações de estresse. Isto leva-nos a questionar sobre a estabilidade dos modelos seguros, os quais poderão não ser tão seguros como se pensava.

Bowlby (2005) diz-nos que os padrões de apego tendem a persistir, mas que nem sempre assim acontece. Os estudos mostram que, nos dois ou três primeiros anos de vida, o padrão de apego é resultado da relação com o cuidador. E se o cuidador mudar o seu tipo de relação com o seu filho, o padrão de apego deste vai mudar de acordo. Isto foi evidenciado por Sroufe (1985), que demonstrou que essa mudança não se deve ao temperamento da

criança, mas sim do seu cuidador. Porém, na medida em que a criança cresce, esse padrão vai tornando-se cada vez mais seu, o que significa que ela vai acabar por impôr esse padrão de apego aos outros que a rodeiam (Bowlby, 2005).

Os resultados deste processo de internalização podem ser vistos nos estudos de Sroufe, Fox, e Pancake (1983), que estudaram crianças aos 12 meses e depois aos 18 meses de idade, verificando que o padrão de apego se mantinha. E nesta sequência também Main e Cassidy (1988) verificaram que o apego aos 12 meses de idade é preditor dos padrões de interação com a mãe 5 anos depois, quando a criança tinha 6 anos.

Por outro lado, Hazan e Shaver (1987) também nos chamam a atenção para o fato de que os modelos internos são representações dinâmicas que podem ser alteradas, elaboradas ou reorganizadas de acordo com as diferentes experiências relacionais. Desta maneira, os modelos internos não seriam rígidos, tendo a capacidade de acomodar informação e de serem determinados pelos comportamentos e pelas características dos atores relacionais. Outros estudos também mostraram que o casamento, uma relação amorosa estável, ou o nascimento de um filho, podem proporcionar alterações de vinculação, sobretudo nos inseguros que tendem a ser menos estáveis (Brehm, Miller, Perlman, & Campbell, 2002; Crowell, Treboux & Waters, 2002).

Nós podemos ler em Bowlby (1990, pg. 387):

Todavia, tal continuidade dos cuidados parentais é muito menos comum nas famílias em má situação. Em estudo de cem sujeitos de uma tal população (Vaughn e outros, 1979), uma amostra na qual somente metade das mães era casada e a maioria tinha menos de vinte anos de idade, não menos do que um terço dos padrões avaliados aos doze meses havia se modificado seis meses mais tarde, alguns para melhor e outros para pior. No caso de dez crianças que apresentaram apego seguro aos doze meses e

apego ansioso aos dezoito, as mães relataram eventos de vida muito mais estressantes durante o período de modificação do que as mães de 45 crianças cujo padrão continuou a ser seguro. Em diversos casos nos quais a mudança tinha ocorrido na direção oposta, de ansiosa para segura, o advento de uma avó parecia ter, provavelmente, desempenhado um papel benéfico (Egeland e Sroufe, 1981).

Podemos assim identificar três situações; 1) as mudanças de apego são muito mais frequentes nas famílias em má situação; 2) acontecimentos estressantes afetam não apenas a família, mas também os bebês e crianças; e 3) a importância da vinculação complementar e ou da família (avós) como fonte de estabilidade para a mudança do apego.

Também McConnell e Moss (2011) que fizeram uma revisão de estudos empíricos acerca da estabilidade e mudança do apego, dizem-nos que vários estudos mostraram que alguns fatores como o divórcio, a monoparentalidade, doenças graves na família, abuso de drogas, morte de um familiar, depressão na família e outros acontecimentos negativos e estressantes têm tendência a criar apego inseguro. No entanto, apesar de serem poucos os estudos que mostram quais os fatores que provocam um apego seguro, aqueles que existem evidenciam que as relações satisfatórias, a abertura emocional, e poucos acontecimentos negativos estão relacionados com um apego seguro. Os autores, no entanto, salientam o fato de existirem poucos estudos que examinam os fatores que contribuem para um apego seguro, assim como aqueles fatores que provocam a mudança do apego inseguro para o apego seguro. Segundo estes autores, as relações e o ambiente no qual a pessoa vive são responsáveis pelas mudanças de apego que as pessoas sofrem.

Na infância, as variáveis como por exemplo, uma mãe deprimida, comportamento antissocial, e os métodos de cuidar, parecem ter grande impacto uma vez que alteram o comportamento de cuidar da criança. Da mesma forma, acontecimentos de vida e fatores que

impactam o casamento ou a relação marital, tal como a satisfação conjugal, podem também influenciar o comportamento em relação à criança. No entanto, na adolescência, a comunicação e as interações familiares existentes na família, assim como a depressão, e acontecimentos negativos de vida, parecem ter maior importância na manutenção ou mudança do apego. Já na idade adulta, o bem-estar e as relações com o parceiro, assim como acontecimentos externos, parecem ser os principais fatores para a mudança do apego. Os acontecimentos de vida negativos, como a perda de um familiar, o divórcio, hospitalizações, pobreza, ou maus-tratos parecem estar na base do apego inseguro. Já quanto aos fatores que promovem o apego seguro, eles não estão tão claros, mas relações afetivas gratificantes parecem ter um papel importante. (McConnel & Moss, 2011).

Também Zhang e Labouvie-Vief (2004), no seu estudo ao longo de seis anos, dizem-nos que a estabilidade do apego é relativamente baixa ao fim de seis anos quando comparada com o apego que os indivíduos tinham ao fim de dois anos de intervalo. Eles também mostram que o apego tem muita fluidez (variações) e que as representações desse apego podem variar de acordo com as situações que a pessoa vive, mostrando que as representações sobre o apego que a pessoa tem são susceptíveis de mudar de acordo com as situações que ela vive.

Quando nos reportamos à terapia como mudança dos padrões de apego, podemos também reportar-nos a Yalom (2007) que afirma que para se criar um bom relacionamento precisamos de afeto, confiança, entendimento, aceitação e a formação de um vínculo positivo. Ele relata que muitos pacientes chegam à terapia com a crença de que eles são únicos com os seus múltiplos problemas e dificuldades e que na terapia de grupo eles percebem que não são únicos e que os outros também têm problemas e dificuldades. Assim, Yalom argumenta que na terapia, os indivíduos aprendem a aceitar os outros e a não julgarem, o que reduz a ansiedade

e o estresse. Ele também nos diz que o que produz efeitos terapêuticos é o fato de se conseguir expressar os sentimentos e pensamentos e de se encontrar apoio e aceitação por parte do outro e do grupo.

Também neste sentido, White e Freeman (2000) dizem que a coesão de grupo é alta quando os indivíduos querem pertencer ao grupo e relacionar-se uns com os outros e quando existe compaixão e os membros se preocupam com os sofrimentos dos outros. E quando essa coesão existe, as diferenças não ameaçam a integridade do grupo e existe a oportunidade de expressar diversidades e opiniões, com a confiança de que o grupo não se desarticula e de que os indivíduos não irão se machucar.

E como falamos anteriormente, uma das condições para a mudança para o estilo de apego seguro é o fato de existirem relações gratificantes, onde a pessoa possa expor os seus pensamentos, sentimentos, preocupações e problemas.

4.2. Apego na Infância e Apego ao Par Amoroso

O apego da criança ao cuidador difere do apego entre dois adultos em dois aspectos. O apego romântico é normalmente recíproco, isto é, os parceiros românticos não apenas procuram os cuidados do outro, mas também fornecem cuidados um ao outro. E como parceiros românticos, existe também uma componente sexual nessa relação. Desta maneira, não estamos apenas perante um sistema comportamental de apego, mas também perante um sistema de acasalamento sexual. No entanto, e apesar de tudo, a regulação emocional continua a ser uma função central dos laços do apego. Neste sentido de regulação emocional, existem estudos que mostram que dar as mãos ou apenas ver a fotografia do seu parceiro alivia as emoções negativas e o estresse (Hazan & Selcuk, 2015).

E quando falamos de cuidar e de ser cuidado na relação romântica, nós precisamos

lembrar que o sistema de cuidar é complementar e paralelo ao comportamento de apego e tem a função de proteção e de sobrevivência, tal como o sistema de apego. E da mesma maneira, o objetivo é manter a proximidade. E na relação amorosa nós podemos observar que a relação acaba por ser de cuidar e de ser cuidado. E tal como podemos ler em George e Solomon (1999) o sistema de cuidar baseia-se, e acaba por ser, o desenvolvimento das primeiras experiências de apego.

O sistema de cuidar acaba por ser o resultado das representações e dos modelos internos criados pelas experiências de infância com os cuidadores. Como já vimos antes, a formação de modelos internos é um dos componentes base do apego e do comportamento que a pessoa ou criança apresenta. É com base nos modelos internos, normalmente formados na infância, que a criança cria o modelo de si e dos outros, indo adaptando e ajustando à medida que as relações assim o exijam. Quando nós tratamos do par amoroso, e da relação estabelecida com ele, certamente que essa relação dependerá e será influenciada pelos modelos internos que foram criados na infância nos relacionamentos com as figuras significativas. Podemos ler mais a este respeito em George e Solomon (1996; 1999) e em Solomon e George (1996).

Também vários autores, evidenciaram a importância que outras figuras de apego têm para o desenvolvimento social e cognitivo da criança (Bowlby, 1980, 1990; Harlow, 1958, 1962; Vygotski, 1979, 1984, Wallon, 1966). De uma maneira geral, todos eles sugerem que o desenvolvimento humano e cognitivo, assim como a construção da linguagem, do conhecimento, da subjetividade, e o conhecimento de si, do outro e do mundo, acontecem pelas múltiplas interações que o bebê estabelece desde o nascimento com outros indivíduos, o que estrutura todo o conhecimento e desenvolvimento nas diversas áreas do ser humano.

Desta maneira, nós não podemos ver o relacionamento amoroso como um

acontecimento isolado, precisando analisá-lo à luz das múltiplas interações que a pessoa ou criança teve ao longo da sua vida e de acordo com os modelos internos e aprendizagens que foi efetuando ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Hazan e Shaver (1987) teorizaram que o relacionamento amoroso seria uma relação de vinculação e tentaram estabelecer uma ligação entre o apego na infância e mais tarde a vinculação do adulto com o par amoroso. Também Collins (1996) e Collins e Read (1990) mostraram a existência de ligação entre os estilos de apego na infância e os modos como o adulto pensa e se comporta nas suas relações amorosas.

Igualmente Carnelley, Pietromonaco, e Jaffe (1996) também verificaram que o modo de cuidar aprendido na infância nas relações de apego pode ser transportado para as relações românticas e os seus resultados apoiam a ideia de que o apego e o cuidar são componentes chaves e centrais para a relação amorosa. Estes resultados acabam por apoiar outras pesquisas anteriormente efetuadas, mostrando que a procura de cuidados na relação romântica está associada às experiências de apego que a pessoa teve quando criança. Desta maneira, a pessoa aprenderia a cuidar e a ser cuidada (procurar apoio) nas suas relações de infância e aplicaria esse conhecimento agora na relação amorosa (Carnelley et al., 1996).

Neste sentido também Ribeiro (2010), que estudou a vinculação aos pais e a vinculação amorosa em casais portugueses, concluiu que existe uma relação entre os níveis de exploração e de ansiedade de separação aos pais e a sua dependência, ambivalência e evitamento ao par amoroso, mostrando a existência de uma relação entre o apego do passado e a vinculação atual ao par amoroso. E também nesta sequência, Azevedo (2013), que estudou a relação entre a vinculação aos pais e a vinculação amorosa, encontrou uma associação entre a vinculação segura aos pais e a vinculação segura ao par amoroso assim como também com a satisfação conjugal e com satisfação com a vida.

Por outro lado, Owens, Crowell, Pan, Treboux, O'Connor e Waters (1995) estabeleceram uma correlação de .29 entre a segurança aos pais e a segurança ao parceiro numa amostra de 45 casais. Mais tarde, Bartholomew e Shaver (1998) também encontraram resultados similares. Posteriormente também Fraley e Shaver (1999) encontraram uma correlação de .30 entre a segurança aos pais e a segurança ao parceiro numa amostra de 215 casais. Estes estudos mostram a existência de uma relação entre o apego do passado e a vinculação do presente, o que nos indica que a influência do passado se mantém presente nos dias de hoje.

Também Bragança e Campos (2010) chegaram à conclusão de que existe uma relação entre a qualidade do apego na infância e o estilo de vinculação amorosa na idade adulta, e de que essa relação é mediada em parte pela aceitação/proteção e contato afetivo com os progenitores, especialmente a mãe. Dizem também que as experiências entre a criança e o progenitor parecem necessárias e centrais para a possibilidade de futuras relações satisfatórias com o par amoroso.

Igualmente Collins e Read (1990), que estudaram as relações afetivas e a vinculação, verificaram que as relações parentais que existiram na infância e os pensamentos, sentimentos e comportamentos exibidos nas relações românticas adultas estavam intimamente relacionados. As relações parentais que eram lembradas como calorosas e de aceitação estavam associadas com as percepções correntes dos outros como estando disponíveis para dar suporte. Os adultos que relataram relações seguras na sua infância com a mãe, pai e familiares, relatavam também não se sentirem ansiosos acerca dos compromissos ou das intenções dos seus parceiros. Os autores também mostraram que existe uma relação entre o relacionamento com a mãe durante a infância e as relações românticas no adulto. Eles verificaram que nos adultos que tiveram boas relações com suas mães, existia um aumento de

auto-estima, benevolência, consciência dos outros, assim como uma visão do outro como ajuda, confiança e assertividade. Isto mostra-nos que as relações atuais dependem do tipo de relações que se viveram no passado, mas que é a relação vivida com a mãe que mais peso tem nas relações atuais.

Também Hazan e Zeifman (1999) dizem:

As for the functions of attachment in adult life, we have argued that they are essentially the same as in infancy. The attachment system helps to ensure the development of an enduring bond that enhances survival and reproductive fitness in direct as well as indirect ways. Pair bonds are not simply mutually beneficial alliances based on the principles of reciprocal altruism. Instead, they involve a profound psychological and physiological interdependence, such that the absence or loss of one partner can be literally life-threatening for the other. [...] The evidence indicates that attachment needs persist from the cradle to the grave. And, just as Bowlby surmised, in adulthood such needs are satisfied by pair bonds (pg 351).

Por exemplo, Sousa (2008), que avaliou a vinculação aos pais e ao par romântico, diz-nos que os adolescentes com relações seguras com os seus pais são também mais confiantes com os seus pares, sendo que as raparigas são mais seguras. As associações entre a vinculação à mãe relaciona-se de um modo mais robusto com a relação com os amigos. Isso também foi verificado por Rocha (2008) no seu estudo com adolescentes e jovens adultos, que mostrou existir uma preferência pela mãe, independentemente da idade e do gênero, quando comparada a outras figuras de vinculação. Semelhantes resultados também já tinham sido encontrados por Markiewicz, Lawford, Doyle, e Haggart (2006). Estes dois estudos mostram que a importância da mãe continua presente durante a adolescência e também na fase adulta, ressaltando o seu papel no estilo de apego que a pessoa apresenta.

Uma das indicações que surgiram no estudo de Rocha (2008) foi a de que os resultados obtidos são indicadores de um alargamento das figuras significativas, e não de uma transferência ou de substituição de umas figuras de vinculação por outras. Ou seja, os pais continuam a ser fundamentais e a estarem presentes na vida dos filhos, apesar destes alargarem a sua vinculação para outros significativos que, muitas das vezes, são usadas como formas adaptativas de colmatar inseguranças e também como forma de aprender a ser uma figura de vinculação (Rocha, 2008).

Por outro lado, Markiewicz et al. (2006) salientam que cada relação parece preencher apenas algumas funções do apego, em vez de satisfazer todas as funções do apego. E assim sendo, cada pessoa e cada relação provocariam determinado comportamento e função, sem se sobrepor a outras relações e figuras de apego, nem sobre as relações e figuras de apego antigas. Desta maneira, os adolescentes ou adultos poderiam escolher qual ou quais as figuras de apego que sejam mais adequadas para a situação que vivem.

Por sua vez, Doyle, Lawford e Markiewicz (2009) estudaram as possibilidades de mudanças durante a adolescência (dos 13 aos 19 anos). Apesar de terem encontrado algumas diferenças de acordo com as idades, eles também perceberam que a insegurança com a mãe estava associada à insegurança com o par amoroso. Para além disso, eles também verificaram uma mudança nessa insegurança na relação com o par amoroso, com o passar do tempo. Da mesma maneira, um apego inseguro com o melhor amigo estava associado com insegurança com o par amoroso. De acordo com estes dados, nós percebemos uma continuidade no comportamento de apego, mas também uma mudança desse comportamento de acordo com a duração da relação amorosa. E de acordo com os autores, os resultados obtidos eram consistentes com os modelos protótipos de uma influência a longo prazo da qualidade do apego aos pais mostrando grande estabilidade do apego também ao longo da adolescência. Os

autores também verificaram que a qualidade do apego à mãe estava associada com a qualidade do apego ao par romântico, mostrando que este apego à mãe servia como protótipo para o apego com os parceiros românticos.

Também Markiewicz et al. (2006) dizem que o apego à mãe prediz o apego ao parceiro romântico e que aqueles que têm um apego inseguro com a mãe, recorrem ao par romântico para satisfazerem as suas necessidades de apego, o que evidencia a existência de um processo compensatório, uma vez que eles não conseguiriam preencher as suas necessidades com a mãe e usariam o parceiro com essa finalidade.

Por outro lado, Holmes e Johnson (2009) que fizeram uma revisão de literatura sobre o apego em adultos sobre o parceiro romântico, investigando três hipóteses: 1) os indivíduos escolhem parceiros com o mesmo tipo de apego; 2) os indivíduos escolhem parceiros com um apego oposto; e 3) os indivíduos escolhem parceiros que oferecem apego seguro. O que eles encontraram foi que, quando era dada a possibilidade dos indivíduos escolherem os seus parceiros, eles demonstravam preferência por parceiros com o mesmo tipo de apego ou por apego que lhes desse segurança. Porém, quando se tratava de uma relação real, a preferência acabava por ser da complementaridade do seu apego. Ou seja, um indivíduo com comportamento inseguro procura alguém que lhe dê segurança e em quem ele possa confiar. No entanto, quando se tratava de um parceiro hipotético, ele tinha tendência a escolher quem tivesse as mesmas características dele. Desta pesquisa resultou que existem diferenças entre a realidade e o desejável.

Por sua vez o que também resultou desta pesquisa foi que os modelos internos do outro são mais importantes numa fase inicial do relacionamento, enquanto os modelos internos de si mesmo tornam-se mais importantes à medida que a relação avança. Isto mostra que existem diferenças entre a fase inicial do relacionamento e uma fase mais avançada do

mesmo. Ou seja, as cognições e emoções dependem e estão relacionadas com o estágio da relação (Holmes & Johnson, 2009).

Por exemplo, um indivíduo evitante é atraído por um indivíduo evitante ou mesmo por um indivíduo seguro pois eles prezam a autonomia o que permite ao indivíduo evitante manter a sua autonomia. Um indivíduo ansioso tenderia a procurar outro indivíduo ansioso ou um seguro pois poderia contar com o conforto e apoio do seguro ou com as mesmas ideias do indivíduo ansioso. De uma maneira semelhante, um indivíduo ansioso pode escolher um indivíduo evitante, de forma a evitar a sua ansiedade de proximidade (Holmes & Johnson, 2009). Percebemos aqui que as escolhas do parceiro dependem dos modelos internos e das necessidades dos indivíduos.

Quando se tem em conta os modelos internos e a sua estrutura e organização, podemos reportar-nos a Collins e Read (1994), que disseram que os modelos internos não devem ser considerados de maneira independente, mas sim que eles devem ser entendidos como uma estrutura em rede, onde esses modelos se encontram interconectados hierarquicamente. No topo dessa rede estariam as representações do apego que a pessoa tem de si e do outro, seguindo-se os modelos que ela tem acerca de como deve ser o tipo de relação que se esteja a considerar e, finalmente, viria o tipo específico de relação que a pessoa vive. De acordo com La Guardia, Ryan, Couchman, e Deci (2000), bem como Overall, Fletcher e Friesen (2003) os indivíduos podem apresentar mais do que um estilo de apego nas suas relações. E de acordo com Duemmler e Kobak (2001) o estilo de apego tende a se modificar com o tempo de relação, tornando-se um apego mais seguro à medida que a duração da relação aumenta. Este aumento da segurança do apego à medida que o tempo da relação vai aumentando, está de acordo com Hazan e Zeifman (1994) que argumentaram que as funções do apego vão sendo transferidas dos pais para os pares.

No entanto, o que Duemmler e Kobak (2001) também afirmam é que o comprometimento (compromisso) é uma condição necessária para um apego seguro. Os resultados que eles obtiveram demonstraram que para além destas condições estarem relacionadas, elas também se reforçam mutuamente uma à outra. Assim, eles avançam com o argumento de que o compromisso é uma pré condição para a formação de um apego seguro. Ademais, eles também verificaram que a relação e a maneira de ver o apego podem contribuir para o entendimento das relações amorosas. Toda esta situação traz à superfície a necessidade de se distinguir entre o apego como um construto da própria personalidade e um apego como construto relacional.

Em relação aos processos normativos do apego, Mikulincer e Shaver (2010) sustentam que os parceiros românticos ocupam o nível mais alto na hierarquia do apego da maioria dos jovens adultos, mas que os pais continuam a serem os preferidos como uma base segura para a exploração e crescimento. À medida que se vai ficando mais velho, o parceiro romântico assume um papel cada vez maior como figura de apego. E quando se fica idoso, e se tem filhos, o idoso tende a confiar nos filhos como figuras de apego.

Todavia, escolher uma determinada figura de apego durante a adultícia acaba por ser afetada por uma variedade de fatores relacionais como por exemplo, o tempo da relação romântica, a qual está associada à escolha do parceiro romântico como figura de apego. Hazan e Zeifman (1994) afirmam que para que um parceiro romântico se torne uma figura de vinculação, isso vai levar cerca de dois anos. Por outro lado, o sentimento de confiança, intimidade e compromisso numa relação amorosa afetam a procura de proximidade, o suporte e a segurança dentro de um relacionamento (Feeney, 2004).

Este assunto sobre a relação amorosa estaria incompleto se não tratássemos das semelhanças que muitas das vezes existem entre os pais e o companheiro romântico.

Frequentemente o adulto escolhe alguém como parceiro romântico que tem muitas semelhanças com o seu pai/mãe ou que tem os mesmos gostos do seu pai/mãe. Segundo Heffernan e Fraley (2015), os indivíduos constroem uma representação mental de uma pessoa protótipo baseada nas suas experiências de infância e esta representação mental é usada para escolher o potencial parceiro/a. De acordo com os autores, uma vez a atração iniciada, a formação do vínculo de apego é facilitado pela semelhanças psicológicas com a figura de apego da infância, sugerindo que a transferência psicológica pode ser um mecanismo normativo por detrás de todo este processo. Desta maneira, a atração e o desenvolvimento do laço de apego seriam maximizados quando o parceiro se assemelha a esta representação mental que a pessoa tem.

Esta situação pode ser vista num simples fato de que as pessoas que nasceram quando os seus pais eram mais velhos tendem a ser mais atraídas por pessoas mais velhas (Heffernan & Fraley, 2013). Estes autores salientam também o fato de que o próprio Lorenz verificou que os gansos, com a sua presença, mais tarde quando adultos, tentam acasalar com seres humanos, de preferência brancos e com barbas brancas. Desta maneira, o *imprinting* e as primeiras experiências não apenas ajudam os jovens animais a aprenderem as características dos seus cuidadores, mas que essas experiências têm um papel importante mais tarde aquando da procura de parceiro sexual.

Ou seja, o que Heffernan e Fraley (2015) nos falam é que as preferências dos indivíduos de alguma maneira estavam relacionadas com as características de pessoas que eles viram como importantes na sua infância. Desta maneira, a etnia da babá ou do cuidador tende a fazer com que o indivíduo mais tarde tenda a escolher algum parceiro com a mesma etnia ou com a mesma cor dos olhos, ou com alguma outra característica existente em alguém da sua infância. Os autores também nos falam dos vários estudos que mostram que os

animais, quando cuidados e ou na presença de outras espécies animais, mais tarde tendem a acasalar com essas outras espécies animais, ao invés de com a sua própria espécie. Os autores levantam a hipótese da existência de um período sensível bem cedo na nossa infância onde as preferências sexuais se estabelecem quando se apreendem as características dos cuidadores.

Desta maneira, as experiências iniciais estão associadas com as preferências de atração e de acasalamento, as quais potenciam o desenvolvimento de uma relação e do vínculo do apego. E esta situação seria válida não apenas para o apego romântico, mas para qualquer outra relação onde o interveniente de alguma maneira ative os modelos internos das primeiras relações. Desta forma, o indivíduo transfere as suas representações mentais dos seus cuidadores ou figuras de apego significantes para potenciais parceiros românticos. Assim sendo, a transferência psicológica poderia ser o mecanismo por detrás dos modelos de apego, e dessa maneira influenciar a atração sexual e a formação do apego com o parceiro (Heffernan & Fraley, 2015).

Outra situação encontrada por Brumbaugh e Fraley (2006) foi a de que as pessoas tendem a sentir-se mais à vontade e a procurarem parceiros, que de alguma maneira, lembram e sejam semelhantes a seus parceiros anteriores. Esta situação encontra suporte na ideia de que os modelos de apego são carregados ao longo do tempo e do contexto. Os autores descobriram que os participantes aplicam os seus modelos internos às novas relações, tendendo a experienciar os mesmos pensamentos e sentimentos das suas experiências relacionais passadas. Desta maneira, o indivíduo tenderia a recriar as mesmas dinâmicas inter-relacionais que viveu no passado. O indivíduo portanto, tenderia a estar mais interessado em ter um relacionamento romântico com uma pessoa que fosse semelhante a alguém de uma relação passada, uma vez que, com essa pessoa, ele tenderia a saber o que esperar e como lidar. Esta situação levaria a que pessoas altamente inseguras continuassem a procurar e a

recriar relações, que no final, resultariam na sua infelicidade (Brumbaugh & Fraley, 2006).

Assim, o que Brumbaugh e Fraley (2006) nos dizem é que o estilo de apego pode ser bastante estável ao longo das várias relações românticas, mas que isso não significa que esse estilo não possa mudar. Eles citam outros estudos onde se verificou que pessoas inseguras podem se tornar seguras quando têm um relacionamento com pessoas seguras. E como isso acontece quando existe um clima de confiança, essa mudança irá levar algum tempo. Desta maneira, é possível que o processo de transferência psicológica tenha um maior impacto no início da relação amorosa. E na medida em que a duração da relação aumenta, possivelmente o comportamento do parceiro tem uma maior influência em moldar a natureza do apego, permitindo que ocorram mudanças nas representações mentais do apego em virtude das experiências relacionais que agora vivem (Brumbaugh & Fraley, 2006).

No fundo, os indivíduos transferem as suas representações de apego dos antigos parceiros para os novos, que acabam por serem semelhantes ou terem características semelhantes aos antigos. Isto tanto pode ser válido para o caso de antigos parceiros românticos como pode ser o caso dos cuidadores ou de figuras importantes que a pessoa teve na sua infância. Isto é também o que nos dizem Roisman, Collins, Sroufe, e Egeland (2005) que estabeleceram uma relação entre o apego e as relações com os cuidadores na infância e o apego e a qualidade da relação romântica no adulto. Eles argumentam que as experiências com os cuidadores moldam as representações e expectativas que se têm acerca da relação amorosa no adulto, mostrando também que as pessoas que tiveram um apego seguro com os seus cuidadores na infância acabam por terem também uma relação romântica segura com o seu parceiro.

E segundo Heffernan e Fraley (2015), os indivíduos têm maior interesse romântico naqueles que têm os mesmos modelos de apego. Da mesma forma, os indivíduos ao

procurarem alguém com características semelhantes aos seus cuidadores, poderia ser um indicador de que estamos na presença de uma transferência psicológica e que a relação amorosa poderia ser vista por esta perspectiva.

Resta chamar a atenção para o que Fraley e Shaver (2000) nos dizem acerca do apego e acerca da relação amorosa. Eles ressaltam que não podemos partir do pressuposto de que todas as relações amorosas são uma relação de apego e clarificam que Hazan e Shaver nos seus estudos, nunca questionaram se uns parceiros estavam apegados e outros não, nem ofereceram um método para verificar a situação.

4.3. O Par Amoroso como Fator de Mudança no Tipo de Apego

Podemos começar esta introdução com o que Simpson, Rholes, Campbell, e Wilson (2003) nos dizem acerca do apego e das suas mudanças. Eles, tal como Bowlby já havia previsto, comprovaram que o apego e os modelos internos mudam quando existe incongruência entre as representações internas acerca de si e dos outros e a realidade que a pessoa vive. Ou seja, o estilo de apego mantém-se quando existe congruência entre as percepções que a pessoa tem e os seus modelos internos, e altera quando surge a incongruência. Estes autores também verificaram que a congruência entre os modelos internos e a percepção da realidade é em parte moldada por esses modelos internos. Em outras palavras, a manutenção assim como a mudança do apego é o resultado de um processo ativo no qual os modelos internos geram informação congruente através das percepções e dos comportamentos sociais.

Esta “tensão” entre as percepções e os modelos internos ditam a mudança ou a manutenção dos modelos de apego que a pessoa tem. Assim, um adulto com apego inseguro, não se mantém com esse tipo de apego apenas devido às suas experiências de infância, mas

sim porque ele continua agora a experienciar os seus mundos sociais de maneiras que mantêm e justificam essa insegurança (Simpson et al., 2003).

No entanto, também já Murray, Holmes, e Griffin (1996) tinham sustentado que as relações amorosas estáveis dependiam da capacidade de ver os parceiros imperfeitos de uma maneira idealizada. Dessa forma, a relação tinha maiores probabilidades de se manter apesar dos conflitos e dúvidas, quando os parceiros se idealizavam um ao outro. E essa idealização aumentava o grau de satisfação que eles tinham na relação e diminuía os conflitos e dúvidas que surgiam, o que na verdade, acabava por criar a relação que eles desejavam. Desta maneira, os modelos internos positivos acerca de si e do outro protegeriam contra as inevitáveis acomodações, tais como o declínio da satisfação e o aumento do conflito. Os autores concluem com os vários estudos que mostraram a importância da autoestima e dos modelos internos positivos acerca de si e dos outros na criação e continuação da relação, assim como o seu impacto na estabilidade e satisfação nessa relação.

Quando temos em consideração a teoria do apego, e aquilo que Bowlby (1990) sustenta acerca do cuidar e do ser cuidado, percebemos que o apego existe nos dois sentidos e de alguma maneira os dois sistemas acabam por estar relacionados. Com o tempo estes dois comportamentos (o de apego e o de cuidar) vão mudando e se adaptando, passando a criança a ser cada vez menos dependente do cuidador (menos cuidada) e este permitindo que ela explore cada vez mais o meio e que o faça por si mesma. E ao longo dos anos e da vida, podemos observar que, de acordo com as circunstâncias, todos nós acabamos por apresentar ou um comportamento de apego (em situações de perdas, de separações ou de necessidades emocionais) ou um comportamento de cuidar sempre que alguém necessite de apoio ou tenha necessidades emocionais.

Nesta ordem de ideias, percebemos que o tipo de apego e os modelos internos que

criamos quando crianças, certamente que estarão presentes no relacionamento amoroso. Porém, Bowlby (1990) sugeriu que os modelos internos poderiam alterar na presença de um acontecimento significativo na vida da pessoa, sendo que alguns desses acontecimentos poderiam ser o casamento, o nascimento de um filho ou o falecimento de um ente querido. Ou seja, os modelos internos que se formam através das relações podem ser modificados pelas relações, assim como também pelas situações e acontecimentos que a pessoa vive. Mas, não podemos deixar de lado que a principal função das relações de apego é para fornecer sentimentos de segurança (Sroufe e Waters, 1977).

Com tudo isto em mente, percebemos que as relações interpessoais, amorosas ou não, têm a capacidade de mudar o tipo de apego que a pessoa traz de criança. Collins e Read (1994) teorizaram que as relações têm a capacidade de alterar as representações mentais da vinculação na presença de experiências corretivas. Assim, e de forma a promover a mudança, as experiências dessas relações devem modificar os modelos internos que a pessoa tem de si e dos outros. Estas experiências ajudariam o indivíduo a modificar e a desenvolver uma visão diferente e mais positiva de si e dos outros, assim como a lidar melhor com as suas emoções.

No entanto, a situação de mudança do estilo de apego já tinha sido encontrada por Fuller e Fincham (1995) no seu estudo, onde 35% dos indivíduos mudaram o seu estilo de apego ao longo de dois anos, sendo que essa mudança tinha a ver com as mudanças dos modelos mentais acerca do parceiro. Também Baldwin e Fehr (1995) encontraram cerca de 30% de indivíduos que alteraram o estilo de apego, mas neste caso as mudanças ocorreram entre uma semana e vários meses. Estes autores, no entanto, questionam a metodologia usada para determinar o tipo de apego dos indivíduos e avançam com a ideia de que o apego pode refletir a situação relacional que a pessoa vive no momento.

Também Davila, Karney, e Bradbury (1999), que avaliaram as representações do

apego, encontraram mudanças nessas representações do apego em casais ao longo dos dois primeiros anos de casamento. Estas mudanças nas representações do apego deviam-se quer ao contexto no qual os indivíduos viviam, quer aos fatores intrínsecos de cada indivíduo. Os resultados que Davila et al., (1999) encontraram seguem as observações de Hazan e Shaver (1994), que mostraram que os indivíduos se tornam mais seguros com o aumento do tempo de relação. Ou seja, o que Davila et al., (1999) encontraram foi que as mulheres tendiam a ter representações de si mesmas como mais seguras e a estarem mais confortáveis quando dependentes dos outros, assim como menos ansiosas acerca de serem abandonadas, e certamente que isto teria a ver com o fato delas se sentirem mais confortáveis nos seus casamentos à medida que o tempo passa e ao verificarem que o casamento vai durar, ou mesmo devido à transferência das funções do apego para a pessoa com quem estão a viver.

Igualmente Main (1999), Bowlby (1988) e Crowell, Treboux, & Waters (2002) sugerem que as pessoas têm a capacidade de alterar a vinculação desde que exista um contexto seguro e de confiança, podendo este contexto ser uma relação amorosa. Também Moreira (2006) argumenta que a vinculação depende e é específica da relação em que a pessoa se encontra. E igualmente Duemmler e Kobak (2001) defendem que o apego muda ao longo do tempo da relação, corroborando o que Collins e Read (1994), Moreira (2006) e outros têm vindo a demonstrar.

Ademais, Simpson et al., (2003) sustentam que a relação pode ativar o afeto positivo ou negativo e as cognições ligadas às experiências de apego da infância. Desta maneira, a relação atual poderia reativar essas experiências e cognições da infância (modelos internos) e desse modo levar a pessoa a apresentar um determinado modelo de apego. E tal como vimos no início desta seção, a maneira como nos vemos a nós mesmos e como vemos o outro, ou a maneira como nos idealizamos e idealizamos o outro, são determinantes para a manutenção

ou mudança do tipo de apego que a pessoa apresenta. Da mesma forma, a maneira como a pessoa se vê e é tratada nas suas relações sociais pode alterar os seus modelos internos, desde que exista um conflito entre eles e a realidade que ela vive (Simpson et al., 2003).

Este capítulo estaria incompleto sem fazermos referência a uma situação que nos parece importante e também interessante: o sistema comportamental de cuidar. Bowlby (1990), assim como George e Solomon (1999) e outros autores trataram do tema e argumentaram que este sistema de cuidar está ligado ao comportamento de apego e de ser cuidado. Ou seja, o adulto, e concretamente, a relação romântica, é uma relação de ser cuidado e de cuidar. Estamos assim perante dois comportamentos que se complementam e que estão presentes na relação amorosa. Os autores partem do princípio de que o sistema de cuidar é recíproco e evolui em paralelo com o sistema de apego. Desta maneira, nós podemos ver a relação amorosa não apenas pelo ponto de vista do apego, mas também pelo ponto de vista do cuidar. E quando entramos em linha de conta com estes dois sistemas de comportamento, percebemos que eles ativam e eliciam diferentes e importantes modelos internos. E assim torna-se evidente a necessidade de mudança destes modelos internos, sejam eles os modelos de apego ou os modelos de cuidar sempre que queremos mudar os padrões de comportamento. E isto também nos coloca perante a necessidade de mudança e adaptação sempre que tal se torne necessário no dia-a-dia do indivíduo.

4.4. Espaço Temporal Necessário para a Relação Amorosa ser Considerada uma Relação de Apego

Como já vimos anteriormente, os acontecimentos ocorridos na vida do indivíduo, assim como as relações que ele vive, são passíveis de modificar a sua vinculação (Cozzarelli et al., 2003; Davila, Burge, & Hammen, 1997; Baldwin & Fehr, 1995). Outra situação que

também já vimos anteriormente é que o par amoroso também pode modificar a vinculação (Davila et al., 1999; Fuller & Fincham, 1995; Duemmler & Kobak, 2001). A literatura sugere que a mudança do estilo de apego é passível de mudança, como Bowlby já tinha falado. No entanto, o que nos interessa aqui nesta secção é analisar o tempo que é necessário para a mudança do estilo de apego, de uma maneira geral, ou para que aconteça uma mudança de apego dentro de uma relação amorosa, ou qual o tempo necessário para que uma relação amorosa se converta numa relação de apego. Este assunto precisa ser abordado e clarificado uma vez que existem duas situações: 1) a mudança do estilo de apego aquando de uma relação amorosa ou mesmo dentro de uma relação de amizade e 2) a mudança de uma relação de amizade para uma relação de apego.

Quanto ao primeiro ponto, ou seja, a mudança do estilo de apego, Bowlby falou bastante sobre ele assim como muitos outros autores. De uma maneira geral todos são unânimes em dizer que o estilo de apego é passível de mudança quer devido às relações quer devido aos acontecimentos que a pessoa vive ou sofre ao longo da vida. Por exemplo, Crowell, Treboux & Waters (2002), que estudaram pessoas três meses antes de casar e 18 meses depois do casamento, afirmam que 22% das pessoas alteraram a sua vinculação depois do casamento, mostrando que a mudança na vinculação é possível quando existe uma relação de apoio na adultícia.

Já quanto ao fato da relação amorosa se converter numa relação de apego, esse assunto começou com Hazan e Shaver (1987) que avançou com essa possibilidade e com Hazan e Shaver (1994) que complementaram um pouco mais acerca dessa transferência de apego para a relação amorosa. Neste sentido, surgiram vários estudos que confirmaram que a relação amorosa pode ser considerada uma relação de apego assim como estudos que investigaram acerca do tempo que ela levaria para se tornar uma relação de apego

(Brumbaugh & Fraley, 2006; Cassidy, 2001; Fraley & Davis, 1997; Hazan & Shaver, 1987; Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1999).

Mas, tal como o apego na criança é constituído por três funções básicas, a saber, 1) manutenção de proximidade da figura de vinculação; 2) uso da figura de vinculação como porto seguro nas situações de doença, perigo ou ameaça, e 3) uso da figura de vinculação como uma base segura para a exploração, e supondo-se que no adulto o mesmo aconteceria, no caso de estarmos perante uma relação de apego. Assim, o apego na relação amorosa seguiria as três funções básicas: 1) manutenção de proximidade da figura de vinculação; 2) uso da figura de vinculação como porto seguro nas situações de doença, perigo ou ameaça; e 3) uso da figura de vinculação como uma base segura para a exploração (Fraley & Shaver, 2000).

Estas três funções seriam transferidas sequencialmente e seguiriam o mesmo padrão que Bowlby (1990) já tinha abordado. E foi com base neste pressuposto que Hazan e Shaver avançaram nas suas pesquisas. Estas funções do apego, segundo os autores, levam tempo para transferir-se para a relação amorosa. Nesta sequência, Hazan e Shaver (1994) mostraram que leva tempo até que uma relação amorosa se transforme numa relação de apego e que esse tempo é de cerca de dois anos. Também no trabalho de Fraley e Davis (1997), podemos verificar que esse tempo é de cerca de dois anos.

Também Cassidy (2001) fala-nos do espaço temporal necessário para se estabelecer uma relação de vinculação o qual seria de aproximadamente dois anos. E também Fraley & Shaver (2000) falam da pesquisa de Hazan et al. onde o espaço temporal necessário para que uma relação amorosa se converta numa relação de vinculação seria de aproximadamente dois anos: “Also, consistent with Hazan et al.' s findings, romantic attachments took approximately 2 years, on average, to develop, and secure individuals were more likely than insecure

individuals to use their romantic partners as attachment figures” (Fraley & Shaver; 2000 pg.5).

Com tudo isto, percebemos não só que a mudança do estilo de apego é possível no adulto, e também dentro da relação amorosa, como também que a relação amorosa leva cerca de dois anos para poder ser considerada uma relação de apego.

4.5. Cultura e Diferenças de Vinculação

Gostaria de começar a discussão sobre a cultura e as diferenças de vinculação com aquilo que Carlson e Harwood (2003) falam:

Until we develop awareness of our own shared knowledge and assumptions, we are not prepared to explore culturally different values and beliefs. Most cultural assumptions remain unconscious until they are violated. Shared knowledge about interactive behaviors, such as maintaining the appropriate distance between conversational partners or the use of a handshake versus a hug in greeting acquaintances, do not enter conscious thought unless our expectations are not met.

Violated interactive assumptions often stimulate strong emotional reactions, leading to communicative difficulties or breakdowns. Failure to examine personal assumptions and beliefs may thus lead to frequent communicative difficulties in interactions with individuals with whom we do not share a common cultural heritage (pg. 87).

Nesta citação, podemos perceber o quão inconsciente são as nossas crenças e padrões de julgamento e de interação com os outros. Igualmente, somos levados para a criação dos modelos internos que nos guiam e orientam nas nossas relações, sendo que estes modelos internos, muitas das vezes, só se tornam visíveis quando entram em conflito com uma nova realidade, seja ela cultural, social ou outra. E tal como os autores nos chamam a atenção,

precisamos examinar as nossas crenças se queremos resolver dificuldades de comunicação e de interação com os outros. Carlson e Harwood (2003) trazem à reflexão a importância e o cuidado que o terapeuta precisa de ter ao lidar com os seus pacientes, sobretudo aqueles de culturas diferentes, com o fim de se evitarem situações desagradáveis e de quebra de confiança terapêutica.

Mas, tal como Bowlby e Ainsworth já afirmaram, o apego depende da qualidade da relação e da responsividade do cuidador. O tipo de apego está portanto diretamente relacionado com o comportamento de apego do bebê, assim como com o comportamento de vinculação do cuidador. Moreira (2006) também nos chama a atenção para o fato de a vinculação ser fruto da relação que a pessoa vive, e nós podemos extrapolar isso para a relação que o bebê vive. Desta maneira, podemos dizer que a vinculação e o apego são frutos, quer das relações, quer dos comportamentos dos seus intervenientes nessas relações. Seria então este sistema comportamental e relacional que regula e determina as ligações e vínculos que se estabelecem, as emoções sentidas e vividas, assim como o que se pensa acerca da relação e da pessoa em causa.

Nesta ordem de ideias, não podemos esquecer que nem sempre estamos perante um sistema de apego, porque simultaneamente costuma existir também o sistema de afiliação ou de socialização. O sistema de afiliação é um sistema semelhante ao sistema de apego e que tem a função de promover a sobrevivência da humanidade ao longo do tempo, fornecendo e promovendo a sociabilidade. Esta sociabilidade protege os seres humanos de possíveis ameaças ou catástrofes e aumenta as capacidades de sobrevivência e de bem-estar da sociedade (Cassidy, 2008). Enquanto o sistema de apego tem uma característica relacional com o cuidador, o sistema social tem uma característica relacional com o outro fornecendo e criando as redes sociais do indivíduo.

Por outro lado, Rowe e Carnelley (2005) dizem-nos que os adultos seguros têm um maior número de pessoas na sua rede de contatos do que os inseguros. E da mesma maneira, os indivíduos seguros veem os outros como amigos ao invés dos inseguros, o que mostra que o apego seguro está associado com a rede de amizades e contatos que se tem. E desta maneira podemos relacionar o apego com a rede social que o indivíduo apresenta.

O conceito de universalidade do apego diz que todas as crianças se apegam a pelo menos um cuidador principal, podendo, no entanto, se apegarem a mais do que uma pessoa, mas não a muitas (Grossman & Grossman, 2006). Por seu lado, Bowlby (1988) teorizou que todos, independentemente da sua cultura, precisariam de alguém que servisse como base segura, quer para se relacionar, quer para explorar o ambiente.

Mas, no estudo da influência cultural precisamos de ter em atenção as diversas componentes da vinculação que tanto Bowlby como outros autores falam: 1) base segura a partir da qual se faz a exploração; 2) o porto seguro no qual nos podemos recolher em caso de “tempestade” ou ameaça externa; 3) a manutenção da proximidade tanto da parte do bebê como da parte do seu cuidador; 4) o protesto de separação e 5) os modelos internos de trabalho que se criam, quer acerca de como nos vemos a nós, quer acerca de como vemos o outro.

É sabido que o comportamento nas relações entre o bebê e o seu cuidador variam de acordo com a cultura e com a tradição nas quais eles se encontram inseridos (Cassidy, 2008; Cassidy & Shaver, 2008; Grossman & Grossman, 2006), e também podemos verificar diferenças de apego em diferentes culturas (Lopez, Melendez, & Rice, 2000; Rothbaum & Morelli, 2005; Rothbaum, Weisz, Pott, Miyake, & Morelli, 2000; Schmitt, Nader, & Casullo, 2003; van Ijzendoorn & Sagi-Schwartz, 2008). Este comportamento relacional, proveniente da cultura e da tradição, acaba por influenciar as componentes de apego e de vinculação.

Apesar de muitas vezes não se considerar a cultura como uma influência no apego e se dizer que este e a vinculação são universais (Bowlby, 1988; Grossman & Grossman, 2006), alguns autores chamam a atenção para a influência da cultura no apego e argumentam que o apego costuma ser observado apenas segundo valores e perspectivas ocidentais (Rothbaum et al., 2000) e que, dessa maneira, induzem erros de interpretação e erros de aplicações clínicas. Rothbaum et al. (2000) analisaram as diferenças entre os EUA e o Japão com base nos três pressupostos da teoria do apego: a) a sensibilidade do cuidador que leva a um apego seguro, b) um apego seguro leva mais tarde a maior competência social, e c) as crianças que têm um apego seguro ao seu cuidador, usam-no como uma base segura para explorarem o ambiente à sua volta.

Estas medidas, segundo Rothbaum et al., (2000), dão ênfase à autonomia da criança, à sua individualização e exploração. Mas no Japão estas situações são vistas de um modo diferente, onde o individualismo é visto como negativo e o colectivo como positivo. Esta maneira de pensar da cultura japonesa colocaria em questão estes fundamentos da teoria do apego. Eles chamam-nos assim a atenção para o fato de que, a ser verdade que os fundamentos do apego são postos em causa, então a teoria do apego estaria enraizada numa visão e cultura ocidental, e que isso levaria a que quer ela, quer as intervenções baseadas nela, estariam a ser olhadas apenas através das lentes da respectiva cultura ocidental. Estes autores defendem que a biologia e a cultura são aspectos inseparáveis do sistema no qual a pessoa se desenvolve. Eles dão alguns exemplos dizendo que a fala materna no Japão é focada em emoções enquanto nos EUA ela é focada na informação. Igualmente salientam o facto de que existe também um maior contato físico com as crianças no Japão, enquanto nos EUA esse contato é feito visualmente. Da mesma forma, enquanto no Japão a atenção da criança é dirigida para as pessoas, nos EUA essa atenção é dirigida para objetos.

Por essas razões, os autores criticam a maneira como o apego é visto, assim como as avaliações que o apego faz, na medida em que essas avaliações precisam de ser vistas pelos olhos da cultura onde se está a fazer o estudo e não pelos nossos olhos, nem pelos olhos da cultura ocidental. E ao não se levar em conta a cultura que se está a estudar, isso acaba por levar a erros e interpretações incorretas, criando-se mal-entendidos e maus resultados nas intervenções. Assim, Rothbaum et al. (2000) apontam que as dinâmicas do apego não são universais e que elas são diferentes de cultura para cultura o que, por sua vez, leva a interpretações e intervenções errôneas, as quais acabam trazendo consequências.

Neste sentido, também Ainsworth (1985) ao falar acerca dos seus estudos em Uganda e em Baltimore, diz-nos que os comportamentos do apego das crianças eram semelhantes, assim como as fases de desenvolvimento, o que apoiava a ideia de Bowlby de que existe uma tendência universal para que a criança se apegue ao seu cuidador. No entanto, Ainsworth chama a atenção para o fato de existirem diferenças culturais nas relações entre as mães e seus filhos o que afeta a resposta e reação dos filhos em relação à situação do estranho e em relação às separações do dia-a-dia, assim como em relação ao fato da criança usar a sua mãe como base de exploração. Ainsworth (1985) conclui: “These latter findings have confirmed my conviction that cultural context must be taken into account when assessing the security versus insecurity of attachments.” (pg. 774)

Também Rothbaum, Rosen, Ujiiie, e Uchida, (2002) nos dizem que devemos ter cuidado na aplicação de qualquer teoria fora da cultura onde ela foi criada, enfatizando a influência da cultura na maneira de ver, de pensar e de agir dos seus indivíduos. De forma conclusiva podemos ler Minuchin, (2002) :

Cross-cultural perspectives have always been useful for understanding behavior. They clarify the distinction between aspects that are essentially part of the human condition

and those that are the most responsive to variation. The interesting article by Rothbaum and his colleagues is in that tradition, contrasting the cultural values and family patterns in Japanese society with those of Western cultures, including our own, and suggesting that these differences shape the nature and course of attachment. It stimulates questions about what we have taken for granted in our theories and in our evaluations of dysfunctional behavior. (pg. 546)

Minuchin (2002) argumenta que, muitas das vezes, existem ideias e conceitos bastante diversos na família acerca de como cuidar da criança, quer eles venham das famílias de origem (cada família traz as suas ideias), quer venham de pais de culturas diferentes (onde cada um carrega a sua cultura). Podemos assim perceber que muitas das vezes existem ideias e conceitos bem diferentes acerca de como cuidar da criança, ideias e conceitos esses que precisam de ser tidos em atenção para o bem-estar da criança e mesmo para o bem da própria família e do próprio casal.

Tudo isto nos mostra a importância de se olhar o apego e a vinculação à luz da cultura do país, da família e de cada um dos pais. Desta maneira, o psicólogo precisa de prestar mais atenção a estas diferenças familiares e culturais, em vez de se ater a uma teoria ou a uma simples técnica de trabalho. E quando se trata da interpretação de testes e de resultados, é necessário ter em atenção que eles não revelam toda a história nem toda a situação. Torna-se assim importante ressaltar que esses testes e resultados servem apenas para se obter uma compreensão parcial, criando a base para uma pesquisa mais centrada e dirigida na pessoa e no ser humano, o qual é afetado não apenas pela família, mas também pela cultura onde se encontra, pela educação e aprendizagem que teve, assim como pelas suas próprias particularidades intrínsecas.

Também Wang e Mallinckrodt (2006) consideram que as normas ocidentais não se

aplicam a todas as culturas, dando o exemplo das medidas da escala “Experiences in Close Relationships Scale” (ECRS) de Brennan, Clark, & Shaver, (1998). Wang e Mallinckrodt (2006) salientam o facto de que os modelos internos não se constroem sem uma relação e sem uma cultura e, dessa forma, esses modelos internos encontram-se imbuídos pela cultura e pelas crenças da mesma acerca do que é socialmente aceite. Desta maneira, a cultura imporá os modelos de independência e de obrigação para com os outros, assim como também estabelecerá valores como a auto-estima e valor próprio na criança. Ou seja, o ser humano não pode ser visto separado do contexto relacional onde ele se encontra. No seu estudo, eles também encontraram diferenças significativas entre os gêneros assim como entre o gênero e a cultura (Wang & Mallinckrodt, 2006). Isto chama-nos a atenção para a diversidade e a particularidade que precisam ser sempre tidas em consideração quando se trata de lidar com o ser humano.

Também Ribas e Moura (2004), ao discutirem o apego e os estudos transculturais, salientam três factores: 1) que a pesquisa do apego precisa de ser investigada nos diversos contextos culturais assim como também receber validação transcultural, 2) que as pesquisas acerca da responsividade materna precisam levar em conta as diferenças culturais, 3) e que os referenciais teóricos precisam considerar as variáveis sócio culturais.

Por outro lado, e de acordo com a teoria do apego, as interações da criança com o cuidador formam modelos internos de trabalho e representações mentais de si e dos outros, as quais ficam profundamente gravadas (Bowlby, 1988, 1990). E sabendo nós que as interações entre a criança e o cuidador são diferentes de cultura para cultura, levanta-se então a hipótese do apego não ser universal, mas sim de ser determinado pela própria cultura na qual o indivíduo ou criança se encontra inserido. Tudo isto nos remete mais uma vez para o fato de não podermos ver o indivíduo separado da sua cultura e também para o fato de não podermos

extrapolar teorias e métodos de trabalho de uma cultura para outra sem ter em atenção as possíveis diferenças que se podem encontrar e que possam existir.

Neste ponto, cabe incluir um estudo feito acerca do relacionamento romântico, em 62 regiões culturais de (Schmitt et al., 2003). Neste estudo foi usado o questionário de relacionamento de Bartholomew e Horowitz (1991), o qual mede o apego romântico em adultos. Neste questionário, avalia-se o modelo de si e o modelo do outro, e o que os resultados mostraram foi que as quatro categorias do apego não eram iguais em todas as culturas. Por exemplo, o apego seguro era apenas normativo em 79% das culturas, enquanto o apego preocupado era prevalecente nas culturas do leste da Ásia.

Bartholomew e Horowitz (1991) buscam medir com o seu questionário os modelos internos que a pessoa tem acerca de si e acerca do outro. E uma vez que esses modelos internos seriam criados e construídos na infância, e permaneceriam no adulto (Bowlby, 1990), estes poderiam ser agora avaliados medindo as representações que a pessoa tem acerca de si e acerca do outro. Desta forma, poder-se-ia medir o estilo de apego em quatro dimensões. No entanto, quando se coloca a questão de medir o apego, alguns autores como Rothbaum et al. (2000) questionam essa possibilidade e dizem que as medidas do apego, assim como a teoria do apego estão enraizadas na cultura ocidental e são vistas com os olhos da cultura ocidental, questionando a universalidade da teoria do apego.

As análises fatoriais deste estudo mostraram que as quatro categorias do apego romântico não se enquadravam segundo o que se previa nas regiões da América do sul, Europa ocidental, Europa oriental, médio oriente, África e leste da ásia. Por outro lado, as análises fatoriais deste estudo sugerem a existência de duas dimensões de apego romântico em todas as regiões mundiais. Por exemplo, o apego seguro é predominante em apenas 79% das culturas estudadas, mas por outro lado em outras culturas, predominam os outros tipos de

apego. Por exemplo, nas culturas do leste da Ásia o tipo de apego que predomina é o apego preocupado, o qual poderá estar relacionado com o fato de nestas culturas, ser extremamente importante a opinião dos outros (Schmitt et al., 2003).

Por outra parte, quando olhamos a cultura e o trabalho clínico, percebemos que o clínico precisa de ter em consideração a cultura e as diversas práticas existentes de forma a conseguir fazer um bom trabalho na comunidade. Por exemplo, Spicer (2011) chama a nossa atenção para esse fato dizendo que na área do trabalho clínico precisamos levar em conta as diferenças culturais de forma a evitar as nossas frustrações e as frustrações dos nossos pacientes. Ou seja, não podemos usar apenas os nossos conhecimentos e suposições que, muitas das vezes, se encontram limitados pela nossa formação de origem e pela nossa cultura de origem (Spicer, 2011).

A questão da cultura e apego já vêm de longe como nos dizem Rothbaum e Morelli (2005). Estes autores também discutem e questionam a universalidade do apego uma vez que a sensibilidade do cuidador poderá mudar de cultura para cultura e a competência social seria uma consequência de um apego seguro. Estes autores ressaltam o fato de que os teóricos do apego reconhecerem que existem diferenças entre as diversas culturas na maneira como esse apego se manifesta, mas eles não descrevem qual a variação nem se focam nela, o que acaba por levar a descrições abstratas acerca do apego, ou descrições que são vistas segundo o padrão ocidental do apego. Por exemplo, os autores chamam a atenção para a responsividade do cuidador ser “atempadamente” e “apropriada”, sendo que estes termos são ocidentais e que, de acordo com a cultura, podem ter significados diferentes. Estes autores defendem uma perspectiva sociocultural quando se trata da questão do apego uma vez que, segundo eles, os processos biológicos e sociais evoluíram em conjunto, e ao se ver o apego sob uma perspectiva sociocultural os termos “atempadamente” e “apropriado” ganhariam uma nova

contextualização. Os autores argumentam que a biologia e a cultura são inseparáveis e que se encontram misturadas e como tal, o estudo do apego deve ser sempre feito tendo em conta o contexto cultural.

E estes autores dizem que a perspectiva sociocultural salienta a importância dos valores e práticas locais, referindo-se também a outros estudos que adotaram uma abordagem de procurarem as diferenças nos antecedentes e nas consequências das relações entre diversas culturas, contrariamente a outros estudos que olhavam as semelhanças entre culturas.

Rothbaum e Morelli (2005) argumentam que os aspectos de cuidar são diferentes de acordo com a cultura e citam o estudo de Carlson e Harwood (2003), que verificaram que o controle materno está relacionado com o apego inseguro em famílias Anglo-Americanas, mas não em famílias de Porto Rico, situação que tem a ver com o sistema de crenças e práticas existentes entre as mães de Porto Rico. Complementarmente, os autores fazem referências a outros estudos onde o foco das mães é colocado nos sinais de estresse da criança, enquanto em outras culturas o seu foco é colocado nos sinais positivos que a criança apresenta. Por exemplo, eles falam que as mães do Quênia são mais responsivas aos sinais de estresse das crianças do que as mães dos EUA e, como tal, os bebês quenianos choram menos do que os bebês dos EUA. Igualmente, as mães quenianas mantêm um contato quase constante com seus filhos, respondendo rapidamente às suas necessidades, ao invés das mães americanas que, por vezes, deixam os seus filhos chorarem. Por outro lado, as mães quenianas respondem pouco aos sinais positivos dos seus filhos, contrariamente às mães americanas que incentivam os seus filhos nas suas atividades.

Rothbaum e Morelli (2005) portanto, chamam a atenção para os muitos estudos que já foram efetuados e que mostram que existem diferenças na maneira como cada cultura lida com os seus bebês e aquilo que em cada cultura é importante em termos sociais. Ou seja,

mesmo as mesmas palavras, muitas das vezes, acabam tendo conotações diferentes. Por exemplo, a concepção de competência não é a mesma em várias culturas uma vez que, na civilização ocidental, ela está relacionada com capacidade individual, ter uma mente individual, explorar e capacidade para alcançar metas. Estes atributos são diferentes de cultura para cultura. Também quanto à independência e individualidade, elas variam pois, enquanto no ocidente elas são vistas como indicadores de segurança, em outras culturas o importante é o coletivo e a colaboração. Desta maneira, a associação entre apego seguro e competência social acaba por ser diferente entre as diferentes culturas (Rothbaum & Morelli, 2005).

Estes autores salientam que a maioria dos estudos se baseiam nas semelhanças de apego entre culturas, ao invés de se basearem nas diferenças que existem. Segundo eles, são essas diferenças que enriquecem e que trazem mais valias para uma maior compreensão do apego e da importância da cultura sobre cada ser humano. Da mesma forma, eles chamam também a atenção para o fato dos instrumentos serem apenas adaptações de instrumentos ocidentais e não instrumentos criados dentro da cultura que está a ser medida e avaliada. Desta maneira, os instrumentos não refletiriam o apego na cultura que estaria a ser avaliada, mas apenas refletiriam a perspectiva ocidental sobre essa cultura (Rothbaum & Morelli, 2005).

No entanto, também já Lopez et al. (2000) tinham mostrado existirem diferenças entre raças no seu estudo entre brancos, hispânicos e negros, mostrando que, apesar da cultura em que eles estavam inseridos ser a mesma, a influência cultural e familiar – transmissão intergeracional – tinham um papel importante na maneira como cada raça manifestava o seu apego e os seus relacionamentos. Eles verificaram que o estado civil dos pais e a raça dos entrevistados tinham efeitos significativos nos resultados obtidos acerca da percepção de como foi a sua relação com os seus pais e acerca de como são agora as suas relações com os

seus pais. O divórcio dos pais influenciava a maneira como eles viam o seu passado, mas não afetava o seu relacionamento com os seus pais. Mas, por outro lado a relação que eles tiveram com os seus pais afetava a relação com os seus pais. Por outro lado, os participantes negros relataram que as suas mães eram mais superprotetoras do que os brancos e os hispânicos.

Podemos então perceber aqui que uma das situações importante para as relações atuais é a relação que a pessoa teve no seu passado com os seus pais. Desta maneira, percebemos que a cultura e a família são determinantes na maneira como a pessoa se relaciona, assim como o tipo de apego que apresenta. No entanto, e tal como van IJzendoorn, e Sagi-Schwartz, (2008) nos dizem, a teoria do apego apenas diz que os vínculos de apego são universais, isto é, que existe uma tendência universal para se estabelecerem vínculos na família, independentemente da maneira como eles se estabelecem. Ou seja, a teoria do apego não diz que existem padrões universais normativos, mas que existe uma tendência universal para o estabelecimento de vínculos. E tal como estes autores nos dizem, na maioria das sociedades ocidentais, as crianças apresentam majoritariamente um apego seguro, apesar desse apego seguro variar de acordo com as amostras e com as culturas, assim como de acordo com os cuidados maternos que a criança recebeu anteriormente, e também de acordo com a sensibilidade dos seus cuidadores e também da capacidade da criança para regular as suas emoções negativas.

Van IJzendoorn e Sagi-Schwartz (2008) dizem-nos que com base nos diversos estudos, existem três padrões básicos de apego que são universais e independentes das respectivas culturas, a saber: o apego evitante, o apego seguro e o apego ambivalente, que se podem encontrar nas mais variadas culturas. Eles também nos dizem que o que parece ser universal é existir uma pressão cultural na direção da formação de um apego seguro nas crianças, assim

como uma preferência dos pais por crianças seguras em todas as culturas. E de uma maneira geral, as crianças desenvolvem um apego seguro em relação a seus pais. Os autores também dizem que as evidências apontam no sentido de que um apego seguro promove melhores competências sociais no futuro. Eles também mencionam que os estudos sobre o apego mostraram a importância das redes sociais onde as crianças crescem, interagem e se desenvolvem, mostrando que o apego aos pais é apenas uma parte e que há que compreender o apego no contexto relacional que a criança tem com as suas redes sociais.

Para além disto, van Ijzendoorn e Sagi-Schwartz (2008) também nos chamam a atenção para o fato de que o apego materno-infantil é um forte preditor do funcionamento da criança depois do jardim-de-infância e como tal, há que se desenvolver mais trabalhos no sentido de determinar como as diferentes figuras de apego se organizam na criança de forma a ela construir um modelo interno coerente. Por outro lado estes autores também reforçam que, apesar de ainda existirem poucos estudos transculturais, os estudos de apego que existem nas diversas culturas por si mesmos apontam para o fato do apego não ser apenas um atributo da cultura ocidental, mas que se encontra presente em todas as culturas.

Na área da cultura, no entanto, precisamos ter presente os quatro componentes da vinculação: 1) a base segura a partir da qual se faz a exploração; 2) o porto seguro no qual nos podemos recolher em caso de “tempestade” ou ameaça externa; 3) a manutenção da proximidade; 4) a ansiedade de separação. Estes componentes do apego são universais e encontram-se presentes, quer nos seres humanos, quer nos animais, e foram largamente discutidos por Bowlby (1988; 1990; 1993); Ainsworth (1989); Bretherton (1992); Fraley e Shaver (2000) e outros.

Todavia, e se bem que este assunto sobre as diferenças culturais pareça ser claro, por vezes surgem críticas e diferenças (Ribas & Moura, 2004; Rothbaum & Morelli, 2005;

Rothbaum et al., 2002, 2000; Wang & Mallinckrodt, 2006) acerca dos resultados do apego ao longo das diferentes culturas. Estas diferenças prendem-se com o tipo de instrumentos usados, que normalmente são instrumentos ocidentais, ou em observações baseadas na perspectiva ocidental. Ou seja, se pretendemos medir o apego em outras culturas, o ideal é criar instrumentos dentro dessa cultura de forma a ter um instrumento que esteja de acordo com a percepção de apego que existe nessa cultura específica. No entanto, e como cada pessoa e também cada cultura é sempre diferente na sua concepção acerca do apego (tal como na maneira de pensar esse apego), percebemos que sempre vão existir diferenças entre culturas tal como existem diferenças de pensamento. Ficamos então com a questão da definição do apego e de cada um dos seus componentes uma vez que cada pessoa e cada cultura tem uma maneira e característica própria para definir e lidar com cada situação, o que nos coloca na área do subjetivo e de como cada ser ou cultura vê as situações e comportamentos.

Compreende-se assim que as críticas de vários autores (Ribas & Moura, 2004; Rothbaum & Morelli, 2005; Rothbaum et al., 2002, 2000; Wang & Mallinckrodt, 2006) são válidas e que nos lançam o desafio de olhar para além do apego e observar como outros sistemas (cultural, social, fraternal, etc.) existem e interatuam com o apego, criando diferenças que podem enriquecer bastante o conhecimento, se as estudarmos e entendermos. Mas, por outro lado também fica evidente que o apego é universal (tendência para a criação de laços) variando a sua expressão de acordo com a sociedade e cultura que estamos observando.

Capítulo 5 – Estudo empírico

5.1. Introdução

Com base no referencial teórico abordado nos capítulos anteriores, percebemos que o apego e a vinculação andam juntos e vão-se desenvolvendo e evoluindo ao longo da vida, afetando e influenciando a pessoa e as suas relações com os outros e com o mundo à sua volta. Compreender e perceber como as relações iniciais com os pais, se encontram relacionadas com as relações atuais que a pessoa tem e desenvolve com os seus pares/semelhantes, é de grande relevância para perceber os relacionamentos e como esses relacionamentos são afetados ou podem ser melhorados.

O apego e a vinculação encontram-se presentes no nosso dia-a-dia, e em todas as nossas relações, pelo que se torna importante o seu estudo e compreensão, uma vez que nos permite ver as relações segundo uma perspectiva dos vínculos que as mantêm, fortalecem, ou pelo contrário as enfraquecem. Desta maneira, percebemos a importância do vínculo para as relações humanas, aconteçam elas onde acontecerem.

O apego começa bem cedo nas nossas vidas, quer com os pais, quer com as pessoas que nos rodeiam, mas é na família e sobretudo com os pais que esse apego costuma acontecer com maior intensidade. No entanto, a relação amorosa, mais tarde, quer na adolescência, quer na vida adulta, desempenha também um papel importante no nosso relacionamento e na maneira como criamos e estabelecemos os nossos vínculos. Assim sendo, este estudo busca relacionar a percepção que adultos universitários têm acerca da percepção do seu apego aos seus pais no passado, com o tipo de vinculação que eles têm com os seus semelhantes com quem se relacionam atualmente. O estudo da relação entre o apego do passado aos seus pais e a vinculação atual aos seus pares permite-nos perceber como as relações com os pais no passado moldam, ou não, as relações atuais que se estabelecem com os outros que nos

rodeiam.

Neste estudo empírico, foram usadas duas amostras de conveniência, uma de estudantes universitários da Universidade Lusófona de Lisboa, Portugal, recolhida em 2012, e outra amostra de estudantes universitários da Universidade de Brasília, Brasil, recolhida em 2016. Com estas duas amostras, pretendeu-se medir a percepção de apego aos pais e a vinculação aos pares, relacionando os resultados obtidos por meio de análises de regressão.

Para tanto, foram utilizados dois instrumentos, um para medir a percepção do apego aos pais no passado (*Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM*), e outro para medir a vinculação que a pessoa tem com os seus semelhantes no seu dia-a-dia (*Escala de Vinculação de Adultos – EVA*). Foi usado também um questionário sócio demográfico para obter dados acerca dos participantes e assim poder dividir a amostra em dois grupos: o grupo que estava num relacionamento amoroso há 24 meses ou mais e o grupo sem relacionamento amoroso ou em que este era inferior a 24 meses. O uso deste espaço temporal de 24 meses, baseou-se em vários autores que afirmam a necessidade deste espaço temporal para a criação de uma relação de vinculação, uma vez que ela se vai desenvolvendo e se transferindo para o par amoroso (Cassidy, 2001; Hazan & Shaver, 1994).

Para além desta relação entre a percepção do apego do passado com a vinculação do presente, pretendeu-se perceber se a relação amorosa influencia, ou não, e de que maneira, a vinculação atual aos semelhantes. Desta forma, a relação amorosa foi usada como moderadora para determinar a sua possível influência sobre os resultados obtidos. Para além de se estudar o impacto da relação amorosa na vinculação aos pares seus semelhantes, pretendeu-se também investigar se existem diferenças entre as duas amostras, o que nos leva para as diferenças culturais evidenciando se existem diferenças de acordo com a sociedade na qual a pessoa se encontra inserida.

5.2. Justificativa do Estudo

Uma vez que a vinculação se encontra presente na relação amorosa (Hazan & Shaver, 1994; Hazan & Zeifman, 1994, 1999; Zeifman & Hazan, 2008), nas relações que estabelecemos com o outro e em muitas outras áreas da nossa vida, ela precisa ser melhor estudada e melhor compreendida, de forma a que possamos fazer uso dela para melhorarmos as nossas vidas e as vidas daqueles que nos rodeiam.

A importância da vinculação e a sua influência no trabalho clínico e fora dele podem ser assim exemplificados: 1) a vinculação, ao estar relacionada com a psicopatologia, pode ser um meio e uma ajuda importante quer no entendimento, quer na prevenção e no tratamento dessas psicopatologias; e; 2) quando na clínica, e mesmo fora dela, percebemos que a aliança terapêutica se baseia na vinculação; e constata-se a sua importância para todos aqueles que trabalham na área do mental e do psicológico; 3) dentro da família percebemos também a sua importância para todo o relacionamento familiar e a saúde física e mental dos seus membros; 4) compreensão das relações amorosas e seu melhoramento assim como de todas as relações interpessoais que estabelecemos; 5) não é por demais chamar a atenção para a importância da vinculação em todo o trabalho de grupo, seja numa empresa, num grupo de apoio, ou num grupo de terapia, uma vez que é graças aos vínculos que se estabelecem dentro do grupo, que esse grupo funciona e trabalha na direção dos seus objetivos; 6) a importância da vinculação estende-se também a todas relações sociais que a pessoa tem e estabelece, o que acaba por afetar e influenciar toda a sociedade; 7) o tipo de vinculação que estabelecemos com o outro e o tipo de relações que estabelecemos com ele são determinantes para o nosso sucesso ou para o nosso fracasso na vida.

O fato de toda a psicologia sistêmica nos mostrar a importância quer das relações internas, dentro do sistema, quer das relações externas do sistema, chama-nos a atenção para a

importância do estudo da vinculação e apego que se forma e que existe nas relações. A psicologia sistêmica ajuda-nos a compreender e melhorar as relações que temos e estabelecemos, para que se possam resolver os inúmeros problemas existentes dentro dos sistemas, assim como entre sistemas. Com o estudo do apego e da vinculação, nós percebemos a criação e formação dos modelos internos que estão na base das nossas relações e relacionamentos. Desta forma, vê-se que, para onde quer que olhemos, a vinculação e os vínculos entre as pessoas estão sempre presentes em maior ou menor grau. Isto nos remete para importância da sua compreensão e a importância do seu uso, para melhorar os relacionamentos e o bem-estar de todos à nossa volta. Somos seres sociais e vivemos em sociedade e isso se caracteriza pela existência e formação de vínculos que precisamos compreender.

Percebemos então que compreender o apego e a vinculação, a sua formação e a sua importância nas mais variadas vertentes (mentais, emocionais, psíquicas, relacionais, sociais, culturais, etc.), adiciona uma maior compreensão acerca do modo como nos sentimos, como pensamos, e como nos relacionamos. Compreender a vinculação ajuda a perceber as razões dos diversos tipos de relacionamentos que temos e desenvolvemos. Igualmente ajuda a perceber como nós afetamos e como somos afetados pelas relações que vivemos todos os dias.

Ao se obter uma maior compreensão acerca da vinculação e de como ela é ou não afetada pelas relações, podemos prever o tipo de relações existentes e as relações resultantes de determinado tipo de vinculação. Inversamente, poderemos também prever como as relações podem ou não afetar o tipo de vinculação que a pessoa tem e apresenta. E ao se obter uma maior compreensão acerca da percepção que o adulto tem do seu apego aos seus pais no passado, isso permite obter uma maior compreensão acerca de como a vinculação e os relacionamentos com os pais no passado nos marcam e nos condicionam no presente.

E ao se poder fazer comparações entre duas culturas, podemos ver se existem ou não diferenças, assim como perceber se as variáveis do nosso estudo têm alguma influência ou não, e com isso, obter uma maior compreensão acerca de possíveis fatores que podem ser importantes para um maior entendimento acerca da formação dos vínculos e de como lidar com eles. Podemos, dessa forma, fazer uso da vinculação para melhorar o tipo de relacionamento que a pessoa vive, assim como também para criar um relacionamento mais adequado e ajustado de forma a influenciar os padrões de vinculação que a pessoa vive, o que é particularmente importante na prática clínica, assim como na vida em geral. Todos estes conhecimentos permitem entender melhor a vinculação que a pessoa tem no seu dia-a-dia, ou mesmo ajudar na criação de um melhor vínculo terapêutico, ou mesmo ajudar na modificação de padrões de vinculação do passado.

Compreende-se assim que, com mais conhecimento acerca de vínculos, do apego, e dos comportamentos de vinculação, podemos ter um impacto muito maior nos resultados que pretendemos obter na nossa clínica e na sociedade em que vivemos. Dessa forma, esta pesquisa busca contribuir para uma maior compreensão acerca da formação de vínculos e da sua possível mudança em virtude da relação amorosa na adultícia. Desta maneira, obtemos uma maior compreensão acerca dos relacionamentos afetivos e da sua possível influência nos adultos, nas famílias e na sociedade. Este estudo pode assim lançar subsídios e salientar a importância de uma boa compreensão acerca da vinculação em todas as intervenções e programas que se fazem a nível social, familiar e individual. Como vimos antes, as situações relacionais são importantes para a formação de modelos internos os quais determinam como a pessoa vive, pensa, age e se relaciona. Podemos dizer que muitos dos problemas relacionais poderiam ser resolvidos mediante uma maior compreensão acerca da formação de vínculos e acerca da vinculação.

5.3. Tese

A nossa pesquisa pretende responder aos seguintes questionamentos: 1) A relação amorosa estável e de longa duração afeta e influencia a vinculação atual aos pais, assim como a percepção de apego aos pais? 2) Existem diferenças significativas entre os resultados obtidos em Portugal e no Brasil?

No nosso estudo, a ênfase é dada à relação amorosa como mediadora da vinculação e do comportamento de vinculação, uma vez que se pretendeu estudar uma população jovem adulta e no nosso caso, uma amostra de conveniência constituída por estudantes. O fato de termos optado por uma amostra de conveniência e dentro desta, por uma amostra de estudantes universitários, prende-se com o fato da sua acessibilidade e facilidade na sua obtenção assim como o fato do seu tamanho uma vez que se optou por análises estatísticas neste trabalho. Assim sendo, a relação amorosa apresentou-se como uma possível variável a usar no estudo uma vez que ela tem maior probabilidade de se encontrar presente na faixa etária da amostra da nossa pesquisa e, sendo a nossa amostra de estudantes universitários, por facilidade de acesso, seria difícil usar a vinculação profissional ou outra vinculação como mediadora. A escolha de outro tipo de amostra que não a de estudantes universitários, certamente que reduziria o tamanho da amostra ou necessitaria de imenso trabalho que seria excessivo para um único pesquisador.

Considera-se que a formação de vínculos e dos diversos tipos de vinculação dependem das relações que se têm e que se formam. Ou seja, são as relações que criam vínculos e, conseqüentemente, a vinculação. No entanto, também os Modelos Internos (MI) são formados através das relações, logo podemos dizer que estas são as responsáveis pelos MI. Ou seja, é através das relações que se formam e se criam os MI. Nesse sentido, o tipo de vinculação depende dos MI que se têm, mas estes por sua vez também são criados pelas relações. Assim,

as relações existentes, ou as novas relações, formam novos MI ou modificam os existentes.

Mas, modificar as relações nem sempre modifica os MI existentes.

Podemos então concluir pela importância das relações uma vez que são elas que formam e/ou modificam os MI, os vínculos e as vinculações. No entanto, as mudanças dos MI e da vinculação requerem tempo e costumam ser influenciadas pela cultura onde a pessoa se encontra inserida. Por outro lado, e de acordo com vários autores (Hazan & Shaver, 1987; 1994; Hazan & Zeifman, 1999), a relação amorosa com o tempo pode tornar-se uma relação de vinculação. E com base no pressuposto de que a vinculação é diferente de acordo com a sociedade na qual a pessoa se encontra inserida (Lopez et al., 2000; Minuchin, 2002; Ribas & Moura, 2004; Rothbaum & Morelli, 2005; Rothbaum et al., 2002, 2000; Schmitt et al., 2003; Wang & Mallinckrodt, 2006), desenvolvemos a tese de que: A vinculação que a pessoa hoje apresenta tem a origem na sua infância e nas relações que ela viveu e como tal é diferente de país para país, podendo mudar quando a pessoa se encontra numa relação amorosa estável.

Desta maneira, colocaram-se nesta investigação os seguintes objetivos:

5.4. Objetivos

5.4.1. Objetivo geral.

Estudar as relações entre a percepção de apego aos pais no passado e a atual vinculação aos pais, em estudantes universitários, brasileiros e portugueses, com e sem relação amorosa estável.

5.4.2. Objetivos específicos

5.4.2.1. Estudar a percepção de apego aos pais em função da *nacionalidade*.

5.4.2.2. Estudar a percepção de apego aos pais em função do *tempo da relação*

amorosa.

5.4.2.3. Estudar a vinculação aos pares em função da *nacionalidade*.

5.4.2.4. Estudar a vinculação aos pares em função do *tempo da relação* amorosa.

5.4.2.5. Estudar a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares.

5.4.2.6. Estudar a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares moderada pela *nacionalidade*.

5.4.2.7. Estudar a influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares moderada pelo *tempo da relação* amorosa.

5.5. Hipóteses

Relativamente aos objetivos específicos acima enunciados colocaram-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Existem diferenças na percepção de apego aos pais em função da *nacionalidade*.

Hipótese 2: Existem diferenças na percepção de apego aos pais em função do *tempo da relação* amorosa.

Hipótese 3: Existem diferenças na vinculação aos pares em função da *nacionalidade*.

Hipótese 4: Existem diferenças na vinculação aos pares em função do *tempo da relação* amorosa.

Hipótese 5: A percepção de apego aos pais influencia a vinculação aos pares.

Hipótese 6: A influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares é moderada pela *nacionalidade*.

Hipótese 7: A influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares é moderada pelo *tempo da relação* amorosa.

Método

5.6. Participantes

A presente amostra é constituída por 374 participantes, sendo 213 brasileiros (57%) e 161 portugueses (43%). Dos 213 participantes brasileiros, 174 (81,7%) eram do gênero feminino e 39 (18,3%) eram do gênero masculino. Já quanto aos 161 participantes portugueses, 124 (77%) eram do gênero feminino e 37 (23%) eram do gênero masculino. A amostra brasileira foi recolhida na Universidade de Brasília em estudantes universitários no ano de 2016 e a amostra portuguesa é uma amostra do autor que foi recolhida na Universidade Lusófona da Humanidades e Tecnologias de Lisboa, Portugal no ano de 2012.

Na amostra total (374), temos 298 participantes do sexo feminino (79,7%) e apenas 76 do sexo masculino (20,3%). Dos 298 participantes femininos, 174 (58,4%) eram brasileiros e 124 (41,6%) eram portugueses. Já dos 76 participantes masculinos, 39 (51,3%) eram brasileiros e 37 (48,7%) eram portugueses. Resta acrescentar que na amostra total de 374 participantes, 260 deles (69,5%) não estavam numa *relação amorosa* ou ela não era de longa duração (maior ou igual a 24 meses), e apenas 114 participantes (30,5%) estavam numa relação amorosa maior ou igual a 24 meses. Dos 260 participantes que não estavam numa relação amorosa ou em que ela não era de longa duração, 146 (56,2%) eram brasileiros e 114 (43,8%) eram portugueses. Já quanto aos 114 participantes que estavam numa relação maior ou igual a 24 meses, 67 deles (58,8%) eram brasileiros e 47 (41,2%) eram portugueses.

Já quanto às idades dos participantes e na amostra total, elas variaram entre os 17 e os 60 anos com uma média de idades de 25,78 anos (DP=8,073). Na sua distribuição por nacionalidade, os 161 participantes portugueses tiveram uma média de idade de 27,79 anos (DP=8,505) variando as idades entre os 19 e os 49 anos. Os 213 participantes brasileiros tiveram uma média de idade de 24,26 (DP=7,395) variando as suas idades entre os 17 e os 60

anos. Quando da análise por gênero e na amostra total, nós tivemos uma média de idade de 26,97 anos (DP=8,601) para os 76 participantes masculinos, variando as suas idades entre os 18 e os 60 anos. Já os 298 participantes femininos tiveram uma média de idade de 25,48 anos (DP=7,919), variando as suas idades entre os 17 e os 59 anos de idade. (ver Apêndice A – Caracterização da amostra)

5.7. Instrumentos

Os instrumentos usados na presente investigação foram: (a) um Questionário Sócio Demográfico; (b) a *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA) de Canavarro (1999); e (c) o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM) de Matos e Costa (2001).

5.7.1. Questionário de dados sócio demográficos.

O questionário de dados sócio demográficos permitiu obter dados dos participantes acerca da sua vida amorosa e das suas relações familiares para se poderem criar filtros para uma avaliação mais criteriosa dos diversos fatores envolvidos (ver Apêndice M).

5.7.2. Questionário de vinculação ao pai e mãe (QVPM).

No nosso estudo foi usado o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM) de Matos e Costa (2001) na sua versão retrospectiva. Este é um instrumento de autorrelato que foi usado na sua versão retrospectiva para avaliar a percepção das representações que o sujeito tem acerca das relações que teve com as suas figuras parentais no passado. Este *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM) avalia três dimensões: 1) *Qualidade do Laço Emocional* (QLE); 2) *Inibição da Exploração e Individualidade* (IEI); e 3) *Ansiedade de Separação* (ASEP). Estas três dimensões permitem obter uma compreensão acerca da

percepção que os indivíduos têm sobre o que foram os seus relacionamentos e comportamentos nas suas relações com os seus pais na infância.

Este questionário contém 30 perguntas, dez para cada dimensão, sendo elas respondidas de modo retrospectivo quer para o pai quer para a mãe, através de uma escala de Likert de 6 pontos, que varia de acordo com as seguintes alternativas: *Discordo totalmente*, *Discordo*, *Discordo moderadamente*, *Concordo moderadamente*, *Concordo*, *Concordo totalmente*. Estes valores estão organizados em duas colunas, uma para o pai e outra para a mãe, sendo cada uma delas respondida para o pai e para a mãe de forma independente (Gouveia & Matos 2011).

A estrutura fatorial está organizada em três dimensões: 1) *Ansiedade de Separação* (AS); 2) *Qualidade do Laço Emocional* (QLE) e 3) *Inibição da Exploração e Individualidade* (IEI) (Gouveia & Matos 2011). A dimensão *Ansiedade de Separação* (ASEP) é obtida através dos itens 3; 6; 9; 12; 15; 18; 21; 24; 26 e 29 e “*permite aceder à percepção do indivíduo relativamente às experiências de ansiedade e medo da separação da figura parental de vinculação, as quais poderão ser reveladoras de uma relação de dependência*” (Gouveia & Matos 2011).

A dimensão *Qualidade do Laço Emocional* (QLE) é obtida pelos itens 2; 5; 8; 11; 14; 17; 20; 23; 27; 30 e reporta-nos “*para a importância da figura parental como figura de vinculação, sendo percebida pelo indivíduo como única e fundamental para o seu desenvolvimento, e a quem ele irá recorrer em situações de dificuldades e com quem projeta uma relação duradoura*” (Gouveia & Matos 2011).

Já a dimensão *Inibição da Exploração e Individualidade* (IEI) é obtida pelos itens 1; 4; 7; 10; 13; 16; 19; 22; 25 e 28 e diz respeito “*à percepção do indivíduo relativamente às restrições à expressão da sua individualidade*”. Estas percepções de restrição à expressão da

sua individualidade podem exteriorizar-se como dificuldades sentidas na manifestação dos seus pontos de vista ou opiniões divergentes da figura parental, ou pela ausência de apoio a iniciativas de exploração ou mesmo pela interferência indesejada em questões que o indivíduo considera pessoais (Gouveia & Matos 2011).

Quanto à consistência interna das dimensões, ela foi efetuada através do *alfa de cronbach*, tendo obtido os valores, para cada dimensão, que se encontram na Tabela 1 (ver também Apêndice B):

Tabela 1

Consistência Interna do QVPM Obtida na nossa Amostra

N	QLEp	Pai		QLEm	Mãe	
		IEIp	ASp		IEIm	ASm
374	0,94	0,86	0,87	0,92	0,87	0,84

Nota. QLEp = *Qualidade do Laço Emocional* relativo ao pai ou mãe (QLEm); IEIp = *Inibição de Exploração e Individualidade*, relativo ao pai ou mãe (IEIm); ASEPp = *Ansiedade de Separação* em relação ao pai ou à mãe (ASEPm).

5.7.3. Escala de vinculação do adulto (EVA).

A *Escala de Vinculação do Adulto* (EVA) tem a sua origem em Collins e Read (1990) que usando os instrumentos de Hazan e Shaver (1987), os transformaram em múltiplos itens de forma a que eles pudessem ser avaliados de forma independente, numa escala de Likert, de onde resultaram três dimensões (Canavarro et al.; 2006). Estes múltiplos itens foram transformados em 18 frases que foram usadas numa escala de Likert, tendo sido adaptada para Portugal por Cristina Canavarro recebendo o nome de EVA – *Escala de Vinculação do Adulto*.

Esta escala usa uma abordagem dimensional, com a possibilidade do sujeito se situar ao longo de dimensões contínuas sem uma fronteira rígida. Ela é constituída por 18 itens que

são avaliados numa escala de Likert de 5 pontos, indo de 1 a 5, sendo as possibilidades de resposta: *nada característico em mim; pouco característico em mim; característico em mim; muito característico em mim e extremamente característico em mim.*

Este instrumento avalia as relações com os pares, considerando que a sua função é generalizável às relações com outras figuras significativas. Ele permite caracterizar a percepção dos sujeitos sobre como eles se sentem nas suas relações, identificando três dimensões: 1) *Ansiedade*, 2) *Conforto com a Proximidade* e 3) *Confiança nos Outros*.

Cada dimensão deste instrumento é avaliada por 6 itens, sendo que a dimensão *ansiedade*, se refere “*ao grau de ansiedade sentida pelo indivíduo, relacionada com questões interpessoais de receio de abandono ou de não ser bem querido*”. Já o “*conforto com a proximidade refere-se ao grau em que o indivíduo se sente confortável com a proximidade e a intimidade*”. A dimensão “*confiança nos outros, diz respeito ao grau de confiança que os sujeitos têm nos outros, assim como na disponibilidade destes quando sentida como necessária*” (Canavarro et al. 2006, pg. 20-21).

Já quanto à dimensão *ansiedade*, ela é fornecida pelos itens 3; 4; 9; 10; 11 e 15; a dimensão *conforto com a proximidade* é obtida através dos itens 1; 6; 8; 12; 13 e 14 sendo os itens 8 e 13 invertidos e a dimensão *confiança nos outros* é obtida pelos itens 2; 5; 7; 16; 17 e 18, sendo todos os itens invertidos exceto o item 5 (Canavarro et al., 2006). Resta acrescentar que no nosso estudo e nas dimensões *conforto com a proximidade* e *confiança nos outros* foram removidos o item 6 e os itens 2 e 5, respectivamente, em virtude deles baixarem significativamente os valores da consistência interna avaliada pelo *alfa de cronbach* (ver também Apêndice C).

Consistência Interna da EVA Obtida na nossa Amostra

	Ansiedade	Conforto com a proximidade	Confiança nos outros
N= 374	0,81	0,72	0,71

5.8. Procedimentos**5.8.1. Validação semântica.**

Em consulta ao sítio do Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos: <http://satepsi.cfp.org.br/>, sítio criado e alimentado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) que tem por função divulgar informações sobre os testes psicológicos à comunidade e aos psicólogos brasileiros, verificou-se que a escala EVA (*Escala de Vinculação do Adulto*) e o questionário QVPM (*Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe*) não se encontram presentes, e como tal não podem ser usados para avaliação clínica. No entanto, os testes não aprovados e não validados para a população brasileira podem ser usados desde que apenas num carácter de investigação. Ou seja, estes instrumentos, EVA e QVPM, poderão ser usados apenas para pesquisa científica, em virtude de não se encontrarem validados para a população brasileira.

Uma vez que a escala EVA e o questionário QVPM estão apenas validados para a população portuguesa, e o facto de precisarmos de os aplicar a uma população brasileira, levou à necessidade de se efetuar uma validação semântica em ambos os instrumentos em virtude da existência de diferenças entre o idioma português de Portugal e ao idioma português do Brasil. Esta adaptação e validação semântica e idiomática tornou-se necessária por forma a corrigir pequenas diferenças e a manter o mesmo sentido e significado dos originais. O objetivo da validação semântica foi aumentar a compreensão e clarificação dos

itens dos dois instrumentos para a população brasileira.

O uso dos mesmos instrumentos em dois países diferentes presta-se a se poder fazer comparações e relacionamentos entre os países em causa. Neste estudo, como se visava comparar e relacionar os resultados de dois países, os instrumentos precisavam de ser os mesmos, devendo-se para o efeito fazer a validação semântica e idiomática de maneira que os instrumentos transmitissem o mais fielmente possível o sentido e conceito original.

Acrescente-se que vários autores chamam a atenção para o fato de que nem sempre existe uma equivalência funcional entre o significado das palavras entre duas línguas e que podem existir conotações próprias de cada país ou região que alteram o sentido e significado das palavras, o que pode levar a frases com significados diferentes (Hunt et al., 1991; Mills, 1939). Em Hambleton, Merenda e Spielberger (2005), podemos encontrar várias advertências acerca dos múltiplos problemas com que podemos nos deparar na adaptação de instrumentos de uma língua para outra, assim algumas normas a ter em atenção aquando de um trabalho de adaptação de instrumentos. Também Beaton, Bombardier, Guillemin e Ferraz (2000); Borsa, Damásio e Bandeira (2012) e Fonseca et al. (2011), assim como outros, dão-nos indicações acerca de como fazer a adaptação dos instrumentos sobretudo quando os mesmos são traduzidos de outra língua. No nosso caso em virtude da língua ser a mesma, optamos apenas por se fazer a equivalência semântica e a idiomática. No entanto, deve salientar-se os efeitos culturais que podem influenciar a linguagem e a equivalência de conceptualização dos itens dos instrumentos e que a serem avaliados e tidos em consideração, exigiriam um esforço bastante significativo e implicaria uma validação dos instrumentos em diversos tipos de populações e em diversas regiões. Na nossa pesquisa, e em virtude de trabalharmos com estudantes de graduação e acima, optou-se apenas pela validação semântica e idiomática, uma vez que esta é uma população com conhecimentos avançados de leitura, escrita e

compreensão e se considerou que este tipo de validação seria suficiente para o propósito da investigação em causa.

Esta validação semântica foi efetuada por sete indivíduos de *nacionalidade* brasileira, sendo três indivíduos do sexo masculino e quatro indivíduos do sexo feminino, tendo todos eles naturalidade e residência no Brasil. Todos estes indivíduos são portadores de nível acadêmico de graduação, mestrado, doutorado ou acima, a quem foi pedida a leitura das instruções e dos itens dos instrumentos e a sua respectiva correção, sempre que necessária, de qualquer item, frase ou palavra que não fosse clara ou que apresentasse alguma dúvida. Após esta correção feita por nativos brasileiros, verificaram-se as suas respectivas correções e as alterações sugeridas foram incorporadas sempre que se verificaram que dois ou mais indivíduos assinalavam correções no mesmo sentido.

As instruções de preenchimento, da escala EVA e do questionário QVPM permaneceram inalteradas. Quanto às outras correções e alterações efetuadas, elas ficaram como se segue:

Na escala EVA e no item 2, foi alterada a palavra “dificuldades” para “dificuldade”; no item 5 foi alterada a palavra “bem” para “bastante”; no item 14 foi alterada a palavra “precisar” para “preciso”. Os restantes itens da escala permaneceram inalterados.

Já as alterações nos itens do QVPM são as seguintes: no item 1 foi alterado “a interferir” para “interferindo”; no item 2 foi alterada a expressão “se mantivesse no tempo” pela expressão “fosse duradoura”; no item 8 foi alterado “conheciam-me” por “me conheciam”; no item 16 foi alterado “dos” por “daqueles”; no item 17 foi alterado a palavra “neles” pela palavra “deles”; no item 19 foi alterada a palavra “lado” pela palavra “lugar”; no item 27 foi alterada a palavra “próprio” pela palavra “mesmo”. Todos os restantes itens permaneceram iguais aos originais.

5.8.2. Procedimentos de Ética na Pesquisa.

Elaborou-se o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (TCLE) para informar e obter o consentimento dos participantes. O TCLE, pretende informar e esclarecer o objetivo da pesquisa assim como as condições da mesma. Ele também pretende obter o consentimento da pessoa à sua participação nesta pesquisa. Este foi assinado em duas vias ficando uma com a pessoa e outra com o pesquisador.

Submeteu-se o projeto ao Comitê de Ética de Ciências Humanas e Sociais da UnB e após a obtenção da aprovação por este Comitê – parecer nº 1.822.440, avançamos com o nosso projeto de pesquisa. (ver Anexo A).

Aplicação dos instrumentos:

Cumpridas todas as formalidades éticas e legais, solicitou-se a vários professores a colaboração e permissão para se poder fazer a apresentação do projeto em sala de aula e solicitar a colaboração dos seus alunos no preenchimento dos questionários. Desta maneira, e após as respectivas autorizações, foi dada uma explicação oral acerca do objetivo do estudo, assim como do preenchimento dos questionários. Os questionários foram passados em várias turmas de vários semestres, onde foi solicitada a colaboração dos alunos no preenchimento dos questionários e feito o pedido de consentimento informado, que foi assinado por todos aqueles que se dispuseram a participar.

5.8.3. Análises estatísticas.

As análises estatísticas foram realizadas com o programa IBM SPSS Statistics, versão 20 (IBM, 2011). Para além das estatísticas descritivas, como médias e desvios-padrão, usámos o Modelo Linear Geral (Análise de Regressão/Análise de Variância) para analisar os nossos

dados.

O exame realizado às variáveis deste estudo, nomeadamente, aos resíduos das análises de regressão, permitiu ver que, em alguns casos, as suas distribuições apresentavam alguma assimetria. Embora o Modelo Linear Geral seja considerado robusto face a violação dos seus pressupostos, em particular no que respeita ao pressuposto de normalidade (ver, por exemplo, Cohen, Cohen, West & Aiken, 2003, pag. 120), decidimos complementar os seus resultados inferenciais com a técnica *bootstrap*.

O *bootstrap* é uma abordagem não-paramétrica à inferência estatística que substitui os pressupostos distribucionais e resultados assintóticos por computação intensiva (Efron & Tibshirani, 1993; Davison & Hinkley, 1997). O *bootstrap* pode fornecer inferências mais precisas quando os dados não são bem-comportados, ou seja, quando não se verificam os pressupostos distribucionais que o Modelo Linear Geral exige, tal como a distribuição normal dos erros.

Assim, em todas as análises que realizamos, quando comparamos as médias das dimensões das escalas EVA e QVPM por *nacionalidade e tempo da relação*, e quando avaliamos a influência das dimensões do questionário QVPM sobre cada dimensão da escala EVA, assim como quando avaliamos essa influência moderada pela *nacionalidade* e pelo *tempo da relação*, só considerámos um resultado significativo, do ponto de vista estatístico, quando os valores de significância obtidos com a técnica *bootstrap* permitiram a mesma decisão que a dos testes da Análise de Regressão/Análise de Variância.

Estabelecemos também para todos os testes, como probabilidade de cometer um Erro de Tipo I, o valor de .05.

Resultados

Os resultados vão estar separados em diversas seções, de acordo com cada situação analisada, e de maneira que os mesmos possam ser facilmente vistos e interpretados. Nos apêndices A a J podemos ver os resultados estatísticos. Eles contêm um pequeno resumo, como forma de sintetizar os dados neles apresentados. Em cada apêndice encontram-se os resultados estatísticos quer para o pai quer para a mãe. O apêndice K é um resumo geral como forma de síntese geral. Os apêndices L e M contêm o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Questionário de dados sócio demográficos, respetivamente. O anexo A contém o parecer do Comitê de Ética e os instrumentos usados. Já o anexo B contém o artigo publicado na revista *Psychology da Scientific Research Publishing* com o título : “Attachment to Peers and Perception of Attachment to Parents in Adults”.

5.9. Estatísticas Descritivas do Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)

O QVPM mede e avalia a percepção que a pessoa tem atualmente acerca de como foi o seu apego aos seus pais no passado. Vamos iniciar o nosso estudo observando, analisando e comparando as estatísticas descritivas obtidas na análise do QVPM nas duas situações: 1) entre a população portuguesa e a brasileira (*nacionalidade*) e, 2) entre as pessoas com uma longa relação amorosa estável com 24 meses ou mais, e a população sem relação amorosa ou em que ela é inferior a 24 meses (*tempo de relação*).

5.9.1. Média das dimensões do QVPM por nacionalidade.

Os valores das médias das dimensões do QVPM por *nacionalidade* obtidos na nossa amostra encontram-se na tabela seguinte. Nela, podemos observar as médias das dimensões para o pai e para a mãe por *nacionalidade*, assim como também as médias da amostra total.

Tabela 3

Estatísticas Descritivas (média e desvio-padrão) das Dimensões do QVPM por Nacionalidade

Nacionalidade		QLE		IEI		ASEP	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE	PAI	MÃE
Brasileira (n = 213)	Média	4.72	5.17	3.15	3.36	3.43	3.82
	DP	1.20	0.87	1.00	1.03	1.09	1.03
Portuguesa (n = 161)	Média	4.63	5.05	2.75	2.91	3.37	3.65
	DP	1.34	1.02	1.13	1.12	1.08	1.02
Total (n = 374)	Média	4.68	5.11	2.97	3.17	3.40	3.75
	DP	1.26	0.94	1.07	1.09	1.08	1.03

Nota. QLE: Qualidade do Laço Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

Podemos constatar que, em todas as dimensões, os valores das médias da escala QVPM referentes ao pai são inferiores aos da mãe, tanto para brasileiros como para portugueses. No que concerne à medida de dispersão, vemos que, de um modo geral, as respostas relativas à mãe e ao pai têm variabilidade semelhante.

Quando comparamos, em cada uma das dimensões da escala QVPM, as médias obtidas pelos participantes brasileiros com as dos participantes portugueses, verificamos que as diferenças são muito pequenas nas dimensões *qualidade do laço emocional* e *ansiedade de separação*, tanto para o pai (diferenças de 0.09 na *QLE* e 0.06 na *ASEP*), como para a mãe (diferenças de 0.12 na *QLE* e 0.17 na *ASEP*), não sendo estatisticamente significativas. Já no que respeita à dimensão *inibição da exploração e individualidade*, as média dos participantes brasileiros são mais elevadas do que a dos portugueses em quase meio valor (0.40, para o pai,

e 0.45, para a mãe), sendo essas diferenças estatisticamente significativas ($F_{(1, 372)} = 13.117$, $p < .001$) para o pai e ($F_{(1, 372)} = 16.520$, $p < .001$) para a mãe (ver também Apêndice D – Influência da Nacionalidade sobre o QVPM).

Assim, estes resultados só parcialmente dão suporte à Hipótese 1, “Existem diferenças na percepção do apego aos pais em função da *nacionalidade*.”, já que apenas no que respeita à dimensão *inibição da exploração e individualidade* se observaram diferenças por *nacionalidade*. (ver também Apêndice D)

5.9.2. Média das dimensões do QVPM por tempo da relação amorosa.

Uma vez observada e analisada a média das dimensões para a amostra total e para a influência da *nacionalidade*, vamos agora analisar a influência do *tempo da relação* amorosa. Na tabela que se segue podemos observar os valores das médias das dimensões do QVPM obtidos nas três situações: 1) relação amorosa com menos de 24 meses, 2) relação amorosa com 24 meses ou mais e 3) amostra total.

Tabela 4

Médias das Dimensões do QVPM por Tempo de Relação Amorosa

Tempo de Relação		QLE		IEI		ASEP	
		PAI	MÃE	PAI	MÃE	PAI	MÃE
< 24 meses (n = 260)	Média	4.68	5.13	3.03	3.16	3.43	3.79
	DP	1.25	0.93	1.07	1.06	1.10	1.05
=> 24 meses (n = 114)	Média	4.69	5.09	2.86	3.18	3.33	3.66
	DP	1.30	0.96	1.06	1.15	1.04	0.96
Total	Média	4.68	5.11	2.97	3.17	3.40	3.75

(n = 374)	DP	1.26	0.94	1.07	1.09	1.08	1.03
-----------	----	------	------	------	------	------	------

Nota. QLE: Qualidade do Laço Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

Também aqui, em que os resultados estão segmentados por *tempo de relação*, podemos ver que, em todas as dimensões, as médias da escala QVPM referentes ao pai são inferiores às da mãe, independentemente do *tempo de relação*. Quanto à medida de dispersão, observamos que, de um modo geral, as respostas relativas à mãe e ao pai têm semelhante variabilidade.

Para cada uma das dimensões da escala QVPM, quando comparamos as médias dos dois grupos de participantes por *tempo de relação*, tanto para o pai, como para a mãe, verificamos que apresentam pequenas diferenças, não sendo nenhuma delas significativa, do ponto de vista estatístico (ver Apêndice E – Influência do Tempo da Relação Amorosa sobre o QVPM).

Assim, a Hipótese 2, “Existem diferenças na percepção do apego aos pais em função do *tempo de relação* amorosa”, não é confirmada. (ver também Apêndice E)

5.10. Estatísticas Descritivas da Escala de Vinculação do Adulto (EVA)

A escala EVA mede e avalia a vinculação que a pessoa tem atualmente com os seus semelhantes. Desta maneira, vamos analisar e comparar os resultados obtidos entre: a) a população portuguesa e a brasileira (*nacionalidade*) e, b) entre as pessoas com uma relação amorosa estável com 24 meses ou mais e a população sem relação amorosa ou em que ela é inferior a 24 meses (*tempo de relação*).

5.10.1. Média das dimensões da escala EVA por nacionalidade.

Já quanto aos valores das três dimensões da EVA obtidos por *nacionalidade*, eles podem ser observados na Tabela 4, onde se encontram as estatísticas descritivas destas dimensões. Nesta tabela, podemos observar não apenas as duas nacionalidades, como também os valores da amostra total permitindo que se faça uma comparação dos valores das nacionalidades com a amostra total.

Tabela 5

Média e Desvio Padrão das Dimensões da Escala EVA por Nacionalidade

Nacionalidade		Ansiedade	Conforto com a Proximidade	Confiança nos Outros
Brasileira (n = 213)	Média	2.54	3.66	3.41
	DP	0.78	0.69	0.79
Portuguesa (n = 161)	Média	2.39	3.77	3.63
	DP	0.72	0.58	0.82
Total (n = 374)	Média	2.48	3.70	3.50
	DP	0.75	0.65	0.81

No que concerne à dimensão *ansiedade*, podemos ver que os participantes brasileiros apresentam uma média mais elevada (2.54) do que os participantes portugueses (2.39). Esta diferença é significativa, do ponto de vista estatístico ($F_{(1, 372)} = 3.953, p = .048$) como podemos ver no Apêndice F – Influência da Nacionalidade sobre as Dimensões da EVA.

No que respeita à dimensão *conforto com a proximidade*, a diferença entre os valores dos participantes brasileiros e portugueses é muito pequena, não sendo estatisticamente significativa.

Quanto à dimensão *confiança nos outros*, verificamos que os participantes brasileiros

têm uma média mais baixa do que os participantes portugueses, sendo essa diferença estatisticamente significativa ($F_{(1, 372)} = 6.512, p = .011$) como podemos ver no Apêndice F – Influência da Nacionalidade sobre as Dimensões da EVA.

Estes resultados confirmam parcialmente a Hipótese 3, “Existem diferenças na vinculação aos pares em função da *nacionalidade*”, verificando-se diferenças entre participantes brasileiros e portugueses nas dimensões *ansiedade* e *confiança nos outros*: os participantes brasileiros apresentam maior *ansiedade* e menor *confiança nos outros* que os participantes portugueses. (ver também Apêndice F)

5.10.2. Média das dimensões da escala EVA por tempo de relação.

Na Tabela 7 que se segue, são apresentadas os resultados das estatísticas descritivas referentes às dimensões da escala EVA por *tempo de relação* amorosa. Nesta tabela, podemos também ver e relembrar a média total, o que nos permite ter uma visão mais abrangente dos resultados.

Tabela 6

Média e Desvio Padrão das Dimensões da Escala EVA por Tempo de Relação

Tempo de Relação		Ansiedade	Conforto com a Proximidade	Confiança nos Outros
< 24 meses	Média	2.56	3.68	3.44
	DP	0.73	0.64	0.79
=> 24 meses	Média	2.29	3.77	3.66
	DP	0.77	0.65	0.83
Total	Média	2.48	3.70	3.50

DP	0.75	0.65	0.81
----	------	------	------

Relativamente à dimensão *ansiedade*, podemos ver que os participantes com menos *tempo de relação* apresentam uma média mais elevada de *ansiedade* (2.56) do que os participantes com um maior *tempo de relação* (2.29). Esta diferença é significativa do ponto de vista estatístico ($F_{(1, 372)} = 10.653, p = .001$) como podemos ver no Apêndice G – Influência do Tempo de Relação sobre as Dimensões da EVA.

Quanto à dimensão *conforto com a proximidade*, a diferença entre as médias dos participantes com menos *tempo de relação* e com mais *tempo de relação* é muito pequena, não sendo estatisticamente significativa.

Já no que respeita à dimensão *confiança nos outros*, podemos ver que a média é mais baixa nos participantes com menos *tempo de relação* do que nos participantes com mais *tempo de relação*, sendo a diferença estatisticamente significativa ($F_{(1, 372)} = 6.201, p = .013$) como podemos ver no Apêndice G – Influência do Tempo de Relação sobre as Dimensões da EVA.

Estes resultados confirmam parcialmente a Hipótese 4, “Existem diferenças na vinculação aos pares em função do *tempo de relação* amorosa”, verificando-se diferenças por *tempo de relação* nas dimensões *ansiedade* e *confiança nos outros*: os participantes com menos *tempo de relação* apresentam maior *ansiedade* e menor *confiança nos outros* que os participantes com mais *tempo de relação*. (ver também Apêndice G)

5.11. Análises de Regressão do QVPM sobre as Dimensões da EVA

Agora que vimos como as três dimensões da EVA e do QVPM se comportam, em termos de médias, quer perante a *nacionalidade*, quer perante o *tempo de relação*, vamos

analisar como a percepção de apego aos pais no passado, que a pessoa tem no presente, e medido pelo QVPM, afeta as dimensões da EVA que medem a vinculação atual.

Segundo a literatura, e também segundo as nossas hipóteses, o apego do passado influencia a vinculação do presente. Na presente investigação, foi efetuada uma análise de regressão para verificar a possível influência das três variáveis preditoras do QVPM sobre cada uma das variáveis da EVA. A percepção do apego aos pais foi avaliada separadamente para cada um dos progenitores, e como constatamos que as percepções do apego à mãe e ao pai são muito semelhantes e estão correlacionadas e que a sua influência sobre a vinculação aos pares é semelhante, decidimos mostrar nas seções que se seguem os resultados relativos à mãe e, no final, indicar as diferenças, se as houver, dos resultados relativos ao pai (ver também Apêndices H a J ou, o resumo geral no Apêndice K).

Quanto à apresentação dos resultados, vamos apresentar as três análises de regressão principais. Em cada uma dessas análises de regressão, analisa-se a influência das três dimensões do QVPM sobre cada uma das dimensões da EVA, considerando-se três situações: 1) amostra total, 2) amostra total com a interação da *nacionalidade*, e 3) amostra total com a interação do *tempo de relação* amorosa.

5.11.1. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a EVA na amostra total.

São apresentados abaixo os resultados da influência do QVPM sobre as três dimensões da EVA na amostra total.

5.11.1.1. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a ansiedade da EVA.

Começamos por apresentar os resultados referentes à influência das três dimensões do QVPM mãe, que medem a percepção do apego a ela, sobre a dimensão *ansiedade* da escala

Eva para a amostra total.

Tabela 7

Análise de Regressão Múltipla Predizendo a Dimensão Ansiedade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (Mãe)

	<i>b</i>	<i>beta</i>	<i>p</i>	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para <i>b</i>	
				Inferior	Superior
Interceção	1.740		.000	1.159	2.293
QLE (Mãe)	-0.136	-0.170	.009	-0.237	-0.032
IEI (Mãe)	0.120	0.174	.001	0.050	0.194
ASEP (Mãe)	0.281	0.382	.000	0.189	0.371

$R^2 = .145$ ($F_{(3,370)} = 20.956$, $p < .001$)

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a) Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

Como podemos observar, o valor do coeficiente R^2 , indica que o conjunto das três variáveis predictoras explica 14.5% da variabilidade de *ansiedade*. Observamos também que todas as variáveis predictoras são significativas, do ponto de vista estatístico, para um $\alpha = .05$. Os intervalos de confiança apresentados, calculados com a técnica *bootstrap*, confirmam este resultado, já que nenhum deles contém o valor zero.

Os valores dos *b*'s, coeficientes de regressão parciais, indicam que o nível de *ansiedade* é tanto maior quanto menor for o valor da *qualidade do laço emocional* (QLE mãe) e quanto maiores forem os valores de *inibição de exploração e individualidade* (IEI mãe) e de *ansiedade de separação* (ASEP mãe). Os valores desses coeficientes permitem-nos quantificar a influência de cada variável preditora. Por exemplo, o coeficiente relativo à

variável *qualidade do laço emocional* (QLE mãe), -0.136, indica que, por cada aumento de uma unidade na escala desta variável, o valor de *ansiedade* diminui .136 unidades, para valores constantes das outras variáveis preditoras.

Os valores dos *beta*'s, coeficientes de regressão parciais padronizados, permitem afirmar que a influência da *ansiedade de separação* (ASEP mãe) sobre a *ansiedade* é cerca de duas vezes mais forte do que a das outras duas variáveis preditoras. (ver também Apêndice H seção 1.1.)

5.11.1.2. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre o conforto com a proximidade (CPRO – EVA) na amostra total.

Vamos agora apresentar os resultados referentes à influência do QVPM (mãe) na dimensão *conforto com a proximidade* da escala EVA, sendo apresentados tabela 8, que se segue, os resultados da regressão das três dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *conforto com a proximidade* da escala EVA.

Tabela 8

Análise de Regressão Múltipla Predizendo a Dimensão Conforto com a Proximidade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe)

	<i>b</i>	<i>beta</i>	<i>p</i>	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para <i>b</i>	
				Inferior	Superior
Interceção	3.505		.000	3.049	3.952
QLE (Mãe)	0.159	0.231	.001	0.065	0.254
IEI (Mãe)	-0.091	-0.153	.005	-0.161	-0.022
ASEP (Mãe)	-0.087	-0.138	.030	-0.169	-0.001

$$R^2 = .080 (F_{(3,370)} = 10.739, p < .001)$$

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a) Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

O valor do coeficiente R^2 , indica que o conjunto das três variáveis predictoras do QVPM explica 8.0% da variabilidade do *conforto com a proximidade* da escala EVA. Todas as variáveis predictoras são significativas, do ponto de vista estatístico, para um $\alpha = .05$. Este resultado é confirmado com a técnica *bootstrap*, já que nenhum dos intervalos de confiança contém o valor zero.

Os valores dos b 's, coeficientes de regressão parciais, indicam que o nível de *conforto com a proximidade* é tanto maior quanto maior for o valor da *qualidade do laço emocional* (QLE mãe) e quanto menores forem os valores de *inibição de exploração e individualidade* (IEI mãe) e de *ansiedade de separação* (ASEP mãe).

Os valores dos β 's, coeficientes de regressão parciais padronizados, permitem afirmar que a variável preditora que exerce mais influência sobre a *conforto com a proximidade* é a *qualidade do laço emocional* (QLE mãe); esta variável tem uma influência 1.5 vezes superior à de *inibição de exploração e individualidade* (IEI mãe) e 1.7 vezes superior à da *ansiedade de separação* (ASEP mãe). (ver também Apêndice H seção 1.2.)

5.11.1.3. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a confiança nos outros (COUT – EVA) na amostra total.

Analisamos a seguir a influência das dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *confiança nos outros* da escala Eva. Para esse efeito, realizamos uma *Análise de Regressão* das três dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *confiança nos outros* da escala EVA, cujos

resultados são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 9

Análise de Regressão Múltipla Predizendo a Dimensão Confiança nos Outros da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe)

	<i>b</i>	<i>beta</i>	<i>p</i>	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para <i>b</i>	
				Inferior	Superior
Interceção	4.031		.000	3.488	4.607
QLE (Mãe)	0.147	0.171	.009	0.034	0.254
IEI (Mãe)	-0.211	-0.285	.000	-0.295	-0.131
ASEP (Mãe)	-0.163	-0.207	.001	-0.261	-0.063

$R^2 = .141$ ($F_{(3,370)} = 20.309$, $p < .001$)

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a) Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

O valor do coeficiente R^2 , indica que o conjunto das três variáveis preditoras explica 14.1% da variabilidade de *confiança nos outros*. Todas as variáveis preditoras são significativas, do ponto de vista estatístico, para um $\alpha = .05$. Este resultado é confirmado com a técnica *bootstrap*.

Os valores dos *b*'s, coeficientes de regressão parciais, indicam que o nível de *confiança nos outros* é tanto maior quanto maior for o valor da *qualidade do laço emocional* (QLE mãe) e quanto menores forem os valores de *inibição de exploração e individualidade* (IEI mãe) e de *ansiedade de separação* (ASEP mãe).

Tendo em conta os valores dos *beta*'s, coeficientes de regressão parciais padronizados, vemos que a variável preditora que exerce mais influência sobre a *confiança nos outros* é a

inibição de exploração e individualidade (IEI mãe), com uma influência 1.7 vezes superior à de *qualidade do laço emocional* (QLE mãe) e 1.4 vezes superior à de *ansiedade de separação* (ASEP mãe). (ver também Apêndice H seção 1.3)

Concluimos, assim, que estes resultados que acabamos de ver nas três dimensões da EVA (e três seções) sustentam a nossa Hipótese 5, “A percepção de apego aos pais influencia a vinculação aos pares”, permitindo assim afirmar que a percepção de apego aos pais influencia a vinculação aos pares.

Observamos também que os resultados referentes à influência do QVPM (pai) nas três dimensões da escala EVA são semelhantes a estes, podendo ser tiradas as mesmas conclusões (ver também Apêndice H seção 2)

5.11.2. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a EVA moderada pela nacionalidade.

Vamos apresentar sucessivamente os resultados referentes à influência do QVPM (mãe) nas dimensões *ansiedade*, *conforto com a proximidade* e *confiança nos outros* da escala Eva, moderada pela *nacionalidade* (ver também Apêndice I). No final, indicamos eventuais diferenças relativas às análises com o QVPM_PAI (ver também Apêndice I).

5.11.2.1. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a ansiedade da EVA em função da nacionalidade.

Para avaliar se a influência das três dimensões do QVPM (mãe), na dimensão *ansiedade* da escala EVA, é moderada pela *nacionalidade*, realizamos uma *Análise de Regressão Sequencial* tendo como variáveis preditoras, num primeiro passo, as três dimensões do QVPM (mãe) e *nacionalidade*, a que, num segundo passo, se acrescentaram três variáveis

representando as interações entre cada uma das dimensões do QVPM (mãe) e a *nacionalidade*. Os resultados desta análise são apresentados na tabela que se segue.

Tabela 10

Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Ansiedade da EVA a Partir das três Dimensões da QVPM (Mãe), Nacionalidade e suas Interações

Modelo	R^2	ΔR^2	b	p	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para b	
					Inferior	Superior
Passo 1 QLE(Mãe), IEI(Mãe), ASEP(Mãe), Nacionalidade	.148					
Passo 2 QLE(Mãe) x Nacionalidade IEI(Mãe) x Nacionalidade ASEP(Mãe) x Nacionalidade	.159	.012				
			0.049	.639	-0.170	0.275
			0.145	.053	-0.000	0.290
			0.054	.554	-0.123	0.233

$\Delta F_{(3,366)} = 1.685, p = .170$

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a) Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

Verificamos que a introdução das variáveis de interação não aumenta significativamente a capacidade explicativa do modelo ($p = .170$). Verificamos que individualmente, nenhuma das variáveis de interação é significativa, do ponto de vista estatístico. Esta conclusão é confirmada com a técnica *bootstrap*.

Vemos, assim, que a influência das dimensões do QVPM (mãe), na dimensão *ansiedade* da escala EVA não é diferente por *nacionalidade*. (ver também Apêndice I seção 1.1.)

5.11.2.2. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre o conforto com a proximidade (CPRO – EVA) em função da nacionalidade.

Para avaliar se a influência das três dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *conforto com a proximidade* da escala EVA era diferente por *nacionalidade*, realizamos uma *Análise de Regressão Sequencial* cujos resultados desta análise são apresentados na tabela que se segue.

Tabela 11

Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Conforto com a Proximidade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Nacionalidade e suas Interações

Modelo	R^2	ΔR^2	b	p	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para b	
					Inferior	Superior
Passo 1	.084					
QLE(Mãe), IEI(Mãe), ASEP(Mãe), Nacionalidade						
Passo 2	.089	.005				
QLE(Mãe) x Nacionalidade			-0.011	.902	-0.195	0.185
IEI(Mãe) x Nacionalidade			-0.082	.217	-0.218	0.058
ASEP(Mãe) x Nacionalidade			-0.039	.630	-0.205	0.118
$\Delta F_{(3,366)} = 0.723, p = .539$						

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a)Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

Verificamos que a introdução das variáveis de interação não aumenta significativamente a capacidade explicativa do modelo ($p = .539$). Podemos também observar que, individualmente, nenhuma das variáveis de interação é significativa, do ponto de vista estatístico, o que é confirmado com a técnica *bootstrap*.

Assim, concluímos que a influência das dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *conforto com a proximidade* da escala EVA não é diferente por *nacionalidade*. (ver também

Apêndice I seção 1.2.)

5.11.2.3. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a confiança nos outros (COUT – EVA) em função da nacionalidade.

Para avaliar se a influência das três dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *confiança nos outros* da escala EVA era moderada pela *nacionalidade*, realizamos uma *Análise de Regressão Sequencial*, semelhante às anteriores e cujos resultados se encontram na tabela que se segue.

Tabela 12

Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Confiança nos Outros da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Nacionalidade e suas Interações

Modelo	R^2	ΔR^2	b	p	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para b	
					Inferior	Superior
Passo 1 QLE(Mãe), IEI(Mãe), ASEP(Mãe), Nacionalidade	.146					
Passo 2 QLE(Mãe) x Nacionalidade IEI(Mãe) x Nacionalidade ASEP(Mãe) x Nacionalidade	.158	.012	.072 -.117 -.132	.520 .145 .180	-.136 -.290 -.340	.282 .064 .077

$\Delta F_{(3,366)} = 1.772, p = .152$

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a) Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

Verificamos que a introdução das variáveis de interação não aumenta significativamente a capacidade explicativa do modelo ($p = .152$). Podemos também observar que, individualmente, nenhuma das variáveis de interação é significativa, do ponto de vista estatístico, o que é confirmado com a técnica *bootstrap*. Assim, podemos concluir que a

influência das dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *confiança nos outros* da escala EVA não é moderada pela *nacionalidade*. (ver também Apêndice I seção 1.3.)

Já quanto aos resultados referentes à influência do QVPM_PAI sobre a *confiança nos outros*, os resultados são semelhantes aos da mãe. No entanto existe uma exceção no QVPM_PAI: no que concerne à dimensão *conforto com a proximidade* da escala EVA, onde a interação *inibição da exploração e individualidade x nacionalidade* é significativa, do ponto de vista estatístico ($p = 0.005$) (ver também Apêndice I seção 2.2.). O valor estimado do seu coeficiente de regressão é de -0.181. Tendo em conta a codificação da variável *nacionalidade* (0: Brasileira; 1: Portuguesa), esse valor indica que a influência de *inibição da exploração e individualidade* sobre *conforto com a proximidade* é superior na amostra portuguesa, decrescendo mais fortemente o *conforto com a proximidade* com o aumento da *inibição da exploração e individualidade* entre os portugueses do que entre os brasileiros.

Em conclusão, podemos dizer que globalmente a influência do QVPM nas dimensões da escala EVA não é moderada pela *nacionalidade*, ou seja, essa influência é semelhante em brasileiros e portugueses. Em consequência, não se confirma a nossa Hipótese 6 (“A influência da vinculação aos pais na vinculação aos pares é moderada pela *nacionalidade*”). (ver também Apêndice I)

5.11.3. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre as dimensões da EVA moderadas pelo tempo de relação.

Vamos começar por apresentar sucessivamente os resultados referentes à influência das dimensões do QVPM (mãe) nas dimensões *ansiedade*, *conforto com a proximidade* e *confiança nos outros* da escala Eva, moderada pelo *tempo de relação* (ver também Apêndice J seção 1.). No final, indicamos eventuais diferenças relativas às análises com o QVPM_PAI

(ver também Apêndice J seção 2.)

5.11.3.1. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a ansiedade da EVA moderada pelo tempo de relação.

Para avaliar se a influência das três dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *ansiedade* da escala EVA difere por *tempo de relação*, realizamos também uma *Análise de Regressão Sequencial* tendo como variáveis preditoras, num primeiro passo, as dimensões do QVPM (mãe) e *tempo de relação* a que, num segundo passo, se acrescentaram três variáveis representando as interações entre cada uma das dimensões do QVPM (mãe) e o *tempo de relação*. Os resultados encontram-se na tabela que se segue.

Tabela 13

Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Ansiedade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Tempo de Relação e suas Interações

Modelo	R^2	ΔR^2	b	p	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para b	
					Inferior	Superior
Passo 1 QLE(Mãe), IEI(Mãe), ASEP(Mãe), TempoRelação	.167					
Passo 2	.188	.020				
QLE(Mãe) x TempoRelação			-0.108	.332	-0.320	0.106
IEI(Mãe) x TempoRelação			-0.108	.165	-0.253	0.034
ASEP(Mãe) x TempoRelação			0.264	.008	0.095	0.441
$\Delta F_{(3,366)} = 3.018, p = .030$						

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a)Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

Podemos ver, observando esta tabela, que a introdução das variáveis de interação aumenta significativamente a capacidade explicativa do modelo ($p = .030$). No entanto,

individualmente, apenas a interação *ansiedade de separação* (mãe) x *tempo de relação* é significativa, sendo este resultado confirmado com a técnica *bootstrap*: o intervalo de confiança relativo a esta interação não contém zero.

Tendo em conta a codificação da variável *tempo de relação* (0: < 24 meses; 1: >= 24 meses), podemos interpretar o valor do coeficiente de regressão parcial desta interação: a influência de *ansiedade de separação* (mãe) é superior em 0.264 no grupo de participantes com uma relação mais duradoura (24 meses ou mais).

Podemos então concluir que a influência das dimensões *qualidade do laço emocional* e *inibição de exploração e individualidade* do QVPM (mãe) na dimensão *ansiedade* da escala EVA não é moderada pelo *tempo de relação*, mas que a influência da dimensão *ansiedade de separação* é superior no caso do grupo com relações mais longas. (ver também Apêndice J seção 1.1.)

5.11.3.2. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre o conforto com a proximidade (CPRO – EVA) moderada pelo tempo de relação.

Para avaliar se a influência das três dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *conforto com a proximidade* da escala EVA diferia por *tempo de relação*, realizamos uma *Análise de Regressão Sequencial* tendo como variáveis preditoras, num primeiro passo, as dimensões do QVPM (mãe) e *tempo de relação* a que, num segundo passo, se acrescentaram três variáveis representando as interações entre cada uma das dimensões do QVPM (mãe) e o *tempo de relação*. Os resultados obtidos podem ser consultados na tabela que se segue.

Tabela 14

Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Conforto com a

Proximidade da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Tempo de Relação e suas Interações

Modelo	R^2	ΔR^2	b	p	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para b	
					Inferior	Superior
Passo 1 QLE(Mãe), IEI(Mãe), ASEP(Mãe), TempoRelação	.084					
Passo 2 QLE(Mãe) x TempoRelação IEI(Mãe) x TempoRelação ASEP(Mãe) x TempoRelação	.094	.010	0.202 0.075 -0.129	.046 .285 .147	0.018 -0.060 -0.315	0.392 0.210 0.067

$$\Delta F_{(3,366)} = 1.382, p = .248$$

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a) Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

Podemos ver, observando a tabela, que a introdução das variáveis de interação, no seu conjunto, não aumenta significativamente a capacidade explicativa do modelo ($p = .248$). No entanto, individualmente, a interação *qualidade do laço emocional* (mãe) x *tempo de relação* é significativa, sendo este resultado confirmado com a técnica *bootstrap*.

Tendo em conta a codificação da variável *tempo de relação*, interpretamos assim o valor do coeficiente de regressão parcial desta interação: a influência da *qualidade do laço emocional* (mãe) sobre *conforto com a proximidade* é superior em 0.202 no grupo de participantes com uma relação mais duradoura (24 meses ou mais).

Podemos concluir que a influência das dimensões *inibição de exploração e individualidade e ansiedade de separação* do QVPM (mãe) na dimensão *conforto com a proximidade* da escala EVA não é diferente por *tempo de relação*, mas a influência da dimensão *qualidade do laço emocional* é superior no caso do grupo com relações mais longas, sendo estatisticamente significativa. (ver também Apêndice J seção 1.2.)

5.11.3.3 Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a confiança nos outros (COUT – EVA) moderada pelo tempo de relação.

Para avaliar se a influência das três dimensões do QVPM (mãe) na dimensão *confiança nos outros* da escala EVA diferia por *tempo de relação*, realizamos uma *Análise de Regressão Sequencial* tendo como variáveis predictoras, num primeiro passo, as dimensões do QVPM (mãe) e *tempo de relação* a que, num segundo passo, se acrescentaram três variáveis representando as interações entre cada uma das dimensões do QVPM (mãe) e o *tempo de relação*. Os resultados desta análise encontram-se na tabela que se segue.

Tabela 15

Análise de Regressão Múltipla Sequencial Predizendo a Dimensão Confiança nos Outros da EVA a Partir das três Dimensões do QVPM (mãe), Tempo de Relação e suas Interações

Modelo	R^2	ΔR^2	b	p	Bootstrap ^(a) : Limites do IC _{95%} para b	
					Inferior	Superior
Passo 1 QLE(Mãe), IEI(Mãe), ASEP(Mãe), TempoRelação	.156					
Passo 2 QLE(Mãe) x TempoRelação IEI(Mãe) x TempoRelação ASEP(Mãe) x TempoRelação	.167	.011	0.054 0.013 -0.212	.655 .882 .047	-0.172 -0.183 -0.415	0.293 0.202 -0.003
$\Delta F_{(3,366)} = 1.624, p = .183$						

Nota. QLE: Qualidade da Ligação Emocional; IEI: Inibição da Exploração e Individualidade; ASEP: Ansiedade de Separação.

^(a) Método de amostragem: estratificado, variáveis de estrato: Nacionalidade, Tempo de Relação; Número de amostras: 5 000; técnica BCa (Viés corrigido e acelerado).

Podemos ver, observando a tabela, que a introdução das variáveis de interação, no seu conjunto, não aumenta significativamente a capacidade explicativa do modelo ($p = .183$).

Contudo, individualmente, a interação *ansiedade de separação* (mãe) x *tempo de relação* é

significativa, sendo este resultado confirmado com a técnica *bootstrap*.

Tendo em conta a codificação da variável *tempo de relação*, interpretamos assim o valor do coeficiente de regressão parcial desta interação: a influência da *ansiedade de separação* (mãe) sobre a dimensão *confiança nos outros* é inferior em 0.212 no grupo de participantes com uma relação mais duradoura (24 meses ou mais). Ou seja, quanto maior o *tempo de relação*, menor a influência da *ansiedade de separação* sobre a *confiança nos outros*. (ver também Apêndice J seção 1.3.)

Podemos concluir que a influência das dimensões *qualidade do laço emocional* e *inibição de exploração e individualidade* do QVPM (mãe) na dimensão *confiança nos outros* da escala EVA não é diferente por *tempo de relação*, mas a influência da dimensão *ansiedade de separação* é inferior no caso do grupo com relações mais longas.

Quanto aos resultados referentes à influência do QVPM_PAJ moderados pelo *tempo de relação*, eles são semelhantes a estes apresentados, não se verificando também, na maioria dos casos, moderação por *tempo de relação*. Verifica-se também, e tal como para a mãe, que apenas, a influência da dimensão *ansiedade de separação* (ASEP) é, no grupo de relações mais longas, superior no caso da dimensão *ansiedade* da escala EVA e inferior no caso da dimensão *confiança nos outros* da mesma escala. Contudo, ao contrário do que pudemos ver no caso do QVPM_MÃE, a influência da dimensão *qualidade do laço emocional* (QLE_PAJ) sobre o *conforto com a proximidade* da escala EVA não é moderada pelo *tempo de relação*. (ver também Apêndice J seção 2)

Em conclusão, não podemos confirmar globalmente a nossa hipótese 7 de que “A influência da percepção de apego aos pais na vinculação aos pares é moderada pelo *tempo de relação* amorosa”, embora em alguns aspetos particulares isso se tenha verificado.

5.12. Discussão de resultados

Iniciamos esta discussão com uma breve revisão da nossa parte teórica. Como vimos ao longo de todo este trabalho, o apego, assim como a vinculação, alteram e/ou podem ser alterados, de acordo com os intervenientes na relação (quem eles são) e de acordo com a interação e relação que eles têm com a pessoa ou criança (Bowlby, 1990; 1958; Moreira, 2006). Desta maneira, percebemos a importância da relação assim como a importância que os intervenientes têm na relação.

Como vimos ao longo da revisão de literatura, existem diferenças de apego na criança entre pai e mãe (Bowlby, 1990; Cabrera, et al., 2007; Cassidy, 1994; Easterbrooks & Goldberg, 1984), assim como existem diferenças entre pai/mãe e o outro cuidador (Bowlby, 1990; Howes et al., 1988; Schaffer & Emerson, 1964). Percebemos então que de acordo com o cuidador, a criança desenvolve um modelo específico de apego.

Apesar da existência dessas diferenças, isso não significa um problema e, antes pelo contrário, permite à criança criar modelos internos diferentes, que lhe permitem uma melhor e maior adaptação às situações com que vai lidando no seu dia-a-dia (Beebe & Lachmann, 2002; Bowlby, 1990; Dalbem & Dell’Aglia, 2006; Guedeney & Guedeney, 2004). Podemos então dizer que quantas mais relações a criança tem, mais modelos internos ela pode construir e, dessa maneira, tornar-se mais capaz para se relacionar e para resolver as situações do seu cotidiano.

Assim sendo, percebemos que a importância do apego deve ser colocado na qualidade das relações e na qualidade dos modelos internos que a criança vai construindo ao longo da vida. Percebemos também que, uma vez construídos os modelos internos, pode existir dificuldade em eles serem desconstruídos, afetando a pessoa a nível inconsciente e muitas das vezes impedindo-a de ter uma qualidade de vida desejável (Beebe & Lachmann, 2002).

Estes modelos internos podem ser criados antes mesmo da fala se encontrar presente e antes mesmo da criança ter qualquer capacidade cognitiva para os analisar. Muitos deles são formados antes dos quatro anos de idade e, dessa maneira, permanecem inconscientes e “invisíveis” na terapia e no acesso que a eles por vezes se tenta fazer, impedindo que a pessoa se liberte de padrões que nem sempre são os melhores para ela (Beebe & Lachmann, 2002; Freud, 1966).

E como vimos em Bretherton (1992), Bowlby usava entrevistas com as mães levando-as a analisar a sua relação com os seus pais, de forma que estas mudassem o seu comportamento e relacionamento com os seus filhos. Observamos assim, que Bowlby acreditava que a análise das relações passadas podia mudar as representações mentais que as pessoas tinham e, dessa maneira, podia levar as pessoas a mudarem o seu comportamento de relacionamento, o que vem na sequência do que vários autores afirmaram no sentido de que o apego do passado tende a persistir ao longo da vida (Bowlby, 1988, 1990; Cindy Hazan & Shaver, 1994), e que outros confirmaram (Brehm, et al., 2002; Crowell, et al., 2002; Waters, et al., 2000).

E é na sequência desta base teórica que nós vamos agora entrar na discussão dos nossos resultados. Para a análise e discussão dos dados obtidos, optamos pela divisão dos resultados em seções, em virtude das diversas análises que foram efetuadas para dessa forma, alcançar uma maior compreensão. Resta salientar que em virtude dos resultados serem semelhantes quer para o pai quer para a mãe, nós iremos usar os resultados da mãe e no final abordaremos as diferenças que foram encontradas.

5.12.1. QVPM moderado pela nacionalidade.

Nos nossos resultados, ao analisarmos as dimensões do QVPM, (percepção de como

foi o apego ao pai e mãe) percebemos que nas dimensões *qualidade do laço emocional* ao pai e mãe e *ansiedade de separação*, não existem diferenças significativas entre a amostra portuguesa e a brasileira. Já no que diz respeito à dimensão *inibição de exploração e individualidade*, os indivíduos brasileiros apresentaram valores mais elevados nesta dimensão.

Estes resultados estão de acordo com a nossa hipótese de que existiriam diferenças entre as duas populações, uma vez que já encontramos diferenças numa das três dimensões. No entanto, nós esperávamos encontrar diferenças em mais do que uma dimensão. Neste estudo, percebe-se que aparentemente, e nestas amostras, os indivíduos brasileiros têm um sentimento de *inibição de exploração e de individualidade* mais forte do que os indivíduos portugueses, o que poderia ser explicado por alguma característica sócio cultural que necessitaria ser estudada.

De fato, vários autores dizem-nos que a vinculação e o apego estão relacionados com a sociedade na qual a pessoa se encontra inserida (Lopez, et al., 2000; Minuchin, 2002; Ribas & Moura, 2004; Rothbaum & Morelli, 2005; Rothbaum, et al., 2002; Rothbaum, et al., 2000; Schmitt, et al., 2003; Wang & Mallinckrodt, 2006). No nosso estudo, consideramos que o fato de existirem diferenças em apenas uma das três dimensões já pode ser entendido como existência de diferenças no apego em virtude da *nacionalidade*. No entanto, nós esperávamos maiores diferenças, uma vez que a comunidade brasileira, sendo composta por uma mistura de muitas culturas, para além da portuguesa, deveria produzir maiores diferenças no apego. No entanto, como alguns estudos têm mostrado (Lopez et al., 2000; Schmitt et al., 2003), existem diferenças entre culturas, apesar de por vezes essas diferenças não serem muito significativas. Podemos assim concluir que no nosso estudo, e apesar das diferenças que encontramos, ainda nos faltam muitas explicações porque essas diferenças existem, e porque elas só aparecem em uma dimensão. Esta certamente é uma área que requer investigação posterior para explicar a

existência dessas diferenças, e as razões pelas quais essas diferenças apenas se manifestam numa dimensão, ou inclusive para explicar quais os possíveis fatores que estão na origem dessas diferenças.

5.12.2. QVPM moderado pelo tempo de relação.

Quanto à influência do *tempo de relação* amorosa sobre as dimensões do QVPM, verificamos que não existem quaisquer diferenças entre as duas amostras, o que contraria a nossa hipótese de que a percepção de apego mudaria de acordo com o *tempo de relação* amorosa. Estes resultados também contrariam algumas pesquisas que indicam que a relação amorosa poderia mudar os modelos internos que a pessoa apresenta (Brehm, et al., 2002; Crowell, et al., 2002). No entanto, e neste ponto, nós verificamos que, nas nossas amostras, não ocorreram mudanças nos resultados devido ao *tempo de relação* amorosa.

Todavia, precisamos salientar que nós não estamos a examinar os modelos internos, que aparentemente não mudaram, mas sim a avaliar a percepção de apego, apego esse que deveria apresentar diferenças, caso os modelos internos tivessem mudado devido ao *tempo de relação* amorosa. Desta maneira, os nossos dados não confirmam o que alguns autores afirmaram, de que a relação amorosa pode mudar os modelos internos que a pessoa apresenta (Brehm, et al., 2002; Crowell, et al., 2002). Os nossos resultados mostram que o *tempo de relação* amorosa não altera a percepção de apego aos pais que a pessoa tem. Isto parece confirmar que para mudar a percepção do apego aos pais, e dessa maneira os modelos internos que a pessoa tem, a atuação de Bowlby é a mais acertada, onde ele usava entrevistas com as mães para as ajudar a olhar como tinha sido a sua infância com os seus pais, com o intuito delas mudarem o seu comportamento e relação com os seus filhos, e desta maneira os seus filhos mudarem o seu estilo de apego (Bretherton, 1992).

No fundo, vemos aqui que Bowlby, através dessas entrevistas e de levar as mães a olhar o seu passado, possibilitava uma mudança nos modelos internos da pessoa que, por sua vez conduzia uma alteração no seu comportamento e relacionamento com os seus filhos. Ou seja, percebemos que os modelos internos criados na infância permanecem ativos na vida adulta e no comportamento e relacionamento com os filhos, e que se torna necessário terapia e um olhar e reinterpretação do passado, para que aconteçam mudanças nos modelos internos.

No nosso estudo nós percebemos que o *tempo de relação* amorosa não alterou a maneira como os indivíduos vêem o seu passado, o que pressupõe que não houve mudança dos modelos internos, contrariando a nossa hipótese de que o *tempo de relação* amorosa provocaria diferenças na percepção de apego aos pais. Ou seja, no nosso estudo, o *tempo de relação* amorosa não teve efeito terapêutico, pelo menos para mudar a maneira como os indivíduos percebem o apego no seu passado.

5.12.3. EVA moderada pela nacionalidade.

Com relação à análise de resultados da vinculação aos pares, medido pela EVA, nós podemos ver que os brasileiros apresentam uma média de *ansiedade* mais elevada do que os portugueses e que, por outro lado, os portugueses também têm uma média mais elevada na *confiança nos outros* do que os brasileiros. No que diz respeito ao *conforto com a proximidade*, verificamos que não existem diferenças entre os portugueses e os brasileiros. Estes resultados dizem-nos que existem diferenças entre a amostra portuguesa e a brasileira, o que corrobora a nossa hipótese de que existiriam diferenças na vinculação aos pares em função da *nacionalidade*. Estes resultados também confirmam aquilo que diversos autores já apontaram ao dizerem que existem diferenças de vinculação de acordo com a sociedade na qual a pessoa se encontra inserida (Lopez, et al., 2000; Minuchin, 2002; Ribas & Moura,

2004; Rothbaum & Morelli, 2005; Rothbaum, et al., 2002; Rothbaum, et al., 2000; Schmitt, et al., 2003; Wang & Mallinckrodt, 2006).

5.12.4. EVA moderada pelo tempo de relação.

Quanto aos resultados da influência do *tempo de relação* amorosa nas dimensões da EVA, nós podemos verificar que existem diferenças nas dimensões *ansiedade e confiança nos outros*, o que confirma parcialmente a nossa hipótese de que existem diferenças devido ao *tempo de relação* amorosa. Estes resultados também estão de acordo com Bowlby (1990; 1993a; 1993b), que defendia que relações estáveis poderiam modificar os modelos internos, ou aquilo que Simpson, et al., (2003) defendiam, de que em situações divergentes ou de necessidade, elas tenderiam a modificar os modelos internos, ou segundo Sroufe e Waters (1977) que defendiam que as relações de apego forneciam sentimentos de segurança. Também Collins e Read (1994) teorizaram que as relações amorosas têm a capacidade de alterar as representações mentais e, dessa maneira, podem alterar os modelos internos, situação que tinha sido verificada por Fuller e Fincham (1995), por (Davila et al., 1999) e por Duemmler e Kobak (2001). E como vimos anteriormente, não existem diferenças por *tempo de relação* no QVPM, o que nos coloca perante o fato de que as mudanças que encontramos aqui na EVA se devem ao *tempo de relação* e não devido ao passado (QVPM), levando-nos a concordar e a reforçar o que os autores anteriores já tinham demonstrado. Desta maneira, nós podemos afirmar que o *tempo de relação* amorosa afeta e influencia a vinculação aos pares/semelhantes nas dimensões *ansiedade e confiança nos outros*, o que está de acordo com a nossa hipótese de que existem diferenças na vinculação aos pares em função da estabilidade da relação amorosa (medida pelo *tempo de relação*), apesar da dimensão *conforto com a proximidade* não ser afetada nem influenciada pelo *tempo de relação*.

Para além disto, podemos também perceber que, se os modelos internos não mudam com o *tempo de relação* (o *tempo de relação* não afeta os resultados do QVPM), poderíamos então avançar com a hipótese de que aquilo que muda (o *tempo de relação* provoca diferenças de resultados na EVA), seriam os sentimentos de segurança (Sroufe & Waters, 1977) e as representações mentais (Collins & Read, 1994). Este certamente que poderia ser um bom tema para estudo futuro.

5.12.5. Influência do QVPM sobre a EVA.

Com os dados da EVA, que vimos anteriormente, nós podemos dizer que existem diferenças na vinculação entre as duas amostras, ou seja, que existem diferenças por *nacionalidade*, e também por *tempo de relação*. Ocorre que isso nada nos diz acerca de como esses resultados se formaram nem de onde eles vieram, nem de como eles se relacionam entre eles. E sabendo nós que o apego do passado (e os modelos internos criados no passado) afetam e influenciam a vinculação e o comportamento do presente (Bowlby, 2005; Sroufe, 2005), nós podemos questionar se os resultados do QVPM não poderiam estar a influenciar os resultados da EVA. No entanto, e como vimos antes, a única diferença que existe no QVPM é na dimensão *inibição de exploração e individualidade*, que tem diferenças por *nacionalidade*, o que nos coloca as seguintes questões: 1) O passado (QVPM) afeta o presente (EVA)? 2) A diferença por *nacionalidade* na dimensão *inibição de exploração e individualidade* do QVPM afeta a *ansiedade* e a *confiança nos outros* da EVA?

Caso as respostas a estas duas questões fossem verdadeiras, então elas corroborariam aquilo que Bowlby (1988; 1990; 1993a; 1993b) e Hazan e Shaver (1987) diziam e que veio a ser confirmada por Waters, Merrick, Treboux, Crowell e Albersheim (2000), Brehm, Miller, Perlman, e Campbell, (2002) e por Crowell, Treboux & Waters (2002), que diziam que os

modelos do passado têm tendência a manterem-se ao longo da vida.

No entanto, para termos a resposta a estas perguntas, temos de entrar na próxima etapa do nosso estudo que é: qual a influência ou moderação que o QVPM exerce sobre a EVA? E quando olhamos os nossos resultados, podemos ver que toda e qualquer dimensão do QVPM (passado) afeta e influencia toda e qualquer dimensão da EVA (presente), mostrando que o passado afeta o presente, respondendo, assim, à nossa primeira pergunta e confirmando a nossa hipótese de que a percepção de apego aos pais afeta e influencia a vinculação aos pais. Isto também evidencia o que vários autores já disseram, de que o passado afeta e influencia o presente ou que os modelos de apego do passado têm tendência a manterem-se no presente (Bowlby 1988; 1990; 1993a; 1993b; 2005; Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, 2005).

5.12.6. Influência do QVPM sobre a EVA moderado pela nacionalidade.

Desta maneira, quando olhamos para a influência da *nacionalidade* sobre as diversas dimensões, quer do QVPM, quer da EVA, temos o seguinte: 1) existem diferenças por *nacionalidade* no QVPM na dimensão *inibição de exploração e individualidade*, 2) existem diferenças por *nacionalidade* na EVA nas dimensões *ansiedade e confiança nos outros*. E quando olhamos a influência do QVPM sobre a EVA verificamos que: 3) todas as dimensões do QVPM afetam toda e qualquer dimensão da EVA, o que responde à nossa pergunta um acima. Em outras palavras, os nossos dados indicam que o passado (QVPM) afeta o presente (EVA).

Assim sendo, nós ficamos apenas com a pergunta dois acima por responder: A diferença por *nacionalidade* da dimensão *inibição de exploração e individualidade* do QVPM afeta a *ansiedade* e a *confiança nos outros* da EVA? Ao observarmos os nossos resultados (QVPM sobre a EVA moderados pela *nacionalidade*) verificamos que esses resultados não

são moderados pela *nacionalidade*. Isto é, a *inibição de exploração e individualidade* do QVPM não é moderada pela *nacionalidade* para nenhuma dimensão da EVA. Ou seja, a *nacionalidade* não afeta a influência que a *inibição de exploração e individualidade* tem sobre as dimensões da EVA.

Em outras palavras, apesar de existirem diferenças por *nacionalidade* na *inibição de exploração e individualidade* (QVPM), e apesar de existirem diferenças por *nacionalidade* nas dimensões *ansiedade e confiança nos outros* da EVA, nós verificamos que a *nacionalidade* não tem poder suficiente para afetar a influência da *inibição de exploração e individualidade* sobre nenhuma das dimensões da EVA.

Resumindo, podemos dizer que a *inibição de exploração e individualidade* afeta toda e qualquer dimensão da EVA, como verificado anteriormente, mas que essa influência não tem nada a ver com a *nacionalidade*. Isto leva-nos a descartar a influência da *nacionalidade* sobre os resultados que o QVPM exerce sobre a EVA. Podemos então dizer que a influência do QVPM sobre a EVA não é moderado pela *nacionalidade*. Concluimos assim, que as diferenças por *nacionalidade* encontradas na EVA se devem a fatores sócio culturais ou outros e não à possível influência da *nacionalidade* no QVPM (passado).

Estes resultados confirmam aquilo que alguns autores defendem e outros confirmaram de que existem diferenças de vinculação de acordo com a sociedade na qual a pessoa se encontra inserida (Bowlby, 1990; Lopez et al., 2000; Ribas & Moura, 2004; Rothbaum & Morelli, 2005; Rothbaum et al., 2002; Schmitt et al., 2003; Wang & Mallinckrodt, 2006).

E estes resultados também confirmam a nossa hipótese de que existem diferenças na percepção de apego aos pais em função da *nacionalidade* assim como a hipótese de que existem diferenças nas vinculação aos pares em função da *nacionalidade*. No entanto os resultados contrariam a nossa hipótese de que a influência da percepção de apego aos pais na

vinculação aos pares é moderada pela *nacionalidade* uma vez que a *nacionalidade* apesar de moderar o QVPM e também moderar a EVA, essa mesma *nacionalidade*, não modera nem influencia o impacto do QVPM sobre a EVA.

5.12.7. Influência do QVPM sobre a EVA moderado pelo tempo de relação.

Quando analisamos a moderação do *tempo de relação* amorosa sobre as dimensões do QVPM nas dimensões da EVA, nós verificamos que o *tempo de relação* aumenta a *ansiedade* do presente, mas que essa *ansiedade* do presente está relacionada ou diz respeito à *ansiedade de separação* do passado. Isto é, a *ansiedade de separação* do passado torna-se agora presente na *ansiedade* com os pares/semelhantes quando o *tempo de relação* aumenta. E aqui, face a estes resultados, nós podemos ver que o *tempo de relação* de alguma maneira ativa ou traz à superfície a *ansiedade de separação* ou o medo da perda, o que, de alguma maneira, pode ser entendido como o fato de estarmos perante uma relação de apego ou de estarmos perante uma ativação de memórias de apego e/ou perante modelos internos de apego que foram ativados. E neste caso estaríamos perante o que Hazan e Shaver (1987) teorizaram e que Collins e Read (1990), Hazan e Zeifman (1999) defendiam e que Bragança e Campos (2010), Ribeiro (2010) e Azevedo (2013) verificaram, de que as relações amorosas seriam baseadas, e estariam relacionadas, com as relações de apego do passado e, neste caso, as relações amorosas poderiam ativar os modelos internos e comportamentos do passado.

Nesta sequência, nós podemos ver que o *conforto com a proximidade* no presente sofre também a influência da *qualidade do laço emocional* do passado quando estamos perante uma relação amorosa de longa duração. Ou seja, o *tempo de relação* aumenta a influência que a *qualidade do laço emocional* do passado exerce sobre o *conforto com a proximidade*.

Neste caso, podemos perceber a importância e a influência da *qualidade do laço emocional* sobre o *conforto com a proximidade* uma vez que existe uma relação positiva quando o *tempo de relação* aumenta. Assim, podemos dizer que o *tempo de relação* afeta e influencia o impacto que a *qualidade do laço emocional* tem sobre o *conforto com a proximidade*. E isto corrobora o que Ainsworth (1985), Bowlby (1988), Bowlby (1990) e outros, que sempre defenderam a importância das relações na infância para um apego seguro, e que o apego na infância influencia o apego e a vinculação no adulto ou que o apego tem tendência a se manter ao longo da vida (Bowlby, 1990; Cassidy & Shaver, 2008; Scharfe, 2003; Sroufe, 2005).

Quanto à dimensão *confiança nos outros*, nós verificamos que o *tempo de relação* diminui a influência que a *ansiedade de separação* do passado tem sobre ela. Podemos ver aqui que uma relação estável tende a modificar a maneira como a pessoa confia nos outros e como esse *tempo de relação* diminui o impacto da *ansiedade de separação* do passado. Pode-se dizer, que o *tempo de relação* aumenta a *confiança nos outros* e diminui a influência da *ansiedade de separação* (passado). Podemos então depreender que o *tempo de relação* modifica a maneira como os indivíduos se sentem nas suas relações, assim como altera a maneira como eles vivem essas relações (Bowlby, 1988; Baldwin & Fehr, 1995; Hazan & Shaver, 1994; Davila et al., 1999; Duemmler & Kobak, 2001).

No entanto, e para além de uma continuidade do estilo de apego ou de uma influência do apego da infância na vida adulta, nós também podemos explicar os resultados através do *tempo de relação* amorosa tal como Bowlby (1990) já tinha falado e assim como defendido por Sroufe e Waters (1977), que nos falaram acerca dos construtos que se vão desenvolvendo com as relações, ou, por outro lado, segundo Fuller e Fincham (1995) que nos mostraram que os indivíduos mudam o seu estilo de apego e seus modelos mentais acerca do parceiro ao

longo da relação, ou tal como Baldwin e Fehr (1995); Davila et al. (1999); Duemmler e Kobak (2001); Hazan e Shaver (1994) e outros nos mostraram que as relações amorosas, e o tempo das mesmas, tem a capacidade de afetar o estilo de apego.

Estes resultados confirmam a nossa hipótese de que existem diferenças na vinculação aos pares (EVA) em função do *tempo de relação* amorosa e também a hipótese de que a influência da percepção de apego aos pais (QVPM) na vinculação aos pares (EVA) é moderada pelo *tempo de relação* amorosa.

No entanto, e como vimos anteriormente, o *tempo de relação* amorosa por si só não é capaz de influenciar as dimensões do QVPM, mas é capaz de afetar a *ansiedade* e o *conforto com a proximidade* da EVA (presente). Quando observamos a influência do *tempo de relação* sobre as relações das dimensões do QVPM sobre as dimensões da EVA, verificamos que esse *tempo de relação* modera a influência que a *ansiedade de separação* exerce sobre a *confiança nos outros* e sobre a *ansiedade*, assim como também modera a influência que a *qualidade do laço emocional* exerce sobre o *conforto com a proximidade*.

5.12.8. Resultados quanto ao pai.

5.12.8.1. Influência do QVPM_PAI sobre a EVA moderado pela nacionalidade e tempo de relação.

Quando comparamos os resultados relativos ao pai com os resultados da mãe, nós podemos também dizer, e de uma maneira geral, que foram obtidos os mesmos resultados em relação ao pai, com exceção da influência que a *qualidade do laço emocional* (pai) exerce sobre o *conforto com a proximidade* que não é moderada pelo *tempo de relação*, diferentemente da mãe. E nos resultados sobre o pai, nós vemos que existem diferenças por *nacionalidade* na influência que a *inibição de exploração e individualidade* exerce sobre o

conforto com a proximidade sendo esta a única dimensão em que ocorre essa diferença por *nacionalidade*.

Vários autores defenderam que existem diferenças de apego entre pai e mãe assim como a importância de cada um deles (Bowlby, 1990; Cabrera et al., 2007; Cassidy, 1994; Easterbrooks & Goldberg, 1984; Pruett, 2010; Rosenberg & Wilcox, 2006). No nosso estudo, essas diferenças revelaram-se importantes uma vez que elas se verificaram em duas dimensões; a influência que a *nacionalidade* tem sobre a *inibição de exploração e individualidade* do pai no *conforto com a proximidade*, que existe no pai, mas não se manifesta na mãe. Também constatamos a influência que o *tempo de relação* amorosa tem sobre a *qualidade do laço emocional* à mãe sobre o *conforto com a proximidade*, situação que não se verifica para com o pai.

Podemos então concluir que, quando analisamos as diferenças entre a mãe e o pai, podemos observar que existem diferenças no *conforto com a proximidade* onde a *qualidade do laço emocional* da mãe do passado se torna evidente com o *tempo de relação*, mas isso não acontece relativamente ao pai. Esta situação mostra que, de fato, a *qualidade do laço emocional* da mãe se torna presente no *conforto com a proximidade* e que esta dimensão depende da *qualidade do laço emocional* que se teve com a mãe, e não com o pai.

Relativamente ao pai, nós verificamos que o *conforto com a proximidade* é inversamente influenciado pela *inibição de exploração e individualidade*, e que isso é moderado pela *nacionalidade*, mas o mesmo já não acontece com a mãe. Podemos então concluir que o *tempo de relação* torna presente a *qualidade do laço emocional* com a mãe, mas não com o pai, e que a *inibição de exploração e individualidade* relativa ao pai se torna presente na *nacionalidade*, não acontecendo isso com a mãe.

Nestas situações, nós percebemos que existem diferenças entre ambos os pais tal

como vários autores afirmaram (Bowlby, 1990; Cassidy, 1994; Easterbrooks & Goldberg, 1984; Pruett, 2010) e onde podemos também concluir que eles (pais) têm funções de apego diferentes e complementares, onde a mãe tem uma função de cuidar e de segurança (base segura) e o pai tem uma função de exploração e individualidade, e que ambos os pais se tornam necessários para o crescimento e desenvolvimento dos seus filhos (Cabrera et al., 2007; Diener, et al., 2002; Easterbrooks & Goldberg, 1984; Pruett, 2010; Rosenberg & Wilcox, 2006). Também observamos que existem diferenças por *nacionalidade*, relativas ao pai, o que confirma o que diversos autores já salientaram (Cassidy & Shaver, 2008; Lopez et al., 2000b; Ribas & Moura, 2004; Rothbaum et al., 2002, 2000; Schmitt et al., 2003; Wang & Mallinckrodt, 2006).

5.13. Conclusões

Quando analisamos as diferenças encontradas por cada um dos instrumentos, podemos verificar que existem diferenças por *nacionalidade* na percepção de apego aos pais entre os participantes portugueses e os brasileiros, na dimensão *inibição de exploração e individualidade* no QVPM, o qual mede a percepção do apego aos pais no passado. As razões dessas diferenças precisam de ser investigadas, uma vez que não existem diferenças nas outras dimensões e, aparentemente, esta situação poderia ser devida a diferenças sócio culturais. Podemos assim dizer que existem diferenças por *nacionalidade* na percepção de apego aos pais entre as duas nacionalidades.

Quanto ao *tempo de relação* amorosa, nós verificamos que ele não exerce qualquer influência na percepção de apego aos pais medido pelo QVPM. Percebemos que o *tempo de relação* amorosa não tem a capacidade de modificar a percepção de apego aos pais (QVPM) e, como tal, podemos concluir que o *tempo de relação* não consegue modificar os modelos

internos que a pessoa tem acerca de como foi o apego aos seus pais.

Quanto à vinculação aos pares/semelhantes medida pela EVA, nós podemos verificar que existem também diferenças por *nacionalidade*, mas apenas em duas dimensões, a *ansiedade* e a *confiança nos outros*, onde os participantes brasileiros têm um nível maior de *ansiedade* e uma menor *confiança nos outros* do que os portugueses. Verificamos aqui que temos duas dimensões que apresentam diferenças por *nacionalidade* e as causas dessas diferenças certamente que merecem novos estudos para que se possam clarificar as razões de tais diferenças, as quais se podem dever a fatores sócio culturais ou outros que precisam de ser investigados. Uma vez que a EVA indica maiores níveis de *ansiedade* e uma menor *confiança nos outros* na amostra brasileira, é percebe-se que entender as razões destes resultados poderia abrir as portas para ações que melhorassem estas dimensões as quais certamente que seriam do benefício de todos.

Já ao observar a influência do *tempo de relação* sobre as dimensões da EVA, verificamos que esse *tempo de relação* exerce influência sobre a *ansiedade* e sobre a *confiança nos outros*. Ou seja, quanto maior o *tempo de relação* amorosa, menor a *ansiedade* que a pessoa apresenta e também maior a confiança que ela tem nos outros. Percebemos assim uma influência positiva do *tempo de relação* amorosa sobre estas duas dimensões. Neste aspecto, seria interessante investigar se o *tempo de relação* amorosa também exerce influência sobre outros aspectos da personalidade e do comportamento, assim como analisar a sua importância e influência nesses outros possíveis aspectos que possam existir.

Com relação à influência do QVPM sobre a EVA (influência do passado sobre o presente), nós observamos que todas as dimensões do QVPM afetam toda e qualquer dimensão da EVA, mostrando que o passado afeta o presente, e isso é válido quer para as dimensões relativas ao pai, quer para as dimensões relativas à mãe. Podemos então concluir

que os modelos de apego do passado se mantêm presentes na atualidade, ou seja, que existe uma continuidade nos modelos de apego.

No entanto, ao examinarmos os resultados da influência do QVPM sobre a EVA moderados pela *nacionalidade*, verificamos que esta não exerce qualquer moderação em nenhuma dimensão, salvo na *inibição de exploração e individualidade* do pai, que analisaremos mais abaixo. O fato da *nacionalidade* não exercer qualquer moderação sobre as dimensões do QVPM sobre a EVA mostra-nos que as diferenças por *nacionalidade* encontradas na EVA se devem unicamente à influência do QVPM sobre a EVA e que nada têm a ver com a *nacionalidade*. Estes resultados indicam uma continuidade dos modelos de apego ao longo da vida e que eles não são afetados pela *nacionalidade*, pelo que as diferenças que se encontram na EVA em virtude da *nacionalidade*, como falámos anteriormente, se devem a possíveis fatores sócio culturais que precisam de ser estudados.

Relativamente à moderação do *tempo de relação* amorosa sobre os resultados do QVPM sobre a EVA, nós verificamos que o *tempo de relação* exerce moderação sobre a influência que a dimensão *qualidade do laço emocional* da mãe tem sobre o *conforto com a proximidade*. Isto evidencia que a *qualidade do laço emocional* à mãe exerce uma influência positiva no *conforto com a proximidade*, o que mostra que, de alguma maneira, o *tempo de relação* coloca em funcionamento os modelos internos ou as representações mentais da *qualidade do laço emocional* à mãe.

Por outro lado, o *tempo de relação* amorosa também exerce moderação sobre a influência que a *ansiedade de separação* exerce, quer na *ansiedade*, quer na *confiança nos outros*. Quando olhamos a moderação do *tempo de relação* sobre a influência que a *ansiedade de separação* tem sobre a *confiança nos outros* verificamos que existe uma influência inversa, isto é, o *tempo de relação* faz diminuir a influência que a *ansiedade de separação* à mãe tem

sobre a *confiança nos outros*. Em outras palavras, podemos dizer que a *confiança nos outros* aumenta de acordo com o *tempo de relação* amorosa. Já quanto à moderação do *tempo de relação* sobre a influência que a *ansiedade de separação* exerce sobre a *ansiedade*, essa é uma relação positiva, isto é, quanto maior o *tempo de relação* maior a influência que a *ansiedade de separação* exerce sobre a *ansiedade* que a pessoa sente com os pares/semelhantes. Assim, verifica-se que o *tempo de relação* aumenta a *ansiedade* que pessoa sente na sua relação com os seus pares/semelhantes e/ou que de alguma maneira esse *tempo de relação* ativa a influência que a *ansiedade de separação* do passado exerce sobre a *ansiedade* do presente. Ou seja, a *ansiedade de separação* do passado torna-se “presente” e aumenta a *ansiedade* do presente quando aumenta o *tempo de relação*.

Concluimos assim, que o *tempo de relação* aumenta a influência que a *ansiedade de separação* exerce sobre a *ansiedade* do presente. Ou seja, o *tempo de relação* aumenta a *ansiedade* que a pessoa tem com os seus pares – na verdade aumenta a influência que a *ansiedade de separação* do passado exerce sobre a *ansiedade* do presente. Mas, esse *tempo de relação* reduz a influência que essa *ansiedade de separação* tem sobre a *confiança nos outros* melhorando essa *confiança nos outros*. Isto nos leva a concluir que o *tempo de relação* melhora a *confiança nos outros*.

Podemos então perceber que o passado exerce influência sobre o presente e que o *tempo de relação* torna presente a *ansiedade de separação* do passado, aumentando a *ansiedade* que a pessoa hoje vive, mas que esse *tempo de relação* diminui que a influência que a *ansiedade de separação* tem sobre a *confiança nos outros* melhorando assim a *confiança nos outros* que a pessoa tem.

No entanto, e como podemos observar neste estudo, a *ansiedade* que a pessoa vive hoje, aparentemente, está em contradição com a *confiança nos outros*. Ou seja, se a pessoa

tem mais *ansiedade*, isso deveria significar menos *confiança nos outros*, o que nos leva a questionar as dimensões dos instrumentos e o que eles estão a medir, uma vez que aparentemente existe uma oposição de resultados, e eles só fazem sentido se a *ansiedade* medida pela EVA fosse *ansiedade de separação* do seu par amoroso e não *ansiedade* com os seus pares/semelhantes. Em outras palavras, poderíamos ver aqui a relação amorosa como uma relação de apego, onde os modelos internos e representações mentais do passado se tornam presentes na relação amorosa. Consideramos que todos estes questionamentos são válidos e requerem uma clarificação e estudos futuros.

No que se refere aos resultados comparados entre pai e mãe, podemos dizer que existem diferenças entre pai e mãe, uma vez que podemos concluir que o *tempo de relação* torna presente a influência que a *qualidade do laço emocional* com a mãe tem sobre o *conforto com a proximidade*, mas o mesmo não acontece com o pai. Verificamos também que a *inibição de exploração e individualidade* relativa ao pai, exerce influência sobre o *conforto com a proximidade* e que essa influência é moderada e se torna presente pela *nacionalidade*, não acontecendo o mesmo com relação à mãe.

Concluimos então que a mãe se torna presente no *conforto com a proximidade* através da *qualidade do laço emocional* e com o *tempo de relação*, ao passo que o pai se torna presente no *conforto com a proximidade* através da *inibição da exploração e individualidade* e com a *nacionalidade*, o que nos coloca perante aquilo que vários autores já disseram no sentido de que a mãe tem uma função de cuidar e de segurança (base segura que se manifesta pelo laço emocional) e o pai tem uma função de exploração e individualidade, e que ambos os pais se tornam necessários para o crescimento e desenvolvimento dos seus filhos. No nosso estudo, percebemos que a *qualidade do laço emocional* da mãe se torna presente com o *tempo de relação* e é importante no *conforto com a proximidade*. Igualmente observamos que a

inibição de exploração e individualidade do pai se torna presente com a *nacionalidade*, tendo uma relação inversa, nesse *conforto com a proximidade*.

Podemos então concluir que o *tempo de relação* amorosa tem uma relação com a *qualidade do laço emocional* com a mãe que se teve na infância, o que mostra que a *qualidade do laço emocional* com a mãe é importante para as relações amorosas (ou se torna importante nelas) e sobretudo para o *conforto com a proximidade*, enquanto a *inibição de exploração e individualidade* relativa ao pai e por *nacionalidade* tem influência sobre o *conforto com a proximidade*. Isto nos mostra que, para a mesma dimensão da EVA, *conforto com a proximidade*, é moderada pela *qualidade do laço emocional* à mãe e se torna importante e presente devido ao *tempo de relação* enquanto esse *conforto com a proximidade* é moderado pela *inibição de exploração e individualidade* relativa ao pai e se torna importante e presente devido à *nacionalidade*.

Observamos aqui que existem diferenças nos pais por *nacionalidade* quanto à *inibição de exploração e individualidade*, sendo que os pais brasileiros são vistos como mais inibidores de exploração e individualidade e que isso se reflete no menor *conforto com a proximidade* que as pessoas apresentam nas suas relações com os seus pares/semelhantes.

Quanto às razões pelas quais os pais brasileiros são vistos como mais inibidores precisa de ser estudada e melhor compreendida uma vez que isso acaba por se refletir no *conforto com a proximidade* e esse *conforto com a proximidade* está diretamente relacionado com a qualidade, quer das relações amorosas, quer das relações com o próximo.

Concluimos assim que, este estudo confirma e clarifica muitas das informações acerca do apego para além de lançar diversos questionamentos que precisam de ser esclarecidos e tidos em conta em estudos futuros.

Uma das conclusões que nos parecem dignas de nota é a diferença, e

consequentemente, a importância de ambos os progenitores, quer para o desenvolvimento da criança, quer para o futuro adulto. Verificamos que o *conforto com a proximidade* é moderado pelo *tempo de relação* amorosa, que exerce influência sobre a *qualidade do laço emocional* da mãe, o que mostra a sua importância para as relações amorosas e também para o *conforto com a proximidade*. Isto nos coloca perante a importância da mãe como base segura, como base para o conforto e como fator de estabilidade emocional. Quanto ao pai, ele acaba por estar relacionado à independência e à exploração, o que traz implicações no *conforto com a proximidade* e na independência e exploração que os indivíduos apresentam. Percebemos também que os modelos do passado tendem a permanecer ou a se fazerem presentes nas relações e vinculações do adulto, o que nos coloca perante a importância do passado para a saúde e bem-estar do adulto e das suas relações amorosas ou não.

Consideramos assim que este estudo fornece subsídios para se obter uma maior compreensão acerca da importância que o apego do passado tem sobre a qualidade das relações amorosas no presente e de como estas, por sua vez, também melhoram a qualidade de vida na medida em que aumentam a *confiança nos outros* e o *conforto com a proximidade*.

No âmbito da terapia, percebemos que, fazendo mudanças nas representações mentais que as pessoas têm do seu passado, levando-as a ver como foi o seu apego passado, tal como Bowlby fazia, podemos mudar o relacionamento que os pais têm com os seus filhos, o que é uma mais valia de grande importância, uma vez que, como o nosso estudo evidencia que o apego do passado exerce influência sobre a vinculação do presente. E nesta ordem de ideias, o nosso estudo demonstrou que todas dimensões do QVPM (passado), quer relativamente ao pai quer relativamente à mãe, afetam toda e qualquer dimensão da EVA (presente), revelando a importância de ambos os pais para o desenvolvimento dos seus filhos e para a maneira como estes se vão relacionar no futuro.

5.14. Recomendações

Como verificado neste trabalho, existe uma desproporção entre o gênero masculino e feminino em virtude da recolha da amostra ter sido feita em turmas de psicologia e como tal recomenda-se para estudos futuros amostras mais equilibradas em questão de gênero assim como em turmas que não as de psicologia. Igualmente se recomendam amostras maiores tanto femininas quanto masculinas as quais permitiriam trabalhar mais dados e obter mais informações.

Uma vez que é conhecido o fato de que o apego varia de acordo com a idade, sugere-se que em estudos futuros sejam levadas em consideração diferentes faixas etárias da população.

Em estudos futuros acerca da vinculação ou da psicopatologia, seria interessante verificar o tipo de família na qual a pessoa cresceu para tentar avaliar o possível impacto das diversas configurações familiares sobre a vinculação ou psicopatologia que a pessoa hoje apresenta.

Referências

- Ainsworth, M. D. (1989). Attachments beyond infancy. *The American psychologist*, 44(4), 709–716. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.44.4.709>
- Ainsworth, M. D. (1964). Patterns of attachment behavior shown by the infant in interaction with his mother. *Merrill-Palmer Quarterly*, 10(1), 51–58.
- Ainsworth, M. D. S. (1979). Attachment as related to mother-infant interaction. *Advances in the study of behavior*, 9, 1–51.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of Attachment: A Psychological Study of the Strange Situation* (Vol. 52).
- Ainsworth, Mary D. (1985). Patterns of infant-mother attachments: antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 771.
- Alcock, J. (2003). A textbook history of animal behaviour. *Animal Behaviour*, 65(1), 3–10. <https://doi.org/10.1006/anbe.2002.2044>
- Almeida, A. P., Esteves, M. de F. L., & Castro, F. V. (2013). Vinculação mãe bebê. *International Journal of Developmental and Educational Psychology: INFAD. Revista de Psicología*, 1(2), 729–736.
- Alsop-Shields, L., & Mohay, H. (2001). John Bowlby and James Robertson: theorists, scientists and crusaders for improvements in the care of children in hospital. *Journal of Advanced Nursing*, 35(1), 50–58.
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Artmed Editora.
- Aulete (2017). *Dicionário Aulete Digital* [em linha]. <http://www.aulete.com.br/> [consultado em 21-01-2017].
- Aurélio (2010). *Novo Dicionário Aurélio Eletrônico 6.0 - Conforme a Nova Ortografia*.

- Azevedo, M. (2013). Vinculação em casais adultos e sua relação com os respectivos estilos de vinculação parental. Recuperado de <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/5956>
- Baldwin, M. W., & Fehr, B. (1995). On the instability of attachment style ratings. *Personal Relationships*, 2(3), 247–261. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1995.tb00090.x>
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: a test of a four-category model. *Journal of personality and social psychology*, 61(2), 226–244. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.61.2.226>
- Bartholomew, K.; Shaver, P. (1998). Methods of Assessing Adult Attachment, Do They Converge? From J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 25-45). New York: Guilford Press, 1998.
- Bateson, P., & Laland, K. N. (2013). Tinbergen's four questions: an appreciation and an update. *Trends in ecology & evolution*, 28(12), 712-718.
- Beaton, D. E., Bombardier, C., Guillemin, F., & Ferraz, M. B. (2000). Guidelines for the process of cross-cultural adaptation of self-report measures. *Spine*, 25(24), 3186–3191.
- Beebe, B., & Lachmann, F. (2002). Organizing principles of interaction from infant research and the lifespan prediction of attachment: Application to adult treatment. *Journal of Infant, Child, and Adolescent Psychotherapy*, 2(4), 61–89.
- Bliss, E. L. (1980). Multiple personalities: A report of 14 cases with implications for schizophrenia and hysteria. *Archives of General Psychiatry*, 37(12), 1388–1397.
- Bliss, E. L. (1986). *Multiple personality, allied disorders, and hypnosis*. Oxford University Press, USA.
- Borsa, J. C., & Dias, A. C. G. (2007). Considerações acerca da relação mãe-bebê da gestação ao puerpério. *Rev. Contemporânea Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 2, 310–21.

- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31–39.
- Borsa, J. C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e validação de instrumentos psicológicos entre culturas: algumas considerações. *Paidéia*, 22(53), 423–432.
- Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: Their characters and home life. *International Journal of Psychoanalysis*, 25(19–52), 107–127.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *The International journal of psycho-analysis*, 39, 350.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1990). *Apego: apego e perda (Vol. 1 - 2ª ed.)*. Trilogia Apego e Perda. (A. Cabral, Trad.). Livraria Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1969).
- Bowlby, J. (1993a). *Separação: Angústia e raiva (Vol. 2. - 2ª ed.)* Trilogia Apego e perda. Livraria Martins Fontes Editora. Tradução de: Attachment and loss: Volume II: Separation – Anxiety and Anger (1973).
- Bowlby, J. (1993b). *Perda: tristeza e depressão (Vol. 3)*. Trilogia Apego e Perda. 1ª ed. 1993. Livraria Martins Fontes - São Paulo. Tradução do livro: Attachment and loss - Volume III: Loss – Sadness and Depression (1973).
- Bowlby, J. (2005). *A secure base: Clinical applications of attachment theory* (Vol. 393). Taylor & Francis.
- Bowlby, J., Ainsworth, M., Boston, M., & Rosenbluth, D. (1956). The effects of mother-child separation: a follow-up study. *British Journal of Medical Psychology*, 29(3–4), 211–247.

- Bowlby, J., Robertson, J., & Rosenbluth, D. (1952). A two-year-old goes to hospital. *The psychoanalytic study of the child*, 7(1), 82-94.
- Bragança, A. & Campos, R. (2010). Estilos de vinculação amorosa e experiências relacionais na infância de cariz disfuncional: Um estudo com uma amostra de estudantes universitários. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho, Portugal, 4 a 6 de Fevereiro de 2010.
- Brazelton, T. B., & Cramer, B. G. (1991). *The Earliest Relationship: Parents, Infants, and the Drama of Early Attachment*. Karnac Books.
- Brehm, S. S., Miller, R. S., Perlman, D., & Campbell, S. M. (2002). *Intimate relationships*. Boston: McGraw-Hill.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28–759.
- Bretherton, I. (2003). Mary Ainsworth: Insightful observer and courageous theoretician. *Portraits of pioneers in psychology*, 5, 317–331.
- Brumbaugh, C. C., & Fraley, R. C. (2006). Transference and attachment: how do attachment patterns get carried forward from one relationship to the next? *Personality and social psychology bulletin*, 32(4), 552–560. <https://doi.org/10.1177/0146167205282740>
- Burkhardt Jr., R. W. (2010). Konrad Lorenz. In M. D. Breed & J. Moore (Orgs.), *Encyclopedia of Animal Behavior* (p. 298–303). Oxford: Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-045337-8.00042-5>
- Burnham, D. L. (1965). Separation anxiety: A factor in the object relations of schizophrenic patients. *Archives of general psychiatry*, 13(4), 346–358.
- Cabrera, N. J., Shannon, J. D., & Tamis-LeMonda, C. (2007). Fathers' influence on their children's cognitive and emotional development: From toddlers to pre-K. *Applied*

- Development Science*, 11(4), 208–213.
- Canavarro, M. C. (1995). Escala de vinculação do adulto.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e Saúde Mental*. Quarteto Editora.
- Canavarro, M. C.; Dias, P. & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da adult attachment scale-r (aas-r) na população portuguesa. *Psicologia* v.20 n.1 Lisboa 2006
- Carlson, V. J., & Harwood, R. L. (2003). Alternate pathways to competence. *Attachment processes in couple and family therapy*, 85–99.
- Carlson, V. J., & Harwood, R. L. (2003). Attachment, culture, and the caregiving system: The cultural patterning of everyday experiences among Anglo and Puerto Rican mother-infant pairs. *Infant Mental Health Journal*, 24(1), 53–73.
<https://doi.org/10.1002/imhj.10043>
- Carlson, V., Cicchetti, D., Barnett, D., & Braunwald, K. (1989). Disorganized/disoriented attachment relationships in maltreated infants. *Developmental psychology*, 25(4), 525.
- Carnelley, K. B., Pietromonaco, P. R., & Jaffe, K. (1996). Attachment, caregiving, and relationship functioning in couples: Effects of self and partner. *Personal Relationships*, 3(3), 257–278.
- Carrillo, S. (1999). Mary Salter Ainsworth (1913-1999). *Revista Latinoamericana de Psicología*, 31(2), 383–386.
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: influences of attachment relationships. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59(2–3), 228–249.
<https://doi.org/10.2307/1166148>
- Cassidy, J. (2001). Truth, lies, and intimacy: an attachment perspective. *Attachment & human*

- development*, 3(2), 121–155. <https://doi.org/10.1080/14616730126482>
- Cassidy, J. (2008). The nature of the child's ties. Cassidy, Jude (Ed); Shaver, Phillip R. (Ed). *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*, 2nd ed., (pp. 3-22). New York, NY, US: Guilford Press, xix, 1020 pp.
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (2008). *Handbook of Attachment, Second Edition: Theory, Research, and Clinical Applications*. New York, NY, US: Guilford Press.
- Cohen, J., Cohen, P., West, S. G., & Aiken, L. S. (2003). *Applied Multiple Regression/Correlation Analysis for the Behavioral Sciences (3th ed.)*. New York: Routledge.
- Cohn, J. F., Matias, R., Tronick, E. Z., Connell, D., & Lyons-Ruth, K. (1986). Face-to-face interactions of depressed mothers and their infants. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 1986(34), 31–45.
- Collins, N. L. (1996). Working models of attachment: Implications for explanation, emotion and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 810-832.
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1990). Adult attachment, working models, and relationship quality in dating couples. *Journal of personality and social psychology*, 58(4), 644–663. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.58.4.644>
- Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models. In K. Bartholomew & D. Perlman (Orgs.), *Attachment processes in adulthood* (p. 53–90). London, England: Jessica Kingsley Publishers.
- Concord Media (2016). Robertson Films.
<http://www.concordmedia.org.uk/categories/robertson-films/> [acedido 25 novembro de 2016].

- Cozzarelli, C., Karafa, J. A., Collins, N. L., & Tagler, M. J. (2003). Stability and change in adult attachment styles: associations with personal vulnerabilities, life events, and global construals of self and others. *Journal of Social and Clinical Psychology, 22*(3), 315–346. <https://doi.org/10.1521/jscp.22.3.315.22888>
- Cranley, M. S. (1981). Development of a tool for the measurement of maternal attachment during pregnancy. *Nursing research, 30*(5), 281–284.
- Crowell, J. A., Treboux, D., & Waters, E. (2002). Stability of attachment representations: the transition to marriage. *Developmental psychology, 38*(4), 467–479. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.38.4.467>
- Dalbem, J. X., & Dell’Aglia, D. D. (2006). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia, 57*(1).
- Davila, J., Burge, D., & Hammen, C. (1997). Why does attachment style change? *Journal of personality and social psychology, 73*(4), 826–838. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.73.4.826>
- Davila, J., Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (1999). Attachment change processes in the early years of marriage. *Journal of personality and social psychology, 76*(5), 783–802. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.76.5.783>
- Davison, A. C. & Hinkley, D. V. (1997). *Bootstrap Methods and their Application*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Diamond, L. M., Hicks, A. M., & Otter-Henderson, K. D. (2008). Every time you go away: changes in affect, behavior, and physiology associated with travel-related separations from romantic partners. *Journal of personality and social psychology, 95*(2), 385.
- Diener, M. L., Mangelsdorf, S. C., McHale, J. L., & Frosch, C. A. (2002). Infants’ behavioral

- strategies for emotion regulation with fathers and mothers: Associations with emotional expressions and attachment quality. *Infancy*, 3(2), 153–174.
- Dixon, A. (2003). “At All Costs Let Us Avoid Any Risk of Allowing Our Hearts to be Broken Again”: A Review of John Bowlby’s Forty-Four Juvenile Thieves. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 8(2), 278–289.
<https://doi.org/10.1177/1359104503008002011>
- Doyle, A. B., Lawford, H., & Markiewicz, D. (2009). Attachment Style With Mother, Father, Best Friend, and Romantic Partner During Adolescence. *Journal of Research on Adolescence*, 19(4), 690–714. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2009.00617.x>
- Dozier, M., Manni, M., & Lindhiem, O. (2005). Lessons from the longitudinal studies of attachment. *Attachment from Infancy to Adulthood. The Major Longitudinal Studies*, 305–319.
- Duemmler, S. L., & Kobak, R. (2001). The development of commitment and attachment in dating relationships: attachment security as relationship construct. *Journal of adolescence*, 24(3), 401–415. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0406>
- Duniec, E., & Raz, M. (2011). Vitamins for the soul: John Bowlby’s thesis of maternal deprivation, biomedical metaphors and the deficiency model of disease. *History of psychiatry*, 22(1), 93–107.
- Easterbrooks, M. A., & Goldberg, W. A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child development*, 740–752.
- Editora, P. (2017). *Infopédia: Enciclopédia e Dicionários Porto Editora* [Em linha].
<http://www.infopedia.pt> [consultado em 21-01-2017]
- Efron, B. & Tibshirani, R. J. (1993). *An Introduction to the Bootstrap*. New York: Chapman and Hall.

- Egeland, B. & Sroufe, A. (1981). Developmental sequelae of maltreatment in infancy. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 1981(11), 77–92.
<https://doi.org/10.1002/cd.23219811106>
- Emde, R. N., Polak, P. R., & Spitz, R. A. (1965). Anaclitic depression in an infant raised in an institution. *Journal of the American Academy of Child Psychiatry*, 4(4), 545–553.
- Fairbairn, W. (1952). *Psychoanalytic Studies of the Personality*. Routledge.
- Faria, C., Bastos, A., Soares, I., & Silva, C. (2008). Organização da vinculação e qualidade da relação com os pais. *INFAD Revista de Psicologia*, (Nº1), 201–210.
- Feeney, J. A. (2004). Transfer of Attachment from Parents to Romantic Partners: Effects of Individual and Relationship Variables. *Journal of Family Studies*, 10(2), 220–238.
<https://doi.org/10.5172/jfs.327.10.2.220>
- Fonagy, P., Steele, H., & Steele, M. (1991). Maternal representations of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child development*, 62(5), 891–905. <https://doi.org/10.2307/1131141>
- Fonseca, R. P., Casarin, F. S., de Oliveira, C. R., Gindri, G., Ishigaki, E. C. S. S., Ortiz, K. Z., ... Scherer, L. C. (2011). Adaptação de instrumentos neuropsicológicos verbais: um fluxograma de procedimentos para além da tradução. *Interação em Psicologia (Qualis/CAPES: A2)*, 15.
- Fraley, R. C., & Davis, K. E. (1997). Attachment formation and transfer in young adults' close friendships and romantic relationships. *Personal relationships*, 4(2), 131–144.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (1999). Loss and bereavement: Attachment theory and recent controversies concerning “grief work” and the nature of detachment. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 735-759). New York: Guilford Press.

- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132–154. <https://doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>
- Freud, S. (1926). A situação traumática e as situações de perigo. In: *Inibições, Sintomas e Ansiedade*. Vol. XX. Imago.
- Freud, S. (1966). Dois verbetes de enciclopédia (1923). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 18, 287–311.
- Fuller, T. L., & Fincham, F. D. (1995). Attachment style in married couples: Relation to current marital functioning, stability over time, and method of assessment. *Personal Relationships*, 2(1), 17–34. <https://doi.org/10.1111/j.1475-6811.1995.tb00075.x>
- George, C., & Solomon, J. (1996). Representational models of relationships: Links between caregiving and attachment. *Infant Mental Health Journal*, 17(3), 198–216. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1097-0355\(199623\)17:3<198::AID-IMHJ2>3.0.CO;2-L](https://doi.org/10.1002/(SICI)1097-0355(199623)17:3<198::AID-IMHJ2>3.0.CO;2-L)
- George, C., & Solomon, J. (1999). Attachment and caregiving: The caregiving behavioral system. *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*, 649–670.
- George, C., Kaplan, N., Main, M., & others. (1985). Attachment interview for adults. *Unpublished manuscript, University of California, Berkeley*.
- Gleitman, H. F. & Reisberg, D. (2007). *Psicologia 7ª Ed*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Goldfarb, W. (1943). The Effects Of Early Institutional Care On Adolescent Personality. *The Journal of Experimental Education*, 12(2), 106–129. <https://doi.org/10.1080/00220973.1943.11010296>
- Gouveia, T. & Matos, P. (2011). Manual QVPM – Questionário de vinculação ao pai e à mãe.

- <https://sites.google.com/site/manualqvpm/> acessado 2016/06/30.
- Grossman, K. E., & Grossman, K. (2006). Universality of human social attachment as an adaptive process. *Attachment and bonding: A new synthesis*, 199–228.
- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). *Vinculação: Conceitos e aplicações*. Climepsi - Lisboa.
- Hambleton, R. K., Merenda, P. F., & Spielberger, C. D. (2005). Issues, designs, and technical guidelines for adapting tests into multiple languages and cultures. *Adapting educational and psychological tests for cross-cultural assessment, 1*, 3–38.
- Harlow, H. F. (1958). The nature of love. *American Psychologist, 13*(12), 673–685.
<https://doi.org/10.1037/h0047884>
- Harlow, H. F. (1962). The heterosexual affectional system in monkeys. *American Psychologist, 17*(1), 1.
- Harlow, H. F., & Zimmermann, R. R. (1959). Affectional responses in the infant monkey. *Science*. Recuperado de <http://psycnet.apa.org/psycinfo/1960-04110-001>
- Hazan, C., & Shaver, P. (1994). Attachment as an Organizational Framework for Research on Close Relationships. *Psychological Inquiry* 1994, Vol.5, No.1, 1-22
- Hazan, C. (2003). The essential nature of couple relationships. *Attachment processes in couple and family therapy*, 43–63.
- Hazan, C., & Selcuk, E. (2015). Normative Processes in Romantic Attachment: Introduction and Overview. In *Bases of Adult Attachment* (p. 3–8). Springer. Recuperado de http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-1-4614-9622-9_1
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of personality and social psychology, 52*(3), 511–524.
<https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>

- Hazan, C., & Zeifman, D. (1994). Sex and the psychological tether. In K. Bartholomew & D. Perlman (Orgs.), *Attachment processes in adulthood* (p. 151–178). London, England: Jessica Kingsley Publishers.
- Hazan, C., & Zeifman, D. (1999). Pair bonds as attachments: Evaluating the evidence. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Orgs.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (p. 336–354). New York, NY, US: Guilford Press.
- Heffernan, M. E., & Fraley, R. C. (2013). Do early caregiving experiences shape what people find attractive in adulthood? Evidence from a study on parental age. *Journal of Research in Personality, 47*(4), 364–368.
- Heffernan, M. E., & Fraley, R. C. (2015). How early experiences shape attraction, partner preferences, and attachment dynamics. In *Bases of adult attachment* (p. 107–128). Springer.
- Hellinger, B. (2007). *Ordens do Amor*. Editora Cultrix.
- Hennighausen, K., & Lyons-Ruth, K. (2011). Desorganização das estratégias de apego na infância. Recuperado de <http://www.encyclopedia-crianca.com/pages/PDF/Hennighausen-LyonsRuthPRTxp1.pdf>
- Hesse, E., & Main, M. (1999). Second-generation effects of unresolved trauma in nonmaltreating parents: Dissociated, frightened, and threatening parental behavior. *Psychoanalytic Inquiry, 19*(4), 481–540.
- Hinde, R. A., Thorpe, W. H., & Vince, M. A. (1956). The following response of young coots and moorhens. *Behaviour, 9*(1), 214–242.
- Holmes, B. M., & Johnson, K. R. (2009). *Adult attachment and romantic partner preference: A review* (Vol. 26).
- Horst, F. C. P. van der, & Veer, R. van der. (2008). Loneliness in Infancy: Harry Harlow, John

- Bowlby and Issues of Separation. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 42(4), 325–335. <https://doi.org/10.1007/s12124-008-9071-x>
- Horst, F. C. P. van der, Veer, R. van der, & Ijzendoorn, M. H. van. (2007). John Bowlby and ethology: An annotated interview with Robert Hinde. *Attachment & Human Development*, 9(4), 321–335. <https://doi.org/10.1080/14616730601149809>
- Howes, C., Rodning, C., Galluzzo, D. C., & Myers, L. (1988). Attachment and child care: Relationships with mother and caregiver. *Early Childhood Research Quarterly*, 3(4), 403–416. [https://doi.org/10.1016/0885-2006\(88\)90037-3](https://doi.org/10.1016/0885-2006(88)90037-3)
- Hunt, S. M., Alonso, J., Bucquet, D., Niero, M., Wiklund, I., McKenna, S., & others. (1991). Cross-cultural adaptation of health measures. *Health Policy*, 19(1), 33–44.
- IBM (2011). IBM SPSS Statistics 20 Brief Guide. Acedido em 30/06/2016:
ftp://public.dhe.ibm.com/software/analytics/spss/documentation/statistics/20.0/en/client/Manuals/IBM_SPSS_Statistics_Brief_Guide.pdf
- Kruuk, H. (2004). *Niko's Nature: The Life of Niko Tinbergen and His Science of Animal Behaviour* (1 edition). Oxford ; New York: Oxford University Press.
- La Guardia, J. G., Ryan, R. M., Couchman, C. E., & Deci, E. L. (2000). Within-person variation in security of attachment: a self-determination theory perspective on attachment, need fulfillment, and well-being. *Journal of personality and social psychology*, 79(3), 367–384. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.3.367>
- Landa, S., & Duschinsky, R. (2013). Letters from Ainsworth: Contesting the “Organization” of Attachment. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 22(2), 172.
- Lencastre, M. P. A. (2010). Etologia e psicologia evolutiva: perspectivas evolutivas para a psicologia clínica. *Psychologica*, (52–I), 149–192.

- Lopez, F. G., Melendez, M. C., & Rice, K. G. (2000). Parental divorce, parent–child bonds, and adult attachment orientations among college students: A comparison of three racial/ethnic groups. *Journal of Counseling Psychology, 47*(2), 177.
- Lorenz, K. (2002). *On aggression*. Psychology Press.
- Lorenz, K. (2016). "Konrad Lorenz - Facts". Nobelprize.org. Nobel Media AB 2014.
http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1973/lorenz-facts.html
[consultado em 9 Dezembro 2016].
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. Recuperado de
<https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/15052>
- Main, M. (1999). Epilogue. Attachment theory: Eighteen points with suggestions for future studies. In *Handbook of Attachment: Theory, Research, and Clinical Applications*, ed. J. Cassidy & P.R. Shaver. New York: Guilford Press, pp. 845-888.
- Main, M., & Cassidy, J. (1988). Categories of response to reunion with the parent at age 6: predictable from infant attachment classifications and stable over a 1-month period. *Developmental psychology, 24*(3), 415.
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure-disorganized/disoriented attachment pattern. In *Affective development in infancy* (p. 95–124).
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for identifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation. *Attachment in the preschool years: Theory, research, and intervention, 1*, 121–160.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in Infancy, Childhood, and Adulthood: A Move to the Level of Representation. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 50*(1/2), 66–104. <https://doi.org/10.2307/3333827>
- Markiewicz, D., Lawford, H., Doyle, A. B., & Haggart, N. (2006). Developmental

- Differences in Adolescents' and Young Adults' Use of Mothers, Fathers, Best Friends, and Romantic Partners to Fulfill Attachment Needs. *Journal of Youth and Adolescence*, 35(1), 121–134. <https://doi.org/10.1007/s10964-005-9014-5>
- Marris, P. (1958). *Widows and their families*. London: Routledge and Kegan Paul.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). Questionário de vinculação ao pai e à mãe. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, Paula M. & Gouveia, Tânia (2011): Manual QVPM (Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe) em: <https://sites.google.com/site/manualqvpm/> acessado em 08/03/2016
- McConnell, M., & Moss, E. (2011). Attachment across the Life Span: Factors that Contribute to Stability and Change. *Australian Journal of Educational & Developmental Psychology*, 11, 60–77.
- McElwain, N. L., & Booth-LaForce, C. (2006). Maternal sensitivity to infant distress and nondistress as predictors of infant-mother attachment security. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 247.
- Meloy, J. R. (2013). *The Mark of Cain: Psychoanalytic Insight and the Psychopath*. Routledge.
- Mercer, J. (2006). *Understanding attachment: parenting, child care, and emotional development*. Westport, Conn: Praeger Publishers.
- Michaelis (2017). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. [em linha] <http://michaelis.uol.com.br> [consultado em 21 janeiro, 2017]
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2009). Attachment theory: II. Developmental, psychodynamic and optimal-functioning aspects. *The Cambridge Handbook of Personality Psychology*, 247-261. Philip J. Corr and Gerald Matthews editors. UK,

Cambridge University Press

- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2010). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. Guilford Press.
- Mills, C. W. (1939). Language, Logic, and Culture. *American Sociological Review*, 4(5), 670–680. <https://doi.org/10.2307/2083575>
- Minuchin, P. (2002). Cross-Cultural Perspectives: Implications for Attachment Theory and Family Therapy. *Family Process*, 41(3), 546–550.
- Moreira, J. M. (2006). Será o estilo de vinculação específico para cada relação? Um estudo utilizando a teoria da generalizabilidade. *Psicologia*, 20(1), 127–154.
- Murray, S. L., Holmes, J. G., & Griffin, D. W. (1996). The self-fulfilling nature of positive illusions in romantic relationships: love is not blind, but prescient. *Journal of personality and social psychology*, 71(6), 1155.
- Overall, N. C., Fletcher, G. J. O., & Friesen, M. D. (2003). Mapping the intimate relationship mind: comparisons between three models of attachment representations. *Personality and social psychology bulletin*, 29(12), 1479–1493. <https://doi.org/10.1177/0146167203251519>
- Owens, G., Crowell, J. A., Pan, H., Treboux, D., O'Connor, E., & Waters, E. (1995). The prototype hypothesis and the origins of attachment working models: Adult relationships with parents and romantic partners. In E. Waters, B. E. Vaughn, G. Posada, & K. Kondo-Ikemura (Eds.), *Caregiving, cultural, and cognitive perspectives on secure-base behavior and working models: New growing points of attachment theory and research*. Monographs of the Society for Research in Child Development, 60(2–3, Serial No. 244), 216–233
- Piccinini, C. A., Gomes, A. G., Moreira, L. E., & Lopes, R. S. (2004). Expectativas e

- sentimentos da gestante em relação ao seu bebê. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 20(3), 223–232.
- Pichon, Rivièrre, Enrique (1980). Teoria del vínculo. Selección y revisión de Fernando Taragano. Nueva Visión; Buenos Aires.
- Prado, L. C., Gomes, A. G., Frizzo, G. B., Santos, C. A., Schwengber, D. D. S., Lopes, R. S., & Piccinini, C. A. (2009). Psicoterapia breve pais-bebê: Revisando a literatura. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 31(3 supl), 1–13.
- Priberam (2017). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2017, <http://www.priberam.pt/dlpo/> [consultado em 21-01-2017].
- Pruett, K. (2010). *Partnership parenting: How men and women parent differently-Why it helps your kids and can strengthen your marriage*. ReadHowYouWant.com.
- Renn, P. (2003). The Link Between Childhood Trauma and Later Violent. *A matter of security: The application of attachment theory to forensic psychiatry and psychotherapy*, 25, 109.
- Ribas, A. F. P., & Moura, M. L. S. (2004). Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 315–322.
- Ribeiro, I. G. (2010). *Vinculação aos pais e vinculação amorosa em casais portugueses*. Recuperado de <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/4121>
- Robertson Films (2016). James and Joyce Robertson. <http://www.robertsonfilms.info/> [consultado em 25 novembro de 2016]
- Rocha, M. M. (2008). O desenvolvimento das relações de vinculação na adolescência: Associações entre contextos relacionais com pais, pares e par amoroso. Recuperado de <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/22939>

- Roisman, G. I., Collins, W. A., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2005). Predictors of young adults' representations of and behavior in their current romantic relationship: Prospective tests of the prototype hypothesis. *Attachment & Human Development*, 7(2), 105–121.
- Rosenberg, J., & Wilcox, W. B. (2006). The Importance of Fathers in the Healthy Development of Children. *Child Abuse and Neglect User Manual Series*, 127.
- Rothbaum, F., & Morelli, G. (2005). Attachment and culture: Bridging relativism and universalism. *Culture and human development: The importance of cross-cultural research for the social sciences*, 99–124.
- Rothbaum, F., Rosen, K., Ujiie, T., & Uchida, N. (2002). Family Systems Theory, Attachment Theory, and Culture*. *Family process*, 41(3), 328–350.
- Rothbaum, F., Weisz, J., Pott, M., Miyake, K., & Morelli, G. (2000). Attachment and culture: Security in the United States and Japan. *American Psychologist*, 55(10), 1093.
- Rowe, A. C., & Carnelley, K. B. (2005). Preliminary support for the use of a hierarchical mapping technique to examine attachment networks. *Personal Relationships*, 12(4), 499–519.
- Ruschel, P., Fassini, G., Azevedo, L., Paiani, R., & Zielinsky, P. (2013). O apego materno-fetal e a ansiedade da gestante Maternal-fetal attachment and anxiety of pregnant woman, 16(2), 166–177.
- Ruschel, P., Zielinsky, P., Grings, C., Pimentel, J., Azevedo, L., Paniagua, R., & Nicoloso, L. H. (2014). Maternal–fetal attachment and prenatal diagnosis of heart disease. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, 174, 70–75.
- Salvaterra, M. F. (2007). Vinculação e adoção. Acessado em:

<http://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/75>

Schaffer, H. R., & Emerson, P. E. (1964). The Development of Social Attachments in Infancy. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 29(3), 1.

<https://doi.org/10.2307/1165727>

Scharfe, E. (2003). Stability and Change of Attachment Representations from Cradle to Grave. In *Attachment Processes in Couple and Family Therapy* (p. 84–104).

Schleidt, W. M. (2015). Lorenz, Konrad. (1903–1989). In J. D. Wright (Org.), *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences (Second Edition)* (Second Edition, p. 366–371). Oxford: Elsevier.

Schmidt, E. B., & Argimon, I. I. de L. (2009). Vinculação da gestante e apego materno fetal. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(43), 211–220.

Schmitt, D., Nader, M., & Casullo, M. M. (2003). Patrones y peculiaridades del apego romántico en adultos de 62 regiones culturales: ¿ Son los Modelos de Sí Mismo y Otros constructos panculturales? <https://doi.org/10.18682/pd.v4i0.497>

Seay, B., Hansen, E., & Harlow, H. (1962). Mother-infant separation in monkeys. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 3(3–4), 123–132.

Simpson, J. A., Rholes, W. S., Campbell, L., & Wilson, C. L. (2003). Changes in attachment orientations across the transition to parenthood. *Journal of Experimental Social Psychology*, 39(4), 317–331. [https://doi.org/10.1016/S0022-1031\(03\)00030-1](https://doi.org/10.1016/S0022-1031(03)00030-1)

Slade, A., Grienberger, J., Bernbach, E., Levy, D., & Locker, A. (2005). Maternal reflective functioning, attachment, and the transmission gap: a preliminary study. *Attachment & human development*, 7(3), 283–298. <https://doi.org/10.1080/14616730500245880>

Solomon, J., & George, C. (1996). Defining the caregiving system: Toward a theory of caregiving. *Infant mental health journal*, 17(3), 183–197.

- Sousa, C. M. M. (2008). A Vinculação Aos Pais, Par Romântico e Amigos e o Desenvolvimento Vocacional. Dissertação, 1–78.
- Spicer, P. (2011). Culture and infant mental health. *Current problems in pediatric and adolescent health care*, 41(7), 188–191.
- Sroufe, & Waters. (1977). Attachment as an organizational cconstruct. *Child Development*, 4(48), 1184–1199. <https://doi.org/10.2307/1128475>
- Sroufe, A., Egeland, B., Carlson, & Collins (2005). *The Development of the Person: The Minnesota Study of Risk and Adaptation from Birth to Adulthood*. New York: The Guilford Press, 2005.
- Sroufe, L. A. (1985). Attachment classification from the perspective of infant-caregiver relationships and infant temperament. *Child development*, 1–14.
- Sroufe, L. A. (2005). Attachment and development: a prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & human development*, 7(4), 349–367. <https://doi.org/10.1080/14616730500365928>
- Sroufe, L. A., Fox, N. E., & Pancake, V. R. (1983). Attachment and dependency in developmental perspective. *Child Development*, 54, 1615–1627. <https://doi.org/10.2307/1129825>
- Tinbergen (2016). “Nikolaas Tinbergen - Facts”. *Nobelprize.org*. Nobel Media AB 2014. <http://www.nobelprize.org/nobel_prizes/medicine/laureates/1973/tinbergen-facts.html> [consultado em 12/12/2016]
- Tinbergen, N. (1963). On aims and methods of ethology. *Zeitschrift fur Tierpsychologie*, 20, 410–433.
- Tinbergen, N., & Books, T.-L. (1965). *Animal behavior*. Time-Life Books.
- Toni, P. M. D., Marins, M. C., Natalia, L., & Weber, D. (2003). *Etologia humana : o exemplo*

- do apego. *Psico-USF*, 9, 99–104. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712004000100012>
- Van der Horst, F. C. P. (2011). John Bowlby—From Psychoanalysis to Ethology. Unraveling the Roots of Attachment Theory. Chichester (Wiley) 2011.
- Van der Kolk, B. A., & Fisler, R. (1995). Dissociation and the fragmentary nature of traumatic memories: Overview and exploratory study. *Journal of traumatic stress*, 8(4), 505–525.
- van Ijzendoorn, M. H., & Sagi-Schwartz, A. (2008). Cross-cultural patterns of attachment: Universal and contextual dimensions. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Orgs.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications (2nd ed.)* (p. 880–905). New York, NY, US: Guilford Press.
- Vaughn, B., Egeland, B., Sroufe, L. A., & Waters, E. (1979). Individual differences in infant–mother attachment at twelve and eighteen months: Stability and change in families under stress. *Child Development*, 50,971–975
- Vaz Serra. (2003). O que é um acontecimento traumático. In *O Distúrbio de Stress Pós-Traumático* (1º ed, p. 3–29). Coimbra.
- Vicedo, M. (2010). The evolution of Harry Harlow: from the nature to the nurture of love. *History of psychiatry*, 21(82 Pt 2), 190–205.
<https://doi.org/10.1177/0957154X10370909>
- Vicedo, M. (2011). The social nature of the mother’s tie to her child: John Bowlby’s theory of attachment in post-war America. *The British Journal for the History of Science*, 44(03), 401–426.
- Vygotsky, L. S. (1979). *Pensamento e Linguagem*. Lisboa: Antídoto.
- Vygotsky, L. S. (1984). *A formação Social da Mente*. SP: Martins Fontes.

- Wallon, H. (1966). *Do ato ao pensamento*. Porto Alegre: Portucália Editora.
- Wang, C.-C. D., & Mallinckrodt, B. S. (2006). Differences between Taiwanese and U.S. cultural beliefs about ideal adult attachment. *Journal of Counseling Psychology*, 53(2), 192–204. doi:10.1037/0022-0167.53.2.192
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment security in infancy and early adulthood: a twenty-year longitudinal study. *Child development*, 71(3), 684–9. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00176>
- White, J. R., & Freeman, A. S. (2000). *Cognitive-behavioral group therapy: For specific problems and populations*. American Psychological Association.
- Winnicott, D. W. (1965). *The maturational process and the facilitating environment: Studies in the Theory of Emotional Development*. London: The Hogarth Press
- Winnicott, D. W. (1971). *Playing and reality*. Psychology Press.
- Wylie, M. S., & Turner, L. (2011). The Attuned Therapist. *Psychotherapy Networker*, 19–27.
- Yalom, I. (2007). *The gift of therapy*. New York: HarperCollins Publishers Inc.
- Zeifman, D., & Hazan, C. (2008). Pair bonds as attachments: Reevaluating the evidence. Cassidy, Jude (Ed); Shaver, Phillip R. (Ed). (2008). *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications*, 2nd ed., (pp. 436-455). New York, NY, US: Guilford Press, xix, 1020 pp.
- Zhang, F., & Labouvie-Vief, G. (2004). Stability and fluctuation in adult attachment style over a 6-year period. *Attachment & human development*, 6(4), 419–437. <https://doi.org/10.1080/1461673042000303127>

Apêndice A – Caracterização da amostra

1. Distribuição por nacionalidade

		Nacional			
		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Brasileira	213	57,0	57,0	57,0
	Portug	161	43,0	43,0	100,0
	Total	374	100,0	100,0	

1.1. Distribuição por idade

	A.T.	A.T.		A.T.	
		Masc.	Fem.	Port.	Bras.
Idade min.	17	18	17	19	17
Idade máx.	60	60	59	49	60
Idade média	25,78 (DP= 8,073)	26,97 (DP=8,601)	25,48 (DP=7,919)	27,79 (DP=8,505)	24,26 (DP=7,395)
N	374	76	298	161	213

2. Distribuição por gênero na amostra total

		Sexo			
		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Fem	298	79,7	79,7	79,7
	Masc	76	20,3	20,3	100,0
	Total	374	100,0	100,0	

3. Distribuição do gênero dentro da nacionalidade

Sexo * Nacional Tabulação cruzada

Contagem

		Nacional		Total
		Brasileira	Portug	
Sexo	Fem	174	124	298
	Masc	39	37	76
Total		213	161	374

Sexo * Nacional Tabulação cruzada

		Nacional		Total	
		Brasileira	Portug		
Sexo	Fem	Contagem	174	124	298
		% dentro de Nacional	81,7%	77,0%	79,7%
	Masc	Contagem	39	37	76
		% dentro de Nacional	18,3%	23,0%	20,3%
Total		Contagem	213	161	374
		% dentro de Nacional	100,0%	100,0%	100,0%

4. Distribuição do gênero dentro da nacionalidade e na amostra total

Sexo * Nacional Tabulação cruzada

		Nacional		Total	
		Brasileira	Portug		
Sexo	Fem	Contagem	174	124	298
		% dentro de Sexo	58,4%	41,6%	100,0%
		% dentro de Nacional	81,7%	77,0%	79,7%
		% do Total	46,5%	33,2%	79,7%
	Masc	Contagem	39	37	76
		% dentro de Sexo	51,3%	48,7%	100,0%
		% dentro de Nacional	18,3%	23,0%	20,3%
		% do Total	10,4%	9,9%	20,3%
Total		Contagem	213	161	374
		% dentro de Sexo	57,0%	43,0%	100,0%
		% dentro de Nacional	100,0%	100,0%	100,0%
		% do Total	57,0%	43,0%	100,0%

5. Distribuição por relação amorosa dentro da amostra total

Rel_mais24				
	Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Relaç_menor24meses	260	69,5	69,5
	Relação maior 24 meses	114	30,5	100,0
	Total	374	100,0	100,0

6. Distribuição da relação amorosa dentro da nacionalidade

Rel_mais24 * Nacional Tabulação cruzada				
Contagem				
		Nacional		Total
		Brasileira	Portug	
Rel_mais24	Relaç_menor24meses	146	114	260
	Relação maior 24 meses	67	47	114
Total		213	161	374

Rel_mais24 * Nacional Tabulação cruzada					
		Nacional		Total	
		Brasileira	Portug		
Rel_mais24	Relaç_menor24meses	Contagem	146	114	260
		% dentro de Nacional	68,5%	70,8%	69,5%
	Relação_maior_24 meses	Contagem	67	47	114
		% dentro de Nacional	31,5%	29,2%	30,5%
Total	Contagem	213	161	374	
	% dentro de Nacional	100,0%	100,0%	100,0%	

Apêndice B – Output da consistência interna do QVPM

AMOSTRA TOTAL

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary		
	N	%
Valid	374	100,0
Cases Excluded ^a	0	,0
Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,943	10

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
qv_p2_QLE	42,00	133,164	,658
qv_p5_QLE	41,81	131,849	,704
qv_p8_QLE	42,93	128,969	,752
qv_p11_QLE	42,14	126,452	,815
qv_p14_QLE	41,85	129,706	,837
qv_p17_QLE	41,80	130,252	,818
qv_p20_QLE	41,93	128,482	,791
qv_p23_QLE	41,73	132,617	,734
qv_p27_QLE	42,62	131,329	,722
qv_p30_QLE	42,39	126,416	,824

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p2_QLE	,942
qv_p5_QLE	,940
qv_p8_QLE	,938
qv_p11_QLE	,935
qv_p14_QLE	,934
qv_p17_QLE	,935
qv_p20_QLE	,936
qv_p23_QLE	,938
qv_p27_QLE	,939
qv_p30_QLE	,934

Reliability**Scale: ALL VARIABLES****Case Processing Summary**

		N	%
	Valid	374	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,859	10

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p1_IEI	27,22	98,744	,530	,849
qv_p4_IEI	26,06	91,267	,618	,841
qv_p7_IEI	27,07	96,675	,507	,850
qv_p10_IEI	26,48	94,379	,520	,850
qv_p13_IEI	26,83	96,905	,525	,849
qv_p16_IEI	27,08	92,020	,632	,839
qv_p19_IEI	26,82	91,402	,601	,842
qv_p22_IEI	26,97	94,750	,558	,846
qv_p25_IEI	27,41	93,014	,624	,840
qv_p28_IEI	25,74	95,223	,544	,847

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	374	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,868	10

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
qv_p3_ASEP	29,96	101,014	,446
qv_p6_ASEP	29,80	90,871	,664
qv_p9_ASEP	31,52	99,548	,552
qv_p12_ASEP	30,58	95,703	,627
qv_p15_ASEP	30,99	95,351	,617
qv_p18_ASEP	30,72	96,543	,523
qv_p21_ASEP	30,19	97,740	,580
qv_p24_ASEP	29,81	91,580	,655
qv_p26_ASEP	31,28	98,136	,587
qv_p29_ASEP	31,34	96,064	,579

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p3_ASEP	,865
qv_p6_ASEP	,848
qv_p9_ASEP	,857
qv_p12_ASEP	,851
qv_p15_ASEP	,852
qv_p18_ASEP	,860
qv_p21_ASEP	,855
qv_p24_ASEP	,849
qv_p26_ASEP	,855
qv_p29_ASEP	,855

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
	Valid	374	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,920	10

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
qv_m2_QLE	46,04	72,428	,609
qv_m5_QLE	45,77	74,864	,593
qv_m8_QLE	46,55	70,769	,676
qv_m11_QLE	45,99	70,179	,763
qv_m14_QLE	45,83	72,980	,782
qv_m17_QLE	45,79	73,022	,727
qv_m20_QLE	45,78	71,882	,789
qv_m23_QLE	45,69	75,228	,664
qv_m27_QLE	46,58	70,679	,666
qv_m30_QLE	46,24	68,722	,777

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_m2_QLE	,917
qv_m5_QLE	,917
qv_m8_QLE	,913
qv_m11_QLE	,908
qv_m14_QLE	,908
qv_m17_QLE	,910
qv_m20_QLE	,907
qv_m23_QLE	,914
qv_m27_QLE	,914
qv_m30_QLE	,907

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary		
	N	%
Valid	374	100,0
Cases Excluded ^a	0	,0
Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,868	10

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_m1_IEI	28,26	97,528	,591	,855
qv_m4_IEI	27,84	96,114	,627	,852
qv_m7_IEI	28,87	98,986	,521	,861
qv_m10_IEI	28,46	98,506	,558	,857
qv_m13_IEI	28,06	96,771	,587	,855
qv_m16_IEI	28,93	96,510	,598	,854
qv_m19_IEI	28,80	96,313	,612	,853
qv_m22_IEI	29,05	98,284	,599	,854
qv_m25_IEI	29,26	96,776	,600	,854
qv_m28_IEI	27,36	99,722	,538	,859

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
	Valid	374	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,842	10

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
qv_m3_ASEP	33,24	92,953	,374
qv_m6_ASEP	32,82	84,912	,588
qv_m9_ASEP	34,61	87,161	,544
qv_m12_ASEP	33,71	85,706	,592
qv_m15_ASEP	33,96	85,224	,583
qv_m18_ASEP	33,86	87,175	,475
qv_m21_ASEP	33,41	89,900	,520
qv_m24_ASEP	32,90	85,294	,581
qv_m26_ASEP	34,33	85,933	,564
qv_m29_ASEP	34,42	84,517	,553

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_m3_ASEP	,841
qv_m6_ASEP	,823

qv_m9_ASEP	,827
qv_m12_ASEP	,823
qv_m15_ASEP	,823
qv_m18_ASEP	,834
qv_m21_ASEP	,830
qv_m24_ASEP	,823
qv_m26_ASEP	,825
qv_m29_ASEP	,826

AMOSTRA BRASILEIRA

Scale: ALL VARIABLES

		N	%
Cases	Valid	213	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Cronbach's Alpha	N of Items
,932	10

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
qv_p2_QLE	42,26	119,468	,660
qv_p5_QLE	42,15	120,345	,656
qv_p8_QLE	43,35	116,824	,732
qv_p11_QLE	42,47	114,100	,788

qv_p14_QLE	42,10	118,636	,810
qv_p17_QLE	42,07	120,604	,755
qv_p20_QLE	42,31	117,271	,742
qv_p23_QLE	41,95	121,875	,704
qv_p27_QLE	42,95	118,323	,706
qv_p30_QLE	42,73	115,206	,789

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p2_QLE	,929
qv_p5_QLE	,929
qv_p8_QLE	,925
qv_p11_QLE	,922
qv_p14_QLE	,922
qv_p17_QLE	,924
qv_p20_QLE	,924
qv_p23_QLE	,926
qv_p27_QLE	,926
qv_p30_QLE	,922

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
	Valid	213	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,818	10

Item-Total Statistics				
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p1_IEI	28,83	85,286	,471	,805
qv_p4_IEI	27,51	78,685	,574	,793
qv_p7_IEI	28,72	82,458	,482	,803
qv_p10_IEI	27,98	80,646	,476	,804
qv_p13_IEI	28,39	85,852	,411	,810
qv_p16_IEI	28,73	79,810	,554	,795
qv_p19_IEI	28,42	77,848	,553	,796
qv_p22_IEI	28,61	82,833	,460	,806
qv_p25_IEI	28,99	79,476	,577	,793
qv_p28_IEI	26,97	86,056	,430	,808

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	213	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items

.867	10
------	----

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
qv_p3_ASEP	30,34	103,566	,392
qv_p6_ASEP	29,96	91,352	,684
qv_p9_ASEP	31,71	99,800	,570
qv_p12_ASEP	30,68	97,786	,624
qv_p15_ASEP	31,42	96,906	,623
qv_p18_ASEP	31,03	99,320	,468
qv_p21_ASEP	30,37	98,101	,599
qv_p24_ASEP	29,99	92,825	,651
qv_p26_ASEP	31,47	98,826	,624
qv_p29_ASEP	31,45	95,701	,603

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p3_ASEP	,869
qv_p6_ASEP	,845
qv_p9_ASEP	,855
qv_p12_ASEP	,851
qv_p15_ASEP	,851
qv_p18_ASEP	,864
qv_p21_ASEP	,853
qv_p24_ASEP	,848
qv_p26_ASEP	,852
qv_p29_ASEP	,853

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	213	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,899	10

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
qv_m2_QLE	46,40	62,741	,555
qv_m5_QLE	46,29	64,460	,530
qv_m8_QLE	47,13	60,083	,623
qv_m11_QLE	46,42	60,141	,715
qv_m14_QLE	46,23	63,386	,747
qv_m17_QLE	46,26	62,487	,678
qv_m20_QLE	46,29	61,479	,757
qv_m23_QLE	46,09	66,044	,577
qv_m27_QLE	47,06	59,463	,644
qv_m30_QLE	46,76	58,516	,738

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_m2_QLE	,895
qv_m5_QLE	,896
qv_m8_QLE	,892
qv_m11_QLE	,884
qv_m14_QLE	,885

qv_m17_QLE	,887
qv_m20_QLE	,883
qv_m23_QLE	,894
qv_m27_QLE	,890
qv_m30_QLE	,883

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

		N	%
Cases	Valid	213	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Cronbach's Alpha	N of Items
,842	10

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total	Cronbach's Alpha if Item
	Deleted	Deleted	Correlation	Deleted
qv_m1_IEI	29,97	85,858	,595	,822
qv_m4_IEI	29,50	86,666	,580	,824
qv_m7_IEI	30,78	87,953	,487	,833
qv_m10_IEI	30,22	86,994	,538	,828
qv_m13_IEI	29,71	87,547	,519	,829
qv_m16_IEI	30,76	85,638	,559	,826
qv_m19_IEI	30,67	84,825	,583	,823

qv_m22_IEI	30,94	87,171	,554	,826
qv_m25_IEI	31,07	85,345	,560	,826
qv_m28_IEI	28,83	94,518	,389	,840

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
	Valid	213	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,840	10

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
qv_m3_ASEP	34,08	93,785	,333
qv_m6_ASEP	33,39	85,126	,611
qv_m9_ASEP	35,15	87,138	,528
qv_m12_ASEP	34,27	86,369	,598
qv_m15_ASEP	34,81	84,751	,613
qv_m18_ASEP	34,60	87,826	,452
qv_m21_ASEP	34,00	90,019	,527
qv_m24_ASEP	33,51	86,638	,566
qv_m26_ASEP	34,94	85,926	,581

qv_m29_ASEP	34,90	83,999	,551
-------------	-------	--------	------

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_m3_ASEP	,843
qv_m6_ASEP	,818
qv_m9_ASEP	,826
qv_m12_ASEP	,820
qv_m15_ASEP	,818
qv_m18_ASEP	,834
qv_m21_ASEP	,827
qv_m24_ASEP	,823
qv_m26_ASEP	,821
qv_m29_ASEP	,824

AMOSTRA PORTUGUESA

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	161	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,955	10

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
qv_p2_QLE	41,65	151,928	,660
qv_p5_QLE	41,36	147,557	,763
qv_p8_QLE	42,38	145,324	,784
qv_p11_QLE	41,70	143,263	,853
qv_p14_QLE	41,52	144,989	,868
qv_p17_QLE	41,44	143,623	,886
qv_p20_QLE	41,42	143,682	,854
qv_p23_QLE	41,43	147,521	,769
qv_p27_QLE	42,19	149,056	,745
qv_p30_QLE	41,94	141,696	,866

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p2_QLE	,956
qv_p5_QLE	,952
qv_p8_QLE	,951
qv_p11_QLE	,948
qv_p14_QLE	,948
qv_p17_QLE	,947
qv_p20_QLE	,948
qv_p23_QLE	,952
qv_p27_QLE	,953
qv_p30_QLE	,948

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	161	100,0
	Excluded ^a	0	,0

Total	161	100,0
-------	-----	-------

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,895	10

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p1_IEI	25,09	109,180	,595	,887
qv_p4_IEI	24,15	102,028	,647	,884
qv_p7_IEI	24,90	107,765	,542	,890
qv_p10_IEI	24,50	106,252	,556	,890
qv_p13_IEI	24,78	104,675	,634	,884
qv_p16_IEI	24,89	100,333	,738	,877
qv_p19_IEI	24,71	102,045	,667	,882
qv_p22_IEI	24,81	102,844	,683	,881
qv_p25_IEI	25,32	103,818	,680	,881
qv_p28_IEI	24,11	103,258	,638	,884

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

	N	%
Valid	161	100,0
Cases Excluded ^a	0	,0
Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,871	10

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
qv_p3_ASEP	29,45	97,812	,542
qv_p6_ASEP	29,60	90,728	,637
qv_p9_ASEP	31,27	99,725	,526
qv_p12_ASEP	30,45	93,511	,637
qv_p15_ASEP	30,42	93,307	,642
qv_p18_ASEP	30,32	93,183	,606
qv_p21_ASEP	29,95	97,773	,553
qv_p24_ASEP	29,58	90,408	,660
qv_p26_ASEP	31,02	97,718	,540
qv_p29_ASEP	31,20	97,110	,552

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_p3_ASEP	,863
qv_p6_ASEP	,855
qv_p9_ASEP	,864
qv_p12_ASEP	,855
qv_p15_ASEP	,855
qv_p18_ASEP	,858
qv_p21_ASEP	,862
qv_p24_ASEP	,853
qv_p26_ASEP	,863
qv_p29_ASEP	,862

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	161	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,940	10

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
qv_m2_QLE	45,56	85,311	,663
qv_m5_QLE	45,09	88,292	,668
qv_m8_QLE	45,78	84,325	,764
qv_m11_QLE	45,42	83,344	,814
qv_m14_QLE	45,31	85,665	,817
qv_m17_QLE	45,17	86,757	,781
qv_m20_QLE	45,11	85,325	,825
qv_m23_QLE	45,16	87,374	,744
qv_m27_QLE	45,94	85,259	,699
qv_m30_QLE	45,55	81,837	,827

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_m2_QLE	,939
qv_m5_QLE	,938

qv_m8_QLE	,934
qv_m11_QLE	,931
qv_m14_QLE	,932
qv_m17_QLE	,933
qv_m20_QLE	,931
qv_m23_QLE	,935
qv_m27_QLE	,937
qv_m30_QLE	,931

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

		N	%
Cases	Valid	161	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Cronbach's Alpha	N of Items
,889	10

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total	Cronbach's Alpha if Item
	Deleted	Deleted	Correlation	Deleted
qv_m1_IEI	25,99	104,531	,556	,883
qv_m4_IEI	25,64	100,682	,648	,877
qv_m7_IEI	26,34	102,914	,581	,882
qv_m10_IEI	26,13	104,789	,562	,883

qv_m13_IEI	25,88	101,205	,631	,878
qv_m16_IEI	26,52	101,214	,645	,877
qv_m19_IEI	26,34	101,362	,661	,876
qv_m22_IEI	26,55	102,599	,673	,875
qv_m25_IEI	26,86	102,406	,649	,877
qv_m28_IEI	25,42	100,557	,655	,876

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	161	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,847	10

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
qv_m3_ASEP	32,11	90,200	,479
qv_m6_ASEP	32,07	84,169	,554
qv_m9_ASEP	33,89	86,825	,563
qv_m12_ASEP	32,98	84,399	,579
qv_m15_ASEP	32,84	84,161	,582
qv_m18_ASEP	32,87	85,139	,517

qv_m21_ASEP	32,63	89,234	,503
qv_m24_ASEP	32,11	82,920	,596
qv_m26_ASEP	33,53	85,338	,536
qv_m29_ASEP	33,78	85,021	,554

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
qv_m3_ASEP	,839
qv_m6_ASEP	,833
qv_m9_ASEP	,832
qv_m12_ASEP	,830
qv_m15_ASEP	,830
qv_m18_ASEP	,836
qv_m21_ASEP	,837
qv_m24_ASEP	,828
qv_m26_ASEP	,834
qv_m29_ASEP	,833

Apêndice C – Output da consistência interna da EVA

AMOSTRA TOTAL

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	374	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,813	6

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_3_ANS	12,15	14,095	,612
eva_4_ANS	12,77	16,050	,477
eva_9_ANS	12,30	15,741	,486
eva_10_ANS	12,10	13,752	,657
eva_11_ANS	12,42	14,120	,686
eva_15_ANS	12,51	14,915	,531

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_3_ANS	,775

eva_4_ANS	,803
eva_9_ANS	,802
eva_10_ANS	,764
eva_11_ANS	,758
eva_15_ANS	,793

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

		N	%
Cases	Valid	374	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Cronbach's Alpha	N of Items
,658	6

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
eva_1_CPRO	18,01	8,402	,565
eva_6_CPRO	18,52	10,443	,112
eva_8i_CPRO	17,38	8,709	,510
eva_12_CPRO	17,62	9,180	,416
eva_13i_CPRO	17,34	9,540	,342
eva_14_CPRO	18,13	8,625	,445

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_1_CPRO	,551
eva_6_CPRO	,717
eva_8i_CPRO	,572
eva_12_CPRO	,606
eva_13i_CPRO	,631
eva_14_CPRO	,594

Reliability**Scale: ALL VARIABLES****Case Processing Summary**

		N	%
	Valid	374	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,717	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_1_CPRO	15,13	6,800	,569
eva_8i_CPRO	14,50	6,916	,552
eva_12_CPRO	14,74	7,399	,441

eva_13i_CPRO	14,47	7,638	,385
eva_14_CPRO	15,25	7,028	,439

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_1_CPRO	,631
eva_8i_CPRO	,639
eva_12_CPRO	,683
eva_13i_CPRO	,704
eva_14_CPRO	,686

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	374	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,535	6

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_2i_COUT	16,09	10,183	,208

eva_5_COUT	17,07	12,659	-,110
eva_7i_COUT	15,28	9,933	,338
eva_16i_COUT	16,24	8,305	,430
eva_17i_COUT	15,49	9,007	,382
eva_18i_COUT	15,57	8,675	,501

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_2i_COUT	,525
eva_5_COUT	,648
eva_7i_COUT	,467
eva_16i_COUT	,404
eva_17i_COUT	,437
eva_18i_COUT	,380

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	374	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,525	5

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_5_COUT	14,02	10,450	-,199
eva_7i_COUT	12,22	7,287	,380
eva_16i_COUT	13,18	5,874	,463
eva_17i_COUT	12,43	6,669	,378
eva_18i_COUT	12,51	6,175	,552

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_5_COUT	,713
eva_7i_COUT	,421
eva_16i_COUT	,340
eva_17i_COUT	,410
eva_18i_COUT	,298

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary		
	N	%
Valid	374	100,0
Cases Excluded ^a	0	,0
Total	374	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items

,713	4
------	---

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_7i_COUT	10,15	7,021	,492
eva_16i_COUT	11,11	5,860	,511
eva_17i_COUT	10,36	6,723	,413
eva_18i_COUT	10,44	6,156	,608

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_7i_COUT	,659
eva_16i_COUT	,648
eva_17i_COUT	,704
eva_18i_COUT	,587

AMOSTRA BRASILEIRA

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
	Valid	213	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items

.802	6
------	---

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_3_ANS	12,54	14,354	,662
eva_4_ANS	13,08	17,182	,448
eva_9_ANS	12,69	16,921	,466
eva_10_ANS	12,33	14,921	,621
eva_11_ANS	12,77	15,077	,653
eva_15_ANS	12,85	16,040	,496

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_3_ANS	,745
eva_4_ANS	,794
eva_9_ANS	,790
eva_10_ANS	,755
eva_11_ANS	,749
eva_15_ANS	,785

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
Cases	Valid	213	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,701	6

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
eva_1_CPRO	17,83	9,946	,603
eva_6_CPRO	18,28	11,845	,214
eva_8i_CPRO	17,19	10,335	,555
eva_12_CPRO	17,34	10,593	,492
eva_13i_CPRO	17,08	11,474	,349
eva_14_CPRO	17,98	10,462	,426

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_1_CPRO	,605
eva_6_CPRO	,732
eva_8i_CPRO	,623
eva_12_CPRO	,642
eva_13i_CPRO	,686
eva_14_CPRO	,663

Reliability**Scale: ALL VARIABLES****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	213	100,0
	Excluded ^a	0	,0

Total	213	100,0
-------	-----	-------

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Cronbach's Alpha	N of Items
,732	5

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_1_CPRO	14,97	7,645	,597
eva_8i_CPRO	14,33	7,893	,569
eva_12_CPRO	14,48	7,996	,530
eva_13i_CPRO	14,23	8,798	,377
eva_14_CPRO	15,12	8,108	,413

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_1_CPRO	,646
eva_8i_CPRO	,658
eva_12_CPRO	,672
eva_13i_CPRO	,728
eva_14_CPRO	,721

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

	N	%
--	---	---

	Valid	213	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,459	6

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
eva_2i_COUT	15,94	9,450	,206
eva_5_COUT	16,60	11,987	-,151
eva_7i_COUT	15,08	9,555	,244
eva_16i_COUT	16,06	8,114	,349
eva_17i_COUT	15,31	8,402	,339
eva_18i_COUT	15,47	8,128	,447

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_2i_COUT	,426
eva_5_COUT	,601
eva_7i_COUT	,407
eva_16i_COUT	,335
eva_17i_COUT	,345
eva_18i_COUT	,286

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary

		N	%
Cases	Valid	213	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,426	5

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
eva_5_COUT	13,65	9,946	-,246
eva_7i_COUT	12,13	7,011	,274
eva_16i_COUT	13,11	5,789	,367
eva_17i_COUT	12,36	6,231	,320
eva_18i_COUT	12,53	5,600	,524

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_5_COUT	,661
eva_7i_COUT	,338
eva_16i_COUT	,244
eva_17i_COUT	,291
eva_18i_COUT	,129

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary		
	N	%
Valid	213	100,0
Cases Excluded ^a	0	,0
Total	213	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,661	4

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_7i_COUT	9,84	6,789	,417
eva_16i_COUT	10,82	5,858	,437
eva_17i_COUT	10,06	6,595	,333
eva_18i_COUT	10,23	5,669	,604

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_7i_COUT	,611
eva_16i_COUT	,599
eva_17i_COUT	,667
eva_18i_COUT	,481

AMOSTRA PORTUGUESA

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary		
	N	%
Valid	161	100,0
Cases Excluded ^a	0	,0
Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,829	6

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_3_ANS	11,64	13,382	,538
eva_4_ANS	12,35	14,341	,511
eva_9_ANS	11,79	13,805	,521
eva_10_ANS	11,79	12,118	,712
eva_11_ANS	11,96	12,567	,739
eva_15_ANS	12,06	13,159	,580

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_3_ANS	,814
eva_4_ANS	,818
eva_9_ANS	,817
eva_10_ANS	,776
eva_11_ANS	,772
eva_15_ANS	,805

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary		
	N	%
Valid	161	100,0
Cases Excluded ^a	0	,0
Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,565	6

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_1_CPRO	18,25	6,303	,486
eva_6_CPRO	18,84	8,474	-,062
eva_8i_CPRO	17,63	6,496	,423
eva_12_CPRO	17,99	7,119	,291
eva_13i_CPRO	17,69	6,828	,338
eva_14_CPRO	18,32	6,180	,475

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_1_CPRO	,437
eva_6_CPRO	,689
eva_8i_CPRO	,466
eva_12_CPRO	,526

eva_13i_CPRO	,505
eva_14_CPRO	,438

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
	Valid	161	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
Total		161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,689	5

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_1_CPRO	15,35	5,641	,513
eva_8i_CPRO	14,73	5,575	,518
eva_12_CPRO	15,09	6,442	,308
eva_13i_CPRO	14,78	5,971	,406
eva_14_CPRO	15,41	5,593	,480

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_1_CPRO	,609
eva_8i_CPRO	,607
eva_12_CPRO	,694

eva_13i_CPRO	,655
eva_14_CPRO	,623

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

Case Processing Summary			
		N	%
	Valid	161	100,0
Cases	Excluded ^a	0	,0
Total		161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,640	6

Item-Total Statistics			
	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_2i_COUT	16,28	11,153	,202
eva_5_COUT	17,71	12,920	,051
eva_7i_COUT	15,54	10,375	,462
eva_16i_COUT	16,47	8,513	,526
eva_17i_COUT	15,73	9,762	,432
eva_18i_COUT	15,70	9,426	,583

Item-Total Statistics	
	Cronbach's Alpha if Item Deleted

eva_2i_COUT	,662
eva_5_COUT	,688
eva_7i_COUT	,567
eva_16i_COUT	,526
eva_17i_COUT	,572
eva_18i_COUT	,517

Reliability

Scale: ALL VARIABLES

		N	%
Cases	Valid	161	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Cronbach's Alpha	N of Items
,662	5

	Scale Mean if Item	Scale Variance if Item	Corrected Item-Total
	Deleted	Deleted	Correlation
eva_5_COUT	14,50	10,764	-,055
eva_7i_COUT	12,34	7,674	,526
eva_16i_COUT	13,27	6,009	,584
eva_17i_COUT	12,52	7,276	,454
eva_18i_COUT	12,49	6,976	,617

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_5_COUT	,769
eva_7i_COUT	,566
eva_16i_COUT	,517
eva_17i_COUT	,592
eva_18i_COUT	,516

Reliability**Scale: ALL VARIABLES****Case Processing Summary**

		N	%
Cases	Valid	161	100,0
	Excluded ^a	0	,0
	Total	161	100,0

a. Listwise deletion based on all variables in the procedure.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,769	4

Item-Total Statistics

	Scale Mean if Item Deleted	Scale Variance if Item Deleted	Corrected Item-Total Correlation
eva_7i_COUT	10,56	7,073	,591
eva_16i_COUT	11,49	5,639	,600
eva_17i_COUT	10,75	6,666	,513
eva_18i_COUT	10,71	6,705	,607

Item-Total Statistics

	Cronbach's Alpha if Item Deleted
eva_7i_COUT	,710
eva_16i_COUT	,704
eva_17i_COUT	,744
eva_18i_COUT	,697

Apêndice D – Influência da Nacionalidade sobre as dimensões do QVPM

1. Média das Dimensões do QVPM por Nacionalidade

Means

		Report					
Nacionalidade		QLE PAI	IEI PAI	ASEP PAI	QLE MÃE	IEI MÃE	ASEP MÃE
Brasileira	Mean	4,7150	3,1460	3,4268	5,1657	3,3606	3,8183
	Std. Deviation	1,20379	,99548	1,08866	,86918	1,02890	1,02823
	N	213	213	213	213	213	213
Portuguesa	Mean	4,6335	2,7472	3,3696	5,0453	2,9075	3,6534
	Std. Deviation	1,33861	1,12772	1,07605	1,02310	1,11655	1,02023
	N	161	161	161	161	161	161
Total	Mean	4,6799	2,9743	3,4021	5,1139	3,1655	3,7473
	Std. Deviation	1,26249	1,07138	1,08217	,93912	1,08946	1,02668
	N	374	374	374	374	374	374

Bootstrap

Bootstrap Specifications	
Sampling Method	Stratified
Number of Samples	5000
Confidence Interval Level	95,0%
Confidence Interval Type	Bias-corrected and accelerated (BCa)
Strata Variables	Nacionalidade, Tempo_rel

2. Influência da Nacionalidade sobre as Dimensões do QVPM_PAI

2.1. Influência da nacionalidade sobre a dimensão QLE_PAI.

Regression

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: QLE_PAI

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,032 ^a	,001	-,002	1,26354

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
	Regression	,609	1	,609	,381	,537 ^b
1	Residual	593,911	372	1,597		
	Total	594,520	373			

a. Dependent Variable: QLE_PAI

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients	Standardized Coefficients	t	Sig.

	B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	4,715	,087	54,461	,000
	Nacionalidade	-,081	,132	-,032	-,618 ,537

a. Dependent Variable: QLE_PAI

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	4,715	,002	,083	,000	4,546	4,878
	Nacionalidade	-,081	-,001	,134	,543	-,345	,179

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.2. Influência da nacionalidade sobre a dimensão IEI_PAI.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: IEI_PAI

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,185 ^a	,034	,031	1,05439

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	
1	Regression	14,583	1	14,583	13,117	,000 ^b
	Residual	413,570	372	1,112		
	Total	428,154	373			

a. Dependent Variable: IEI_PAI

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	3,146		
	Nacionalidade	-,399	,110	-,185	-3,622	,000

a. Dependent Variable: IEI_PAI

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,146	-,001	,069	,000	3,017	3,277
	Nacionalidade	-,399	-,001	,111	,000	-,619	-,180

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.3. Influência da nacionalidade sobre a dimensão ASEP_PAI.

Regression

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ASEP_PAI

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,026 ^a	,001	-,002	1,08325

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	,300	1	,300	,256	,613 ^b
	Residual	436,518	372	1,173		
	Total	436,818	373			

a. Dependent Variable: ASEP_PAI

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	3,427		
	Nacionalidade	-,057	,113	-,026	-,506	,613

a. Dependent Variable: ASEP_PAI

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,427	,002	,076	,000	3,281	3,573
	Nacionalidade	-,057	-,001	,115	,615	-,284	,166

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

3. Influência da Nacionalidade sobre as Dimensões do QVPM_MÃE

3.1. Influência da nacionalidade sobre a dimensão do QLE_MÃE.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: QLE_MÃE

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,064 ^a	,004	,001	,93848

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA ^a					
Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.

	Regression	1,329	1	1,329	1,509	,220 ^b
1	Residual	327,639	372	,881		
	Total	328,968	373			

a. Dependent Variable: QLE_MÃE

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	5,166	,064		80,333	,000
	Nacionalidade	-,120	,098	-,064	-1,228	,220

a. Dependent Variable: QLE_MÃE

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	5,166	,000	,057	,000	5,042	5,279
	Nacionalidade	-,120	-,001	,099	,217	-,322	,077

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

3.2. Influência da nacionalidade sobre a dimensão IEI_MÃE.

Regression

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade ^b		Enter

a. Dependent Variable: IEI_MÃE

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,206 ^a	,043	,040	1,06748

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	18,825	1	18,825	16,520	,000 ^b
	Residual	423,900	372	1,140		
	Total	442,725	373			

a. Dependent Variable: IEI_MÃE

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	3,361		
	Nacionalidade	-,453	,111	-,206	-4,065	,000

a. Dependent Variable: IEI_MÃE

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,361	,000	,070	,000	3,224	3,498
	Nacionalidade	-,453	,002	,113	,000	-,681	-,219

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

3.3. Influência da nacionalidade sobre a dimensão ASEP_MÃE.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: ASEP_MÃE

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,080 ^a	,006	,004	1,02480

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
	Regression	2,493	1	2,493	2,374	,124 ^b
1	Residual	390,679	372	1,050		
	Total	393,172	373			

a. Dependent Variable: ASEP_MÃE

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Coefficients ^a				
Model	Unstandardized Coefficients	Standardized Coefficients	t	Sig.

	B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,818	,070	54,378	,000
	Nacionalidade	-,165	,107	-,080	-1,541 ,124

a. Dependent Variable: ASEP_MÃE

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a				BCa 95% Confidence Interval	
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	Lower	Upper	
1	(Constant)	3,818	-,001	,069	,000	3,678	3,953
	Nacionalidade	-,165	-,001	,105	,123	-,376	,041

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Resumo da Nacionalidade sobre o QVPM:

- Podemos dizer que os participantes brasileiros apresentam um nível mais elevado de *inibição de exploração e individualidade* do que os participantes portugueses, e isto quer relativamente à mãe quer ao pai.
- Não existem diferenças entre os brasileiros e os portugueses no que diz respeito às dimensões *qualidade do laço emocional e ansiedade de separação* quer relativamente ao pai quer à mãe.

Os resultados só parcialmente dão suporte à Hipótese 1, “Existem diferenças na percepção do apego aos pais em função da *nacionalidade*.”, já que apenas no que respeita à dimensão *inibição da exploração e individualidade* se observaram diferenças por *nacionalidade*.

Apêndice E – Influência do Tempo de Relação Amorosa sobre o QVPM

1. Média das Dimensões do QVPM por Tempo de Relação

Means

Tempo_rel		Report					
		QLE_PA I	IEI_PA I	ASEP_PA I	QLE_MÃ E	IEI_MÃ E	ASEP_M ÃE
< 24 meses	Mean	4,6777	3,0254	3,4327	5,1258	3,1596	3,7877
	Std. Deviation	1,24704	1,07368	1,10218	,93217	1,06261	1,05270
	N	260	260	260	260	260	260
=> 24 meses	Mean	4,6851	2,8579	3,3325	5,0868	3,1789	3,6553
	Std. Deviation	1,30263	1,06163	1,03646	,95838	1,15310	,96286
	N	114	114	114	114	114	114
Total	Mean	4,6799	2,9743	3,4021	5,1139	3,1655	3,7473
	Std. Deviation	1,26249	1,07138	1,08217	,93912	1,08946	1,02668
	N	374	374	374	374	374	374

Bootstrap

Bootstrap Specifications	
Sampling Method	Stratified
Number of Samples	5000
Confidence Interval Level	95,0%
Confidence Interval Type	Bias-corrected and accelerated (BCa)

Strata Variables	Nacionalidade, Tempo_rel
------------------	-----------------------------

2. Influência do Tempo de Relação sobre QVPM_PA1

2.1. Influência do tempo de relação sobre QLE_PA1.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: QLE_PA1

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,003 ^a	,000	-,003	1,26418

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	,004	1	,004	,003	,958 ^b
	Residual	594,515	372	1,598		
	Total	594,520	373			

a. Dependent Variable: QLE_PA1

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Coefficients ^a					
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	4,678	,078	59,663	,000
	Tempo_rel	,007	,142	,003	,052

a. Dependent Variable: QLE_PA1

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a				BCa 95% Confidence Interval	
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	Lower	Upper	
1	(Constant)	4,678	-,001	,078	,000	4,524	4,825
	Tempo_rel	,007	,003	,144	,954	-,286	,297

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.2. Influência do tempo de relação sobre IEI_PA1.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: IEI_PA1

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,072 ^a	,005	,003	1,07003

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	2,223	1	2,223	1,942	,164 ^b
	Residual	425,930	372	1,145		
	Total	428,154	373			

a. Dependent Variable: IEI_PAI

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	3,025		
	Tempo_rel	-,167	,120	-,072	-1,393	,164

a. Dependent Variable: IEI_PAI

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,025	-,001	,065	,000	2,897	3,152
	Tempo_rel	-,167	,002	,115	,153	-,389	,067

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.3. Influência do tempo de relação sobre ASEP_PA I.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: ASEP_PA I

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,043 ^a	,002	-,001	1,08264

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	,796	1	,796	,679	,410 ^b
	Residual	436,022	372	1,172		
	Total	436,818	373			

a. Dependent Variable: ASEP_PA I

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Coefficients ^a						
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,433	,067		51,126	,000

Tempo_rel	-,100	,122	-,043	-,824	,410
-----------	-------	------	-------	-------	------

a. Dependent Variable: ASEP_PAI

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,433	,002	,069	,000	3,293	3,575
	Tempo_rel	-,100	-,004	,121	,413	-,331	,126

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

3. Influência do Tempo de Relação sobre o QVPM_MÃE

3.1. Influência do tempo de relação sobre QLE_MÃE.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: QLE_MÃE

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,019 ^a	,000	-,002	,94021

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	
1	Regression	,120	1	,120	,136	,713 ^b
	Residual	328,848	372	,884		
	Total	328,968	373			

a. Dependent Variable: QLE_MÃE

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	5,126		
	Tempo_rel	-,039	,106	-,019	-,369	,713

a. Dependent Variable: QLE_MÃE

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	5,126	,001	,057	,000	5,007	5,238
	Tempo_rel	-,039	-,002	,106	,720	-,253	,161

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

3.2. Influência do tempo de relação sobre IEI_MÃE.

Regression

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: IEI_MÃE

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,008 ^a	,000	-,003	1,09089

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	,030	1	,030	,025	,875 ^b
	Residual	442,695	372	1,190		
	Total	442,725	373			

a. Dependent Variable: IEI_MÃE

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,160	,068		46,702	,000
	Tempo_rel	,019	,123	,008	,158	,875

a. Dependent Variable: IEI_MÃE

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a			
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval
				Lower	Upper
1					

1	(Constant)	3,160	6,192E-005	,064	,000	3,037	3,285
	Tempo_rel	,019	,001	,121	,874	-,215	,255

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

3.3. Influência do tempo de relação sobre ASEP_MÃE.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ASEP_MÃE

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,059 ^a	,004	,001	1,02624

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
	Regression	1,390	1	1,390	1,320	,251 ^b
1	Residual	391,782	372	1,053		
	Total	393,172	373			

a. Dependent Variable: ASEP_MÃE

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Coefficients ^a					
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
	B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,788	,064	59,513	,000
	Tempo_rel	-,132	,115	-,059	-1,149

a. Dependent Variable: ASEP_MÃE

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a				BCa 95% Confidence Interval	
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	Lower	Upper	
1	(Constant)	3,788	,000	,065	,000	3,658	3,917
	Tempo_rel	-,132	-,002	,112	,238	-,352	,082

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Resumo do Tempo de Relação sobre o QVPM

Não existem diferenças estatisticamente significativas entre os participantes com menos *tempo de relação* amorosa e os participantes com maior *tempo de relação* amorosa e isto para as três dimensões do QVPM, quer relativamente à mãe quer relativamente ao pai. (Os valores das dimensões não variam por ação do *tempo de relação*).

A Hipótese 2, “Existem diferenças na percepção do apego aos pais em função do *tempo de relação* amorosa”, não é confirmada.

Apêndice F – Influência da Nacionalidade sobre as Dimensões da EVA

1. Média das Dimensões da EVA por Nacionalidade

Means

Nacionalidade		Report		
		ANS	CPRO	COUT
Brasileira	Mean	2,5423	3,6563	3,4120
	Std. Deviation	,77840	,68833	,78844
	N	213	213	213
Portuguesa	Mean	2,3861	3,7677	3,6258
	Std. Deviation	,71527	,58219	,82022
	N	161	161	161
Total	Mean	2,4750	3,7043	3,5040
	Std. Deviation	,75487	,64632	,80817
	N	374	374	374

Bootstrap

Bootstrap Specifications	
Sampling Method	Stratified
Number of Samples	5000
Confidence Interval Level	95,0%
Confidence Interval Type	Bias-corrected and accelerated (BCa)
Strata Variables	Nacionalidade, Tempo_rel

2. Influência da Nacionalidade sobre as Dimensões da EVA

2.1. Influência da nacionalidade sobre a dimensão ansiedade (EVA).

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: ANS

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,103 ^a	,011	,008	,75190

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	2,235	1	2,235	3,953	,048 ^b
	Residual	210,310	372	,565		
	Total	212,545	373			

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Coefficients ^a						
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	2,542	,052		49,346	,000
	Nacionalidade	-,156	,079	-,103	-1,988	,048

a. Dependent Variable: ANS

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	2,542	,001	,052	,000	2,444	2,645
	Nacionalidade	-,156	,000	,076	,042	-,305	-,006

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.2. Influência da nacionalidade sobre a dimensão conforto com a proximidade.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: CPRO

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,085 ^a	,007	,005	,64482

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA ^a					
Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.

	Regression	1,137	1	1,137	2,735	,099 ^b
1	Residual	154,676	372	,416		
	Total	155,813	373			

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	3,656		
	Nacionalidade	,111	,067	,085	1,654	,099

a. Dependent Variable: CPRO

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
					1	(Constant)	3,656
	Nacionalidade	,111	-,002	,064	,088	-,012	,234

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.3. Influência da nacionalidade sobre a dimensão confiança nos outros.

Regression

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
-------	-------------------	-------------------	--------

1	Nacionalidade ^b	. Enter
---	----------------------------	---------

a. Dependent Variable: COUT

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,131 ^a	,017	,015	,80226

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
	Regression	4,191	1	4,191	6,512	,011 ^b
1	Residual	239,427	372	,644		
	Total	243,619	373			

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	3,412	,055	
	Nacionalidade	,214	,084	,131	2,552	,011

a. Dependent Variable: COUT

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a		
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)
				BCa 95% Confidence Interval

					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,412	-,002	,054	,000	3,306	3,515
	Nacionalidade	,214	,001	,082	,010	,047	,380

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Resumo da nacionalidade sobre a EVA

1. Podemos dizer que os participantes brasileiros apresentam uma média mais elevada de *ansiedade* do que os participantes portugueses e essa diferença é estatisticamente significativa.

2. Não existe diferença entre os brasileiros e os portugueses no que diz respeito ao *conforto com a proximidade*.

3. Quanto à dimensão *confiança nos outros*, verificamos que os participantes portugueses têm uma média mais elevada do que os participantes brasileiros e essa diferença é estatisticamente significativa.

Os resultados confirmam parcialmente a Hipótese 3, “Existem diferenças na vinculação aos pares em função da *nacionalidade*.”, verificando-se diferenças entre participantes brasileiros e portugueses nas dimensões *ansiedade* e *confiança nos outros*: os participantes brasileiros apresentam maior *ansiedade* e menor *confiança nos outros* que os participantes portugueses.

Apêndice G – Influência do Tempo de Relação sobre as Dimensões da EVA

1. Média das Dimensões da EVA por Tempo de Relação

Means

Tempo rel		Report		
		ANS	CPRO	COUT
	Mean	2,5583	3,6762	3,4356
< 24 meses	N	260	260	260
	Std. Deviation	,73457	,64303	,79236
	Mean	2,2851	3,7684	3,6601
=> 24 meses	N	114	114	114
	Std. Deviation	,76929	,65206	,82556
	Mean	2,4750	3,7043	3,5040
Total	N	374	374	374
	Std. Deviation	,75487	,64632	,80817

Bootstrap

Bootstrap Specifications	
Sampling Method	Stratified
Number of Samples	5000
Confidence Interval Level	95,0%
Confidence Interval Type	Bias-corrected and accelerated (BCa)
Strata Variables	Nacionalidade, Tempo_rel

2. Influência do Tempo de Relação sobre as Dimensões da EVA

2.1. Influência do tempo de relação sobre a dimensão ansiedade (EVA).

Regression

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ANS

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,167 ^a	,028	,025	,74529

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
	Regression	5,917	1	5,917	10,653	,001 ^b
1	Residual	206,628	372	,555		
	Total	212,545	373			

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Coefficients^a

Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	
	B	Std. Error	Beta			
	1	(Constant)	2,558			,046
	Tempo_rel	-,273	,084	-,167	-3,264	,001

a. Dependent Variable: ANS

Model	B	Bootstrap for Coefficients					
		Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	2,558	,000	,046	,000	2,469	2,650
	Tempo_rel	-,273	-,001	,085	,002	-,445	-,106

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.2. Influência do tempo de relação sobre o conforto com a proximidade.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: CPRO

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,066 ^a	,004	,002	,64579

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	
1	Regression	,675	1	,675	1,618	,204 ^b
	Residual	155,138	372	,417		
	Total	155,813	373			

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	3,676		
	Tempo_rel	,092	,073	,066	1,272	,204

a. Dependent Variable: CPRO

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,676	,001	,040	,000	3,595	3,755
	Tempo_rel	,092	-,001	,074	,214	-,050	,233

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.3. Influência do tempo de relação sobre a confiança nos outros.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel ^b		Enter

a. Dependent Variable: COUT

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,128 ^a	,016	,014	,80259

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
	Regression	3,995	1	3,995	6,201	,013 ^b
1	Residual	239,624	372	,644		
	Total	243,619	373			

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel

Coefficients ^a						
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,436	,050		69,023	,000
	Tempo_rel	,225	,090	,128	2,490	,013

a. Dependent Variable: COUT

Bootstrap for Coefficients								
Model	B	Bootstrap ^a						
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval			
					Lower	Upper		
1	(Constant)	3,436	-,001	,048	,000	3,340	3,524	
	Tempo_rel	,225	,002	,088	,012	,037	,408	

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Resumo do tempo de relação sobre a EVA

1. A *ansiedade* é maior nos participantes com menos *tempo de relação* amorosa do que nos participantes com mais *tempo de relação* amorosa e essa diferença é estatisticamente significativa.

2. Não existem diferenças estatisticamente significativas quanto à dimensão *conforto com a proximidade*.

3. A *confiança nos outros* é maior nos participantes com maior *tempo de relação* amorosa e essa diferença é estatisticamente significativa.

Os resultados confirmam parcialmente a Hipótese 4, “Existem diferenças na vinculação aos pares em função da estabilidade da relação amorosa.”, verificando-se diferenças por *tempo de relação* nas dimensões *ansiedade* e *confiança nos outros*: os participantes com menos *tempo de relação* apresentam maior *ansiedade* e menor *confiança nos outros* que os participantes com mais *tempo de relação* amorosa.

Apêndice H – Análises de Regressão do QVPM sobre as Dimensões da EVA

1. Análises de Regressão do QVPM_MÃE sobre as Dimensões da EVA

Bootstrap

Bootstrap Specifications	
Sampling Method	Stratified
Number of Samples	5000
Confidence Interval Level	95,0%
Confidence Interval Type	Bias-corrected and accelerated (BCa)
Strata Variables	Nacionalidade, Tempo_rel

1.1. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a ansiedade da EVA.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ANS

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,381 ^a	,145	,138	,70073

a. Predictors: (Constant), ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	
1	Regression	30,869	3	10,290	20,956	,000 ^b
	Residual	181,676	370	,491		
	Total	212,545	373			

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors: (Constant), ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	1,740	,270		6,448	,000
	QLE_MÃE	-,136	,052	-,170	-2,621	,009
	IEI_MÃE	,120	,036	,174	3,326	,001
	ASEP_MÃE	,281	,045	,382	6,230	,000

a. Dependent Variable: ANS

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	1,740	-,002	,284	,000	1,159	2,293
	QLE_MÃE	-,136	-,001	,053	,011	-,237	-,032
	IEI_MÃE	,120	,001	,035	,001	,050	,194
	ASEP_MÃE	,281	,001	,045	,000	,189	,371

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

1.2. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre o conforto com a proximidade.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE ^b		. Enter

a. Dependent Variable: CPRO

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,283 ^a	,080	,073	,62240

a. Predictors: (Constant), ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	12,481	3	4,160	10,739	,000 ^b
	Residual	143,332	370	,387		
	Total	155,813	373			

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors: (Constant), ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE

Coefficients ^a				
Model	Unstandardized Coefficients	Standardized Coefficients	t	Sig.

	B	Std. Error	Beta		
	(Constant)	3,505	,240	14,623	,000
1	QLE_MÃE	,159	,046	,231	3,437 ,001
	IEI_MÃE	-,091	,032	-,153	-2,819 ,005
	ASEP_MÃE	-,087	,040	-,138	-2,175 ,030

a. Dependent Variable: CPRO

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
	(Constant)	3,505	-,005	,231	,000	3,049	3,952
1	QLE_MÃE	,159	,001	,046	,001	,065	,254
	IEI_MÃE	-,091	,001	,034	,010	-,161	-,022
	ASEP_MÃE	-,087	,000	,045	,053	-,169	-,001

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

1.3. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a confiança nos outros.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE ^b		. Enter

a. Dependent Variable: COUT

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,376 ^a	,141	,134	,75189

a. Predictors: (Constant), ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	34,445	3	11,482	20,309	,000 ^b
	Residual	209,174	370	,565		
	Total	243,619	373			

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors: (Constant), ASEP_MÃE, IEI_MÃE, QLE_MÃE

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	4,031		
	QLE_MÃE	,147	,056	,171	2,639	,009
	IEI_MÃE	-,211	,039	-,285	-5,447	,000
	ASEP_MÃE	-,163	,048	-,207	-3,376	,001

a. Dependent Variable: COUT

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a				
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval	
					Lower	Upper

	(Constant)	4,031	,008	,282	,000	3,488	4,607
1	QLE_MÃE	,147	-,001	,055	,009	,034	,254
	IEI_MÃE	-,211	-,001	,043	,000	-,295	-,131
	ASEP_MÃE	-,163	,000	,052	,003	-,261	-,063

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2. Análises de Regressão do QVPM_PAIS sobre as Dimensões da EVA

Bootstrap

Bootstrap Specifications	
Sampling Method	Stratified
Number of Samples	5000
Confidence Interval Level	95,0%
Confidence Interval Type	Bias-corrected and accelerated (BCa)
Strata Variables	Nacionalidade, Tempo_rel

2.1. Análise de regressão do QVPM_PAIS sobre a ansiedade da EVA.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	ASEP_PAIS, IEI_PAIS, QLE_PAIS ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ANS

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,385 ^a	,148	,142	,69941

a. Predictors: (Constant), ASEP_PA1, IEI_PA1, QLE_PA1

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	31,550	3	10,517	21,499	,000 ^b
	Residual	180,995	370	,489		
	Total	212,545	373			

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors: (Constant), ASEP_PA1, IEI_PA1, QLE_PA1

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	1,967		
	QLE_PA1	-,184	,042	-,307	-4,386	,000
	IEI_PA1	,120	,035	,171	3,413	,001
	ASEP_PA1	,297	,049	,425	6,089	,000

a. Dependent Variable: ANS

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a
-------	---	------------------------

		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	1,967	-,003	,198	,000	1,579	2,347
	QLE_PA I	-,184	,001	,041	,000	-,263	-,100
	IEI_PA I	,120	,000	,034	,001	,053	,190
	ASEP_PA I	,297	-,001	,046	,000	,209	,382

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.2. Análise de regressão do QVPM_PA I sobre o conforto com a proximidade.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I ^b		. Enter

a. Dependent Variable: CPRO

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,275 ^a	,076	,068	,62394

a. Predictors: (Constant), ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.	
1	Regression	11,773	3	3,924	10,081	,000 ^b
	Residual	144,040	370	,389		
	Total	155,813	373			

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors: (Constant), ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I

Coefficients ^a						
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	
	B	Std. Error	Beta			
1	(Constant)	3,721	,163		22,873	,000
	QLE_PA I	,126	,037	,245	3,363	,001
	IEI_PA I	-,103	,031	-,171	-3,267	,001
	ASEP_PA I	-,088	,043	-,147	-2,020	,044

a. Dependent Variable: CPRO

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,721	-,006	,191	,000	3,348	4,077
	QLE_PA I	,126	,000	,037	,001	,054	,198
	IEI_PA I	-,103	,001	,035	,003	-,172	-,032
	ASEP_PA I	-,088	,001	,044	,051	-,173	,003

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

2.3. Análise de regressão do QVPM_PA I sobre a confiança nos outros.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	ASEP_PA1, IEI_PA1, QLE_PA1 ^b		. Enter

a. Dependent Variable: COUT

b. All requested variables entered.

Model Summary				
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,337 ^a	,113	,106	,76403

a. Predictors: (Constant), ASEP_PA1, IEI_PA1, QLE_PA1

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	27,632	3	9,211	15,779	,000 ^b
	Residual	215,987	370	,584		
	Total	243,619	373			

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors: (Constant), ASEP_PA1, IEI_PA1, QLE_PA1

Coefficients ^a						
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,709	,199		18,620	,000
	QLE_PA1	,174	,046	,271	3,793	,000

IEI_PAIS	-,172	,039	-,228	-4,454	,000
ASEP_PAIS	-,149	,053	-,199	-2,797	,005

a. Dependent Variable: COUT

Bootstrap for Coefficients						
Model	B	Bootstrap ^a				
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval	
					Lower	Upper
(Constant)	3,709	-,002	,238	,000	3,261	4,156
1 QLE_PAIS	,174	,001	,048	,000	,080	,270
IEI_PAIS	-,172	-1,667E-005	,040	,000	-,251	-,093
ASEP_PAIS	-,149	-,001	,055	,006	-,256	-,041

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Resumo das regressões do QVPM_MÃE sobre as dimensões da EVA.

1. Na amostra, a *ansiedade* da EVA é afetada pelas 3 variáveis da mãe do QVPM, quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente.

2. O *conforto com a proximidade* é afetado pelas três variáveis do QVPM (mãe), quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente, quando na amostra total.

3. A *confiança nos outros* é afetada pelas três variáveis da mãe do QVPM, quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente.

Apêndice I – Análises de Regressão do QVPM sobre a EVA Moderadas pela Nacionalidade

1. Análises de Regressão do QVPM_MÃE sobre a EVA Moderadas pela Nacionalidade

Bootstrap

Bootstrap Specifications	
Sampling Method	Stratified
Number of Samples	5000
Confidence Interval Level	95,0%
Confidence Interval Type	Bias-corrected and accelerated (BCa)
Strata Variables	Nacionalidade, Tempo_rel

1.1. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a ansiedade da EVA moderada pela nacionalidade.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE ^b		. Enter
2	IEI_MÃExNac, ASEP_MÃExNac, QLE_MÃExNac ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ANS

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,384 ^a	,148	,138	,70070	,148	15,974	4	369	,000
2	,399 ^b	,159	,143	,69876	,012	1,685	3	366	,170

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, IEI_MÃExNac, ASEP_MÃExNac, QLE_MÃExNac

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	31,372	4	7,843	15,974	,000 ^b
	Residual	181,173	369	,491		
	Total	212,545	373			
2	Regression	33,840	7	4,834	9,901	,000 ^c
	Residual	178,705	366	,488		
	Total	212,545	373			

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE

c. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, IEI_MÃExNac, ASEP_MÃExNac, QLE_MÃExNac

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error			
				Beta		
1	(Constant)	1,831	,284		6,438	,000
	QLE_MÃE	-,142	,052	-,177	-2,718	,007

	IEI_MÃE	,111	,037	,161	2,996	,003
	ASEP_MÃE	,281	,045	,382	6,234	,000
	Nacionalidade	-,076	,076	-,050	-1,012	,312
	(Constant)	2,272	,393		5,775	,000
	QLE_MÃE	-,166	,073	-,207	-2,275	,023
	IEI_MÃE	,044	,050	,063	,868	,386
2	ASEP_MÃE	,257	,058	,350	4,401	,000
	Nacionalidade	-,981	,548	-,645	-1,790	,074
	QLE_MÃExNac	,049	,105	,169	,469	,639
	IEI_MÃExNac	,145	,075	,310	1,940	,053
	ASEP_MÃExNac	,054	,092	,139	,593	,554

a. Dependent Variable: ANS

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
	(Constant)	1,831	,003	,308	,000	1,201	2,441
	QLE_MÃE	-,142	-,001	,055	,010	-,246	-,038
1	IEI_MÃE	,111	,001	,036	,002	,042	,185
	ASEP_MÃE	,281	,000	,046	,000	,190	,368
	Nacionalidade	-,076	,000	,073	,294	-,221	,069
	(Constant)	2,272	,017	,427	,000	1,421	3,136
	QLE_MÃE	-,166	-,003	,078	,031	-,309	-,021
	IEI_MÃE	,044	,001	,050	,379	-,058	,144
2	ASEP_MÃE	,257	-,001	,062	,000	,137	,378
	Nacionalidade	-,981	-,030	,598	,091	-2,184	,101
	QLE_MÃExNac	,049	,004	,110	,655	-,170	,275
	IEI_MÃExNac	,145	,000	,074	,051	-,000	,288
	ASEP_MÃExNac	,054	,003	,088	,531	-,114	,224

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

1	,289 ^a	,084	,074	,62205	,084	8,420	4	369	,000
2	,298 ^b	,089	,072	,62275	,005	,723	3	366	,539

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, IEI_MÃExNac, ASEP_MÃExNac, QLE_MÃExNac

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	13,032	4	3,258	8,420	,000 ^b
	Residual	142,781	369	,387		
	Total	155,813	373			
2	Regression	13,872	7	1,982	5,110	,000 ^c
	Residual	141,941	366	,388		
	Total	155,813	373			

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE

c. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, IEI_MÃExNac, ASEP_MÃExNac, QLE_MÃExNac

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,410	,252		13,507	,000
	QLE_MÃE	,165	,046	,240	3,551	,000
	IEI_MÃE	-,081	,033	-,137	-2,462	,014
	ASEP_MÃE	-,087	,040	-,138	-2,180	,030
	Nacionalidade	,080	,067	,061	1,193	,234
2	(Constant)	3,186	,351		9,086	,000
	QLE_MÃE	,170	,065	,248	2,618	,009
	IEI_MÃE	-,043	,045	-,072	-,951	,342
	ASEP_MÃE	-,070	,052	-,111	-1,343	,180
	Nacionalidade	,542	,489	,416	1,109	,268

QLE_MÃExNac	-,011	,094	-,046	-,123	,902
IEI_MÃExNac	-,082	,066	-,206	-1,237	,217
ASEP_MÃExNac	-,039	,082	-,117	-,482	,630

a. Dependent Variable: CPRO

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,410	-,009	,243	,000	2,939	3,857
	QLE_MÃE	,165	,001	,046	,001	,073	,259
	IEI_MÃE	-,081	,001	,035	,018	-,149	-,012
	ASEP_MÃE	-,087	,000	,045	,049	-,175	,002
	Nacionalidade	,080	,000	,066	,223	-,052	,209
2	(Constant)	3,186	-,007	,365	,000	2,487	3,890
	QLE_MÃE	,170	,001	,070	,014	,029	,311
	IEI_MÃE	-,043	,000	,050	,401	-,144	,057
	ASEP_MÃE	-,070	,001	,064	,276	-,195	,059
	Nacionalidade	,542	-,014	,471	,238	-,374	1,432
	QLE_MÃExNac	-,011	,003	,092	,896	-,195	,185
	IEI_MÃExNac	-,082	,003	,068	,224	-,218	,058
ASEP_MÃExNac	-,039	-,003	,086	,648	-,205	,118	

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a						
Model	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics	
					Tolerance	
1	QLE_MÃExNac	-,018 ^b	-,064	,949	-,003	,033
	IEI_MÃExNac	-,195 ^b	-1,286	,199	-,067	,108
	ASEP_MÃExNac	-,130 ^b	-,680	,497	-,035	,068

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors in the Model: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE

1.3. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre confiança nos outros moderada pela nacionalidade.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE ^b		. Enter
2	IEI_MÃExNac, ASEP_MÃExNac, QLE_MÃExNac ^b		. Enter

a. Dependent Variable: COUT

b. All requested variables entered.

Model Summary									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,382 ^a	,146	,137	,75082	,146	15,789	4	369	,000
2	,398 ^b	,158	,142	,74847	,012	1,772	3	366	,152

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, IEI_MÃExNac, ASEP_MÃExNac, QLE_MÃExNac

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	35,602	4	8,901	15,789	,000 ^b
	Residual	208,017	369	,564		
	Total	243,619	373			
2	Regression	38,581	7	5,512	9,838	,000 ^c
	Residual	205,038	366	,560		
	Total	243,619	373			

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE

c. Predictors: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, IEI_MÃExNac, ASEP_MÃExNac, QLE_MÃExNac

Coefficients ^a						
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,894	,305		12,778	,000
	QLE_MÃE	,156	,056	,182	2,787	,006
	IEI_MÃE	-,198	,040	-,267	-4,966	,000
	ASEP_MÃE	-,163	,048	-,208	-3,386	,001
	Nacionalidade	,116	,081	,071	1,433	,153
2	(Constant)	3,666	,421		8,698	,000
	QLE_MÃE	,122	,078	,142	1,557	,120
	IEI_MÃE	-,142	,054	-,191	-2,629	,009
	ASEP_MÃE	-,107	,063	-,136	-1,706	,089
	Nacionalidade	,602	,587	,369	1,025	,306
	QLE_MÃExNac	,072	,112	,232	,643	,520
	IEI_MÃExNac	-,117	,080	-,234	-1,462	,145
ASEP_MÃExNac	-,132	,098	-,314	-1,342	,180	

a. Dependent Variable: COUT

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,894	,004	,299	,000	3,331	4,511
	QLE_MÃE	,156	,000	,056	,007	,045	,264
	IEI_MÃE	-,198	,000	,045	,000	-,287	-,111
	ASEP_MÃE	-,163	,000	,052	,003	-,262	-,062
	Nacionalidade	,116	,001	,082	,161	-,044	,276
2	(Constant)	3,666	,016	,425	,000	2,908	4,576
	QLE_MÃE	,122	-,001	,077	,117	-,040	,269
	IEI_MÃE	-,142	-,002	,066	,029	-,272	-,024
	ASEP_MÃE	-,107	-,001	,070	,134	-,237	,027
	Nacionalidade	,602	-,011	,571	,283	-,549	1,695
	QLE_MÃExNac	,072	,000	,109	,504	-,136	,282
	IEI_MÃExNac	-,117	,002	,088	,185	-,290	,064
ASEP_MÃExNac	-,132	,001	,102	,197	-,340	,077	

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a						
Model	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics	
					Tolerance	
1	QLE_MÃExNac	,109 ^b	,410	,682	,021	,033
	IEI_MÃExNac	-,271 ^b	-1,860	,064	-,096	,108
	ASEP_MÃExNac	-,212 ^b	-1,153	,250	-,060	,068

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors in the Model: (Constant), Nacionalidade, QLE_MÃE, IEI_MÃE, ASEP_MÃE

2. Análises de Regressão do QVPM_PAIS sobre a EVA Moderadas pela Nacionalidade

2.1. Análise de regressão do QVPM_PAI sobre a ansiedade moderada pela nacionalidade.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade, ASEP_PAI, IEI_PAI, QLE_PAI ^b		. Enter
2	IEI_PAIxNac, ASEP_PAIxNac, QLE_PAIxNac ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ANS

b. All requested variables entered.

Model Summary									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,392 ^a	,153	,144	,69828	,153	16,727	4	369	,000
2	,393 ^b	,155	,139	,70061	,001	,183	3	366	,908

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PAI, IEI_PAI, QLE_PAI

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PAI, IEI_PAI, QLE_PAI, IEI_PAIxNac, ASEP_PAIxNac, QLE_PAIxNac

ANOVA ^a						
Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	32,624	4	8,156	16,727	,000 ^b

	Residual	179,921	369	,488	
	Total	212,545	373		
	Regression	32,893	7	4,699	9,573 ,000 ^c
2	Residual	179,652	366	,491	
	Total	212,545	373		

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I

c. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I, IEI_PA IxNac, ASEP_PA IxNac, QLE_PA IxNac

Coefficients ^a					
Model	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficient	t	Sig.
	B	Std. Error			
1	(Constant)	2,055	,192		10,730 ,000
	QLE_PA I	-,188	,042	-,315	-4,489 ,000
	IEI_PA I	,110	,036	,156	3,062 ,002
	ASEP_PA I	,300	,049	,430	6,163 ,000
	Nacionalidade	-,110	,074	-,073	-1,484 ,139
2	(Constant)	2,172	,265		8,184 ,000
	QLE_PA I	-,196	,058	-,328	-3,391 ,001
	IEI_PA I	,086	,050	,122	1,711 ,088
	ASEP_PA I	,299	,063	,428	4,705 ,000
	Nacionalidade	-,338	,369	-,222	-,916 ,360
	QLE_PA IxNac	,015	,085	,048	,175 ,861
	IEI_PA IxNac	,048	,072	,099	,667 ,505
	ASEP_PA IxNac	,005	,100	,011	,047 ,962

a. Dependent Variable: ANS

Bootstrap for Coefficients		
Model	B	Bootstrap ^a

		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	2,055	-,005	,209	,000	1,646	2,454
	QLE_PA I	-,188	,001	,041	,000	-,267	-,104
	IEI_PA I	,110	,001	,036	,003	,039	,185
	ASEP_PA I	,300	,000	,046	,000	,208	,389
	Nacionalidade	-,110	,000	,074	,143	-,255	,035
2	(Constant)	2,172	-,008	,300	,000	1,591	2,725
	QLE_PA I	-,196	,001	,055	,001	-,301	-,083
	IEI_PA I	,086	,001	,054	,113	-,022	,195
	ASEP_PA I	,299	5,142E-005	,059	,000	,182	,417
	Nacionalidade	-,338	-,002	,401	,398	-1,129	,430
	QLE_PA IxNac	,015	,001	,081	,853	-,138	,175
	IEI_PA IxNac	,048	,001	,072	,499	-,092	,191
ASEP_PA IxNac	,005	-,001	,091	,956	-,178	,182	

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a						
Model	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics Tolerance	
1	QLE_PA IxNac	,040 ^b	,215	,830	,011	,066
	IEI_PA IxNac	,095 ^b	,674	,500	,035	,115
	ASEP_PA IxNac	,052 ^b	,321	,748	,017	,086

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors in the Model: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I

2.2. Análise de regressão do QVPM_PA I sobre o conforto com a proximidade moderada pela nacionalidade.

Regression

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Nacionalidade, ASEP_PA1, IEI_PA1, QLE_PA1 ^b		. Enter
2	IEI_PA1xNac, ASEP_PA1xNac, QLE_PA1xNac ^b		. Enter

a. Dependent Variable: CPRO

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,281 ^a	,079	,069	,62360	,079	7,919	4	369	,000
2	,317 ^b	,101	,083	,61881	,021	2,912	3	366	,034

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA1, IEI_PA1, QLE_PA1

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA1, IEI_PA1, QLE_PA1, IEI_PA1xNac, ASEP_PA1xNac, QLE_PA1xNac

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	12,318	4	3,080	7,919	,000 ^b
	Residual	143,495	369	,389		
	Total	155,813	373			
2	Regression	15,663	7	2,238	5,843	,000 ^c
	Residual	140,150	366	,383		
	Total	155,813	373			

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I

c. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I, IEI_PA IxNac, ASEP_PA IxNac, QLE_PA IxNac

		Coefficients ^a				
Model		Unstandardized		Standardized	t	Sig.
		Coefficients		Coefficients		
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,658	,171		21,390	,000
	QLE_PA I	,129	,037	,252	3,442	,001
	IEI_PA I	-,095	,032	-,158	-2,974	,003
	ASEP_PA I	-,090	,043	-,151	-2,075	,039
	Nacionalidade	,079	,066	,060	1,183	,237
2	(Constant)	3,259	,234		13,904	,000
	QLE_PA I	,163	,051	,319	3,200	,001
	IEI_PA I	-,006	,044	-,010	-,141	,888
	ASEP_PA I	-,103	,056	-,172	-1,837	,067
	Nacionalidade	,845	,326	,648	2,594	,010
	QLE_PA IxNac	-,071	,075	-,270	-,949	,343
	IEI_PA IxNac	-,181	,064	-,435	-2,843	,005
ASEP_PA IxNac	,029	,088	,082	,333	,739	

a. Dependent Variable: CPRO

		Bootstrap for Coefficients					
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,658	-,005	,197	,000	3,272	4,024
	QLE_PA I	,129	,000	,036	,001	,060	,200
	IEI_PA I	-,095	,001	,036	,007	-,166	-,022
	ASEP_PA I	-,090	,000	,044	,042	-,178	-,003
	Nacionalidade	,079	,000	,063	,216	-,043	,201

	(Constant)	3,259	-,001	,295	,000	2,688	3,842
	QLE_PA I	,163	,000	,052	,001	,063	,268
	IEI_PA I	-,006	-,001	,056	,906	-,120	,100
	ASEP_PA I	-,103	,001	,060	,089	-,223	,020
2	Nacionalidade	,845	-,009	,369	,023	,086	1,555
	QLE_PA IxNac	-,071	,002	,070	,309	-,207	,071
	IEI_PA IxNac	-,181	,003	,070	,010	-,315	-,037
	ASEP_PA IxNac	,029	-,002	,085	,732	-,134	,187

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a						
Model	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics	
					Tolerance	
	QLE_PA IxNac	-,128 ^b	-,656	,512	-,034	,066
1	IEI_PA IxNac	-,401 ^b	-2,754	,006	-,142	,115
	ASEP_PA IxNac	-,134 ^b	-,787	,432	-,041	,086

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors in the Model: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I

2.3. Análise de regressão do QVPM_PA I sobre a confiança nos outros moderada pela nacionalidade.

Regression

Variables Entered/Removed ^a		
Model	Variables Entered	Variables Removed
		Method

1	Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I ^b	. Enter
2	IEI_PA IxNac, ASEP_PA IxNac, QLE_PA IxNac ^b	. Enter

a. Dependent Variable: COUT

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,350 ^a	,122	,113	,76121	,122	12,860	4	369	,000
2	,364 ^b	,133	,116	,75984	,010	1,443	3	366	,230

a. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I, IEI_PA IxNac, ASEP_PA IxNac, QLE_PA IxNac

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	29,806	4	7,452	12,860	,000 ^b
	Residual	213,813	369	,579		
	Total	243,619	373			
2	Regression	32,306	7	4,615	7,993	,000 ^c
	Residual	211,313	366	,577		
	Total	243,619	373			

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I

c. Predictors: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PA I, IEI_PA I, QLE_PA I, IEI_PA IxNac, ASEP_PA IxNac, QLE_PA IxNac

		Coefficients ^a				
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,584	,209		17,167	,000
	QLE_PA I	,180	,046	,281	3,938	,000
	IEI_PA I	-,157	,039	-,208	-4,005	,000
	ASEP_PA I	-,154	,053	-,206	-2,896	,004
	Nacionalidade	,157	,081	,096	1,937	,054
2	(Constant)	3,305	,288		11,482	,000
	QLE_PA I	,178	,063	,278	2,842	,005
	IEI_PA I	-,084	,055	-,112	-1,546	,123
	ASEP_PA I	-,136	,069	-,182	-1,980	,049
	Nacionalidade	,694	,400	,426	1,737	,083
	QLE_PA IxNac	,007	,092	,023	,082	,935
	IEI_PA IxNac	-,146	,078	-,279	-1,860	,064
ASEP_PA IxNac	-,042	,108	-,094	-,389	,698	

a. Dependent Variable: COUT

		Bootstrap for Coefficients					
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,584	,000	,249	,000	3,102	4,064
	QLE_PA I	,180	,000	,047	,000	,087	,272
	IEI_PA I	-,157	,000	,042	,000	-,238	-,079
	ASEP_PA I	-,154	-3,634E-005	,053	,005	-,259	-,048
	Nacionalidade	,157	,000	,082	,059	-,004	,321
2	(Constant)	3,305	,001	,322	,000	2,647	3,938
	QLE_PA I	,178	,001	,059	,002	,062	,297
	IEI_PA I	-,084	-,001	,057	,140	-,197	,028

ASEP_PAIX	-,136	,000	,070	,054	-,274	,000
Nacionalidade	,694	,002	,482	,151	-,221	1,662
QLE_PAIXNac	,007	,000	,096	,938	-,186	,193
IEI_PAIXNac	-,146	,002	,084	,082	-,310	,021
ASEP_PAIXNac	-,042	-,001	,111	,707	-,257	,172

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a						
Model	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics Tolerance	
1	QLE_PAIXNac	-,005 ^b	-,026	,979	-,001	,066
	IEI_PAIXNac	-,290 ^b	-2,028	,043	-,105	,115
	ASEP_PAIXNac	-,113 ^b	-,679	,498	-,035	,086

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors in the Model: (Constant), Nacionalidade, ASEP_PAIX, IEI_PAIX, QLE_PAIX

Resumo da regressão do QVPM_MÃE sobre as dimensões da EVA moderadas pela nacionalidade.

1. A *ansiedade* da EVA não é afetada pela *nacionalidade*.
2. O *conforto com a proximidade* não é afetado pela *nacionalidade*.
3. A *confiança nos outros* não é afetada pela *nacionalidade*.

**Apêndice J – Análises de Regressão do QVPM sobre as Dimensões da EVA Moderadas
pelo Tempo de Relação Amorosa**

**1. Análises de Regressão do QVPM_MÃE sobre as Dimensões da EVA Moderadas pelo
Tempo de Relação**

Bootstrap

Bootstrap Specifications	
Sampling Method	Stratified
Number of Samples	5000
Confidence Interval Level	95,0%
Confidence Interval Type	Bias-corrected and accelerated (BCa)
Strata Variables	Nacionalidade, Tempo_rel

**1.1. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a ansiedade da EVA moderada
pelo tempo de relação.**

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE ^b		. Enter
2	IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ANS

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,409 ^a	,167	,158	,69249	,167	18,558	4	369	,000
2	,433 ^b	,188	,172	,68687	,020	3,018	3	366	,030

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE, IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	35,596	4	8,899	18,558	,000 ^b
	Residual	176,949	369	,480		
	Total	212,545	373			
2	Regression	39,868	7	5,695	12,072	,000 ^c
	Residual	172,677	366	,472		
	Total	212,545	373			

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

c. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE, IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error			
				Beta		
1	(Constant)	1,821	,268		6,796	,000
	QLE_MÃE	-,132	,051	-,165	-2,573	,010

	IEI_MÃE	,122	,036	,176	3,417	,001
	ASEP_MÃE	,272	,045	,370	6,098	,000
	Tempo_rel	-,245	,078	-,149	-3,140	,002
	(Constant)	1,843	,310		5,940	,000
	QLE_MÃE	-,103	,062	-,129	-1,681	,094
	IEI_MÃE	,153	,042	,220	3,596	,000
2	ASEP_MÃE	,201	,053	,274	3,832	,000
	Tempo_rel	-,324	,594	-,198	-,546	,585
	QLE_MÃExTR	-,108	,111	-,344	-,972	,332
	IEI_MÃExTR	-,108	,078	-,229	-1,390	,165
	ASEP_MÃExTR	,264	,098	,618	2,688	,008

a. Dependent Variable: ANS

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
	(Constant)	1,821	-,008	,282	,000	1,239	2,347
	QLE_MÃE	-,132	,001	,052	,012	-,233	-,026
1	IEI_MÃE	,122	,000	,034	,000	,056	,191
	ASEP_MÃE	,272	-5,427E-005	,044	,000	,185	,359
	Tempo_rel	-,245	,001	,077	,001	-,398	-,089
	(Constant)	1,843	-,011	,328	,000	1,170	2,459
	QLE_MÃE	-,103	,002	,064	,100	-,230	,031
	IEI_MÃE	,153	,000	,041	,000	,069	,236
	ASEP_MÃE	,201	,001	,052	,000	,097	,307
2	Tempo_rel	-,324	,011	,638	,617	-1,562	,985
	QLE_MÃExTR	-,108	-,002	,111	,326	-,320	,106
	IEI_MÃExTR	-,108	,000	,073	,142	-,253	,034
	ASEP_MÃExTR	,264	,000	,090	,004	,095	,441

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a						
Model		Beta	t	Sig.	Partial	Collinearity Statistics
		In			Correlation	Tolerance
1	QLE_MÃExTR	,304 ^b	1,154	,249	,060	,033
	IEI_MÃExTR	-,159 ^b	-1,073	,284	-,056	,103
	ASEP_MÃExTR	,485 ^b	2,642	,009	,136	,066

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors in the Model: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

1.2. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre o conforto com a proximidade da EVA moderada pelo tempo de relação.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE ^b		. Enter
2	IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR ^b		. Enter

a. Dependent Variable: CPRO

b. All requested variables entered.

Model Summary									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change

1	,290 ^a	,084	,074	,62188	,084	8,472	4	369	,000
2	,307 ^b	,094	,077	,62092	,010	1,382	3	366	,248

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE, IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	13,107	4	3,277	8,472	,000 ^b
	Residual	142,707	369	,387		
	Total	155,813	373			
2	Regression	14,705	7	2,101	5,449	,000 ^c
	Residual	141,108	366	,386		
	Total	155,813	373			

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

c. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE, IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
		1	(Constant)	3,475	,241	
	QLE_MÃE	,157	,046	,229	3,407	,001
	IEI_MÃE	-,091	,032	-,154	-2,842	,005
	ASEP_MÃE	-,084	,040	-,133	-2,093	,037
	Tempo_rel	,089	,070	,064	1,272	,204
2	(Constant)	3,695	,281		13,170	,000
	QLE_MÃE	,096	,056	,140	1,730	,084
	IEI_MÃE	-,108	,038	-,183	-2,825	,005
	ASEP_MÃE	-,045	,048	-,071	-,944	,346
	Tempo_rel	-,701	,537	-,500	-1,306	,192

QLE_MÃExTR	,202	,101	,750	2,005	,046
IEI_MÃExTR	,075	,070	,186	1,070	,285
ASEP_MÃExTR	-,129	,089	-,353	-1,455	,147

a. Dependent Variable: CPRO

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,475	-,005	,226	,000	3,038	3,907
	QLE_MÃE	,157	,001	,046	,001	,065	,251
	IEI_MÃE	-,091	,000	,034	,007	-,160	-,026
	ASEP_MÃE	-,084	-,001	,045	,064	-,173	,002
	Tempo_rel	,089	,000	,069	,196	-,041	,224
2	(Constant)	3,695	-,003	,275	,000	3,187	4,225
	QLE_MÃE	,096	,001	,056	,088	-,021	,211
	IEI_MÃE	-,108	,000	,043	,012	-,197	-,025
	ASEP_MÃE	-,045	-,001	,054	,407	-,149	,060
	Tempo_rel	-,701	-,009	,467	,127	-1,638	,166
	QLE_MÃExTR	,202	,001	,094	,033	,018	,392
	IEI_MÃExTR	,075	,000	,069	,271	-,060	,210
ASEP_MÃExTR	-,129	,000	,095	,169	-,315	,067	

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a						
Model	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics	
					Tolerance	
1	QLE_MÃExTR	,342 ^b	1,238	,216	,064	,033
	IEI_MÃExTR	,027 ^b	,173	,863	,009	,103
	ASEP_MÃExTR	-,060 ^b	-,311	,756	-,016	,066

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors in the Model: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

1.3. Análise de regressão do QVPM_MÃE sobre a confiança nos outros da EVA moderada pelo tempo de relação.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE ^b		. Enter
2	IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR ^b		. Enter

a. Dependent Variable: COU

b. All requested variables entered.

Model Summary									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,395 ^a	,156	,147	,74640	,156	17,073	4	369	,000
2	,409 ^b	,167	,151	,74451	,011	1,624	3	366	,183

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE, IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	38,046	4	9,512	17,073	,000 ^b
	Residual	205,573	369	,557		
	Total	243,619	373			
2	Regression	40,747	7	5,821	10,502	,000 ^c
	Residual	202,872	366	,554		
	Total	243,619	373			

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

c. Predictors: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE, IEI_MÃExTR, ASEP_MÃExTR, QLE_MÃExTR

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,961	,289		13,717	,000
	QLE_MÃE	,144	,055	,167	2,594	,010
	IEI_MÃE	-,213	,039	-,287	-5,528	,000
	ASEP_MÃE	-,156	,048	-,198	-3,237	,001
	Tempo_rel	,214	,084	,122	2,543	,011
2	(Constant)	3,836	,336		11,403	,000
	QLE_MÃE	,126	,067	,146	1,884	,060
	IEI_MÃE	-,215	,046	-,290	-4,668	,000
	ASEP_MÃE	-,097	,057	-,123	-1,696	,091
	Tempo_rel	,683	,644	,389	1,060	,290
	QLE_MÃExTR	,054	,121	,160	,447	,655
	IEI_MÃExTR	,013	,085	,025	,148	,882
	ASEP_MÃExTR	-,212	,106	-,464	-1,995	,047

a. Dependent Variable: COUT

Bootstrap for Coefficients							
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,961	,006	,270	,000	3,438	4,520
	QLE_MÃE	,144	-,002	,054	,006	,038	,243
	IEI_MÃE	-,213	,000	,043	,000	-,297	-,126
	ASEP_MÃE	-,156	,000	,051	,003	-,257	-,054
	Tempo_rel	,214	,001	,082	,010	,046	,378
2	(Constant)	3,836	,016	,303	,000	3,251	4,502
	QLE_MÃE	,126	-,003	,063	,044	,004	,240
	IEI_MÃE	-,215	,000	,052	,000	-,316	-,116
	ASEP_MÃE	-,097	,000	,062	,119	-,219	,024
	Tempo_rel	,683	-,035	,627	,273	-,514	1,794
	QLE_MÃExTR	,054	,004	,118	,650	-,172	,293
	IEI_MÃExTR	,013	,003	,093	,893	-,183	,202
ASEP_MÃExTR	-,212	,001	,106	,045	-,415	,003	

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a						
Model	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics	
					Tolerance	
1	QLE_MÃExTR	-,226 ^b	-,851	,395	-,044	,033
	IEI_MÃExTR	-,007 ^b	-,048	,962	-,003	,103
	ASEP_MÃExTR	-,401 ^b	-2,166	,031	-,112	,066

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors in the Model: (Constant), Tempo_rel, IEI_MÃE, ASEP_MÃE, QLE_MÃE

2. Análises de Regressão do QVPM_PAIS sobre a EVA Moderadas pelo Tempo de Relação Amorosa

2.1. Análise de regressão do QVPM_PAIS sobre a ansiedade da EVA moderada pelo tempo de relação.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel, QLE_PAIS, IEI_PAIS, ASEP_PAIS ^b		. Enter
2	IEI_PAISxTR, ASEP_PAISxTR, QLE_PAISxTR ^b		. Enter

a. Dependent Variable: ANS

b. All requested variables entered.

Model Summary									
Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,409 ^a	,167	,158	,69271	,167	18,487	4	369	,000
2	,445 ^b	,198	,182	,68253	,031	4,697	3	366	,003

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PAIS, IEI_PAIS, ASEP_PAIS

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PAIS, IEI_PAIS, ASEP_PAIS, IEI_PAISxTR, ASEP_PAISxTR, QLE_PAISxTR

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	35,484	4	8,871	18,487	,000 ^b
	Residual	177,061	369	,480		
	Total	212,545	373			
2	Regression	42,047	7	6,007	12,894	,000 ^c
	Residual	170,498	366	,466		
	Total	212,545	373			

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PA I, IEI_PA I, ASEP_PA I

c. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PA I, IEI_PA I, ASEP_PA I, IEI_PA IxTR, ASEP_PA IxTR, QLE_PA IxTR

Coefficients ^a						
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	2,058	,183		11,220	,000
	QLE_PA I	-,180	,041	-,301	-4,345	,000
	IEI_PA I	,115	,035	,163	3,274	,001
	ASEP_PA I	,290	,048	,416	6,012	,000
	Tempo_rel	-,224	,078	-,137	-2,863	,004
2	(Constant)	2,175	,216		10,049	,000
	QLE_PA I	-,158	,050	-,264	-3,151	,002
	IEI_PA I	,144	,041	,204	3,490	,001
	ASEP_PA I	,201	,057	,287	3,544	,000
	Tempo_rel	-,640	,381	-,391	-1,679	,094
	QLE_PA IxTR	-,084	,087	-,253	-,967	,334
	IEI_PA IxTR	-,106	,076	-,202	-1,402	,162
ASEP_PA IxTR	,332	,105	,721	3,159	,002	

a. Dependent Variable: ANS

Bootstrap for Coefficients

Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	2,058	-,006	,203	,000	1,664	2,431
	QLE_PA I	-,180	,001	,039	,000	-,254	-,100
	IEI_PA I	,115	,001	,034	,000	,045	,187
	ASEP_PA I	,290	,000	,045	,000	,202	,377
	Tempo_rel	-,224	,000	,078	,007	-,379	-,069
2	(Constant)	2,175	-,007	,252	,000	1,681	2,650
	QLE_PA I	-,158	,001	,050	,003	-,255	-,055
	IEI_PA I	,144	,001	,040	,000	,064	,227
	ASEP_PA I	,201	,000	,053	,000	,093	,303
	Tempo_rel	-,640	-,011	,373	,081	-1,371	,059
	QLE_PA IxTR	-,084	-,001	,076	,266	-,229	,061
	IEI_PA IxTR	-,106	,002	,069	,119	-,248	,038
ASEP_PA IxTR	,332	,002	,096	,001	,142	,523	

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Model	Excluded Variables ^a					
	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics	
					Tolerance	
1	QLE_PA IxTR	,352 ^b	1,922	,055	,100	,067
	IEI_PA IxTR	-,112 ^b	-,796	,426	-,041	,115
	ASEP_PA IxTR	,543 ^b	3,427	,001	,176	,087

a. Dependent Variable: ANS

b. Predictors in the Model: (Constant), Tempo_rel, QLE_PA I, IEI_PA I, ASEP_PA I

2.2. Análise de regressão do QVPM_PA I sobre o conforto com a proximidade da EVA moderada pelo tempo de relação.

Regression

Variables Entered/Removed ^a			
Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel, QLE_PA I, IEI_PA I, ASEP_PA I ^b		. Enter
2	IEI_PA IxTR, ASEP_PA IxTR, QLE_PA IxTR ^b		. Enter

a. Dependent Variable: CPRO

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,279 ^a	,078	,068	,62404	,078	7,777	4	369	,000
2	,284 ^b	,080	,063	,62568	,003	,356	3	366	,785

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PA I, IEI_PA I, ASEP_PA I

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PA I, IEI_PA I, ASEP_PA I, IEI_PA IxTR, ASEP_PA IxTR, QLE_PA IxTR

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	12,114	4	3,028	7,777	,000 ^b
	Residual	143,699	369	,389		
	Total	155,813	373			
2	Regression	12,531	7	1,790	4,573	,000 ^c
	Residual	143,282	366	,391		

Total	155,813	373
-------	---------	-----

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PAI, IEI_PAI, ASEP_PAI

c. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PAI, IEI_PAI, ASEP_PAI, IEI_PAIxTR, ASEP_PAIxTR, QLE_PAIxTR

		Coefficients ^a					
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	
		B	Std. Error	Beta			
1	(Constant)	3,694	,165		22,362	,000	
	QLE_PAI	,125	,037	,243	3,335	,001	
	IEI_PAI	-,101	,032	-,168	-3,207	,001	
	ASEP_PAI	-,086	,044	-,144	-1,975	,049	
	Tempo_rel	,066	,070	,047	,935	,350	
2	(Constant)	3,705	,198		18,671	,000	
	QLE_PAI	,103	,046	,202	2,244	,025	
	IEI_PAI	-,104	,038	-,173	-2,759	,006	
	ASEP_PAI	-,057	,052	-,096	-1,103	,271	
	Tempo_rel	,052	,350	,037	,150	,881	
	QLE_PAIxTR	,066	,079	,233	,833	,405	
	IEI_PAIxTR	,011	,069	,024	,155	,877	
	ASEP_PAIxTR	-,098	,096	-,247	-1,011	,313	

a. Dependent Variable: CPRO

		Bootstrap for Coefficients					
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,694	-,002	,188	,000	3,302	4,055
	QLE_PAI	,125	,000	,036	,001	,054	,196
	IEI_PAI	-,101	,000	,035	,005	-,168	-,032

	ASEP_PA	-,086	,000	,044	,045	-,171	,000
	Tempo_rel	,066	-,001	,070	,363	-,070	,197
	(Constant)	3,705	-,001	,229	,000	3,248	4,156
	QLE_PA	,103	2,497E-005	,044	,020	,015	,187
	IEI_PA	-,104	,000	,042	,017	-,188	-,019
2	ASEP_PA	-,057	,001	,052	,269	-,163	,044
	Tempo_rel	,052	-,016	,403	,899	-,741	,772
	QLE_PAxTR	,066	,003	,077	,384	-,083	,226
	IEI_PAxTR	,011	,001	,076	,876	-,140	,165
	ASEP_PAxTR	-,098	-,001	,095	,308	-,282	,082

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Model	Excluded Variables ^a					
	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics Tolerance	
	QLE_PAxTR	,033 ^b	,172	,863	,009	,067
1	IEI_PAxTR	-,021 ^b	-,141	,888	-,007	,115
	ASEP_PAxTR	-,103 ^b	-,606	,545	-,032	,087

a. Dependent Variable: CPRO

b. Predictors in the Model: (Constant), Tempo_rel, QLE_PA, IEI_PA, ASEP_PA

2.3. Análise de regressão do QVPM_PA sobre a confiança nos outros da EVA moderada pelo tempo de relação.

Regression

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Tempo_rel, QLE_PAI, IEI_PAI, ASEP_PAI ^b	.	Enter
2	IEI_PAIxTR, ASEP_PAIxTR, QLE_PAIxTR ^b	.	Enter

a. Dependent Variable: COUT

b. All requested variables entered.

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate	Change Statistics				
					R Square Change	F Change	df1	df2	Sig. F Change
1	,352 ^a	,124	,114	,76050	,124	13,057	4	369	,000
2	,368 ^b	,136	,119	,75855	,012	1,634	3	366	,181

a. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PAI, IEI_PAI, ASEP_PAI

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PAI, IEI_PAI, ASEP_PAI, IEI_PAIxTR, ASEP_PAIxTR, QLE_PAIxTR

ANOVA^a

Model		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1	Regression	30,206	4	7,551	13,057	,000 ^b
	Residual	213,413	369	,578		
	Total	243,619	373			
2	Regression	33,025	7	4,718	8,199	,000 ^c
	Residual	210,594	366	,575		
	Total	243,619	373			

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PAI, IEI_PAI, ASEP_PAI

c. Predictors: (Constant), Tempo_rel, QLE_PAI, IEI_PAI, ASEP_PAI, IEI_PAIxTR, ASEP_PAIxTR, QLE_PAIxTR

		Coefficients ^a			t	Sig.
Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients		
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	3,636	,201		18,059	,000
	QLE_PAI	,171	,046	,267	3,749	,000
	IEI_PAI	-,167	,038	-,221	-4,345	,000
	ASEP_PAI	-,144	,053	-,193	-2,711	,007
	Tempo_rel	,181	,086	,103	2,109	,036
2	(Constant)	3,528	,241		14,667	,000
	QLE_PAI	,143	,056	,224	2,566	,011
	IEI_PAI	-,164	,046	-,218	-3,586	,000
	ASEP_PAI	-,077	,063	-,104	-1,231	,219
	Tempo_rel	,563	,424	,321	1,328	,185
	QLE_PAIxTR	,092	,096	,258	,951	,342
	IEI_PAIxTR	-,005	,084	-,010	-,064	,949
	ASEP_PAIxTR	-,237	,117	-,480	-2,023	,044

a. Dependent Variable: COUT

		Bootstrap for Coefficients					
Model	B	Bootstrap ^a					
		Bias	Std. Error	Sig. (2-tailed)	BCa 95% Confidence Interval		
					Lower	Upper	
1	(Constant)	3,636	,000	,242	,000	3,170	4,107
	QLE_PAI	,171	,000	,046	,000	,081	,260
	IEI_PAI	-,167	,000	,040	,000	-,246	-,090
	ASEP_PAI	-,144	9,598E-005	,054	,009	-,253	-,038
	Tempo_rel	,181	,000	,086	,036	,008	,348

	(Constant)	3,528	,000	,284	,000	2,978	4,094
	QLE_PA I	,143	,001	,056	,012	,032	,257
	IEI_PA I	-,164	3,823E-005	,048	,001	-,260	-,071
2	ASEP_PA I	-,077	,000	,063	,227	-,200	,044
	Tempo_rel	,563	,002	,503	,257	-,479	1,584
	QLE_PA IxTR	,092	,000	,097	,345	-,099	,277
	IEI_PA IxTR	-,005	-,001	,087	,950	-,173	,164
	ASEP_PA IxTR	-,237	,001	,118	,042	-,452	-,001

a. Unless otherwise noted, bootstrap results are based on 5000 stratified bootstrap samples

Excluded Variables ^a					
Model	Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics Tolerance
	QLE_PA IxTR	-,121 ^b	-,640	,522	-,033 ,067
1	IEI_PA IxTR	-,078 ^b	-,544	,587	-,028 ,115
	ASEP_PA IxTR	-,324 ^b	-1,973	,049	-,102 ,087

a. Dependent Variable: COUT

b. Predictors in the Model: (Constant), Tempo_rel, QLE_PA I, IEI_PA I, ASEP_PA I

Resumo da regressão do QVPM_MÃE sobre as dimensões da EVA moderadas pelo tempo de relação.

1. A *ansiedade* da EVA é afetada pelo *tempo de relação* aquando das 3 variáveis do QVPM em conjunto, mas na verdade é afetada apenas pela *ansiedade de separação* quando observamos a influência por variáveis. O *tempo de relação* aumenta a influência da dimensão *ansiedade de separação* sobre a *ansiedade* da EVA.

2. O *conforto com a proximidade* não é afetado pelo *tempo de relação* aquando das 3 variáveis do QVPM em conjunto, mas acaba por ser afetada pela *qualidade do laço*

emocional (mãe) quando observamos as variáveis em separado. O *tempo de relação* aumenta a influência da *qualidade do laço emocional* (mãe).

3. A *confiança nos outros* não é afetada pelo *tempo de relação* quando das três variáveis do QVPM em conjunto, mas acaba por ser afetada pela *ansiedade de separação* quando observamos as variáveis em separado. O *tempo de relação* baixa a influência da *ansiedade de separação* sobre a *confiança nos outros*.

Apêndice K – Resumo das interações, pela nacionalidade e pelo tempo de relação

1. Resumo das interações entre os instrumentos e a nacionalidade e o tempo de relação.

QVPM_Mãe

VD	NAC			TR		
		b	p		b	p
QLE_MÃE	R ² =.004(1,372)=1.509, p=.220	-.120	.220	R ² =.000(1,372)=.136, p=.713	-.039	.713
IEI_MÃE	R²=.043(1,372)=16.520, p=.000	-.453	.000	R ² =.000(1,372)=.025, p=.875	.019	.875
ASEP_MÃE	R ² =.006(1,372)=2.374, p=.124	-.165	.124	R ² =.004(1,372)=1.390, p=.251	-.132	.251

QVPM_Pai

VD	NAC			TR		
		b	p		b	p
QLE_PAÍ	R ² =.001(1,372)=.381, p=.537	-.081	.537	R ² =.000(1,372)=.003, p=.958	.007	.958
IEI_PAÍ	R²=.034(1,372)=13.117, p=.000	-.399	.000	R ² =.005(1,372)=1.942, p=.164	-.167	.164
ASEP_PAÍ	R ² =.001(1,372)=.256, p=.613	-.057	.613	R ² =.002(1,372)=.679, p=.410	-.100	.410

EVA

VD	NAC			TR		
		b	p		b	p
ANS	R²=.011(1,372)=3.953, p=.048	-.156	.048	R²=.028(1,372)=10.653, p=.001	-.273	.001
CPRO	R ² =.007(1,372)=2.735, p=.099	.111	.099	R ² =.004(1,372)=1.675, p=.204	.092	.204
COU	R²=.017(1,372)=6.512, p=.011	.214	.011	R²=.016(1,372)=6.201, p=.013	.225	.013

1. O QVPM é afetado pela *nacionalidade* na dimensão *inibição de exploração e individualidade* quer na mãe quer no pai.
2. As dimensões *ansiedade e confiança nos outros* da EVA são afetadas quer pela *nacionalidade* quer pelo *tempo de relação* amorosa.

2. Resumo das interações das dimensões do QVPM_MÃE sobre a EVA.

De seguida, temos três secções onde podemos ver o resumo das interações do QVPM sobre cada uma das três dimensões da EVA.

2.1. Resumo das interações do QVPM_MÃE sobre a *ansiedade* (EVA).

Tabela 24. Resumo da regressão das variáveis do QVPM_MÃE sobre a *ansiedade*.

				NAC		TR ($\Delta R^2=.020$, $p=.030$)		
	VD	VI	b	p	b	p	b	p
R ² = .145	ANS	QLE_MÃE	-.136	.009				
F(3,370)=20.956		IEI_MÃE	.120	.001				
p=.000		ASEP_MÃE	.281	.000			.264	.008

3.1.1. A *ansiedade* (EVA) é afetada pelas três dimensões da mãe do QVPM, quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente.

3.1.2. A *ansiedade* (EVA) não é afetada pela *nacionalidade* quer aquando do conjunto das dimensões quer quando elas observadas individualmente.

3.1.3. A *ansiedade* (EVA) é afetada pelo *tempo de relação* aquando das três dimensões do QVPM em conjunto, mas na verdade é afetada apenas pela *ansiedade de separação* (mãe), quando observamos a influência por dimensões. O *tempo de relação* aumenta a influência da *ansiedade de separação* (mãe) sobre a *ansiedade* do presente (EVA).

2.2. Resumo das interações do QVPM sobre o *conforto com a proximidade* (EVA).

Tabela 25. Resumo da regressão das variáveis do QVPM sobre o *conforto com a proximidade*.

				NAC		TR ($\Delta R^2=.010$, $p=.248$)		
	VD	VI	b	p	b	p	b	p
R ² = .080	CPRO	QLE_MÃE	.159	.001			.202	.046
F(3,370)=10.739		IEI_MÃE	-.091	.005				
p=.000		ASEP_MÃE	-.087	.030				

3.2.1. O *conforto com a proximidade* é afetado pelas três dimensões da mãe do QVPM, quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente.

3.2.2. O *conforto com a proximidade* não é afetado pela *nacionalidade*.

3.2.3. O *conforto com a proximidade* não é afetado pelo *tempo de relação* aquando das três dimensões do QVPM em conjunto, mas acaba por ser afetada apenas pela *qualidade do laço emocional* quando observamos as dimensões em separado. O *tempo de relação* aumenta a influência da *qualidade do laço emocional* (mãe).

2.3 Resumo das interações do QVPM sobre a *confiança nos outros* (EVA).

Tabela 26. Resumo da regressão das variáveis do QVPM sobre a *confiança nos outros*.

				NAC		TR ($\Delta R^2=.011, p=.183$)		
	VD	VI	b	p	b	p	b	p
R ² = .141	COUT	QLE_MÃE	.147	.009				
F(3,370)=20.309		IEI_MÃE	-.211	.000				
p=.000		ASEP_MÃE	-.163	.001			-.212	.047

3.3.1. A *confiança nos outros* é afetada pelas três dimensões da mãe do QVPM, quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente.

3.3.2. A *confiança nos outros* não é afetada pela *nacionalidade*.

3.3.3. A *confiança nos outros* não é afetada pelo *tempo de relação* aquando das 3 variáveis do QVPM em conjunto, mas acaba por ser afetada pela *ansiedade de separação* quando observamos as variáveis em separado. O *tempo de relação* baixa a influência da *ansiedade de separação* (mãe).

Resumo Geral (Mãe):

Percebemos que a *ansiedade* (EVA – presente) é afetada pelas três dimensões do QVPM (passado) e que o *tempo de relação* amorosa aumenta a influência da *ansiedade de separação* (QVPM). Verificamos ainda que o *conforto com a proximidade* (EVA – presente) é afetado pelas três dimensões do QVPM (passado) e que o *tempo de relação* aumenta a influência da *qualidade do laço emocional*. E por último, verificamos que a *confiança nos outros* é afetada pelas três dimensões da mãe do QVPM e que o tempo de relação baixa a influência da *ansiedade de separação* (QVPM) sobre a *confiança nos outros*.

Podemos concluir, pelo menos parcialmente, que o passado (QVPM) afeta e influencia o presente (EVA) e que o *tempo de relação* amorosa baixa a influência da *ansiedade de separação* (QVPM) melhorando a *confiança nos outros* (EVA – presente), mas que por outro lado, esse *tempo de relação* “torna presente” a influência da *ansiedade de separação* (QVPM).

Resta salientar que a *nacionalidade* não afeta a influência do QVPM sobre a EVA, o que mais uma vez nos remete para a possibilidade da influência do passado (QVPM) sobre o presente (EVA).

3. Resumo das interações das dimensões do QVPM_PAIS sobre a EVA.

De seguida, temos três secções onde podemos ver o resumo das interações do QVPM_PAIS sobre cada uma das três dimensões da EVA.

3.1. Resumo das interações do QVPM_PAIS sobre a *ansiedade* (EVA).

Tabela 24. Resumo da regressão das variáveis do QVPM_PAIS sobre a *ansiedade*.

				NAC		TR ($\Delta R^2=.031, p=.003$)		
	VD	VI	b	p	b	p	b	p
R ² = .148	ANS	QLE_PAIS	-.184	.000				
F(3,370)=21.499		IEI_PAIS	.120	.001				
p= .000		ASEP_PAIS	.297	.000			.332	.002

3.1.1. A *ansiedade* (EVA) é afetada pelas três dimensões da mãe do QVPM_PAIS, quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente.

3.1.2. A *ansiedade* (EVA) não é afetada pela *nacionalidade* quer aquando do conjunto das dimensões quer quando elas observadas individualmente.

3.1.3. A *ansiedade* (EVA) é afetada pelo *tempo de relação* aquando das três dimensões do QVPM_PAIS em conjunto, mas na verdade ela é afetada apenas pela *ansiedade de separação* (pai), quando observamos a influência por dimensões. O *tempo de relação* aumenta a influência da *ansiedade de separação* (pai).

3.2. Resumo das interações do QVPM_PAIS sobre o *conforto com a proximidade* (EVA).

Tabela 25. Resumo da regressão das variáveis do QVPM_PAIS sobre o *conforto com a proximidade*.

				NAC($\Delta R^2= .021, p=.034$)		TR		
	VD	VI	b	p	b	p	b	p
R ² = .076	CPRO	QLE_PAIS	.126	.001				
F(3,370)=10.081		IEI_PAIS	-.103	.001	-.181	.005		
p=.000		ASEP_PAIS	-.088	.044				

3.2.1. O *conforto com a proximidade* é afetado pelas três dimensões da mãe do QVPM_PAIS, quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente.

3.2.2. O *conforto com a proximidade* é afetado pela *nacionalidade* aquando das três

dimensões em conjunto, mas na verdade o *conforto com a proximidade* é apenas afetada (inversamente) pela *inibição de exploração e individualidade* (pai).

3.2.3. O *conforto com a proximidade* não é afetado pelo *tempo de relação* aquando das três dimensões do QVPM em conjunto, nem por nenhuma delas em particular.

3.3 Resumo das interações do QVPM_PAI sobre a *confiança nos outros* (EVA).

Tabela 26. Resumo da regressão das variáveis do QVPM_PAI sobre a *confiança nos outros*.

				NAC		TR ($\Delta R^2=.012, p=.181$)		
	VD	VI	b	p	b	p	b	p
R ² = .113	COU	QLE_PAI	.174	.000				
F(3,370)=15,779		IEI_PAI	-.172	.000				
p=.000		ASEP_PAI	-.149	.005			-.237	.044

3.3.1. A *confiança nos outros* é afetada pelas três dimensões da mãe do QVPM_PAI, quer quando em conjunto quer por cada uma delas individualmente.

3.3.2. A *confiança nos outros* não é afetada pela *nacionalidade*.

3.3.3. A *confiança nos outros* não é afetada pelo *tempo de relação* aquando das 3 variáveis do QVPM em conjunto, mas acaba por ser afetada (inversamente) pela *ansiedade de separação* (pai) quando observamos as variáveis em separado. O *tempo de relação* baixa a influência da *ansiedade de separação* (pai) sobre a *confiança nos outros*.

Resumo Geral (Pai):

Percebemos que a *ansiedade* (EVA – presente) é afetada pelas três dimensões do QVPM (passado) e que o *tempo de relação* amorosa aumenta a influência da *ansiedade de separação* (QVPM_PAI) sobre a *ansiedade* do presente. Verificamos ainda que o *conforto com a proximidade* (EVA – presente) é afetado pelas três dimensões do QVPM (passado) e que o *tempo de relação* não afeta o *conforto com a proximidade*. No entanto a *nacionalidade* afeta inversamente a influência que a *inibição de exploração e individualidade* (pai) tem sobre o *conforto com a proximidade*. E por último, verificamos que a *confiança nos outros* é afetada pelas três dimensões do pai do QVPM e que o *tempo de relação* baixa a influência da *ansiedade de separação* (QVPM) sobre a *confiança nos outros*.

Podemos concluir, pelo menos parcialmente, que o passado (QVPM) afeta e influencia

o presente (EVA) e que o *tempo de relação* amorosa aumenta a influência da *ansiedade de separação* (QVPM) sobre a *ansiedade* e por outro lado baixa a influência que a *ansiedade de separação* exerce sobre a *confiança nos outros* melhorando a *confiança nos outros* (EVA – presente), mas que por outro lado, esse *tempo de relação* “torna presente” a *ansiedade de separação* (QVPM) sobre a *ansiedade* (negativamente) e sobre a *confiança nos outros* (positivamente).

Resta salientar que a *nacionalidade* afeta inversamente a influência da *inibição de exploração e individualidade* do QVPM sobre o *conforto com a proximidade* da EVA.

A *nacionalidade* apenas influencia a *inibição de exploração e individualidade* pai, e não a mãe, sendo esta a única influência da *nacionalidade*. Podemos dizer que a percepção dos pais é diferente por *nacionalidade*, mas não a percepção que a amostra tem das suas mães.

O *tempo de relação* afeta a influência da *ansiedade de separação* sobre a *ansiedade* (positivamente) e sobre a *confiança nos outros* (negativamente). O *tempo de relação* afeta positivamente a influência da *qualidade do laço emocional* com a mãe, mas não com o pai.

Percebemos então que a mãe assume importância aquando do aumento do *tempo de relação* amorosa e que a percepção dos pais (*inibição de exploração e individualidade*) é diferente por *nacionalidade*.

Apêndice L - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

UNB – Instituto de Psicologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Convidamos o(a) Senhor(a) a participar do projeto de pesquisa: **Vinculação e percepção de apego aos pais em Portugal e no Brasil: A relação amorosa como mediadora**, sob a responsabilidade do pesquisador **José Carlos da Silva Santiago**, sob a orientação da **Prof. Dr^a Júlia S. N. F. Bucher-Maluschke**.

O objetivo desta pesquisa é: **avaliar a vinculação e a percepção de apego aos pais**.

O(a) senhor(a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). A sua participação se dará por meio de respostas a três questionários onde assinalará dados relativos à sua vida atual assim como dados do seu passado. O preenchimento dos questionários demora em média entre 20 a 40 minutos e será efetuado apenas uma única vez.

Os possíveis riscos decorrentes de sua participação na pesquisa poderão ser o reviver de algumas lembranças do seu passado com as consequências que isso possa trazer. Caso sinta necessidade, pode procurar o serviço de atendimento psicológico da Universidade de Brasília ou da Universidade Católica de Brasília.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para uma maior compreensão do apego e da vinculação e de como eles são importantes para as relações humanas. O(a) Senhor(a) pode se recusar a responder a qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a).

A sua participação é **voluntária**. Caso participe, lembre que **não há pagamento por sua colaboração**.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília, com garantia de sigilo dos participantes, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais utilizados na pesquisa ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de no mínimo cinco anos. Após isso serão destruídos ou mantidos na instituição.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: José Carlos Santiago, na UnB no telefone (61) 99668-0560, no horário 9h às 16h.

Este projeto foi Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília. O CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento foi elaborado em duas vias, **devendo ambas ser assinadas**, sendo que a primeira fica com o senhor(a) devendo ser destacada (arrancada) e a seguinte ficará com o pesquisador responsável junto com os respectivos questionários.

Nome do participante/ assinatura_____
Pesquisador Responsável

Brasília, ____ de _____ de _____.

Apêndice M – Questionário de dados sócio demográficos

Coloque um X no quadrado respetivo ou coloque o número correspondente no espaço.

Sexo: <input type="checkbox"/> Masc. <input type="checkbox"/> Femin	Idade: _____	Nacionalidade: <input type="checkbox"/> Brasileira <input type="checkbox"/> Outra. Qual? _____
---	--------------	--

Estado Civil (atual): Se mais do que uma situação se aplicar, assinale apenas a situação atual.	
<input type="checkbox"/> Solteiro	
<input type="checkbox"/> Sem relacionamento há...	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Tenho relacionamento/namoro há ... (não moramos juntos)	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Casado / União de facto há ... (moramos juntos)	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Divorciado /Separado há ...	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Viúvo/a há ...	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>

Tem filhos? Se sim, quantos? _____. Vivem com você? _____ (S= sim / N= não)

Escolha a situação que melhor se aplica à sua situação na coluna da esquerda e marque na direita o que se aplica.	
Você mora só?	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
Você mora com companheiro/a (e filhos)?	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
Você mora com seus pais (e irmãos)?	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
Você mora com irmãos (irmão/ã)?	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
Você mora com familiares (que não pais e nem irmãos)?	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>
Você mora com amigo(s)?	Há menos de 2 anos? <input type="checkbox"/> Há mais de 2 anos? <input type="checkbox"/>

Habilitações académicas: Em que ano está? _____ Curso: _____

Ocupação

- Estudante
 Trabalhador/Estudante

Os seus pais separaram-se? Sim; Não. Se sim, quantos anos tinha quando isso aconteceu? _____

Com quem ficou a viver? Pai ; Mãe ; Avós ; Outros

Muito Obrigado. Queira passar para a página seguinte.

Anexo A – Parecer do Comitê de Ética e instrumentos (EVA e QVPM)UNB - CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA****Título da Pesquisa:** Vinculação e percepção de apego aos pais: A relação amorosa como mediadora**Pesquisador:** José Carlos da Silva Santiago**Área Temática:****Versão:** 2**CAAE:** 53499715.7.0000.5540**Instituição Proponente:** Instituto de Psicologia -UNB**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio**DADOS DO PARECER****Número do Parecer:** 1.822.440**Apresentação do Projeto:**

O projeto está sendo reapresentado. (Portanto, os dados abaixo são idênticos ao parecer anterior).

O projeto cumpre com os preceitos éticos de pesquisa.

Deve ser aprovado.

Objetivo da Pesquisa:

--

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

--

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

--

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

--

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto está sendo reapresentado.

Cumpre com os preceitos éticos de pesquisa.

Deve ser aprovado.

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC ; ALA NORTE ; MEZANINO ; SALA B1 ; 606 (MINHOÇÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** ihd@unb.br

UNB - CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS

Continuação do Parecer: 1.822.440

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_593344.pdf	05/06/2016 17:33:05		Aceito
Outros	Revisao_etica.odt	23/02/2016 19:29:11	José Carlos da Silva Santiago	Aceito
Cronograma	Cronograma.odt	23/02/2016 19:25:40	José Carlos da Silva Santiago	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Modelo_tcle1.odt	23/02/2016 19:20:17	José Carlos da Silva Santiago	Aceito
Outros	Lattes_fev_2016.pdf	22/02/2016 20:50:37	José Carlos da Silva Santiago	Aceito
Outros	Instrum_coleta_dados.pdf	22/02/2016 20:47:12	José Carlos da Silva Santiago	Aceito
Outros	carta_encaminhamento_cep.odt	22/02/2016 20:46:24	José Carlos da Silva Santiago	Aceito
Folha de Rosto	IP_Plataforma_Br.pdf	20/09/2015 21:06:49	José Carlos da Silva Santiago	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projecto_Qualificacao4.pdf	20/09/2015 21:05:06	José Carlos da Silva Santiago	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 17 de Novembro de 2016

Assinado por:
Érica Quinaglia Silva
(Coordenador)

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC à ALA NORTE à MEZANINO à SALA B1 à 606 (MINHOCÃO)
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3307-2760 **E-mail:** ihd@unb.br

EVA – M.C. Canavarro, 1995; Versão Portuguesa da Adult Attachment Scale-R; Collins & Read, 1990.

Por favor leia com atenção cada uma das afirmações que se seguem e assinale o grau em que cada uma descreve a forma como se sente em relação às relações afetivas que estabelece. Pense em todas as relações (passadas e presentes) e responda de acordo com o que geralmente sente. Se nunca esteve afetivamente envolvido com um parceiro, responda de acordo com o que pensa que sentiria nesse tipo de situação.

	Nada característico em mim	Pouco característico em mim	Característico em mim	Muito característico em mim	Extremamente característico em mim
1. Estabeleço com facilidade relações com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Tenho dificuldade em sentir-me dependente dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Costumo preocupar-me com a possibilidade dos meus parceiros não gostarem verdadeiramente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. As outras pessoas não se aproximam de mim tanto quanto eu gostaria.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Sinto-me bastante dependente dos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não me preocupo pelo fato das pessoas se aproximarem muito de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Acho que as pessoas nunca estão presentes quando são necessárias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Sinto-me de alguma forma desconfortável quando me aproximo das pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Preocupo-me frequentemente com a possibilidade dos meus parceiros realmente se importarem comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Quando mostro os meus sentimentos, tenho medo que os outros não sintam o mesmo por mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Pergunto frequentemente a mim mesmo se os meus parceiros realmente se importam comigo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Sinto-me bem quando me relaciono de forma próxima com outras pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Fico incomodado quando alguém se aproxima emocionalmente de mim.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Quando preciso, sinto que posso contar com as pessoas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Quero aproximar-me das pessoas mas tenho medo de ser magoado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Acho difícil confiar completamente nos outros.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Os meus parceiros desejam frequentemente que eu esteja mais próximo deles do que eu me sinto confortável em estar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não tenho a certeza de poder contar com as pessoas quando precisar delas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Questionário de Vinculação ao Pai e Mãe

Paula Mena Matos & Maria Emília Costa, 2001 (Versão retrospectiva)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) ou com um círculo, quais as respostas que melhor exprimem o modo **como se sentia no passado** com cada um dos seus pais. Ainda que os seus pais sejam vivos, pedimos-lhe que se reporte **sobretudo ao tempo em que vivia com eles**.

Responda em colunas separadas para o pai e para a mãe, tendo em conta as seis alternativas que se seguem:

Discordo Totalmente 1	Discordo 2	Discordo Moderadamente 3	Concordo Moderadamente 4	Concordo 5	Concordo Totalmente 6
--------------------------	---------------	-----------------------------	-----------------------------	---------------	--------------------------

	Pai						Mãe					
1. Os meus pais estavam sempre interferindo em assuntos que só tinham a ver comigo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
2. Tinha confiança que a minha relação com os meus pais fosse duradoura.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
3. Era fundamental para mim que os meus pais concordassem com aquilo que eu pensava.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
4. Os meus pais impunham a maneira deles de ver as coisas.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles eram únicos para mim.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
6. Pensava constantemente que não poderia viver sem os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
7. Os meus pais desencorajavam-me quando queria experimentar uma coisa nova.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
8. Os meus pais me conheciam bem.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
9. Só conseguia enfrentar coisas novas se os meus pais estivessem comigo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
10. Não valia muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais dávamos o braço a torcer.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
11. Confiava nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
12. Estava sempre ansioso para estar com os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
13. Os meus pais preocupavam-se demasiado comigo e intrometiam-se onde não eram chamados.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
14. Em muitas coisas eu admirava os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

	Pai	Mãe
15. Eu e os meus pais era como se fôssemos um só.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
16. Em minha casa era problema eu ter gostos diferentes daqueles dos meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tinha orgulho deles.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
18. Os meus pais eram as únicas pessoas importantes na minha vida.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
19. Discutir assuntos com os meus pais era uma perda de tempo e não levava a lugar nenhum.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
20. Sei que podia contar com os meus pais sempre que precisasse deles.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
21. Fazia tudo para agradar aos meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
22. Os meus pais dificilmente me davam ouvidos.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
23. Os meus pais tiveram um papel importante no meu desenvolvimento.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
24. Tinha medo de ficar sozinho se um dia perdesse os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
25. Os meus pais abafavam a minha verdadeira forma de ser.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
26. Não era capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
27. Os meus pais faziam-me sentir bem comigo mesmo.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
28. Os meus pais tinham a mania que sabiam sempre o que era melhor para mim.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
29. Pensava que se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6
30. Eu e os meus pais tínhamos uma relação de confiança.	1 2 3 4 5 6	1 2 3 4 5 6